



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Linha de Pesquisa: Processos Organizacionais, Trabalho e Aprendizagem

**CONDIÇÕES DE APRISIONAMENTO E CONDIÇÕES DE APRENDIZAGEM
DE ENCARCERADOS**

Valdirene Daufemback

Florianópolis - SC
2005



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Linha de Pesquisa: Processos Organizacionais, Trabalho e Aprendizagem

**CONDIÇÕES DE APRISIONAMENTO E CONDIÇÕES DE APRENDIZAGEM
DE ENCARCERADOS**

Valdirene Daufemback

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre, sob orientação do Prof. Dr. Silvio Paulo Botomé.

Florianópolis – SC
2005

Valdirene Daufemback

Condições de aprisionamento e condições de aprendizagem de encarcerados

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Curso de Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 28 de fevereiro de 2005.

Prof^a. Dr^a. Andréa Vieira Zanella
Coordenadora

Prof. Dr. Silvio Paulo Botomé
Departamento de Psicologia, UFSC

Prof. Dr. José Rubens Rebelatto
Departamento de Fisioterapia, UFSCar

Prof^a. Dr^a. Olga Mitsue Kubo
Departamento de Psicologia, UFSC

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Silvio Paulo Botomé pelo prazer e rigor que me ensinou a ter ao fazer ciência e pela sua dedicação à Psicologia, à formação de cientistas e à sociedade.

À Lucia Helena Carvalho Valente pelo companheirismo e força na luta pela transformação do sistema prisional, à Cynthia Pinto da Luz pelo discernimento e inspiração e pela insistente defesa dos Direitos Humanos, à Irma Kniess pela persistência e coragem no enfrentamento das injustiças sociais, a Hilton Hubert Pickler pela confiança e respeito e pela ousadia em transformar o Presídio durante sua gestão, abrindo espaço para a participação da comunidade e para inserção da educação, qualificação profissional e do trabalho, combatendo a violência e valorizando as pessoas, e aos conselheiros(as) do Conselho Carcerário da Comunidade pela unicidade na busca de uma nova realidade para o sistema prisional.

Aos agentes prisionais, policiais militares e vigilantes pelo respeito e apoio à construção de novas propostas de atuação no Presídio e pela insistência em enfrentar cotidianamente as conseqüências de um sistema prisional agressivo, vingativo e incompetente.

A Adriano Leal dos Santos por “estar junto” e por contribuir com seus conhecimentos em computação na elaboração das figuras, melhorando a qualidade da apresentação dos dados.

À família e amigos pela presença constante, pelo vigor que transmitem, pela disponibilidade e incentivo, pelo respeito e carinho.

Dedico aos homens e mulheres que são submetidos à prisão e estigmatizados, que tem a vida, a integridade, a identidade e a auto-estima agredidas pelo sistema prisional. Pelo respeito que sempre demonstraram, pela confiança que depositaram, pela atenção que dedicaram, por revelar suas histórias, por permitir que suas experiências se transformassem em dados para produção de conhecimento, pelo aprendizado possibilitado com a convivência e pelo ideal que ajudaram a construir em mim: a transformação do sistema prisional em uma medida para a construção de pessoas e não para destruição delas.

RESUMO

A prisão tem sido bem sucedida quanto à finalidade de segregar pessoas, mas apresenta péssimos resultados quanto aos aspectos de aprendizagem de comportamentos para viver em sociedade e para a prevenção e enfrentamento da criminalidade e da violência. A ocorrência de aprendizagens na prisão depende do ambiente, dos procedimentos, dos relacionamentos, das atividades e do funcionamento em geral da organização. Esses fatores podem ser considerados contingências ambientais. Diversos estudos têm examinado as decorrências dessas contingências ambientais da prisão para as pessoas presas. Dentre eles, uma descoberta relevante considera a organização da sociedade como parte do problema da criminalidade e, por isso, também precisa ser reformulada como condição para mudar os comportamentos-problema dos seus componentes. Caracterizar as contingências ambientais e as aprendizagens que ocorrem na prisão possibilita um conhecimento que poderá contribuir na reformulação da organização prisional e da sociedade. Para isso, foi examinado um presídio do Estado de Santa Catarina, por meio de observação direta dos aspectos relacionados às instalações físicas, de observação indireta de características dos presos, utilizando documentos oficiais, e de observação indireta, sobre a percepção e a vida dos presos, com o uso de entrevista com presos com menos de um ano de prisão, entre um a três anos de prisão e com mais de três anos de prisão. As contingências criadas pela localização e ambiente físico do Presídio revelam planejamento deficiente da organização, espaços e manutenção insuficientes, prevalência de critérios relacionados ao aprisionamento em detrimento de critérios relacionados à manutenção da vida, condições desfavoráveis para a aprendizagem de comportamentos para vida em sociedade e para a responsabilização da sociedade pela prisão. A caracterização dos encarcerados revela que predomina o aprisionamento de jovens com pouca escolaridade e pessoas que praticam, predominantemente, crimes relacionados a patrimônio e a drogas. Esses aspectos, porém, não são considerados no planejamento e nos procedimentos realizados pela organização prisional. As aprendizagens que ocorrem na prisão parecem ser úteis para a permanência dos presos no encarceramento, agravando a percepção negativa que os presos já tem sobre o aprisionamento e a Justiça. Mesmo com uma percepção negativa, os presos valorizam, quando ocorre, um tratamento profissional e voltado à aprendizagem por parte das pessoas que trabalham no Presídio. A Psicologia pode contribuir para modificar essas contingências na prisão, na medida que não fique a serviço da função vingativa da instituição, mas sim a serviço da aprendizagem para a cidadania. Essa contribuição, porém, depende de um conhecimento preciso, claro, completo e fidedigno sobre os sistemas de contingências que constituem as condições constituintes do aprisionamento e da organização que o realiza e administra.

Palavras-chave: Contingências na prisão; Aprendizagem na prisão; Psicologia no sistema prisional; Psicologia Jurídica; Psicologia Organizacional.

ABSTRACT

With respect to the end of segregating people, the prison has been successful, but results are very bad when it comes to learning behaviors for living in society and for dealing with and preventing criminality and violence. The occurrence of learning in the prison depends on the environment, the procedures, the relationships, the activities and the general workings of the organization. These factors may be considered to be environmental contingencies. A number of studies have examined the results of these environmental contingencies for those incarcerated in prisons. Among these, a relevant finding considers the organization of society a part of the problem of criminality and, for this reason, it also needs to be reformulated as a condition for changing the problem behaviors of its components. Characterizing the environmental contingencies and the learnings that take place in prison permits knowledge that could contribute to reformulating the organization of both the prison and society. To do this, a prison in the state of Santa Catarina was examined, by means of direct observation of factors related to the physical installations, of indirect observation of characteristics of the prison inmates, using official documents, and indirect observation of the perception and life of the prisoners, using interviews with prisoners who had been imprisoned for less than one year, for between one and three years, and for more than three years. The contingencies created by the location and physical environment of the prison revealed deficient planning of the organization, insufficient space and maintenance, the prevalence of criteria related to imprisonment in detriment of criteria related to the maintenance of life, unfavorable conditions for learning behaviors for life in society and for making society responsible for the prison. The characterization of the prisoners revealed a predominance of imprisonment of young people with little schooling and people who practice, predominantly, property and drug-related crimes. These aspects, however, are not considered in the planning and in the procedures carried out by the prison organization. The learnings occurring in the prison would seem to be useful for maintaining the prisoners in jail, aggravating the negative perception the prisoners already have of imprisonment and Justice. Even with a negative perception, when it occurs, the prisoners value treatment which is professional and is oriented to learning on the part of the people who work in the prison. Psychology may contribute towards modifying these contingencies in the prison, to the extent that it does not serve the vindictive function of the institution, but rather serves the purpose of learning for citizenship. However, this contribution depends on precise, clear, complete and credible knowledge of the contingency systems that constitute the constituent conditions of the imprisonment and the organization undertaking and administering it.

Key words: Contingencies in the prison; Learning in the prison; Psychology in the prison system; Legal Psychology; Organizational Psychology.

SUMÁRIO

Apresentação	11
1. Sucessos e fracassos da prisão	13
1.1 – A prisão no processo penal	16
1.2 – Finalidades da prisão	19
1.2.1 – Prisão como instituição e organização	25
1.3 – Contingências da prisão	26
1.3.1 – Contingências, comportamento e aprendizagem	26
1.3.2 – Contingências da prisão brasileira no século XXI	28
1.4 – Vivendo e aprendendo na prisão	31
1.4.1 – Fenômenos adaptativos da prisão	31
1.4.2 – Aprisionamento	33
1.5 – Re-examinando a função da prisão	38
1.5.1 – Prisão e exclusão social	38
1.5.2 – Sociedade como parte do problema da criminalidade	40
1.5.3 – Aprendizagem de comportamentos para a cidadania?	42
2. O processo de pesquisa para identificar as contingências e os comportamentos aprendidos por encarcerados	45
2.1 – Sujeitos	45
2.2 – Situação e ambiente	45
2.2.1 – Caracterização da prisão	45
2.2.2 – Situação da observação direta	46
2.2.3 – Situação da observação indireta por meio de documentos	46
2.2.4 – Situação da realização da observação indireta por meio de entrevistas	48
2.3 – Procedimentos	48
2.3.1 – Escolha dos sujeitos	48
2.3.2 – Elaboração do roteiro de observação direta	49
2.3.3 – Elaboração do roteiro de observação documental	49
2.3.4 – Elaboração do roteiro de observação por meio de entrevista	49
2.3.5 – Contato com os sujeitos	48
2.3.6 – Coleta e registro de dados	49
	50
	50
3. Contingências criadas pela localização e do ambiente físico do Presídio	52
a) A distância entre o Presídio e a cidade dificulta a responsabilização e envolvimento da sociedade em relação à prisão	55
4. Contingências criadas pelo ambiente do Presídio	59
4.1 – Caracterização da distribuição das construções na área do Presídio	59
a) A distribuição da área, ambientes e construções existente e a alocação dos presos no Presídio revela condições desfavoráveis para o tratamento penal	60

4.2 – Caracterização da distribuição das celas e dos pátios dos quadrantes observados do ambiente interno do Presídio.....	65
b) O Presídio foi sendo construído na medida que houve demanda e prevendo a apenas a função de detenção.....	67
4.3 – Caracterização das condições estruturais de aprisionamento das celas do ambiente interno do Presídio.....	70
c) As condições estruturais das celas privilegiam os aspectos de manutenção do confinamento e da punição em detrimento dos aspectos de manutenção da vida.....	72
4.4 – Caracterização das condições de conservação da estrutura de aprisionamento das celas do ambiente interno do Presídio.....	77
d) A conservação das instalações é insuficiente para as necessidades das pessoas que vivem no Presídio, contudo a conservação das celas dos Quadrantes 1, 3 e 5 é melhor do das celas de Isolamento.....	80
4.5 – Caracterização das condições de comunicação do ambiente interno do Presídio.....	90
e) O acesso à comunicação entre os presos, deles com os agentes prisionais e com os policiais militares está relacionado com os aspectos de controle e pouco “cuidado” da instituição para com os presos.....	94
4.6 – Caracterização da adequação das celas a sua finalidade no ambiente interno do Presídio.....	96
f) A adequação das celas do ambiente interno do Presídio a sua finalidade está comprometida pela falta de espaço e insuficiência de recursos, sobretudo nas celas de Isolamento.....	97
4.7 – Caracterização dos pátios dos quadrantes 1, 3 e 5 do ambiente interno do Presídio.....	100
g) Os pátios do ambiente interno contribuem para o sentimento de desamparo provocado nos presos, devido ao espaço pequeno, rotina sem significado e pouco diversificada.....	101
	108
5. Características do perfil do encarcerado.....	
a) O Presídio encarcera jovens, com pouca escolaridade e que praticaram crimes relacionados ao patrimônio e às drogas, porém não considera no seu planejamento e nos seus procedimentos o repertório de comportamentos que sustenta esse perfil	110
	116
6. Vida e aprendizagem dos encarcerados.....	121
6.1 - Caracterização dos encarcerados entrevistados.....	121
a) As aprendizagens realizadas na prisão tem sido úteis para a permanência dos presos no encarceramento.....	126
6.2 - Percepção dos encarcerados entrevistados sobre a prisão e a justiça.....	129
b) A percepção dos presos sobre a prisão e a Justiça são negativas, agravando-se depois do encarceramento, com exceção de aspectos relacionados aos presos.....	136
6.3 – Percepção dos encarcerados entrevistados sobre o Presídio e os presos.....	139
c) O ingresso dos presos no Presídio e os problemas do Presídio são percebidos de forma diferente por presos com menos e mais tempo de prisão.....	148
6.4 – Percepção dos encarcerados entrevistados sobre as pessoas que trabalham no	

Presídio.....	151
d) Os presos valorizam o tratamento profissional e voltado à aprendizagem por parte das pessoas que trabalham no Presídio.....	162
7. Contribuição da psicologia para a mudança das contingências das prisões voltadas para aprendizagem de comportamentos para a cidadania.....	165
a) As condições do ambiente físico são desfavoráveis para a aprendizagem de comportamentos úteis à vida na sociedade livre.....	166
b) A prisão encarcera predominantemente uma população específica, mas desconsidera essas características no seu planejamento e nos procedimentos adotados.....	166
c) A prisão e a Justiça contribuem para que o preso de mantenha encarcerado.....	167
d) O Presídio impede a aprendizagem de comportamentos desejáveis para vida na sociedade livre.....	168
e) A Psicologia pode contribuir para a mudança das contingências da prisão.....	169
f) Avançando na produção do conhecimento sobre a prisão e seus processos e sobre a criminalidade.....	170
Referências.....	174
Anexos.....	178
Anexo 1 – Imagem aérea do Presídio.....	179
Anexo 2 – Roteiro de observação direta.....	180
Anexo 3 – Roteiro de observação indireta.....	200
Anexo 4 – Roteiro de entrevista.....	201
Anexo 5 – Dados da entrevista.....	210

APRESENTAÇÃO

A prisão tem se mostrado uma instituição persistente, no sentido de se produzir e reproduzir no decorrer dos séculos, encontrando novas justificativas para sua existência e modificando superficialmente algumas das suas características repulsivas, mas mantendo sua função, servindo como instrumento estigmatizador e opressor no processo de exclusão social. Este trabalho surgiu do interesse em desvelar a prisão, por meio do conhecimento das condições de aprisionamento e de aprendizagem de presos, sobre o aspecto de sua decorrência para as pessoas que são submetidas ao aprisionamento, em contraposição ao que a sociedade e as leis declaram como sendo as decorrências almejadas.

As autoridades e a população quando se pronunciam pelo encarceramento das pessoas, não costumam examinar quais contingências estão sendo criadas para a vida na prisão e a decorrência do encarceramento. Já os presos passam a conhecer de perto um sistema de condições que restringem muito mais que a liberdade, atinge negativamente auto-imagem, os recursos psicológicos adaptativos, as relações familiares e profissionais, os projetos pessoais e também a saúde física. Esse sistema, que se desdobra em procedimentos e relações cotidianas, funciona em nome da segurança e da justiça social. Como ocorrem e que resultados têm esses procedimentos e relações?

Outra questão a ser examinada é de que forma a Psicologia participa da construção desse sistema de contingências. Os psicólogos consideram o contexto em que está inserida a sua atuação, como está sendo planejada e executada as suas ações profissionais e como tem utilizado o conhecimento já produzido pela Psicologia sobre a aprendizagem, o comportamento e as organizações?

No sentido de contribuir na produção de saber para essas questões, o exame dos dados observados revela as condições de aprisionamento e as condições de aprendizagem de encarcerados, visando caracterizar o conjunto de variáveis que compõem a situação de encarceramento. Assim, os dados produzidos na observação ajudam a dar visibilidade ao complexo fenômeno do aprisionamento e ao fenômeno psicológico, na medida que revelam condições favorecedoras e impeditivas para ocorrência de comportamentos. Esse conhecimento

pode ser útil para todos os profissionais, autoridades e para a sociedade de uma forma geral, como base para modificar o sistema prisional, pois a transformação da prisão enquanto medida punitiva e vingativa passa pela modificação do sistema de condições ambientais nela existentes. E, ainda, pode contribuir para outros estudos, intervenções e para novas perguntas de pesquisa, enquanto base para experimentação e intervenção, colaborando para outras análises de contingências mais específicas do comportamento, tanto no sentido das condições, quanto dos comportamentos desejáveis de serem desenvolvidos nas pessoas.

Referente aos dados coletados na entrevista, parte deles compõe o Anexo 5, pois não houve tempo hábil para analisa-los, demonstra-los e interpreta-los, tendo sido apresentados como forma de registro do material coletado.

SUCESSOS E FRACASSOS DA PRISÃO

As prisões são bem sucedidas? Quem é capaz de responder a essa pergunta? Uma tentativa de fazê-lo pode ser utilizando os critérios de eficiência, eficácia e efetividade. Seguindo essa perspectiva de análise, segundo Stoner (1999) em uma publicação didática que sistematiza teorias da administração, o conceito de eficiência é a capacidade de minimizar o uso de recursos para alcançar os objetivos da organização: fazer as coisas certo. A Revista da Associação Brasileira de Orçamento Público (1975), define eficiência como a medida da capacidade da organização em utilizar, com rendimento máximo, todos os insumos necessários ao cumprimento dos seus objetivos e metas. Nesse sentido, a eficiência preocupa-se com os meios, com os métodos e procedimentos planejados e organizados a fim de assegurar otimização dos recursos disponíveis. Considerando que na prisão, a eficiência pode ser avaliada pela execução de procedimentos de segregação, estigmatização, punição e anulação do sujeito preso e de suas ações, utilizando o mínimo dos recursos humanos e financeiros disponíveis, a prisão parece apresentar um alto grau de eficiência. Inclusive, a prisão executa essas tarefas muito bem e há muito tempo. Desde a sua criação, há dois séculos, ela mantém os mesmos métodos para disciplinar, sujeita os indivíduos a mesma estrutura física e continua impondo castigos extrajudiciais como violências, privações de conhecimento, de conforto, entre outras situações como forma de controle.

Porém, referente à eficácia, a relação parece ser inversa. Stoner (1999) define eficácia como a capacidade de determinar objetivos apropriados: fazer as coisas certas e na Revista da Associação Brasileira de Orçamento Público (1975) ela é conceituada como a capacidade da organização em cumprir as suas metas e objetivos previamente fixados. Na prisão, eficácia seria a definição de objetivos organizacionais que, se cumpridos, possibilitariam ao indivíduo que retorna ao convívio social livre, após a reclusão, uma transformação no seu comportamento. O Estado e a sociedade civil esperam que o indivíduo passe a agir conforme os padrões socialmente aceitos de comportamento, adotando o trabalho “honesto” como forma de subsistência, agregando-se a uma família, freqüentando um grupo religioso e respeitando às instituições e

autoridades imbuídas de poder. Não é isso que acontece. Aparentemente, é justamente o contrário, já que a passagem pela prisão acentua a probabilidade do indivíduo cometer novos delitos. Um indicador disso é o índice de reincidência no Brasil, que, segundo o Ministério da Justiça, no ano de 2000 foi de 85%. Nesse sentido, a eficácia das prisões é muito baixa.

E a efetividade das prisões? Efetividade pode ser entendida como o impacto de uma programação em termos de solução de problemas (Revista da Associação Brasileira de Orçamento Público, 1975). No caso das prisões a efetividade pode ser avaliada pela contribuição que essa instituição dá à sociedade, pelo quão relevante é a sua existência como meio de solução duradoura e abrangente para os problemas específicos que ela deveria resolver. Nesse aspecto, é duvidoso o quanto a reclusão dos indivíduos a meios artificiais (prisão), sem envolvimento da sociedade como parte do problema da criminalidade, produz benefícios. No “aparelho” social de defesa dos direitos do cidadão, que envolve o sistema policial, judiciário e carcerário, a prisão parece compor, com as demais instituições, um “esquema” complexo e com efetividade (resultados duradouros e abrangentes) questionável na garantia e na promoção da segurança, da justiça e da cidadania.

Desde a criação da prisão no século XVIII, a Ciência aperfeiçoou o conhecimento em diversas áreas, e esse aperfeiçoamento possibilita uma compreensão abrangente sobre o fenômeno do encarceramento. Goffman (1967), em uma publicação com outros pesquisadores sobre instituições totais, revela, sob diversos aspectos, o antagonismo entre os objetivos oficiais das prisões e dos manicômios de “recuperação dos internos” e seus efeitos para as pessoas (submetidas à instituição) e para a sociedade, decorrentes da organização interna dessas instituições. Essa descoberta coloca sob suspeita a função da prisão. Também Foucault (1987), examina o papel e a função das prisões, em contraste com que, de fato, ocorre nelas. Ele demonstra a falta de efetividade da prisão e critica a comodidade da sociedade em satisfazer-se com a sua eficiência.

Outro aspecto do encarceramento é examinado por Gêiser (1976), em um trabalho de análise crítica sobre a modificação do comportamento, em que ele descreve experiências sobre modificação de comportamento na prisão e demonstra que a punição infligida pelos guardas gera comportamento anti-social e reação violenta por parte dos prisioneiros. Esse exame é aprofundado por Holland (1983), quando revela, em um artigo que analisa os princípios e os efeitos de programas de modificação de comportamento, a necessidade de ampliar a “utilização

dos métodos para análise das contingências de controle” (Holland, 1983, p74). Essa ampliação para avaliar as contingências de controle pode constituir uma forma de, nas palavras do autor, “criar uma sociedade não-opressiva, bem como eliminar os problemas sociais pelos quais as próprias vítimas são freqüentemente culpadas” (Holland, 1983, p74). Nessa mesma publicação, Holland salienta a importância de considerar o ambiente, as contingências, que produzem o comportamento criminoso na realidade onde o indivíduo está inserido, e não apenas a sociedade (por meio da prisão e de seus técnicos, entre eles, o psicólogo) limitar-se a criar ambientes artificiais com novas contingências para mudar esse comportamento. Essas descobertas, entre outras como a própria noção de “comportamento” (Botomé, 2001) que a Ciência produziu após o século XVIII, possibilitam avaliar que talvez para época em que a prisão foi criada ela tenha sido uma “solução” admissível no controle da criminalidade, porém não o é mais, a menos que a sociedade queira ignorar o conhecimento científico. Assim, a pertinência da existência da prisão, tal como ela é, ainda no século XXI, desconsiderando os conhecimentos científicos, é discutível. Uma investigação sobre a prisão com base nesses conhecimentos parece útil para avaliar sua efetividade.

Entre sucessos e fracassos, a sociedade não passa incólume à prisão, principalmente os indivíduos que vivem o encarceramento. A prisão é elemento de complexas relações sociais que envolvem a violência nas cidades, o crime organizado, o sentimento de (in) segurança da população, a criminalização da pobreza, entre outras questões. Essa instituição representa para a sociedade a possibilidade de controle, vingança e reversão do “mal”. Ela é influenciada e influencia o comportamento das pessoas pela sua representação social e ação. Os indivíduos que são submetidos ao encarceramento expõem-se a um cotidiano permeado por essas complexas relações sociais de forma intensa, pois todas as suas possibilidades de vivência passam a ser na prisão e a partir dessa vivência acontecem modificações da sua conduta. Assim, as prisões criam processos de aprendizagem para os presos, que, se examinados pela Ciência, podem avançar na produção do conhecimento e trazer contribuições importantes para a sociedade. Portanto, quais seriam as condições de aprendizagem de encarcerados nas prisões? Aprofundar esse conhecimento exige compreender um pouco mais sobre a prisão, suas finalidades, contingências e seus acontecimentos cotidianos.

1.1 – A prisão no processo penal

A história do processo penal na sociedade é também a história da constituição do poder. A coerção e punição adotadas pelo poder público na repressão da delinquência transcorrem desde os séculos passados até as instituições penais do século XXI, pelas relações sociais de poder. Na modernidade, as autoridades judiciais alegam, aparentemente, não tanto o castigo dos delinquentes, mas sua recuperação, que deve ser operacionalizada pela domesticação disciplinar a fim de integrar indivíduos “dóceis e úteis” à sociedade. Para atingir tal objetivo, o tratamento penal é baseado, fundamentalmente, na disciplina dos corpos: restrição de espaço, de atividade, de horário, de contato humano e de autonomia, resumidamente submissão e institucionalização. Parece que a pena no século XXI ainda mantém o mesmo caráter, punitivo e repressor, que tinha no início da civilização.

Pena e prisão são tratadas pela literatura como se fossem um só conceito. Embora não o seja, essa forma histórica de lidar com esses fenômenos tem como consequência a naturalização do entendimento que a prisão deve ser dolorosa.¹ Oliveira (1983), que pesquisou o direito de punir na Penitenciária de Florianópolis, demonstra a evolução da função repressiva da pena, dividindo-a em quatro períodos: período da vingança privada, período da vingança divina, período da vingança pública e período humanitário da pena.

No período de vingança privada são identificadas as seguintes modalidades: a vingança individual como a forma mais antiga da manifestação da pena, seria a reação genuinamente instintiva do ofendido; a vingança coletiva como uma organização ainda primitiva de um grupo, imbuídos de um interesse comum na proteção da coletividade; a vingança da paz social como a expulsão do indivíduo que cometia o delito da tribo de estrutura familiar, sendo que ninguém podia ajudá-lo; a vingança do sangue como a cobrança realizada por um estranho ao indivíduo ou a família daquele que cometeu o delito; a vingança limitada, que apareceu no período neolítico, como uma vingança equilibrada com o delito cometido, justificando o talião “olho por olho – dente por dente” e a vingança por composição como uma forma mais moderada da pena, em que o delinquentes podia comprar a impunidade do ofendido ou de seus parentes com bens ou dinheiro, não havendo sofrimento físico.

¹ Pena procede do latim “poena”, com derivação do grego “poine”, que significa dor, castigo, punição, expiação, penitência, sofrimento, trabalho, fadiga, submissão, vingança e recompensa.

No período da vingança divina os indivíduos estavam sujeitos a normas de conduta inspiradas nas intenções divinas, quase todas as civilizações submetiam os delinquentes a castigos cruéis como fogueiras, crucificação, mutilações, luta com animais ferozes, empalação, apedrejamento, envenenamento, decapitação, esmagamento, entre outros suplícios.

No período da vingança pública houve um avanço nos conceitos e valores sociais, o que permitiu delimitar o campo do direito e da religião, reduzindo significativamente a dominação desse sobre aquele. Oliveira (2003, p.36) demonstrou que “fortalecida a autoridade pública, tornou-se forte o Estado, com competência para sobrepor-se, chamando para si, o exercício da pena, tirando da mão do ofendido e de sua família, tal titularidade”. E assim, a partir de aproximadamente 200 anos a.C. iniciou o lento processo de abrandamento da execução da pena, que se prolongou até o fim do séc. XVIII e início do séc. XIX, quando iniciou um novo ciclo na história da pena, conhecido como período humanitário. O período de vingança pública também foi experimentado pelos brasileiros. “Um exemplo evidente é a condenação de Tiradentes pelo crime de lesa-majestade, que determinou que o mesmo fosse conduzido pelas ruas públicas até o lugar da forca” (Oliveira, 2003, p.41) e depois esquartejado e exposto em diversos pontos da cidade.

O período humanitário da pena iniciou na metade do século XVIII com um movimento de protesto que reivindicava a moderação das punições e sua proporcionalidade com o crime. Havia também interesse em combater a corrupção na justiça penal e uma melhor distribuição das tarefas do julgamento, que se apresentava irregular, porque era exercida por muitas instâncias, e incoerente, porque mantinha o poder de decisão final ao monarca. O código Penal Francês, de 1810, foi um marco importante nesse movimento, mas a transformação da pena foi gradativa, como refere Oliveira (2003, p.45-46), citando Foucault (1977), que ao investigar a estrutura das instituições judiciais e penitenciárias na modernidade verificou que:

“Desaparece, destarte, em princípios do século XIX, o grande espetáculo da punição física: o corpo supliciado é escamoteado; exclui-se do castigo a encenação da dor. Penetramos na época da sobriedade punitiva. Podemos considerar o desaparecimento dos suplícios, como um objetivo mais ou menos alcançado, no período compreendido entre 1830 a 1848... (mas) as transformações não se fazem em conjunto e nem de acordo com um único processo. Houve atrasos. Paradoxalmente, a Inglaterra foi um dos países mais reacionários ao cancelamento dos suplícios...”

Na sociedade brasileira o processo de transformação da execução da pena também aconteceu. Conforme Bajer (2002), que narrou em uma publicação a história do processo penal no Brasil, as autoridades brasileiras assimilaram o sistema jurídico de Portugal e a partir de 1603 foram aplicadas às regras penais e processuais penais das Ordenações Filipinas, cujas penas eram cruéis. A autora relata que, após a vinda da Família Real para o Brasil, em 1808, normas passaram a serem editadas no país. E, após a Independência em 1822, foi criada a possibilidade do Brasil formar ordenamento penal e processual penal próprio. Em 1891, com a Constituição Republicana, a pena de morte foi extinta no país e o “habeas corpus” foi instituído, contribuindo para a interferência indispensável do Poder Judiciário na solução de algumas questões de Estado. Em 1935, havia uma forte atenção aos crimes políticos, pois eles passaram a serem descritos em lei de segurança nacional. Mas, com o passar do tempo, a preocupação com crimes políticos cedeu lugar à preocupação com a violência na sociedade. “O discurso humanitário, nos anos 1990, está voltado para a erradicação da violência e para a punição da criminalidade organizada.” (Bajer, 2002, p.45)

Essas mudanças no processo penal talvez possam ser melhor analisadas reunindo as principais características por períodos históricos: até o século XVII e a partir do século XVIII, que marcam a época em que a prisão surgiu como instituição no processo penal, como está ilustrado na Tabela 1.1.

TABELA 1.1
CARACTERÍSTICAS DOS ASPECTOS DA PENA POR PERÍODO HISTÓRICO

Período		
Aspectos da pena	Até o século XVII	A partir do Século XVIII
Caráter da pena	Suplício público	Processo penal velado
Objeto da pena	Corpo	Liberdade
Castigo	Sensações insuportáveis	Privação de direitos
Eficácia da pena	Intensidade visível	Fatalidade
Justiça e Execução Penal	Juntas	Autônomas
Executores da pena	Carrascos	Técnicos
Impacto social	Justiça vilã	Louvor à justiça

Ao examinar a Tabela 1.1 é possível observar as mudanças decorrentes do período humanitário da pena, que tem início no século XVIII. O caráter da pena nos períodos anteriores

foi marcado pela violência física com exposição pública, o que objetivava, pela intensidade da punição, garantir a compreensão do modelo de comportamento a ser seguido por todos. Porém, nesse método mostrou-se, com o tempo, muito aversivo para a população, que passou a perceber a medida punitiva como arbitrária e condenar os próprios representantes da lei e da justiça. A partir do século XVIII, o processo passou a transcorrer reservadamente e a execução da pena passou a ser autônoma, respondendo a setores distintos do Estado, o poder judiciário e executivo, respectivamente. As restrições passaram a ser no âmbito dos direitos do cidadão, privação de liberdade, de comunicação, de confortos, entre outras. E para executar essas privações surgiu a prisão, lugar onde o indivíduo criminoso fatalmente seria penalizado pelos delitos cometidos, por meio do trabalho dos técnicos da instituição, os carcereiros, psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais e os demais profissionais que nela trabalham.

O processo penal é caracterizado pelos períodos de vingança privada, vingança divina, vingança pública e período humanitário, e é a partir desse que a prisão é criada como instância da execução da pena. A criação da prisão, como instituição, trouxe uma nova organização para o processo penal, porém, em muitos aspectos, foi mantido o caráter punitivo e de submissão que as penas anteriores ao século XVIII já possuíam. As intenções da sociedade para com a prisão, no século XXI, poderão ser melhor examinadas na próxima seção.

1.2 – Finalidades da prisão

No século XXI, no Brasil, as leis que são aprovadas por legisladores eleitos pelo povo representam as intenções, direitos e deveres que toda a sociedade deve observar. No caso das prisões, as principais leis que precisam ser consideradas são a Lei n° 7210/84 – Lei de Execução Penal (LEP) e a Lei n° 3689/41 – Código de Processo Penal, os documentos reguladores publicados pelo Ministério da Justiça que são as “Regras Mínimas para o Tratamento do Preso no Brasil” e as “Diretrizes Básicas de Política Criminal e Penitenciária” e, ainda, a Constituição Federal da República.

As sanções penais subdividem-se em penas privativas de liberdade, penas restritas de direito, multa e medidas de segurança, sendo que a pena privativa da liberdade, dentre as demais, é a mais ofensiva ao condenado. É na execução da pena privativa da liberdade que a prisão é

determinada, podendo acontecer em diferentes regimes prisionais e em diferentes estabelecimentos, conforme o grau de gravidade do delito e periculosidade daquele que cometeu o crime, como demonstra a Tabela 1.2.

TABELA 1.2
TIPOS DE PENAS PRIVATIVAS DE LIBERDADE E OS CORRESPONDENTES LOCAIS DE CUMPRIMENTO

Regime prisional	Estabelecimento adequado para o cumprimento da pena
Fechado	Penitenciária de segurança máxima ou média.
Semi-aberto	Colônia penal agrícola ou similar
Aberto	Casa do albergado

Ao examinar a Tabela 1.2, é possível observar os graus de abrandamento das condições de execução da pena conforme o regime prisional aplicado, já que no regime aberto o indivíduo cumpre pena na casa do albergado, o que significa dormir na instituição e ter o dia livre para atividades externas. O regime semi-aberto possui condições de vigilância menos intensas e está estruturado para que o indivíduo possa trabalhar e estudar. Já o regime fechado, possui um alto controle da rotina interna, forte condição de vigilância, poucas horas de pátio e minucioso controle do contato entre o preso e o mundo externo.

Referente a finalidade da prisão, a Lei n° 7210/84, em seu artigo 1°, determina “a execução penal tem por objetivo efetivar as disposições de sentença ou decisão criminal e proporcionar condições para a harmônica integração social do condenado e do internado”. Nesse texto é explicitada, então, a intenção que a execução penal possibilite a integração social daquele que cumpriu pena, possibilitando o que os juristas denominam ressocialização, que está fundamentalmente ligada à recuperação do apenado.

A ressocialização, como finalidade da prisão, exige um exame da execução da pena. Para que o indivíduo que passou pelo encarceramento possa estar perfeitamente integrado à sociedade quando sair dele, é necessário que a prisão permita e incentive o desenvolvimento de comportamentos de valor para a vida social, que durante a prisão ocorram aprendizagens significativas para a cidadania e que haja um encaminhamento do egresso do sistema prisional para o trabalho e moradia, principalmente. Isso coloca em questão as condições nas quais acontecem o encarceramento, pois são elas determinantes do sucesso da ressocialização. A Lei n°

7.210/84, quanto as condições da execução penal, determina “Art. 3º - Ao condenado e ao internado serão assegurados todos os direitos não atingidos pela sentença ou pela lei. Parágrafo único - Não haverá qualquer distinção de natureza racial, social, religiosa ou política.” Define, ainda que, “Art. 10 - A assistência ao preso e ao internado é dever do Estado, objetivando prevenir o crime e orientar o retorno à convivência em sociedade. Parágrafo único - A assistência estende-se ao egresso.” Esses artigos da LEP são indicativos importantes das condições que devem acontecer o encarceramento visando a ressocialização.

A principal estratégia para alcançar a ressocialização, segundo os estudos de Marcondes (2001) em uma pesquisa científica, é a individualização da pena. O autor identifica a individualização como a criação, mediante o correto enquadramento do condenado em uma execução penal diferencialmente estruturada, das condições que mais favoreçam o seu desenvolvimento. Ele revela que “a pena não pode ser executada de maneira homogênea por todos os condenados, porque as pessoas guardam diferenças significativas em si. Também não pode ser idêntica durante todo o itinerário executacional, em respeito às modificações da personalidade do condenado, que se operam em vista do tratamento penitenciário que lhe é proporcionado” (Marcondes, 2001, p.82). Para esse autor, a doutrina da individualização executória da pena é um desafio para as autoridades do poder jurídico e executivo, dadas as precárias condições dos estabelecimentos penais, a superpopulação e a defasada estrutura jurídica, porém tem fins sociais mais nobres, se comparados aos tradicionais propósitos retributivos e intimidativos da prisão.

Um outro aspecto importante sobre a ressocialização refere-se ao seu objeto de intervenção. Em tese, ressocializar, significa recuperar o indivíduo criminoso, o que pode levar a dedução que ele seria o único culpado pelo crime. Mas, o crime, é um fenômeno social e relaciona-se a diversas variáveis, portanto, precisa ser compreendido como um complexo sistema de relações, do qual a sociedade como um todo faz parte. Para conter e prevenir o crime é preciso construir relações sociais mais justas fora e dentro da prisão, produzir aprendizagens significativas para a cidadania também nos indivíduos livres. Nesse sentido, parece importante que a sociedade se responsabilize pela criminalidade e violência, visando à reorganização dos mecanismos de exclusão e o estabelecimento de valores voltados ao bem-estar de todos.

Lewin (1969) ao estudar as perspectivas aristotélicas e galiléicas na psicologia contemporânea revela que a conduta dos seres vivos deriva da relação mútua de todos os fatores

que compõem uma situação. Essa concepção relaciona-se com as descobertas pós-galilêicas que compreendem os fenômenos como expressão de um tipo de evento não imanente, de natureza simultaneamente interna e externa, em diferentes graus, de limites variáveis e multideterminado. Dessa forma, o fenômeno da criminalidade relaciona-se com um conjunto de condições possíveis (contingências), envolvendo a pessoa que cometeu o delito e as demais pessoas. Essa relação varia em intensidade, na forma e nos aspectos que a influenciam. A Figura 1.1 apresenta uma representação gráfica de possibilidades da determinação da ocorrência de alguns tipos ou classes de variáveis relacionados com o fenômeno da criminalidade.

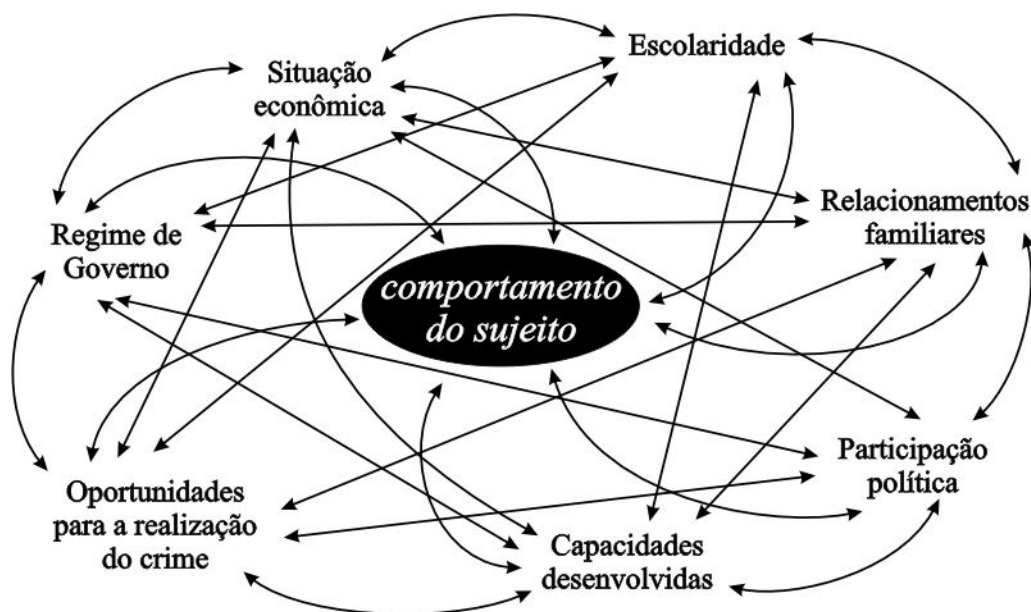


Figura 1.1 Representação gráfica de possibilidades da determinação da ocorrência de alguns tipos ou classes de variáveis relacionadas com o fenômeno da criminalidade

É possível observar na Figura 1.1 a ocorrência de vários tipos ou classes de variáveis que envolvem o fenômeno da criminalidade. A partir do relacionamento entre os vários tipos ou classes de variáveis e o evento de interesse, no caso, o comportamento do sujeito, é possível examinar as relações de determinação. Essas relações são múltiplas e em níveis diferentes, sendo que um único evento pode ser “causa” e “efeito” em relação a qualquer outro que também pode ser “causa” e “efeito”, conforme estudos já realizados por Skinner (1979), Botomé (1975) e Rebelatto e colaborador (1999) sobre determinação dos fenômenos na natureza.

Aprofundando esse aspecto sobre as relações de determinação, a Figura 1.2 apresenta a passagem do geral para um âmbito de abrangência mais específico no que diz respeito à noção de

comportamento, detalhando os componentes e as relações que constituem o comportamento, conforme (Botomé, 2001).

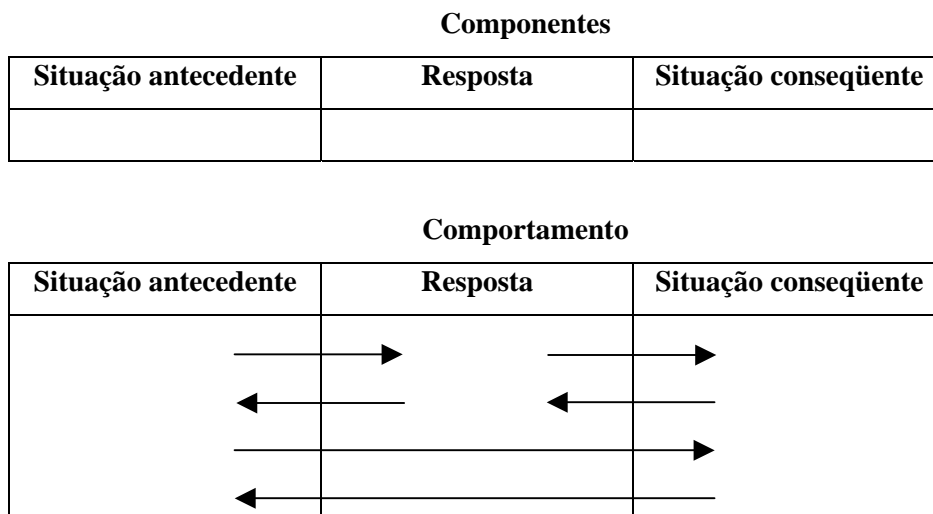


Figura 1.2 Quadro dos componentes e das relações que constituem o comportamento

Os componentes do comportamento são apresentados na Figura 1.2: situação antecedente, resposta e situação conseqüente, bem como as formas de relação entre esses componentes. A situação antecedente pode ser constituída por diversos elementos em diferentes graus, assim como a situação conseqüente. As decorrências da situação antecedente sob resposta, da resposta sob situação conseqüente, da situação conseqüente sob a resposta, da resposta sob a situação antecedente, da situação antecedente sob a situação conseqüente e da situação conseqüente sob a situação antecedente produzem o comportamento. Sendo que isso acontece de maneira particular para cada sujeito e para cada situação. Conhecer quais fatores e de que forma determinam o comportamento do sujeito possibilita modificar esse comportamento, alterando-se as situações antecedentes e conseqüentes.

Examinando o fenômeno da criminalidade a partir desse esquema de análise do comportamento é possível avançar na compreensão sobre os fatores e as formas de possibilidades de determinação do comportamento considerado criminoso. A Figura 1.3 apresenta a representação gráfica de possibilidades da determinação da ocorrência de alguns tipos ou classes de variáveis relacionadas com o fenômeno da criminalidade e dos componentes e relações constituintes do comportamento do sujeito.

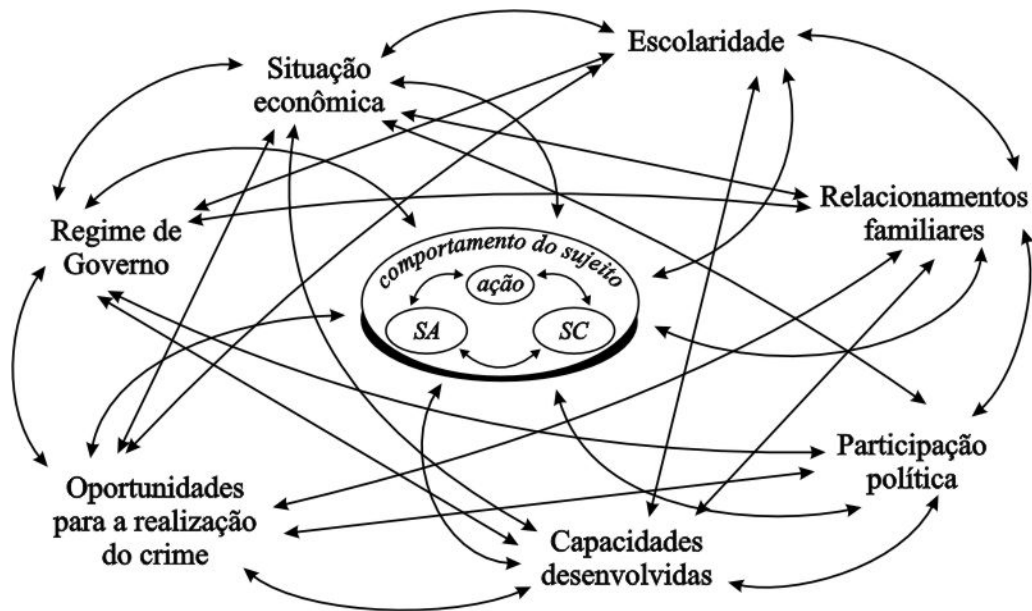


Figura 1.3 Representação gráfica de possibilidades da determinação da ocorrência de alguns tipos ou classes de variáveis relacionadas com o fenômeno da criminalidade e dos componentes e relações constituintes do comportamento do sujeito

Nesse caso, examinando o comportamento criminoso, os fenômenos apresentados se constituem em condições antecedentes e conseqüentes que determinam as possibilidades de ocorrência do comportamento do sujeito. Botomé (2001), em uma publicação que sistematizou o conhecimento sobre a noção de comportamento, demonstra “o comportamento, embora seja uma relação não diretamente observável, é composto por elementos observáveis, e a relação que eles constituem pode ser demonstrada (é verificável por vários meios)”. O comportamento criminoso seria, então, uma relação entre a ação do sujeito e o meio que realiza essa ação. Alguns dos tipos ou classes de variáveis apresentadas podem constituir o repertório existente, sob diferentes graus e aspectos, fazendo parte das situações antecedentes à ação do sujeito e outros tipos ou classes de variáveis podem fazer parte das situações conseqüentes à ação do sujeito, também sob diferentes graus e aspectos.

Nesse sentido, é possível considerar esses componentes antecedentes e conseqüentes à ação do sujeito como contingências, ou seja, condições para o acontecimento do comportamento. O que se diferencia da noção de contingências de reforçamento, “a qual se refere a uma tipificação ainda mais precisa do processo de instalação, desenvolvimento e fixação de um comportamento, dando-lhe estabilidade (às vezes chamada de endurecimento, rigidez ou fixação,

conforme o grau ou os referenciais de quem nomeia tal propriedade da conduta) que é, razoavelmente, perceptível e permite lidar com o comportamento como algo consistente ao longo do tempo.” (Botomé, 2001)

As leis brasileiras revelam a finalidade da prisão para a sociedade, destacando-se entre elas a Lei de Execução Penal que regulamenta a forma que deve acontecer o aprisionamento. Essa lei denota, por meio de seu texto, um pensamento humanizado e democrático, principalmente considerando a finalidade ressocializadora e a proposta de individualização da execução da pena. Para que ocorra o cumprimento da finalidade e das estratégias que a Lei de Execução Penal prevê para as prisões brasileiras, bem como, para conhecer o sistema de condições que constitui a prisão e planejar uma intervenção é necessário realizar o exame do sistema de relações que compõem o fenômeno da criminalidade e o comportamento do sujeito. Nas próximas seções será possível aprofundar de que forma, de fato, acontece a execução penal.

1.2.1 – Prisão como instituição e organização

A prisão pode ser examinada, sob o aspecto da Psicologia das organizações, de duas formas: como instituição e como organização. Schvarstein (1997, p.26), em uma publicação sobre Psicologia das organizações, define as instituições como “aqueles corpos normativos jurídicos-culturais compostos de idéias, valores, crenças e leis que determinam as formas de relacionamento social”. Para esse autor a instituição, se relaciona com o Estado que regulamenta as leis e, portanto, se faz presente nos grupos e organizações. Por sua vez, as organizações são conjuntos ordenados e estruturados, construções complexas de ordem simbólica que manifestam a presença do real. Nesse sentido, é possível considerar as instituições, de certa forma, como abstratas, e as organizações o lugar onde elas se materializam e produzem efeito sobre os indivíduos. Assim, Schvarstein (1997) descreve as organizações como mediadoras da relação entre as instituições e os sujeitos. Considerando essa distinção, a prisão como instituição pode ser identificada pela função social, oficial ou não, a ela atribuída: de recuperar, punir, vingar e excluir os indivíduos indesejados para o convívio social. Já, a organização prisão se caracteriza pela materialização dessa função envolvendo espaços físicos, formas, pessoas e procedimentos.

A organização também pode ser entendida como uma forma de burocratização do funcionamento grupal, conforme os estudos de Guirado (1987), citando a compreensão de Bleger em uma publicação que sistematiza as principais teorias em Psicologia institucional. Guirado

(1987) demonstra que a organização pode ser identificada na medida em que o funcionamento do grupo se estabiliza excessivamente, em que se criam estereotípias muito rígidas. Para a autora “a normatização da conduta para que se atinjam os objetivos explícitos transforma-se num fim em si, exigindo a fidelidade dos integrantes, de maneira que a sua perpetuação enquanto organização torna-se meta” (Guirado, 1987, p.21). Ao examinar a prisão é preciso compreender essa distinção entre a instituição e a organização prisional, pois ocorrem determinações recíprocas. Os presídios e penitenciárias, em um tempo e lugar determinado, materializam a ordem social que é estabelecida pela instituição prisão. A instituição prisão influencia as organizações prisionais e as pessoas, essa influência permite compreender como se comporta a sociedade, produzindo-se e reproduzindo-se. Na mesma medida, a organização prisional pode construir sua prática e identidade de forma a reforçar ou a modificar o instituído socialmente, Schvarstein (1997) denomina a primeira como “organizações objeto” e a segunda como “organizações sujeito”.

1.3 – Contingências da prisão no século XXI

A pena privativa de liberdade é a sanção máxima à que está sujeito o indivíduo que transgredir as leis no Brasil. Ao Estado, então, é lícito privar o infrator da disposição de sua liberdade durante o tempo de condenação. Mas, essa medida não é simples. Ela implica em criar um ambiente que permita a vida dos encarcerados em condições adequadas, já que essas condições representam a única forma de socialização e aprendizagem durante algum tempo. Caso o ambiente seja desfavorável à vida e à aprendizagem de comportamentos úteis à sociedade, o próprio sentido e legitimidade da Justiça podem ser colocados em questão, já que a prisão torna-se, assim, uma medida injusta e ilícita. Nesse sentido, é importante examinar o sistema de condições dessa instituição, que nesse caso está sendo denominado de contingências, ou seja, as condições possíveis do ambiente.

1.3.1 – Contingências, comportamento e aprendizagem

Como são as prisões do século XXI? Essa parece ser uma importante pergunta para identificar os comportamentos aprendidos na prisão, pois as contingências de cada comportamento são dadas pelo sistema de condições da organização. Sidman (2001), em uma

publicação que examina os efeitos da coerção na sociedade, demonstra a influência do ambiente no comportamento por meio da análise comportamental. Para esse autor, dentro dos limites de nossa herança biológica atual, nossa conduta é fortemente controlada pelo seu *setting* ambiental e suas conseqüências ambientais, assim o autocontrole é realmente o controle ambiental. Considerando que a noção de controle está implícita em uma análise funcional, que reconhece as variáveis que interferem no comportamento e, portanto, o controle dessas variáveis pode significar o controle do comportamento que for função delas. Sidman (2001) relata que é possível construir mudanças no ambiente de forma a produzir mudanças no comportamento.

Considerando o estudo sobre administração de contingências para promover aprendizagens em adultos infratores institucionalizados de Mckee (1978), publicado em conjunto com outros pesquisadores da área, em um grupo com pouco êxito na educação e na vida, como é o caso da maioria dos criminosos, assim como em outros grupos, Mckee descobriu que não é possível buscar reforços nos ambientes de castigo. Assim, a prisão gera poucas oportunidades de reforços para comportamentos que ela julga desejável desenvolver nos internos. Mckee (1978), nessa mesma publicação, apresenta estudos sobre a administração de contingências ambientais, demonstrando seus bons resultados em contraste com aqueles procedimentos que apenas controlam as classes de estímulos antecedentes como forma de promover o bom desempenho dos educandos.

A experiência de Mckee de utilização da tecnologia de administração de contingências foi algo difundido na época em que ele estava trabalhando e ampliado nas décadas seguintes, melhor esclarecida pela distinção entre contingências naturais (as existentes) e contingências arbitrárias (as artificiais). Essa distinção foi a que possibilitou um aperfeiçoamento do conceito de administração de contingências em ambientes naturais, o que inclui a realidade cotidiana de instituições penais. Nesse sentido, Skinner (2000) descobriu que monitorar e administrar as contingências naturais traz resultados melhores para aprendizagem de comportamentos desejáveis do que inserir contingências artificiais no ambiente, como estratégia principal de modificação de comportamento. A administração de contingências arbitrárias ou artificiais pode ser melhor utilizada como complementação da administração de fatores do ambiente.

Gêiser (1976) pesquisou diversas experiências de modificação de comportamento nos Estados Unidos nas décadas de 1970 e 1980, verificando que a maioria usava o controle dos estímulos como técnica, principalmente através da punição operante para suprimir

comportamentos indesejados. Gêiser também examinou os efeitos dessas experiências de modificação de comportamento e as questões éticas implicadas nesse tipo de intervenção. Referente às questões éticas, o autor criticou o uso dos direitos civis básicos como recompensa, a obrigatoriedade da modificação do comportamento do detento, mesmo sem o seu consentimento ou cooperação, e o uso da modificação de comportamento como instrumento de apoio para a administração na manutenção das relações existentes de poder. Com relação aos efeitos do uso da modificação de comportamento, tais como foram utilizadas, elas demonstram capacidade de controlar o comportamento dos prisioneiros em ambiente fechado, mas não no ambiente da sociedade “livre”. E que, para exercer esse controle do comportamento interno, o sistema da prisão produz um alto volume de pressão, o que resulta em um alto índice de violência e revoltas na prisão. Essas descobertas reforçam a falência das medidas punitivas na prisão e a fragilidade da técnica de controle de estímulos como forma de modificação de comportamento.

Embora a proposta da “ressocialização” dos detentos referenciada por Marcondes (2001), em uma pesquisa sobre a individualização da execução da pena, seja um discurso presente nas administrações dos estabelecimentos penais no século XXI, ela não se refletiu nas políticas e procedimentos internos das prisões. A prisão deveria ter o compromisso de reabilitar, que Goffman (1967, p.320) define como “a readaptação dos mecanismos auto-reguladores dos internos, de modo que esses mantenham os padrões do estabelecimento por sua própria conta, depois de afastados do ambiente”. Porém, as estratégias que têm sido usadas para isso são questionáveis. Pois, de fato, a execução penal, tem empregado com frequência o uso da punição como técnica para provocar comportamentos desejáveis. São evidências disso as situações de violência física e moral expressas por situações de isolamento, privação de alimentação, descaso com situações de garantia da integridade física, ócio excessivo, sistemas internos de troca de favores e corrupção, prevalectimento das pessoas mais fortes e abastadas financeiramente sobre as mais fracas e pobres, entre outras. É necessário que a prisão avalie se a punição por meio desses métodos serve para aprendizados úteis para a vida em liberdade.

1.3.2 – Contingências da prisão brasileira no século XXI

Examinando as condições ambientais da prisão do século XXI, são identificados alguns aspectos marcantes que, segundo Goffman (1967), correspondem a aspectos das instituições totais. O aspecto central é a integração entre os ambientes de convivência da vida dos indivíduos

presos, diferente das pessoas livres que trabalham, se divertem e estudam em locais diferentes, sob autoridades diferentes, com grupos diferentes e sem um plano de regras e objetivos comuns. Outro aspecto se refere à atividade diária, que é realizada em companhia de um grupo maior de elementos, na mesma hora, em seqüência e de forma compulsória. E por último, na prisão existe um grupo totalmente dependente e restrito de qualquer vontade, que são os presos, e um grupo que freqüenta a instituição para o trabalho durante uma carga horária e que está socialmente integrada no mundo externo. Goffman (1967), revela que cada grupo tende a conceber os membros do outro em termos de estereótipos hostis e estreitos e que, os funcionários tendem a sentirem-se superiores e certos e os presos tendem a sentirem-se inferiores, fracos e dignos de culpa.

Especificamente, sobre a situação da prisão no Brasil, outros fatores ambientais precisam ser considerados, entre eles o grande número de pessoas encarceradas, a grande extensão do território nacional e da diversidade cultural provocando diferentes realidades de criminalidade a serem consideradas, a falta de orçamento para políticas sociais públicas, o que resultou em uma situação de recorrente descaso com o sistema penitenciário, a morosidade e “pouca competência” do Estado para resolver as questões judiciais e penitenciárias, o grande contingente de pessoas excluídas dos bens de consumo e produção e as doenças epidêmicas comuns em países tropicais e em desenvolvimento que também afetam a população encarcerada. Com relação ao número de pessoas encarceradas, em junho de 2002, o censo do DEPEN (Departamento Penitenciário Nacional) revela 239.345 pessoas presas para 181.444 vagas, sendo que 198.799 pessoas em regime fechado, o déficit total é de 57.901 vagas. No Estado de Santa Catarina são 26 unidades penais, com 5074 pessoas presas para 3.766 vagas. O índice de reincidência nacional aproxima-se de 85%. Até a década de 1970 as prisões seguiram um modelo de construção que tendiam a abrigar um grande número de pessoas, exemplo disso é a Casa de Detenção (“Carandiru”) em São Paulo, que chegou a abrigar 9000 presos. As construções a partir da década de 1980 passaram a comportar um menor número de internos, visando eliminar o risco de grandes incidentes e facilitar o desenvolvimento de relações mais individualizadas.

Com relação às diferentes realidades da criminalidade, as estatísticas do Departamento Penitenciário Nacional – DEPEN (2002) revela que as regiões mais populosas (capitais) já enfrentam as conseqüências do crime organizado, pois possuem registros de seqüestros, tráfico e assaltos com formação de quadrilha, que são delitos característicos da organização do crime.

Essa realidade também se mostra no sistema penitenciário, exemplo disso foram as rebeliões simultâneas em 2001, a maior ação criminosa organizada no sistema penitenciário: os presos dos presídios e penitenciárias do Estado de São Paulo se rebelaram no mesmo dia, demonstrando grande capacidade de mobilização. No Estado do Rio de Janeiro, também há evidências dessa relação com o crime organizado, que segundo a revista Istoé (2002), os presos controlam o tráfico de drogas de dentro das unidades prisionais, entre outras ações criminosas de grande porte. Para controlar o crime organizado, algumas leis foram aprovadas para tipificar e permitir a investigação das novas modalidades de delitos: a lei dos crimes hediondos de 1990, do crime organizado de 1995, de interceptação telefônica de 1996, da proteção a vítimas e testemunhas de 1999 e da permissão de infiltração por agentes de polícia ou de inteligência quando realizadas investigações de organizações criminosas em 2001. A sociedade brasileira está sofrendo forte impacto da criminalidade, e da violência vinculada a ela, constituída em poder de governo que em algumas situações se equipara ao do Estado. Parece necessário conhecer qual a relação existente entre o sistema penitenciário e a produção da criminalidade e como essas implicações se transformam em comportamentos no processo prisional.

O comportamento aprendido nas prisões é influenciado pelas condições ambientais da organização, que tem sido, historicamente, condições de dependência dos presos para com os funcionários, de arbitrariedade e com situações cotidianas repetitivas e massificadas à exaustão. Nessas circunstâncias, ainda é preciso considerar que, embora exista a proposta de uma função “ressocializadora” para a prisão, de fato, a punição se mantém como finalidade e técnica, o que não tem demonstrado resultado positivo na vida do sujeito após a prisão, apenas um certo controle durante o encarceramento e outros efeitos indesejados de sofrimento e humilhação. O psicólogo Gonçalves (1999), que realizou pesquisa sobre psicopatologia e adaptação à prisão, descobriu que há uma relação direta sobre a forma como foi vivenciada a prisão e o sucesso da vida em liberdade, evidenciando que a situação de reincidência, entre outros aspectos, é influenciada pelo processo de encarceramento. Esse enfoque da vida na prisão para quem está encarcerado e suas aprendizagens será explorado na próxima seção.

1.4 – Vivendo e aprendendo na prisão

A vida na prisão se caracteriza por um conjunto de variáveis específicas, ambiente que Cervini², em uma publicação sobre os processos de descriminalização, denomina como sociedade carcerária. As características dessa sociedade também foram estudadas e apresentadas por Sykes (1958) em uma publicação que descreveu a vida na prisão, por Goffmann (1961) que realizou pesquisa em um hospital psiquiátrico e por Clemmer (1970) que realizou pesquisa durante três anos em uma prisão de segurança máxima. Esses autores identificaram que na prisão coexistem dois sistemas de vida diferentes: o oficial, representado por normas legais que disciplinam a vida no cárcere; e o não oficial, que rege realmente a vida dos encarcerados e suas relações entre si, uma espécie de “código do preso” que, por exemplo, determina que esse nunca deve cooperar com os funcionários e, muito menos, facilitar-lhes informações que possam prejudicar um companheiro. A vida e aprendizagem do encarcerado são influenciadas de forma determinante por esses sistemas vigentes.

1.4.1 – Fenômenos adaptativos da prisão

Como se dá o processo de adaptação à prisão? Essa parece ser uma questão importante para conhecer de que forma a prisão pode influenciar na vida e nas aprendizagens dos indivíduos que são encarcerados. Gonçalves (1999) revela que a adaptação na prisão é vista como um processo individual e, não como um processo globalizante e impessoal, sendo determinante para aplicação de medidas que flexibilizam (individualização) o cumprimento da pena e no planejamento do tratamento penal. O preso se adapta à forma de vida, aos usos e costumes que os funcionários e os internos impõem no estabelecimento penal, não há outra alternativa. Cervini revela, citando Wheeler (1986) que estudou a modificação da receptividade do condenado às normas da prisão, considerando o tempo de condenação, que essa relação se altera no decorrer do encarceramento. Os resultados dos estudos de Wheeler demonstram que é possível estabelecer uma curva em forma de U, que representaria o nível de adaptação das normas da comunidade carcerária no eixo vertical das coordenadas e, na outra coordenada, o tempo de duração do encarceramento. Significando, assim, que nos primeiros e nos últimos momentos da reclusão, o

² Texto fotocopiado da publicação “Los procesos de descriminalización”, sem identificação da editora e data de publicação.

indivíduo se encontra na pior predisposição a aceitar o modo de vida do estabelecimento, no entanto, na metade do tempo do aprisionamento o preso alcança o índice mais alto de adaptação as normas. Zamble e Porporino (1988), que pesquisaram a evolução adaptativa e os processos de confronto na prisão com 133 reclusos canadenses do sexo masculino divididos por três grupos conforme a duração da pena, obtiveram resultados semelhantes aos de Wheeler. Zamble e Porporino descobriram que a ocorrência de distúrbios emocionais e dos problemas adaptativos era registrada em quase todos os reclusos no início do cumprimento da pena, mas que se dissipava à medida que os sujeitos se “acostumavam” à rotina prisional. Esses autores descobriram ainda que as principais modificações adaptativas surgiram na área da socialização sendo a idade uma variável fundamental, já que sujeitos mais jovens seriam mais passíveis de desenvolver problemas adaptativos por força de possuírem um repertório mais limitado de estratégias de confronto.

Um outro aspecto importante a ser examinado é a relação entre os processos adaptativos na prisão e a vida na sociedade livre. Zamble e Porporino (1988) em seus estudos concluíram que a prisão “congela” os comportamentos da vida livre dos presos, como se esses comportamentos ficassem suspensos e à espera, até ter a oportunidade de se manifestar no ambiente livre. Esses mesmos autores identificaram nos presos poucas e/ou deficientes competências de confronto à realidade, com progressiva perda dessas competências com a permanência na prisão. Essa situação ainda é agravada pelo efeito da desaprovação e isolamento social que sofre o indivíduo que passou pelo encarceramento. Desse modo, são acentuadas cada vez mais as dificuldades adaptativas à vida em liberdade e reforçado o apego às atividades marginais, à convivência com grupos em circunstâncias similares de exclusão, o que tende a levar a reincidência criminal. A própria natureza da prisão como uma “instituição total” compromete a adaptação à vida social após a prisão, Goffman (1967) verificou que o isolamento, a submissão e a dependência total dos presos conduzem a mecanismos de adaptação que impedem, em diferentes aspectos, uma autêntica socialização.

Gonçalves (1999), ao sistematizar a contribuição da Psicologia para a compreensão do fenômeno da adaptação à prisão, identificou que por meio da Psicologia clínica é possível averiguar as inaptações individuais e participar do planejamento do tratamento penal, promovendo uma abordagem individualizada, voltada à resolução dos conflitos e treino de competências individuais. Para a Psicologia social, segundo o mesmo autor, está expressa

sobretudo a idéia de que a adaptação deve ser vista como um processo, ao longo do qual intervêm vários fatores, e não como um estado. E, esse autor considera a Psicologia ambiental como sendo a disciplina que mais emprego e importância dá ao termo adaptação, pois leva em conta que as “patologias da adaptação” surgem a partir de manifestações do stress em meio prisional e a relevância da configuração da arquitetura das prisões na explicação do comportamento dos presos.

O processo de adaptação à prisão acontece de forma individual e apresenta irregularidades no decorrer do encarceramento, tendo, em geral, um índice de melhor adaptabilidade no período intermediário do cumprimento da pena. Essa adaptação à prisão pode trazer danos à vida em liberdade, pois diminui a capacidade de socialização do indivíduo que passou pelo processo de encarceramento. A ciência Psicologia pode contribuir na compreensão desse processo de adaptação à prisão sob vários aspectos e, essa compreensão, é relevante para descobrir quais são os comportamentos aprendidos no processo de encarceramento.

1.4.2 – O aprisionamento

A vida no confinamento das prisões, em qualquer lugar e em qualquer tempo, não se restringe à impossibilidade do convívio com o mundo exterior, mas também à inclusão em um ambiente de complexas relações. O regime prisional no Brasil é o da “prisão coletiva” onde estão todos os tipos de encarcerados, separados não pela gravidade dos crimes, mas, usualmente, pelos laços de pertencimento, fidelidade ou submissão a grupos organizados no mundo do crime. Depois de trancafiá-los assim, os mais frágeis são expostos ao poder dos mais fortes. Nesse sentido, o ambiente do cárcere do século XXI não difere das masmorras e dos calabouços da época em que foi instituída a pena privativa de liberdade, a evolução do direito penal parece que se limitou a palavras, quando constatada a realidade da execução penal.

Quando encarcerado, o indivíduo infrator não fica sujeito apenas à privação de sua liberdade que a Justiça o penitenciou. Os presos são submetidos a muitas formas de violência física, moral, sexual e social, representando uma sentença a mais a cumprir. Rolim (1999, p.14), em publicação que apresentou resultados de inspeções da Câmara de Deputados a várias instituições penais no Brasil, demonstra que “independentemente do sistema penitenciário, articula-se uma série de sentenças extrajudiciais sobre a vida dos internos, que agravam a penalização ao limite do indescritível. Trata-se de um mundo à parte!” A arquitetura das

construções das prisões, os procedimentos institucionais, a submissão disciplinar e as amplas restrições parecem promover o ambiente artificial necessário para o desenvolvimento de uma cultura prisional histórica e comum a esses estabelecimentos.

Foucault (1987) comprovou que o sentimento de injustiça experimentado por um prisioneiro é uma das causas possíveis de tornar seu caráter contrário às normas sociais. Quando se vê assim exposto a sofrimentos que a lei não ordenou nem mesmo previu, ele entra num estado habitual de cólera contra tudo o que o cerca, só vê carrascos em todos os agentes da autoridade: não pensa mais ter sido culpado, acusa a própria justiça. O teórico Beccaria (2002) fundamentou o direito de punição do Estado, demonstrando que o direito de punir está embasado na necessidade dos homens em ceder uma parcela da sua liberdade de escolha para os acordos sociais necessários à convivência em grupo. Portanto, na situação de injustiça enfrentada pelo prisioneiro caracterizada por Foucault, a pena passa a ser um ato de violência, segundo os princípios do direito identificados por Beccaria, pois ultrapassa a idéia de concessão de liberdade por acordos sociais, se trata de vários abusos de restrições, o que coloca em questionamento o próprio sentido da justiça. Assim, parece relevante ao Poder Judiciário e ao Poder Executivo compreender as implicações das relações entre o direito de punir e a situação de aprisionamento, a fim de conhecer o grau de eficácia para sociedade dos métodos adotados para inibir a criminalidade.

Desde o ingresso do preso à instituição ele é exposto a situações muito diferentes da sua vida cotidiana. Por exemplo, na sua chegada, é submetido a uma revista, são retirados os seus pertences e ele recebe uma nova identificação: o número de sua matrícula, o número do artigo infringido no código penal ou um apelido decorrente de alguma peculiaridade das circunstâncias da prisão. Na vida em liberdade, o indivíduo tem uma seqüência de horários, “papéis” a cumprir, e um grupo de pessoas familiares, enquanto que na vida na prisão a sua participação no grupo é compulsória, impossibilitando o exercício dos seus “papéis sociais” e a sua espontaneidade nas relações. Considerando que o indivíduo possui uma organização pessoal que faz parte de sua vida em sociedade, essa experiência na prisão cria conflitos para a manutenção da concepção sobre si, Goffman (1961) investigou esse fenômeno pesquisando em um hospital psiquiátrico a vida em instituições fechadas e descreve-o como “desculturamento”. Ele descobriu que se a estada do interno é muito longa pode ocorrer, caso ele volte ao mundo exterior, um “destreinamento” que o torna temporariamente incapaz de enfrentar alguns aspectos da sua vida diária. Para Clemmer

(1970), que estudou a concepção da “figura” do preso, esse processo é a “prisonalização”, caracterizado pela aceitação de um papel inferior, desenvolvimento de novos hábitos no comer, vestir, trabalhar e dormir, adoção de uma linguagem local, o reconhecimento da impossibilidade de realização de suas necessidades nesse ambiente e um eventual desejo de ocupar-se.

O modelo de trabalho e família de uma pessoa presa também é diferente do modelo de quem vive na sociedade em liberdade. Existe uma incompatibilidade da vida nas prisões com o trabalho e pagamento da sociedade, assim como na convivência com a família. Com relação ao trabalho na prisão, no Brasil, a grande maioria das oportunidades se constitui em tarefas manuais que exigem pouco conhecimento, são obsoletas e tem pouco valor no mercado profissional. Além de não ser possível ascender por um bom desempenho, pois apenas alguns postos do processo produtivo são colocados à disposição pelas empresas conveniadas ou pelo próprio governo. E, com relação à convivência com a família, com o distanciamento das atividades cotidianas entre o preso e seus familiares, considerando que na maioria dos estabelecimentos penais a visita é semanal ou quinzenal, se modifica a relação de intimidade. Em muitos casos, pela detenção onerar a família com as custas de processos e de mantimentos para o encarcerado, ele passa a representar também uma despesa, quando na maioria das vezes, o encarcerado é que era o provedor para as finanças da família. Essas situações podem causar conflitos nas concepções de trabalho e família que o encarcerado traz da sua vida livre, podendo ocorrer outras aprendizagens comportamentais decorrentes das relações da vida na prisão ou a manutenção das concepções anteriores, sem promover novas aprendizagens. Nas duas situações seria interessante os responsáveis pela prisão conhecerem quais são as decorrências para os indivíduos encarcerados e para a sociedade dessas contingências do sistema prisional.

Na vida na prisão, dadas as condições de restrição de convivência e de poder para os encarcerados, os agentes prisionais e a policiais militares, que são responsáveis pela segurança interna e externa respectivamente, desempenham papéis sociais decisivos na vida dos encarcerados. Sykes (1967, p. 197-198), em uma publicação que reúne textos de diversos autores discutindo as organizações complexas, demonstrou que:

“o guarda, símbolo dominante da sociedade, que obedece às leis da vida diária do recluso, torna-se uma figura a ser manipulada, coagida e enganada. Portanto parece provável que uma das principais barreiras à reabilitação do criminoso adulto, em um presídio de máxima segurança, poderá ser considerada, não apenas a “antinaturalidade” do seu ambiente social e a

falta de dispositivos terapêuticos, testados pela ciência, mas também a corrupção da autoridade dos guardas na manutenção da custódia e disciplina.”

O sistema prisional brasileiro oferece pouca qualificação e má remuneração para a equipe de trabalhadores, bem como condições de trabalho aquém da necessidade cotidiana. Comumente, são averiguados pelas autoridades, problemas de corrupção e favorecimentos indevidos. Sykes (1967) revela que se for correto presumir que a reforma (do indivíduo) depende da modificação das atitudes que neutralizam as sanções da sociedade e de seus juízes, parece que a corrupção da autoridade do guarda torna o criminoso ainda mais contrário aos legítimos controles sociais, estimulando-o nos padrões de convivência, logro e ataques à ordem normativa.

Outro aspecto importante a ser examinado é a relação da situação econômica da população encarcerada com a prisão. A maioria das pessoas presas no Brasil é de classe econômica empobrecida, conforme o que apresenta o censo penitenciário do Ministério da Justiça de junho de 2000. Essas pessoas, mesmo antes de suas prisões, possuíam apenas um conjunto restrito de habilidades adaptativas (planejar, decidir, analisar, comparar, expressar-se, entre outras), decorrentes das escassas oportunidades oferecidas pela vida de aprendizados que pudessem desenvolvê-las intelectual, social e profissionalmente. Sidman (2001, p.261), revela que pessoas que vivem em situação de empobrecimento são “efetivamente tão privadas como se tivéssemos deliberadamente retirado a comida, o abrigo, o suporte financeiro e todas as possibilidades de alcançar as formas de sucesso que a educação e o treino tornam possíveis.” Esse mesmo autor, demonstra que os lares e as comunidades que sofrem privações sociais e econômicas, e ao mesmo tempo não possuem tradição de ascensão econômica, não valorizam as conversas e comportamentos sobre quaisquer assuntos que não sejam as necessidades básicas. Essa forma de compreender o cotidiano, segundo Sidman (2001, p.262), promove “ambições necessariamente limitadas à resolução imediatamente previsível de contingências coercitivas impostas de um lado pela lei e de outro pelas privações causadas pela incapacidade.” Portanto, a vida dessas pessoas é voltada para obtenção de satisfações (reforçadores) como o alimento, abrigo, álcool e dinheiro, e a forma possível de adquiri-las é tirando de outras pessoas.

Nessas condições o conflito com a lei torna-se comum. Jovens e adultos de comunidades empobrecidas ao cometerem um delito, são enviados para instituições de contenção e correção. Mas, ao terminar o período da pena, voltam aos seus ambientes, geralmente, sem novas habilidades que favoreçam o encontro de alternativas a sua realidade ou sem visualizar e desejar

mudanças. Sidman (2001), revela que a ameaça da prisão (muitas vezes) não é suficiente para impedir as primeiras ações ilegais e o próprio confinamento não impede sua repetição, já que as privações impostas dentro da prisão comumente se equivalem as privações fora dela. Assim, seria necessário, para reduzir as ações criminosas, reorganizar o ambiente de origem dos comportamentos indesejáveis e replanejar as prisões.

Porém, ao oposto disso, a prisão tem utilizado mecanismos de controle coercitivo como única alternativa, onde a punição é o recurso privilegiado pela instituição para inibir comportamentos. No entanto, a inibição é temporária, não significa extinção e muitas vezes apenas “camufla” antigos comportamentos, adaptando-os às condições ambientais. Um exemplo de adaptação é o comportamento de agredir: quando existe um conflito entre presos que necessite de um enfrentamento corporal para sua resolução, esses irão estudar a hora do dia em que não há guardas por perto e nem visitas, irão decidir por um local de pouco acesso e visibilidade e irão recrutar antecipadamente um preso que “deve” (possui uma dívida financeira ou moral) para assumir a responsabilidade pelo confronto e conseqüências dele. Essas medidas irão evitar constrangimentos para todos os presos, que ficariam a mercê de uma invasão policial ou de privações de direitos, como receber visitas, ou ainda, poderiam ser transferidos do estabelecimento penal, caso não houvesse um culpado para exercer a punição ou se o conflito fosse visto por testemunhas externas ao grupo. Procedendo dessa forma os presos continuarão resolvendo suas diferenças de forma agressiva, porém adequando-se às condições do ambiente e esquivando-se da punição.

Embora Goffman(1961), Clemmer (1970), Foucault (1987) e Sidman (2001) entre outros autores, tenham identificado implicações negativas do encarceramento às pessoas, os meios de comunicação e muitos políticos brasileiros do século XXI ainda fazem pronunciamentos pela ostensividade da punição na prisão e pelo prolongamento das penas privativas de liberdade como meio para solucionar os problemas relacionados à criminalidade. Essas idéias influenciam e são influenciadas pela opinião de senso comum da população, que expressa comumente o desejo da repressão violenta aos “bandidos” através de castigos cruéis, sacrifícios, penas longas, isolamento, ambientes insalubres, submissão e perda total dos direitos dos criminosos. Porém, Foucault (1987) revela algumas conseqüências do processo prisional para a sociedade: as prisões não diminuem a taxa de criminalidade, pode-se aumentá-la, multiplicá-la ou transformá-la; a prisão favorece a organização de um meio de delinqüentes, solidários entre si, hierarquizados,

prontos para todas as cumplicidades futuras; as condições dadas aos detentos libertados condenando-os à delinqüência; a prisão fabrica delinqüentes indiretamente ao fazer baixar as condições sócio-econômicas das famílias do detento e pelo tipo de existência que faz os detentos levarem (o isolamento nas celas, imputação de trabalho inútil, imputação de violências, imputação de desconstrução da sua identidade). Rolim (1999) também demonstra que é um grave equívoco a opinião pública supor que com a edição de leis penais mais severas será possível resolver o problema da criminalidade crescente. Esse autor revela que o fenômeno criminal é efeito de muitas causas e penetra em um círculo vicioso, no qual a própria lei e a execução penal passam a operar ou como fator criminogênico ou como intolerável meio de opressão. Esses impactos da experiência prisional no indivíduo e na sociedade são insuficientemente conhecidos e esse conhecimento pode possibilitar um redirecionamento do tratamento penal.

1.5 – Re-examinando a função da prisão

Embora as finalidades da prisão no Brasil no século XXI estejam expressas nas leis, após examinar a forma que as pessoas vivem nessas instituições de fato, parece ficar evidente a contradição com o que deveria acontecer. Para aprofundar o estudo desse assunto, conhecer as relações da criminalidade e do sistema prisional com a organização sócio-econômica da sociedade pode elucidar importantes explicações da persistência dessa contradição. Para, então, prosseguir o exame do processo de aprendizagem dos comportamentos na prisão por aqueles que estão encarcerados.

1.5.1 – Prisão e exclusão social

De que forma o processo prisional participa da organização sócio-econômica da sociedade brasileira contemporânea? Examinar a forma com que o processo prisional acontece e seus impactos sociais parece importante para re-examinar a função da prisão. Considerando o perfil do encarcerado obtido por meio das estatísticas do Departamento Penitenciário Nacional em dezembro de 2002, que revela que a maioria das pessoas aprisionadas é jovem, de baixa renda, de pouca escolaridade (entre o analfabetismo e o ensino fundamental) e com situação profissional indefinida (informalidade ou desemprego), parece que a prisão é mais comum para a população com menos oportunidades de participação da renda e do trabalho na sociedade.

Wacquant (2001), em uma publicação que analisa a relação entre a questão criminal e social, demonstra que a prisão, além da finalidade jurídica explícita que lhe é atribuída, implicitamente contribui para o processo de criminalização da pobreza e de manutenção da desigualdade social. Sawaia (1999, p.40), que investigou o adoecimento da classe trabalhadora, demonstra, em uma publicação que reuniu artigos científicos na área da Psicologia social sobre exclusão, que “a sociedade exclui para incluir e essa transmutação é condição da ordem social desigual, o que implica o caráter ilusório da inclusão”. Na mesma publicação, o autor examina a idéia da “inserção social perversa”, demonstra que todas as pessoas estão inseridas de algum modo, nem sempre de forma decente e digna e no circuito reprodutivo das atividades econômicas, sendo a grande maioria da humanidade inserida por meio da insuficiência e das privações, que se desdobram para fora do aspecto econômico.

Nesse sentido, a prisão parece estar inserida no fenômeno da exclusão social, pois conforme a definição de Xiberras (1993), os excluídos são todos aqueles que são rejeitados dos mercados materiais ou simbólicos, dos valores morais. A prisão parece operar na legitimação dessa rejeição, pois nomeia e localiza um grupo de pessoas que material e simbolicamente não fazem mais parte dos valores da sociedade livre. Agregam-se a essa rejeição legitimada pela prisão, os processos de “desqualificação”, conceito definido por Paugam, onde o indivíduo é desacreditado de mérito para qualquer participação social; a “desinserção”, noção desenvolvida por Gaujelac e Leonetti, que desautoriza o encarcerado da possibilidade de ser reconhecido como pertencente a espaços sociais livres; a “desafiliação”, conceito desenvolvido por Castel que se refere a ruptura e esquecimento, por parte da sociedade, dos vínculos de origem do encarcerado e a apartação social, denominada por Cristóvão Buarque, que trata-se da estigmatização e separação do encarcerado dos demais cidadãos. Os preconceitos e estereótipos fazem parte das representações sociais que difundem a exclusão, pois categorizam os presos, possibilitando a definição e o julgamento dos mesmos. Esses processos contribuem para a criação de indivíduos inteiramente desnecessários ao universo produtivo.

Um outro aspecto importante a ser examinado são as relações econômicas compensatórias entre o setor público e o setor privado por meio da manutenção das prisões, que aparecem no início do século XXI. Wacquant (2001) demonstra que a prisão tem um lugar de controle das populações empobrecidas, desqualificadas e discriminadas racialmente, é um instrumento do governo da miséria. Esse autor, identifica as seguintes vantagens para o modelo econômico

neoliberal das Américas: “o sistema penal contribui diretamente para regular os segmentos inferiores do mercado de trabalho... Por um lado, ele comprime artificialmente o nível de desemprego ao subtrair à força de milhões de homens da população em busca de emprego e, secundariamente, ao produzir um aumento do emprego no setor de bens e serviços carcerários, setor fortemente caracterizado por postos de trabalho precários” (p.96); a prisão contribui para a manutenção da ordem racial, reproduzindo a histórica de dominação sobre a raça negra; a mercantilização das funções públicas, decorrentes das exigências de diminuição da intervenção do Estado no modelo neoliberal, reutiliza a prisão para produção de riquezas às empresas administradoras do sistema penal ou empresas que terceirizam serviços nos estabelecimentos prisionais, “maneira de tornar os pobres e prisioneiros (que eram pobres fora e que, em sua esmagadora maioria, voltarão a sê-lo ao sair) “rentáveis” tanto no plano ideológico como no econômico.” (Wacquant, 2001, p.99)

Assim, considerando a história do processo penal na sociedade, a complexidade dos problemas do sistema penal e a sua grande dimensão estrutural e funcional no início do século XXI, e ainda, as implicações sociais já identificadas para as pessoas que vivem na prisão, parece que essa instituição escamoteia a sua finalidade, que seria de “recuperar” os indivíduos para vida em sociedade e que ela continua cumprindo a função punitiva e excludente lhe atribuída no início da história da civilização. É necessário aprofundar o exame dessa situação para ampliar o conhecimento sobre como o indivíduo vive no processo de encarceramento e quais comportamentos são aprendidos, o que pode contribuir na demonstração da ineficácia do sistema penal, identificada em outras pesquisas, e avançar na construção de um novo modelo de enfrentamento da criminalidade.

1.5.2 – Sociedade como parte do problema da criminalidade

A criminalidade no final do século XX e início do século XXI representa um complexo problema a ser enfrentado. Wacquant (2001) e Holland (1983) demonstraram que a sociedade negligencia essa questão, procurando atribuir aos indivíduos, apenas, a responsabilidade pelo crime. Esses autores, em diferentes pesquisas, identificaram um sistema paradoxal de relações entre uma parcela pequena da sociedade que detêm o poder de governo, os meios de comunicação, os bens e o conhecimento e uma outra parcela, a maior, que é dominada pela parcela anterior. Para sustentar esse estranho “equilíbrio”, um forte discurso ideológico é

assimilado e disseminado por ambas as partes. Para a pequena parcela, são criadas muitas oportunidades de crescimento e reconhecimento, que reforçam positivamente sua participação social. E nessa posição, esse grupo tenta se esquivar da perda de todos os privilégios que lhe são concedidos, em comparação à precária situação do outro grande grupo, e busca ocupar a hierarquia de posições sociais existentes. Já o grande grupo, desprovido de boas possibilidades de participação social, vive em condições aversivas e, conforme descobriu Holland, a ele “é reservado um conjunto especial de causas internas” para justificar sua existência de tal forma.

Holland (1983, p.69) demonstra que “o mito das causas internas é alimentado devido ao reforçamento fornecido à elite (pequeno grupo) e também devido ao papel que ele desempenha na manutenção do presente sistema. As pessoas que ocupam a alta hierarquia no poder afirmam que atingiram essa posição elevada devido a um grande mérito pessoal.” Já os pobres (grande grupo) possuem “causas internas” diferentes. “Diz-se que eles são preguiçosos, sem ambição, sem talento.” (Holland, 1983, p. 69) Pois, aqueles que se beneficiam desse sistema social (pequeno grupo) podem considerar punitivo encarar sua boa sorte como o resultado de um sistema social e econômico que explora as pessoas menos privilegiadas e que cria a pobreza e a infelicidade. Nesse sentido, como a grande maioria dos encarcerados provêm do grupo social empobrecido, é comum o pensamento que os prisioneiros e criminosos são os únicos culpados pela condição social em que se encontram e pela criminalidade. E, que a prisão precisa conseguir modificar seus comportamentos pois essas pessoas são “mal-adaptadas”, na expectativa que depois do encarceramento o indivíduo não crie mais problemas para a comunidade, desconsiderando, assim, o sistema de reforçamento que o conduziu à prisão, àquelas contingências que modelaram, na sua origem, o comportamento criminoso.

Dessa forma, se a sociedade faz parte da gênese da criminalidade, parece que o enfrentamento dessa exige uma reflexão sobre o próprio sistema de relações daquela, incluindo a sociedade civil, o setor privado e público. Marcondes (2001, p.202) ao examinar esse aspecto, revela:

“Na verdade, os governos não recorrem à comunidade para sensibiliza-la a participar do tratamento penal. Muitas vezes, procura infundir na comunidade a idéia de que não se pode ser piedoso com o criminoso, para combater a criminalidade, levando essa comunidade a manter-se alheia e distante da execução da pena privativa de liberdade. Esse descaso da comunidade tem-se destacado como uma das principais causas de reincidência.”

Esse distanciamento da comunidade da prisão contribui para uma visão fragmentada sobre o cotidiano da prisão, sobre os presos e sobre os efeitos do encarceramento. Inclusive, dificultando a participação do egresso do sistema prisional em ambientes sociais, já que os estereótipos o colocam como perigoso, desqualificado e desnecessário para a comunidade.

Pode ser considerado um agravante dessa situação de alienação da sociedade como causa da criminalidade, as péssimas práticas utilizadas na prisão (que, em tese, já nascem fracassadas no que tange à efetividade, pois não é considerado, em sua concepção, a necessidade de mudança da própria sociedade, somente do indivíduo). As estratégias de punição e coerção empregadas na grande maioria das organizações para modificar o comportamento, oprimem e revoltam mais ainda o “criminoso” contra a sociedade, no entanto a ciência já descobriu outras práticas com melhores resultados. Como revela Sidmann (2001), a análise do comportamento produziu alternativas efetivas além de mostrar que qualquer uso de punição deve ser deplorado. Uma contribuição única, para esse autor, tem sido as incontáveis demonstrações, dentro e fora do laboratório, de como usar o reforçamento positivo, referindo-se à prática de recompensar pessoas não por deixá-las fugir da punição, mas por deixá-las produzir algo bom.

Também os termos mais comumente utilizados pelas autoridades do sistema prisional para definir a pessoa presa, denotam os objetivos punitivos: “apenado”, “prisoneiro” e “criminoso”. Esses termos qualificam a pessoa de forma negativa, como se ela fosse a própria pena, prisão ou crime, e, não, como estado passageiro, um processo pelo qual ela passa.

Após esse exame sobre a sociedade como parte do problema da criminalidade e das péssimas práticas utilizadas nas prisões, uma pergunta parece importante: considerando a complexidade das relações sociais e seu sistema de classes, quais seriam os comportamentos que a sociedade gostaria que as pessoas, que passam por um processo de encarceramento, aprendessem? A resposta para essa pergunta, se pensada a partir dos fatos e não das leis, não é fácil de ser obtida, porém ela parece ser fundamental para compreender como a prisão procede e deveria proceder.

1.5.3 – Aprendizagem de comportamentos para a cidadania?

O comportamento não acontece por acaso. O que fazemos é fortemente controlado pelo que acontece a seguir, ou seja, pelas conseqüências da ação. Para Sidman (2001), isso explica o porquê os indivíduos agem de forma particular e com diferente freqüência para cada

comportamento. Assim, por meio do controle das conseqüências se dá a aprendizagem dos comportamentos, que Skinner (2000) define como sendo a redistribuição de respostas em uma situação complexa.

Examinando a prisão sob esse aspecto, enquanto um ambiente específico, é possível supor a existência de um sistema de condições e conseqüências que promovem o controle do comportamento daqueles que interagem nesse espaço. Para examinar melhor isso, pode-se destacar os componentes do comportamento que acontecem na prisão, conforme apresenta a Tabela 1.3, sob a forma de construção “sujeito-ação-conseqüência”, segundo procedimento de especificação e análise proposta por Botomé (2001):

TABELA 1.3
QUADRO DE POSSIBILIDADES DE AÇÕES DOS AGENTES DA PRISÃO EM RELAÇÃO AO TIPO DE RESULTADO REFERENTE AOS COMPORTAMENTOS SOCIAIS DOS PRESOS

Sujeito	Classes gerais de ações dos agentes	Tipo de conseqüências sobre os presos
Agentes componentes da prisão	Possibilita Induz Facilita Força Dificulta Constrange Aceita Inibe Extingue	A aprendizagem de comportamentos de valor para o desenvolvimento da pessoa presa e para sua inclusão social

A Tabela 1.3 demonstra a relação entre os agentes da prisão e as conseqüências sobre o preso mediante as ações desses agentes, podendo a prisão promover diferentes aprendizagens, ou, ainda, dificultar e extinguir as mesmas. Se for considerado o objetivo que a prisão possibilite a “ressocialização” do encarcerado, a aprendizagem a ser privilegiada seria a dos comportamentos de valor para o desenvolvimento da pessoa e para sua inclusão social. Na qual, portanto, os agentes componentes da prisão são sujeitos. A Tabela 1.3 permite, ainda, que outras finalidades da prisão, explícitas ou implícitas, sejam estudadas como complementos do item “conseqüência”, como comportamentos criminosos, proteção da sociedade e vingança da sociedade. Também é

possível pensar o item “sujeito” como sendo os diferentes aspectos da prisão, como ilustra a Tabela 1.4, apresentando a relação possível entre as contingências ambientais da prisão e os comportamentos dos encarcerados:

TABELA 1.4
QUADRO DE POSSIBILIDADES DE RELAÇÕES ENTRE O TIPO DE CONDIÇÕES DA PRISÃO, DE AÇÕES DOS AGENTES DA PRISÃO E DOS EFEITOS NOS PRESOS

Tipo de condições existente na prisão	Classes gerais de comportamento dos agentes da prisão	Tipos de efeitos nos presos
Rotinas	Possibilita	Comportamentos sociais desejados dos presos
Trabalho	Induz	
Relacionamento familiar	Facilita	Comportamentos sociais indesejados dos presos
Relacionamento com funcionários	Força	
Relacionamento entre os internos	Dificulta	
Ambiente físico	Constrange	
	Aceita	
	Inibe	
	Extingue	

A Tabela 1.4 demonstra a relação entre o tipo de condições existente na prisão, as classes gerais de comportamentos dos agentes da prisão e as conseqüências sobre o preso mediante as ações desses agentes, podendo a prisão promover comportamentos sociais desejados ou indesejados dos presos.

A relação entre as condições da prisão, as classes gerais de comportamento dos agentes e os efeitos nos presos permite revelar quais são os comportamentos aprendidos pelas pessoas presas. Examinando as rotinas da prisão, o trabalho, o espaço físico, o relacionamento familiar do preso, o relacionamento com os guardas e o relacionamento entre os internos, entre outros fatores, é possível identificar de que forma esses controlam o comportamento da pessoa presa. Skinner (2000) demonstra que o controlador não precisa ter o poder de coagir ou restringir diretamente o comportamento, mas pode afetá-lo indiretamente alterando o ambiente. Dessa forma, será possível conhecer quais são essas aprendizagens e em que grau permitem o exercício da cidadania do preso e da sociedade livre. No próximo capítulo será apresentado o processo utilizado para conhecer as condições de aprisionamento e as condições de aprendizagem dos encarcerados.

O PROCESSO DE PESQUISA PARA IDENTIFICAR AS CONTINGÊNCIAS E OS COMPORTAMENTOS APRENDIDOS POR ENCARCERADOS

2.1 - Sujeitos

Os sujeitos são homens aprisionados em uma organização regional de encarceramento. Esse grupo está distribuído em três ambientes na prisão: o ambiente Interno, Entre-muros e Externo.

Foram delimitados os sujeitos masculinos para a pesquisa por apresentarem com maior evidência o fenômeno de interesse, pois a população feminina encarcerada sofre influência de fatores que amenizam ou modificam as condições de encarceramento: o número menor de mulheres em comparação aos homens modifica as relações internas, a gestação e maternidade na organização ou a existência de filhos antes da prisão, os procedimentos de segurança são mais brandos, as instalações físicas comumente são melhores que as masculinas e a alta incidência de mulheres presas juntas com um familiar masculino.

A coleta de dados ocorreu por observação direta, observação indireta por meio de documentos e observação indireta por meio de entrevista em uma amostragem por grupos de detentos selecionados da seguinte forma:

- a) Grupo A: indivíduos com até um ano de detenção e primário.
- b) Grupo B: indivíduos com um ano e um dia até três anos de detenção.
- c) Grupo C: indivíduos com mais de três anos de detenção.

2.2 – Situação e ambiente

Para escolha da organização, dentre aquelas em que ocorria o fenômeno de interesse, foram observados os seguintes critérios: representatividade das características de encarceramento no país, número de detentos e a possibilidade de acesso ao meio prisional.

Quanto à representatividade das características de encarceramento no país foi verificado por meio de registros do Ministério da Justiça (2002) que do total de 248.685 presos no Brasil, 83,7 % presos estão em regime fechado e que entre as organizações penais 39,6 % são penitenciárias, 51,7 % são cadeias públicas ou presídios, 8,7 % outras modalidades de encarceramento (casa do albergado, centro de observação, colônia agrícola e hospital de custódia e tratamento). A partir dessas percentagens, foi escolhido um presídio como situação de observação, por representar o tipo de organização com maior índice de encarceramento no país.

Quanto ao número de detentos foram consideradas adequadas organizações com mais de 300 pessoas encarceradas, pois oferecem maior quantidade de sujeitos nas condições de interesse e favorecem a manifestação do fenômeno a ser estudado nos aspectos de convivência, espaço físico, procedimentos de segurança e complexidade dos problemas estruturais da organização.

2.2.1 – Caracterização da prisão

A coleta de dados foi realizada em uma organização prisional catarinense de caráter provisório – um presídio – (local que abriga presos autuados em flagrante delito, com mandado de prisão preventiva, condenados com sentença em grau de recurso ou em trânsito para outras comarcas) que tem como finalidade deter pessoas que cometeram delitos na região e aguardam o julgamento do Poder Judiciário. A organização é pública, sob responsabilidade da Secretaria de Segurança Pública e Defesa do Cidadão do Governo do Estado e sua administração é delegada a um cargo de confiança desse.

Embora a organização seja de caráter provisório, de fato funciona como sendo de caráter permanente, pois abriga uma grande quantidade de presos condenados (em média 1/3 dos presos são condenados) devido à superpopulação do sistema carcerário e a inexistência de uma penitenciária na região. Apenas a sua infra-estrutura física, humana e financeira é de um estabelecimento de passagem, que é insuficiente para a necessidade real. Este é um fator agravante na vivência do encarceramento pelos presos.

A estrutura física é composta por ambientes distintos de aprisionamento (Anexo 1), que podem ser assim nomeados: Interno, Entre-muros e Externo. A população masculina no Interno é dividida em dois “quadrantes”³ (prédios) na Cadeia 1 destinados a presos primários (primeira prisão), um quadrante na Cadeia 2 destinado a presos reincidentes ou considerados de alta periculosidade e uma ala no Seguro para presos com sua segurança ameaçada; no Entre-muros há dois alojamentos destinados aos presos condenados que trabalham, possuem bom comportamento e cumpriram algum tempo da pena ou, ainda, que possuem doenças graves, necessitando de cuidados especiais; no Externo há dois alojamentos para presos que contam com a confiança da administração, trabalham em atividades relacionadas a manutenção do Presídio ou em postos externos a unidade prisional. A população feminina possui um quadrante no ambiente Interno e um alojamento no ambiente Externo.

O Presídio foi fundado em 1990 com a capacidade inicial de 120 pessoas na Cadeia 1, em 1997 foi construída a Cadeia 2 com mais 60 vagas e em 2002 foram construídas a Cadeia Feminina e o Seguro, somando mais 64 vagas. Em janeiro de 2003 a organização possuía 260 vagas e uma lotação de 574 pessoas e em janeiro de 2004, quando ocorreu a coleta dos dados, estavam presas 471 pessoas com o mesmo número de vagas disponíveis.

A distribuição dos reclusos nas celas não segue critérios rígidos, a variável de maior relevância para a decisão dos agentes prisionais sobre qual Cadeia alojar o preso é a disponibilidade de vagas. Na Cadeia 1 concentram-se os presos primários, na Cadeia 2 os presos reincidentes ou considerados de “alta periculosidade” e no Seguro todos aqueles que praticam delitos contra a liberdade sexual (estupro, atentado violento ao pudor), aqueles que traíram a confiança dos demais presos ou ex-policiais.

O corpo funcional do estabelecimento é composto por um administrador, 23 agentes prisionais (responsáveis pela abertura das celas e trânsito dos reclusos dentro do presídio), 24 funcionários terceirizados (responsáveis pela recepção e atividades burocráticas), 28 policiais militares (responsáveis pela segurança externa e escolta de presos fora do presídio) e uma equipe técnica voluntária do Projeto de Humanização ligado ao Conselho Carcerário da Comunidade.

A população masculina do presídio é na sua maioria jovem com 20 a 30 anos, com ensino fundamental incompleto, procedente da cidade onde se localiza o Presídio, de incidência prisional primária, acusados nos crimes de roubo e furto e vinculado ao tráfico ou uso de drogas

³ Quadrante é um conjunto de celas dispostas em formato quadrado, com a abertura para o centro, onde fica o pátio.

e, anteriormente à prisão, desenvolvia atividades no mercado informal (predominantemente na área da construção civil, como motorista ou mecânico de carros).

2.2.2 – Situação da observação direta

Foi realizada observação direta no Presídio com relação à organização do ambiente, incluindo a localização do Presídio, área disponível, organização, função e condição das construções.

O local de realização da observação direta no ambiente Interno foi no interior dos quadrantes da Cadeia 1, 2, no Seguro e no Isolamento, considerando as celas e os pátios. Na Cadeia 1, onde se localizam os Quadrantes 1 e 2, foi escolhido o Quadrante 1; na Cadeia 2, foi observado Quadrante 3, o único existente; no Seguro foi observado o Quadrante 5, também o único existente e foram observadas as três celas de Isolamento existente. Nesse caso, o único quadrante masculino do ambiente Interno que não foi observado foi o Quadrante 2 pela similaridade de circunstâncias encontradas com o Quadrante 1. O Quadrante 1 possuía 18 celas, o Quadrante 3, 17 celas e o Quadrante 5, 6 celas. Em cada quadrante foi observado entre 40 a 50% das celas existente de forma alternada, garantindo a coleta de dados nas celas de tamanho padrão e nas celas maiores, denominadas “cubicão”.

O ambiente Interno, geralmente, é local de acesso apenas para presos, familiares em dias de visita e agentes prisionais no momento de fechar e abrir as celas.

2.2.3 – Situação da observação indireta por meio de documentos

Foi observado o perfil do preso da organização, considerando sexo, idade, cor, escolaridade, delito e tipo de delito, situação jurídica, regime de condenação, por meio das informações oficiais no cartório do Presídio. A fonte de informação utilizada foi o cadastro informatizado dos presos.

2.2.4 – Situação da realização da observação indireta por meio de entrevistas

O local da entrevista ocorreu em uma das salas da área de saúde no ambiente Entre-muros, de forma individual. Durante a entrevista a porta e janela ficaram fechadas e não houve presença outras pessoas, senão da pesquisadora e do entrevistado.

2.3 – Procedimentos

2.3.1 – Escolha dos sujeitos

Foi realizado sorteio de quinze nomes de pessoas presas do sexo masculino que constavam nos documentos oficiais do cartório do Presídio. Em seguida, foi identificado o tempo de prisão de cada pessoa sorteada e reunidos os nomes por grupo, conforme o tempo de prisão (até um ano de prisão, de um ano e um dia a três anos de prisão e mais de três anos de prisão). Esse procedimento foi repetido até completar cinco nomes para cada grupo, sendo que nos casos que o número de sorteados ultrapassou a quantia de cinco pessoas, foram considerados os cinco primeiros nomes sorteados. No caso do preso, por algum motivo, não participar da entrevista, após ser chamado duas vezes, o procedimento usado foi substituí-lo por outro preso por meio de um novo sorteio. Isso ocorreu uma vez devido a um preso estar recebendo visita e ter ido ao Fórum nas duas oportunidades em que foi chamado.

2.3.2 – Elaboração do roteiro de observação direta

A elaboração do roteiro de observação (Anexo 2) atendeu os seguintes objetivos: identificar a localização do Presídio, o tipo, forma e a função das construções, a situação dos pátios e celas, o tipo de acesso à comunicação e a adequação dos pátios e celas às suas finalidades.

2.3.3 – Elaboração do roteiro de observação documental

A elaboração do roteiro de observação (Anexo 3) atendeu os seguintes objetivos: identificar os dados pessoais da população encarcerada no Presídio, a situação jurídica e a situação de encarceramento.

2.3.4 – Elaboração do roteiro de observação por meio de entrevista

A elaboração do roteiro da entrevista (Anexo 4) atendeu os seguintes objetivos: identificar as características pessoais (idade, escolaridade, estado civil, entre outras variáveis) dos entrevistados, a percepção deles sobre a justiça, a prisão, o Presídio e os funcionários, o que o aprisionamento modificou nas suas vidas, a rotina que mantém no Presídio, os relacionamentos e a comunicação.

2.3.5 – Contato com os sujeitos

Foi realizado contato com a Secretaria de Defesa do Cidadão e com a direção do Presídio para obter autorização para realização da pesquisa. Em seguida, obtida a autorização, foi estabelecido contato com a chefia da Carceragem e com o comando da Guarda para dar ciência do objetivo da pesquisa e combinar o funcionamento do procedimento de entrevista e observação direta.

Após a verificação no cartório do Presídio dos sujeitos a serem entrevistados, esses foram chamados individualmente em uma sala, onde foram apresentadas as condições da pesquisa e obtido o seu consentimento para realização da entrevista, que ocorreu em seguida, no caso de resposta afirmativa.

Para realização da observação direta, foram abordados, previamente, os presos que são líderes informais em cada quadrante a fim de apresentar o objetivo da pesquisa e obter aceitação para realização do procedimento. Os presos do quadrante foram avisados sobre o procedimento de observação no momento da realização desse e as condições da observação foram definidas conforme “o clima” do grupo de presos na época e o acordo com os responsáveis pelo Presídio. As oportunidades encontradas para realização da observação direta foram durante o fechamento das celas no final do dia e o horário de pátio, geralmente, à tarde. No caso das celas do Isolamento, a observação foi realizada pela manhã.

Em todos os casos foi solicitada e obtida a anuência dos presos para a participação na pesquisa, e assim, completo o ciclo de autorizações composto pela organização e pelos próprios sujeitos pesquisados.

2.3.6 – Coleta e registro de dados

A coleta de dados ocorreu por meio de três procedimentos:

- a) Observação direta sobre os aspectos ambientais da organização.
- b) Observação indireta do perfil do preso por meio de documentos oficiais.
- c) Observação indireta sobre a percepção e a vida dos presos por meio de entrevista com os presos.

Em cada procedimentos as variáveis observadas foram, respectivamente:

- a) As instalações com relação à distribuição, tipo e tamanho dos espaços e construções, iluminação, ventilação, umidade, situação elétrica e hidráulica, limpeza, tipo de

comunicação possível a partir da estrutura e tipo de utensílios existentes para uso dos presos.

- b) As características dos presos com relação ao sexo, idade, cor, escolaridade, crime, tipo de crime, situação jurídica, regime de condenação. As informações sobre a naturalidade e a reincidência criminal (primário ou reincidente) não são registradas pela organização, não sendo possível, assim, a coleta.
- c) As informações gerais sobre os entrevistados, percepção dos entrevistados sobre a prisão, a justiça, o Presídio, os funcionários, o processo de encarceramento, a rotina na prisão e a comunicação.

Foram utilizados o roteiro de observação direta e indireta para orientar e padronizar os aspectos a serem observados. Para entrevista, foi utilizado um roteiro semi-estruturado, que permitiu uma abordagem dialogada e espontânea.

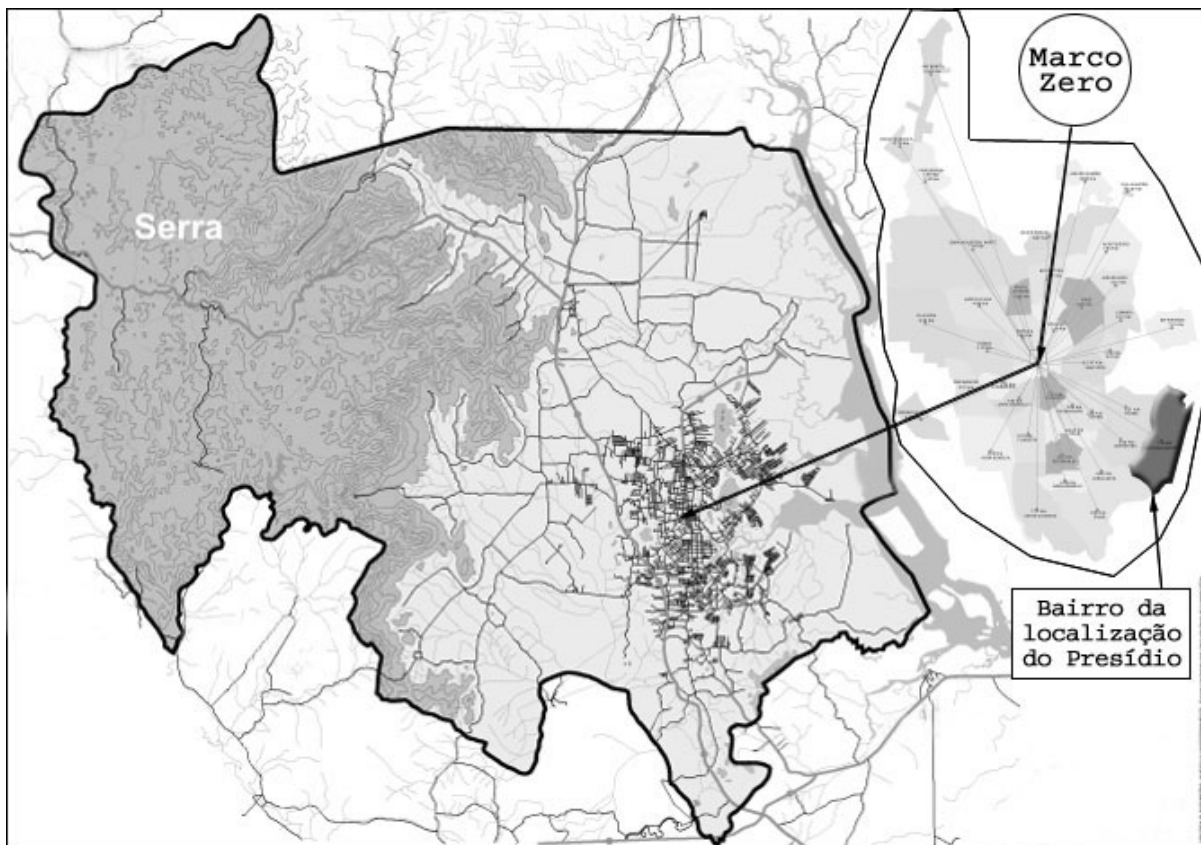
O registro dos dados da observação indireta por meio de entrevista foi realizado manualmente, foram feitas anotações das falas dos presos durante a entrevista, já que a gravação em fita cassete era desfavorável pelas características do ambiente de desconfiança, hostilidade e repressão que poderiam inibir a participação dos presos. A total submissão dos presos à organização, os deixam vulneráveis às represálias por meio de castigos, da criminalização a partir do relato de fatos, entre outras circunstâncias que podem lesar os sujeitos.

CONTINGÊNCIAS CRIADAS PELA LOCALIZAÇÃO E PELO AMBIENTE FÍSICO DO PRESÍDIO

O contexto geográfico onde as prisões se inserem não é decorrente do acaso. A localização das prisões é resultado de decisão tomada pelo Estado e pela sociedade, que usa critérios de diversos tipos, como a disponibilidade do terreno e a segurança da sociedade. A disponibilidade de terrenos públicos é um critério de fácil verificação, porém, critérios como a garantia de segurança para sociedade, merecem um exame mais aprofundado. A suposta segurança da sociedade tem a ver com a distância entre as prisões e as cidades? Em que medida? Afastar as pessoas que cometeram uma infração da sociedade é o suficiente para mantê-la segura? Que tipo de intencionalidade existe na escolha da localização da prisão com relação ao que se espera provocar nas pessoas presas? Para os presos, que tipo de aprendizagens podem decorrer a partir da localização das prisões?

Para conhecer os comportamentos aprendidos por encarcerados é necessário, em certa medida, investigar o ambiente físico onde esses comportamentos ocorrem. A localização do Presídio em relação à área do Município e a região urbanizada podem revelar informações importantes sobre como a sociedade se relaciona com essa organização e, a partir disso, como os presos reagem e as decorrências disso.

Na Figura 3.1 é apresentado o mapa da cidade com seus limites, aparecendo na cor mais escura, à esquerda do mapa principal, a área de Serra e à direita do mapa principal, a área urbanizada. No mapa em destaque está a área urbanizada agrupada por bairros, com a identificação do marco zero da cidade e do bairro onde se localiza o Presídio. Nessa representação gráfica é possível observar a localização física do bairro onde está o Presídio na área urbanizada e no território do município em relação ao marco zero.



Fonte: Mapa oficial do município, 2000

Figura 3.2. Representação gráfica da localização física do bairro onde está o Presídio na área urbanizada e no território do município em relação ao marco zero

O Município possui uma extensão maior de área não urbanizada, sendo que a área urbanizada ocupa a região sul e sudeste da extensão territorial. O bairro onde se localiza o Presídio fica na região sul, estando no limite da área urbana do Município. A distância entre o marco zero da cidade, que fica no bairro central, e o bairro onde se localiza o Presídio, é de 7,5 km.

É possível observar na Figura 3.2 a representação da localização do terreno do Presídio no mapa de ruas do bairro e na área do município.

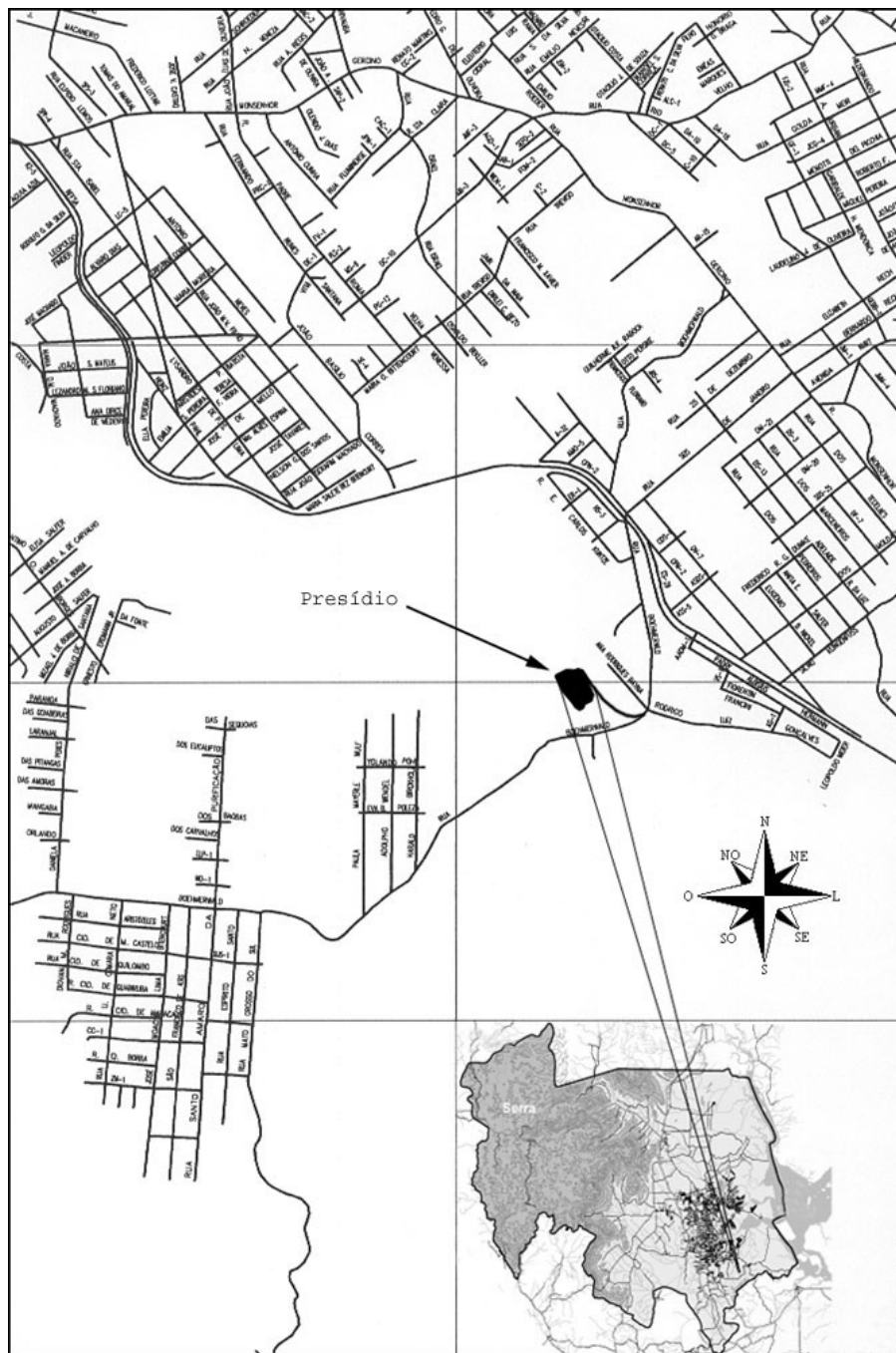


Figura 3.3. Representação gráfica da localização do Presídio na área do município e na região do bairro

A Figura 3.2 mostra que o local onde se encontra o Presídio está no limite do bairro e no limite da área urbanizada da cidade. Observando a região entorno do Presídio e as demais áreas

do bairro, é possível verificar que no entorno da área onde está o Presídio há menor urbanização do que no restante do bairro. Conforme os registros da Prefeitura em 1990, quando o Presídio foi instalado, as construções residenciais mais próximas ficavam a dois km. Em 2004, quatorze anos depois, as construções mais próximas estão a 300 metros.

a) A distância entre o Presídio e a cidade dificulta a responsabilização e envolvimento da sociedade em relação à prisão

Observando o mapa da cidade, é possível constatar que o bairro onde se localiza o Presídio fica distante da área central. Historicamente as prisões têm sido colocadas em lugares distantes da parte urbana dos municípios, inclusive em ilhas. Em que o isolamento das prisões é útil? Isso parece não acontecer ao acaso, é possível supor que a sociedade procura deixar afastada de si e invisível no seu cotidiano aqueles que não corresponderam as suas expectativas e são considerados problemas para o convívio em liberdade. Pode ser uma forma de dar limites territoriais aos problemas. Nesse sentido, preferir construir as prisões em locais distantes da área central da cidade, pode contribuir para a percepção que a sociedade não faz parte do problema da criminalidade, que essa é uma questão individual, portanto basta isolar as pessoas que cometeram os delitos, não havendo necessidade do envolvimento com a organização prisional. Dessa forma, os sistemas jurídico, econômico, político e social não são implicados como parte do problema e da solução da criminalidade e a sociedade não precisa questionar seu próprio funcionamento.

O argumento que as autoridades e a sociedade comumente utilizam para o afastamento das prisões das áreas urbanas se relaciona com a segurança. Acredita-se que se a prisão estiver em área urbanizada, o preso, numa eventual fuga, pode adentrar nas residências próximas, ter mais oportunidades de locais para esconder-se ou, ainda, ter facilidade no contato com outros infratores. Em que medida essas suposições correspondem à realidade? Esses eventuais riscos são mais indesejados para a sociedade do que os efeitos da falta de envolvimento da sociedade em relação à prisão? Considerando que a insegurança é um sentimento causado pelas relações e circunstâncias que ocorrem no cotidiano da sociedade, até que ponto as prisões representam, de fato, um fator de insegurança? Esses questionamentos parecem revelar várias relações na definição da localização das prisões, que envolvem outras variáveis além da disponibilidade de

terrenos públicos e da preocupação com a segurança da sociedade, variáveis essas que tem a ver com a função de exclusão da prisão e do tipo de relação que a sociedade estabelece com a criminalidade.

Outro aspecto a ser examinado, seriam as decorrências do afastamento do Presídio da cidade para os presos. Dentre elas, pode ser destacado o acompanhamento da família do preso durante o seu período de encarceramento. É possível supor que a distância provoca dificuldade de visitação da família dos presos, principalmente com relação ao transporte, pois como não há população no entorno da prisão também não são oferecidas linhas de transporte urbano com regularidade ou, às vezes, não existe nenhuma linha que chegue próximo ao local da prisão. Nesse sentido, é possível perguntar em que medida interessa para sociedade que o preso possa manter os laços familiares?

Os familiares dos presos parecem enfrentar uma realidade de exclusão como os presos, na medida que sofrem discriminação da sociedade, muitas vezes precisam dispor de seus bens para pagar os custos da prisão, passam por revistas vexatórias ou procedimentos abusivos na prisão, entre outros fatores. As dificuldades oferecidas para a locomoção até a prisão, acumulam-se a esses fatores e podem desestimular os familiares a manter contatos regulares com os presos. Goffman (1967) revela que a manutenção das relações familiares é incompatível com a vida na prisão. A exposição excessiva da vida privada do preso no ambiente prisional e a impossibilidade de convívio familiar regular e íntimo, para esse autor, dificultam a manutenção de uma vida doméstica significativa. Essa situação provoca quais decorrências na vida e aprendizagem de comportamentos para os presos? Na saída da prisão, como o egresso do sistema prisional irá lidar com a família e a sociedade se os vínculos parentais estiverem prejudicados? Como o profissional da Psicologia, que atua na prisão, pode trabalhar as contingências que promovem a inserção familiar e social do encarcerado? Parece que essa é uma demanda importante para o trabalho dos psicólogos nas organizações prisionais, porém os psicólogos têm se dedicado pouco a isso, embora a Psicologia possa contribuir nesse sentido de forma significativa.

Com relação ao aumento da população no decorrer dos anos nas proximidades do Presídio, é possível constatar uma similaridade com outras unidades prisionais. No caso da Penitenciária do Estado de São Paulo estudada por Azevedo (1997), também conhecida como Carandiru, a escolha do bairro do Carandiru para a construção em 1911 atendia a dois requisitos técnicos: distava do centro urbano da cidade e estava numa área de baixo valor imobiliário, assim

como resguardava a segurança da população em casos de fugas e rebeliões. Nessa época, o núcleo de Santana, onde se localizava o bairro Carandiru, estava afastado da área urbana, sendo que os bairros do núcleo não tinham ligação entre si, apenas com o centro por caminhos, dificultados pelo leito do Rio Tietê e das extensas áreas de várzea. Porém, na década de sessenta as autoridades já planejavam desativar o Carandiru, pois, além da unidade prisional ter se tornado muito grande para ser administrada, passou a se encontrar em uma das áreas centrais e mais urbanizadas do município.

Essa situação é conhecida no entorno das prisões brasileiras e, entre outros fatores, atribuída à migração de funcionários, de empresas que prestam serviços ao estabelecimento penal e das famílias das pessoas presas para as redondezas das prisões. No caso dos familiares, depois do cumprimento da pena, eles costumam retornar aos seus lugares de origem ou fazem questão de mudar de moradia para não se vincular mais às situações que lembrem a prisão. Nesse sentido, vendem, a preços baixos, as residências construídas no entorno da prisão para outras pessoas, que nem sempre são parentes de outros presos, isso vai estimulando o aumento da população local na região. Outro aspecto, que não tem relação direta com a prisão, mas também contribui com essa situação, se refere ao crescimento populacional da própria cidade que muitas vezes provoca a habitação de regiões mais distantes do centro, aproximando, assim, as moradias das prisões.

Porém, esse crescimento da população no entorno das prisões, não representa aceitação da prisão como uma organização pertencente àquela comunidade local. Vários casos são conhecidos no país de cidades que trocaram suas prisões de localização pela pressão popular. Na medida que aumenta a urbanidade nas proximidades do estabelecimento penal no decorrer dos anos, a população se manifesta solicitando a retirada da prisão daquela localidade por motivo de segurança. No caso desse Presídio, no ano de 2003, a população, mobilizada pelas organizações de moradores do bairro, deu sinais de sua rejeição, manifestando-se contra a ampliação do Presídio, causando um debate na cidade que envolveu os meios de comunicação, políticos, empresários, igrejas e outras organizações sociais. Essa situação de rejeição da população, denota a intenção de afastamento da prisão da visão cotidiana, afastando também a responsabilidade que a sociedade tem com os presos, a prisão e a criminalidade.

É importante que os psicólogos que atuam nas prisões possam identificar e intervir, por meio de sua prática, sobre a rejeição, falta de envolvimento e responsabilidade que a sociedade

manifesta com relação aos presos e a prisão, considerando essas contingências ambientais que influenciam os comportamentos dos funcionários e presos.

CONTINGÊNCIAS CRIADAS PELO AMBIENTE DO PRESÍDIO

Investigar os comportamentos aprendidos por encarcerados pressupõe, de certo modo, investigar as condições e conseqüências que promovem ou interferem nesses comportamentos. Nesse sentido, as informações a respeito da constituição e organização do ambiente interno do Presídio contribuem no conhecimento sobre os aspectos que influenciam sobre o comportamento e a sua freqüência, já que as condições ambientais representam possibilidades e restrições de ocorrência dos comportamentos.

O comportamento dos presos depende das interações que eles tem durante o encarceramento. Sidman (2001), demonstra que o indivíduo é aquilo que faz, para esse autor se há pretensão de mudar as interações de um indivíduo com os outros, é preciso mudar o que ele faz, mudando a conduta mudamos a nós mesmos. Dessa forma, se a prisão pretende modificar a conduta dos encarcerados na sociedade, seria preciso avaliar e interferir sobre o que eles fazem e sobre as condições, procedimentos e ambientes que delimitam as contingências para a ação. Nesse sentido é importante conhecer as possibilidades e restrições ambientais nesse Presídio, as instalações em que os presos se acomodam e como elas influenciam no comportamento cotidiano, examinando a distribuição dos espaços, tipo, tamanho, iluminação, ventilação, umidade, situação elétrica e hidráulica, limpeza, tipo de comunicação possível a partir da estrutura e tipo de utensílios existentes para uso dos presos.

A vida do encarcerado acontece exclusivamente no espaço da prisão, que, em tese, deveria oferecer condições favoráveis para a aprendizagem de comportamentos úteis à vida em sociedade. O tipo, quantidade e organização do ambiente integram parte do processo de relacionamento e, portanto, do comportamento, do encarcerado com o meio, constituindo um complexo processo de aprendizagem de comportamentos como resultado. E, dessa forma, conhecer o ambiente onde vivem os encarcerados possibilita conhecer os resultados, de fato, esperados e obtidos na aprendizagem de comportamentos. Para tanto, a seguir serão examinados dados sobre a caracterização das construções de uma forma geral e, em detalhe, das celas e pátios

no que se refere às condições estruturais, de conservação, de comunicação e de adequação do espaço a sua finalidade.

4.1 Caracterização da distribuição das construções na área do Presídio

A Figura 4.1 apresenta as divisões existente na área do Presídio de acordo com os limites de circulação estabelecidos por condições administrativas de segurança.

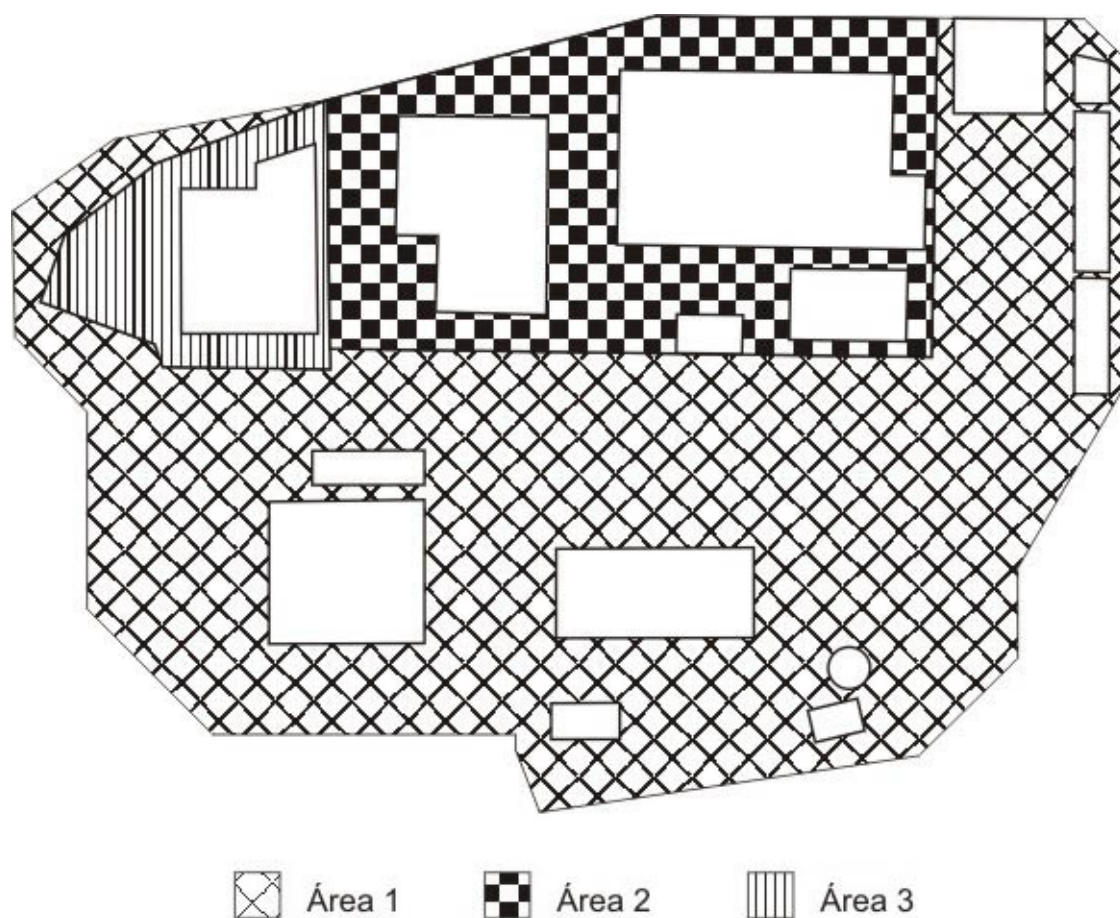


Figura 4.4. Divisões da planta da área do Presídio de acordo com os limites de circulação existente em função das regras administrativas de segurança

É possível observar a existência de três áreas delimitadas no Presídio, sendo que a Área 3 é limitada por uma cerca de arame, a Área 1 e 2 são limitadas por muros de concreto de quatro metros de altura. Com relação ao tamanho das áreas, é observada uma diferença, sendo que a Área 3 é, aproximadamente, duas vezes maior que as áreas 1 e 2 juntas.

Quanto à finalidade, a Área 3 é destinada para a reclusão de presas e presos; a área 2 é destinada à reclusão de presos e à realização de serviços básicos como alimentação; a área 1 é destinada às atividades administrativas e à reclusão de “presos regalias⁴”.

Na Figura 4.2 é mostrada a distribuição e localização dos tipos gerais de ambientes de aprisionamento na área do Presídio, considerando os limites de circulação existente.

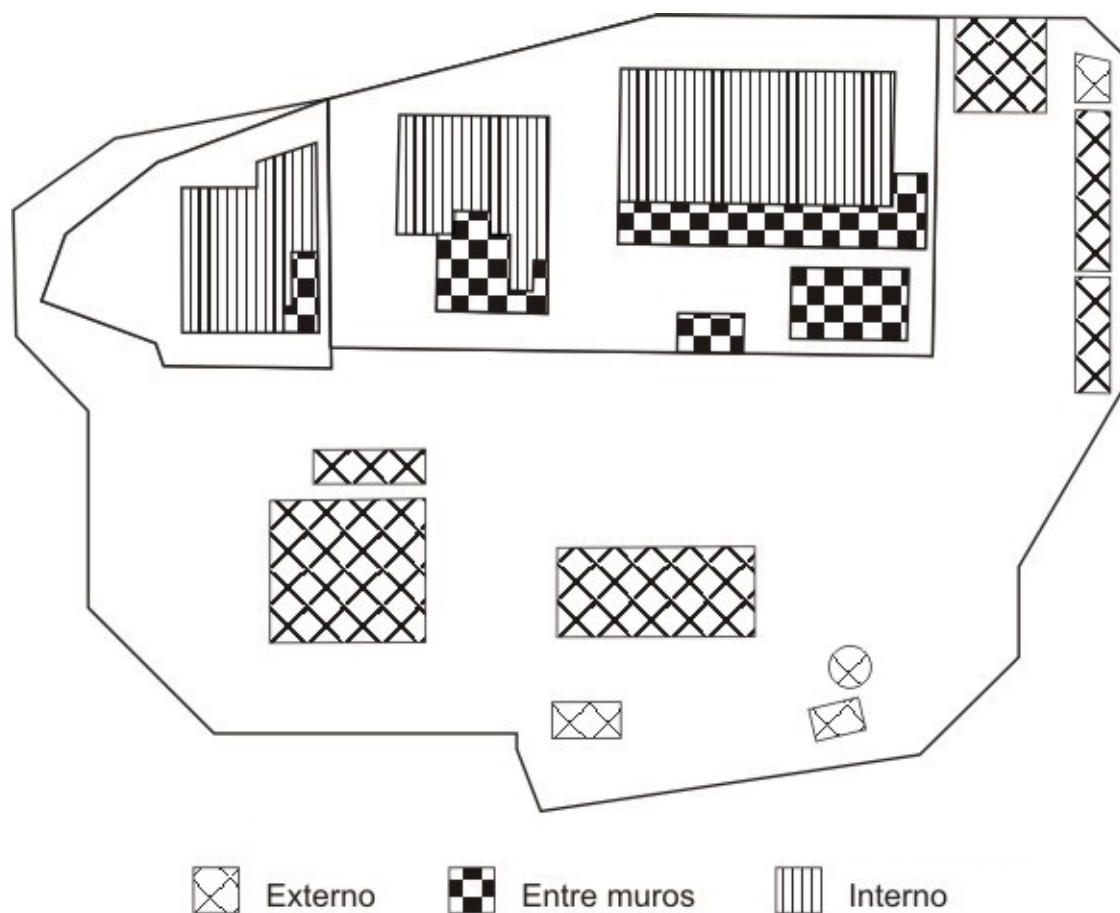


Figura 4.5. Distribuição e localização dos tipos gerais de ambientes de aprisionamento na área do Presídio

⁴ A administração do Presídio denomina “presos regalias” aqueles que desempenham atividades laborais na Área 1 sob condições de baixa vigilância por apresentarem bom comportamento.

Pode ser notada, na Figura 4.2, a existência de três ambientes de aprisionamento no Presídio: Externo, Entre-muros e Interno, que, correspondem, respectivamente, a um ambiente de baixa vigilância, média vigilância e alta vigilância. No ambiente externo são realizadas as atividades administrativas, os presos trabalham em atividades de manutenção das instalações, em uma oficina e na confecção da alimentação para funcionários. No ambiente entre muros os presos trabalham nas oficinas de empresas que terceirizam atividades produtivas no Presídio, na cozinha e na limpeza. No ambiente interno se encontra o maior número de celas, alguns presos fazem artesanato, e, a maioria deles, fica ociosa. Todos os prédios são térreos.

O sistema de vigilância no ambiente de aprisionamento Interno e Entre-muros consiste na monitoração por câmeras de vídeo e na vigilância de policiais militares armados, enquanto que no ambiente de aprisionamento Externo não há sistema de vigilância.

A Tabela 4.1 apresenta a distribuição das áreas, quantidade de encarcerados e a proporção de encarcerados por área pelos tipos de ambientes de aprisionamento.

TABELA 4.1
DISTRIBUIÇÃO DAS ÁREAS, QUANTIDADE DE ENCARCERADOS E PROPORÇÃO DE ENCARCERADOS POR ÁREA PELOS TIPOS DE AMBIENTES

Tipos de ambientes de aprisionamento	Área (m²)	Encarcerados alojados	m²/ encarcerado
Externo	8.326,0	15	555,06
Entre-muros	614,5 *	58	10,59
Interno	977,0	439	2,22
Total	9.917,5**	512 (+2***)	19,37

* Não estão inclusas as áreas no Entre-muros que os presos não tem acesso.

** Incluindo as áreas no Entre-muros que os presos não tem acesso, a área total do Presídio até os limites da cerca é de 12.901 m².

*** Duas pessoas estavam internadas no Hospital Geral quando foi realizada a observação.

A área total do Presídio é de 12.901 m², sendo que os presos têm acesso a 9.917,5 m². O ambiente Externo abriga 15 presos; o ambiente Entre-muros, 58 presos e o ambiente Interno, 439 presos. Os presos no ambiente Externo (de baixa vigilância) possuem, proporcionalmente a área, 555,06 m² por pessoa; os presos do ambiente Entre-muros (média vigilância), 10,59 m² por pessoa, os presos do ambiente Interno (alta vigilância), 2,22 m² por pessoa. Os presos do ambiente Interno possuem, aproximadamente, cinco vezes menos área que os presos do ambiente Entre-muros e 277 vezes menos área que os presos do ambiente Externo. É possível perceber

uma relação inversa entre as condições de vigilância e a área disponível, na medida que aumentam as condições de vigilância, diminuem a área disponível para o encarcerado.

A Tabela 4.2 apresenta a distribuição da ocorrência dos encarcerados por sexo nos tipos de ambiente prisionais pelos tipos de situação de encarceramento no que tange a situação jurídica, regime dos condenados, incidência criminal e classificação do comportamento na prisão.

TABELA 4.2
DISTRIBUIÇÃO DA OCORRÊNCIA DOS ENCARCERADOS POR SEXO NOS TIPOS DE AMBIENTES PRISIONAIS PELOS TIPOS DE SITUAÇÃO DE ENCARCERAMENTO

Regimes de aprisionamento		Externo		Entre-muros		Interno	
		Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc
Situação jurídica	Provisório					x	x
	Condenado	x	x	x	x	x	x
Regime dos condenados	Fechado	x	x	x	x	x	x
	Semi-aberto	x	x	x	x	x	x
	Aberto						
Incidência criminal	Preferencial primário						
	Preferencial reincidente						
	Sem preferência	x	x	x	x	x	x
Classificação do comportamento	“Regalia”	x	x	x	x		
	“Segurado”						x
	“Segurança máxima”						x
	“Massa”					x	x

É possível observar que os presos provisórios encontram-se no ambiente Interno e os presos condenados, sejam do regime fechado ou semi-aberto, encontram-se no ambiente Externo, Entre-muros e Interno. Com relação à incidência criminal, é possível perceber que não há preferência na alocação dos presos conforme esse aspecto. Existem presos considerados “regalias” no ambiente Externo e Entre-muros, “segurados” (presos que cometeram crimes contra os bons costumes ou desrespeitaram a “massa”) no ambiente Interno, “segurança máxima” (presos considerados de alta periculosidade pelo tipo de crime cometido ou pelo grau de

liderança que exercem) no ambiente Interno e “massa” (presos comuns) no ambiente Interno. Os presos “segurados” e de “segurança máxima” são do sexo masculino.

A Figura 4.3 mostra a distribuição dos tipos de construções e ambientes por função na área do Presídio, identificando os itens: pátio, alojamento de presos, salas, serviços internos, carceragem, alojamento de funcionários, isolamento, igreja, administração, caixa d’água, garagem e quartos de visita íntima.



Figura 4.6. Distribuição dos tipos de construções e ambientes por função na área do Presídio

É possível perceber que no ambiente de aprisionamento Interno ocorrem construções com função de pátio, alojamento de presos e sala de saúde, educação e trabalho. No ambiente de aprisionamento Entre-muros ocorrem construções com função de quartos de visita íntima,

alojamentos de presos, salas de saúde, educação e trabalho, carceragem, alojamento de funcionários, salas de serviços internos e isolamentos. E, no ambiente de aprisionamento Externo ocorrem construções com função de quarto de visita íntima, alojamentos de presos, salas de saúde, educação e trabalho, alojamento de funcionários, salas de serviços internos, administração, garagem, igreja, pátio e caixa d'água.

No ambiente Interno ocorrem três tipos de construções, no ambiente Entre-muros ocorrem sete tipos de construções e no ambiente Externo ocorre dez tipos de construções. No ambiente Interno há menor diversidade de áreas que no Entre-muros, e esse, apresenta menor diversidade de áreas que no Externo.

a) A distribuição da área, ambientes e construções existente e a alocação dos presos no Presídio revela condições desfavoráveis para o tratamento penal

De acordo com a Figura 4.2 e 4.3 e a Tabela 4.1, no ambiente Interno estão 439 presos, cada preso tem em média 2,2 m² disponível, fica sob alta vigilância e tem acesso a três tipos de construções; no ambiente Entre-muros estão 58 presos, cada preso tem em média 10,59 m² disponível, fica sob média vigilância e tem acesso a sete tipos de construções e no ambiente Externo estão 15 presos, cada preso tem em média 555,06 m² disponível, fica sob baixa vigilância e tem acesso a dez tipos de construções. Como a maioria dos presos (75%) é alocada no menor espaço que é o Interno (aproximadamente 7,5% da área), sob condições de alta vigilância e com acesso a menor quantidade de tipos de construção, dado que o menor acesso significa menor oportunidade de atividades e atendimento, é possível deduzir que há uma preocupação acentuada da organização nos aspectos de controle e vigilância, em detrimento das possibilidades de ocupação e assistência do encarcerado.

Na Tabela 4.2 é possível observar que os presos provisórios, condenados (em regime semi-aberto e fechado), reincidentes e primários são alocados por ambiente sem preferência, portanto a organização parece não adotar como procedimento a separação dos presos conforme critérios da situação jurídica e incidência criminal. Para Marcondes (2001), em uma pesquisa sobre execução penal, o tratamento particularizado do preso, considerando as diferenças de personalidade, histórico de vida e do crime, é um requisito para a individualização da pena,

considerada, por esse autor, a principal estratégia para alcançar a ressocialização. Visto que a ressocialização é a finalidade da prisão expressa nas leis, que tem como principal estratégia a individualização da pena, conforme Marcondes (2001) e que as “Regras Mínimas para o Tratamento do Preso no Brasil” determinam a separação e a seleção das pessoas em função das suas características pessoais, como sexo, idade, situação judicial e legal, quantidade de pena, regime de execução, entre outros aspectos, portanto a desconsideração dos critérios da situação jurídica, regime de condenação e incidência criminal na alocação do preso no Presídio revelam condições desfavoráveis no tratamento penal.

Se a principal preocupação da organização está no controle e vigilância dos presos e não são aplicados critérios que visem a individualização da execução da pena, parece haver uma diferença entre o que a organização deveria fazer e o que de fato faz, se forem considerados os objetivos da pena. Goffman (1992), em um estudo sobre as instituições totais, revela que em algumas organizações formais, o objetivo oficial pode ter pouca importância, e o problema principal pode ser a conservação ou sobrevivência da própria organização. Considerando essa revelação como uma possibilidade no Presídio, como os encarcerados compreendem e convivem com a diferença entre o objetivo oficial e o que de fato é importante? É possível supor que essa diferença provoca diversos conflitos entre presos e funcionários, podendo motivar sentimentos de descrença e contradição com relação à própria justiça e à função da prisão.

4.2 Caracterização da distribuição das celas e pátios dos quadrantes observados do ambiente interno do Presídio

As Figuras 4.4 a 4.7 apresentam a distribuição das celas e pátios dos quadrantes observados no ambiente Interno, considerando as suas posições na área total do Presídio. A Figura 4.4 apresenta a distribuição das celas e pátio do Quadrante 1 do ambiente Interno.

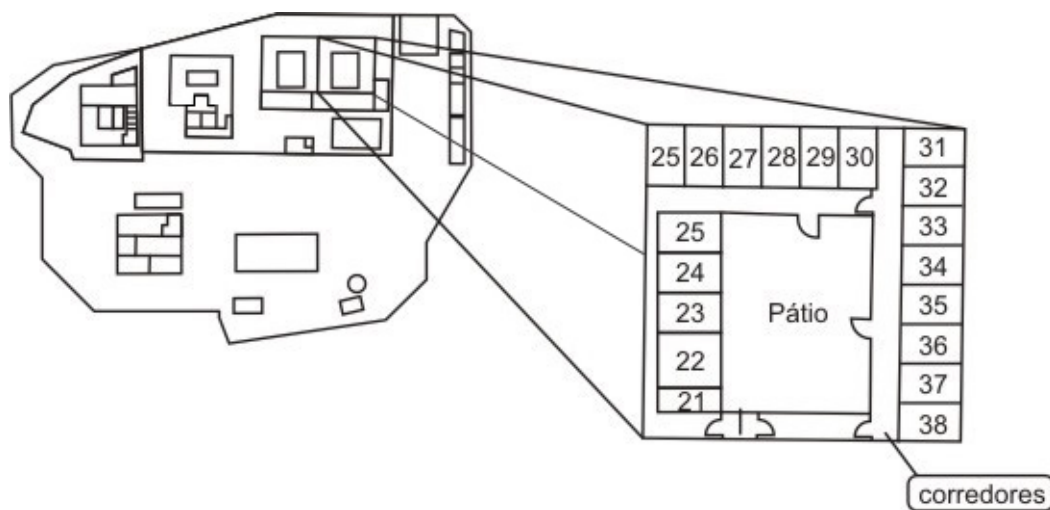


Figura 4.7. Distribuição das celas e pátio do Quadrante 1 em relação a sua posição na planta do Presídio

É possível observar que o Quadrante 1 localiza-se no lado direito do ambiente Interno, próximo ao muro. Essa construção faz parte do projeto original do Presídio, tendo sido realizada em 1990. O Quadrante 1 é uma área destinada a presos masculinos, provisórios e condenados (esses são tanto do regime fechado quanto do semi-aberto), preferencialmente primários e são considerados presos comuns (“massa”). Nesse quadrante ocorrem celas e pátio e o tipo de entrada e saída das celas é gradeado.

Na Figura 4.5 é mostrada a distribuição das celas do Quadrante 3 em relação a sua posição na planta do Presídio.

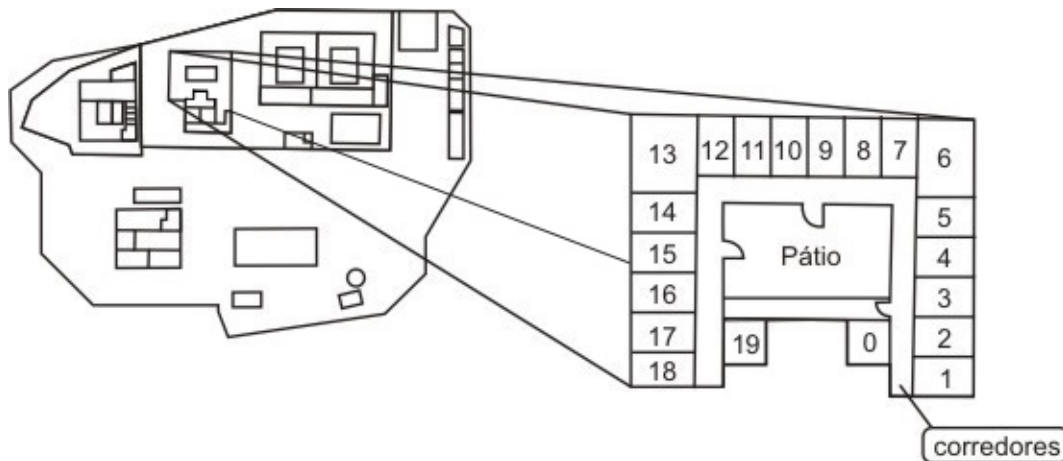


Figura 4.8. Distribuição das celas e pátio do Quadrante 3 em relação a sua posição na planta do Presídio

É possível perceber que o Quadrante 3 se localiza ao centro do ambiente Interno, tendo sido uma ampliação do projeto original do Presídio, sua construção aconteceu em 1997. O Quadrante 3 é uma área destinada a presos masculinos, provisórios e condenados (esses são tanto do regime fechado quanto do semi-aberto), preferencialmente reincidentes ou considerados de “alta periculosidade” e são considerados presos “de segurança máxima”. Esse quadrante foi destinado para abrigar presos considerados “de segurança máxima” por possuir concreto armado em todas as paredes e pisos e por possuir um menor número de vagas. Nesse quadrante ocorrem celas e pátio e o tipo de entrada e saída das celas é gradeado.

A Figura 4.6 apresenta a distribuição das celas e pátio do Quadrante 5, em relação a sua posição na planta do Presídio.

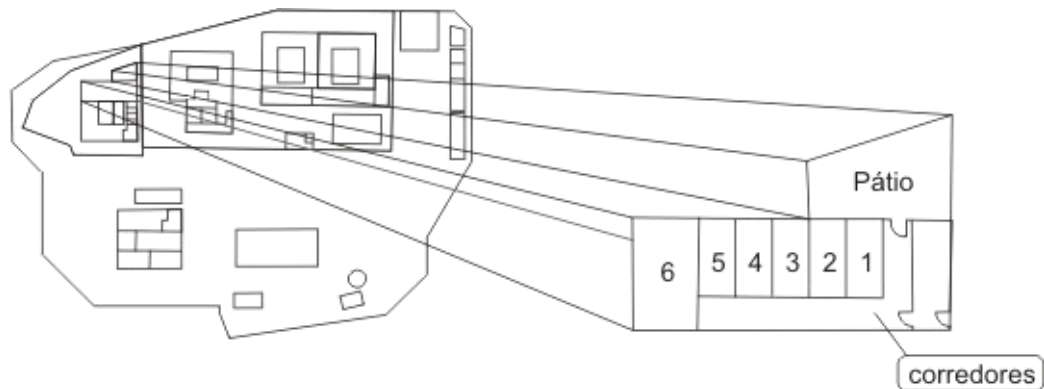


Figura 4.9. Distribuição das celas e pátio do Quadrante 5 em relação a sua posição na planta do Presídio

A Figura 4.6 mostra que o Quadrante 5 fica no lado esquerdo do ambiente Interno, a sua construção foi uma ampliação do projeto original do Presídio, tendo ocorrido em 2002. O Quadrante 5 é uma área destinada a presos masculinos, provisórios e condenados (esses são tanto do regime fechado quanto do semi-aberto), que possuem problemas de convivência decorrentes de desentendimento ou quebra da relação de confiança com outros presos, ou por apresentar algum comportamento inadequado ao convívio conforme as normas dos presos ou, ainda, por ter cometido ou estar sendo acusado do crime de estupro ou atentado violento ao pudor. Esses são considerados presos “segurados”. Nesse quadrante ocorrem celas e pátio e o tipo de entrada e saída das celas é gradeado.

É observada, na Figura 4.7, a distribuição das celas de isolamento em relação a sua posição na planta do Presídio, que integram os Quadrantes 3 e 4.

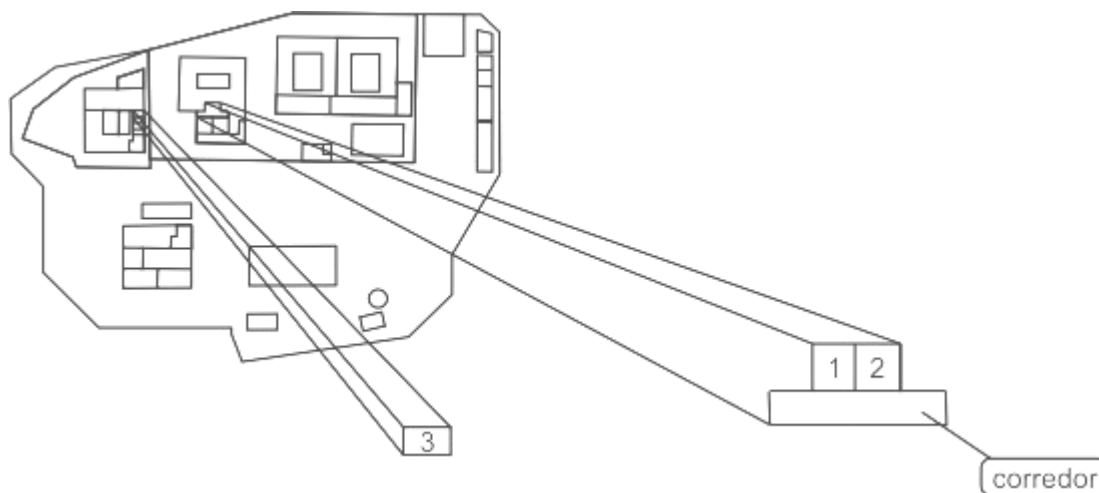


Figura 4.7. Distribuição das celas de isolamento em relação a sua posição na planta do Presídio

Na Figura 4.7, é possível notar que as celas do Isolamento se localizam no Quadrante 3 e no Quadrante 4 (“cadeia feminina”). As celas do Isolamento (conhecidas internamente por “castigo”) são destinadas a presos que, na avaliação dos responsáveis pelo Presídio, cometeram “faltas” de comportamento. A permanência do preso nessas celas é transitória, o tempo é designado pelo responsável pela carceragem conforme o que esse julga adequado para cada situação. Durante o tempo que o preso permanece na cela do Isolamento, ele não recebe visitas, não toma banho de sol, não realiza suas atividades cotidianas relacionadas a trabalho e estudo e não pode receber alimentação além daquela fornecida pelo Presídio. O tipo de entrada e saída é chapeado nas três celas de isolamento e há ausência de pátio.

b) O Presídio foi sendo construído na medida que houve demanda e prevendo a apenas a função de detenção

O Presídio foi construído em três etapas, o Quadrante 1 e 2 faziam parte das edificações do projeto original, estão interligados por um corredor. O Quadrante 3 foi construído na segunda etapa, apresentando uma construção mais resistente e comportando um menor número de

pessoas, o que significa uma preocupação com a criação de um espaço mais “seguro” e com melhores condições de controle. O Quadrante 4 e 5 fazem parte da terceira etapa, destinado a ala feminina e a ala para “segurados”, o que demonstra uma necessidade de abrigo específico para a população feminina e para os presos que estavam em situação de risco dentro da unidade prisional. Antes da construção do Quadrante 4 e 5, as mulheres alojavam-se no local da atual cozinha do Entre-muros, ficando em contato com os presos da ala masculina e os presos “segurados” alojavam-se nas primeiras celas do Quadrante 3, onde atualmente se localiza a triagem, não tendo acesso ao pátio e em proximidade dos presos de “segurança máxima”, o que ocasionava situações de ameaça e conflito com frequência, conforme os registros e relatos dos funcionários. Dado que as construções dos quadrantes destinados ao aprisionamento foram realizadas em etapas, para atender necessidades específicas e de forma não planejada, isso pode revelar que o projeto da construção foi deficiente no atendimento dos objetivos que a prisão deveria cumprir.

As figuras 4.4., 4.5. e 4.6. demonstram que nos Quadrantes 1, 3 e 5 ocorrem apenas celas e pátios. A Lei de Execução Penal e as “Regras Mínimas para o Tratamento do Preso no Brasil” determinam que seja garantido ao preso o direito ao trabalho, educação, assistência à saúde, judiciária e religiosa. Na medida que os dados mostram a inexistência no Presídio de espaços destinados a tais finalidades é possível deduzir que o planejamento do espaço não previu essas funções. Como o planejamento do ambiente determina parte das contingências da vida na prisão, relação essa já identificada por Mckee (1978) nos estudos sobre administração de contingências, o que permite conhecer o planejamento dos resultados esperados e produzidos na aprendizagem de comportamentos dos encarcerados, a ausência de salas de estudo, de trabalho, de atendimento de saúde, de visita, de quartos para visita íntima ou igreja no Presídio revela que os resultados esperados e obtidos na aprendizagem de comportamentos não prevêm uma relação com esses aspectos.

Em decorrência das barreiras existentes entre a prisão e o mundo externo, das mudanças de hábitos e da falta de privacidade das pessoas encarceradas, entre outros fatores, a prisão, como uma instituição total, promove a “mortificação do eu” do encarcerado, processo que foi caracterizado por Goffman (1992), significando reduções e agressões ao ego. Esse processo pode ser agravado na medida que não existe uma estrutura mínima que permita a realização de atividades anteriormente realizadas na vida em liberdade, como estudar e trabalhar, o que parece

estar acontecendo nesse Presídio, fazendo o exame dos dados sobre a distribuição de celas e pátios do ambiente interno.

4.3 Caracterização das condições estruturais de aprisionamento das celas do ambiente interno do Presídio (iluminação, ventilação, umidade, insolação)

As Tabelas 4.3 a 4.11 apresentam as condições estruturais de aprisionamento das celas no ambiente Interno do Presídio, considerando os aspectos de iluminação, ventilação, umidade e insolação.

A distribuição da quantidade e da percentagem de celas observadas por quadrante com relação ao tipo de iluminação existente pode ser observada na Tabela 4.3.

TABELA 4.3
DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE E DA PERCENTAGEM DE CELAS POR QUADRANTE COM
RELAÇÃO AO TIPO DE ILUMINAÇÃO EXISTENTE NAS CELAS

Tipo de localização Tipo de iluminação	Quadrante 1		Quadrante 3		Quadrante 5		Isolamento	
	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%
Elétrica	7	100	6	100	3	100	–	–
Natural	–	–	–	–	3	100	–	–
Ausência	–	–	–	–	–	–	3	100

É possível observar que nos quadrantes 1 e 3, as celas possuíam iluminação elétrica e que no Quadrante 5, além da iluminação elétrica, as celas possuíam iluminação natural o que decorreu do fato de não haver chapas de aço nos “respiros” das celas, sendo esses apenas gradeados, permitindo a entrada de luz natural. A parede na qual se localiza o respiro das celas do Quadrante 5 tem limite com o pátio. Nas celas do Isolamento há ausência de iluminação, nas celas I3 e I2 o “respiro” está fechado com uma chapa de aço com alguns furos, na cela I1 há ausência de “respiro”. As celas I1 e I2 se localizam ao final de um corredor, não incidindo iluminação natural. Existe bocal para instalação de lâmpada, mas há ausência de lâmpada.

A Tabela 4.4 apresenta a distribuição da quantidade e da percentagem de celas observadas por quadrante com relação à quantidade de iluminação existente.

TABELA 4.4
DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE E DA PERCENTAGEM DE CELAS POR QUADRANTE COM
RELAÇÃO À QUANTIDADE DE ILUMINAÇÃO EXISTENTE NAS CELAS

Tipo de localização Quantidade	Quadrante 1		Quadrante 3		Quadrante 5		Isolamento	
	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%
Aprox 5/5 da área	–	–	–	–	–	–	–	–
Aprox 4/5 da área	–	–	1	16,7	3	100	–	–
Aprox 3/5 da área	7	100	5	83,3	–	–	–	–
Aprox 2/5 da área	–	–	–	–	–	–	–	–
Aprox 1/5 da área	–	–	–	–	–	–	–	–
Ausência	–	–	–	–	–	–	3	100

Nos Quadrantes 1 e 3, quase na totalidade das celas, a quantidade de luz atinge 3/5 da área, sendo que nas celas do Quadrante 5, a quantidade de luz atinge 4/5 da área da cela. Todas as celas possuem 1 lâmpada com até 60W, o bocal fica no centro do teto.

É possível observar na Tabela 4.5 a distribuição da quantidade e da percentagem de celas por quadrante com relação ao tipo de ventilação existente nas celas.

TABELA 4.5
DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE E DA PERCENTAGEM DE CELAS POR QUADRANTE COM
RELAÇÃO AO TIPO DE VENTILAÇÃO EXISTENTE NAS CELAS

Tipo de localização Tipo de ventilação	Quadrante 1		Quadrante 3		Quadrante 5		Isolamento	
	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%
“Respiro” ⁵	7	100	6	100	3	100	2	66,7
Janela	–	–	–	–	–	–	–	–
Teto gradeado	–	–	–	–	–	–	–	–

A Tabela 4.5 mostra que o tipo de ventilação existente nas celas é o “respiro” e que uma das celas do isolamento apresenta ausência de ventilação.

⁵ É denominado “respiro” uma abertura de aproximadamente 20 centímetros de largura por 1 ½ metro de comprimento na parte superior da parede da cela e objetiva a ventilação e iluminação natural do ambiente. O “respiro” é fechado por grades cruzadas e possui uma proteção externa que é uma segunda camada de grades com chapas de aço (essas chapas não fazem parte do projeto original, foram colocadas posteriormente).

A Tabela 4.6 apresenta a distribuição da quantidade e da percentagem de celas por quadrante com relação à quantidade de ventilação existente.

TABELA 4.6
DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE E DA PERCENTAGEM DE CELAS POR QUADRANTE COM
RELAÇÃO À QUANTIDADE DE VENTILAÇÃO EXISTENTE NAS CELAS

Tipo de localização Quantidade	Quadrante 1		Quadrante 3		Quadrante 5		Isolamento	
	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%
Aprox 5/5 da área	–	–	–	–	–	–	–	–
Aprox 4/5 da área	–	–	–	–	–	–	–	–
Aprox 3/5 da área	–	–	–	–	3	100	–	–
Aprox 2/5 da área	–	–	–	–	–	–	–	–
Aprox 1/5 da área	4	57,1	6	100	–	–	–	–
Ausência	3	42,9	–	–	–	–	3	100

A ventilação das celas atinge 3/5 da área de 100% das celas do Quadrante 5, devido aos “respiros” estarem sem a chapa de aço; atinge 1/5 da área em 57,1% das celas do Quadrante 1 e em 100% das celas do Quadrante 3; há ausência de ventilação em 42,9% das celas do Quadrante 1, em decorrência dessas celas ficarem de frente para outras do Quadrante 2, o que impede a circulação do ar entre a porta e o “respiro” e em 100% das celas do Isolamento.

Na Tabela 4.7 é possível verificar a distribuição da quantidade e da percentagem de celas por quadrante com relação ao tipo de umidade existente nas celas.

TABELA 4.7
DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE E DA PERCENTAGEM DE CELAS POR QUADRANTE COM
RELAÇÃO AO TIPO DE UMIDADE EXISTENTE NAS CELAS

Tipo de localização / Tipo de umidade	Quadrante 1		Quadrante 3		Quadrante 5		Isolamento	
	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%
Paredes úmidas	5	71,4	1	16,7	–	–	2	66,7
Paredes mofadas	–	–	–	–	–	–	–	–
Piso úmido	–	–	2	33,3	–	–	2	66,7
Colchões umidecidos	4	57,1	3	50,0	3	100	–	–
Roupas umidecidas	–	–	–	–	–	–	1	33,3
Papéis umidecidos	–	–	–	–	1	33,3	–	–

É possível observar que, no Quadrante 1, ocorre 71,4% das celas com as paredes úmidas e 57,1% das celas apresentam colchões úmidos. No Quadrante 3, são 16,7% das celas com paredes úmidas, 33,3% das celas com piso úmido e 50% das celas com colchões úmidos. No Quadrante 5, 100% das celas com os colchões úmidos e 33,3% das celas com papéis úmidos. No Isolamento, há 66,7% das celas com paredes úmidas 66,7% das celas com piso úmido e 33,3% das celas com roupas úmidas. Todos os quadrantes apresentaram umidade nos colchões, exceto o Isolamento cujas celas não possuem colchões. O Quadrante 5 não apresenta paredes ou pisos úmidos. Na cela de isolamento II as paredes, que são de concreto armado com cimento, umedecem até verter água.

A distribuição da quantidade e da percentagem de celas por quadrante com relação à quantidade de umidade existente nas celas é apresentada na Tabela 4.8.

TABELA 4.8
DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE E DA PERCENTAGEM DE CELAS POR QUADRANTE COM
RELAÇÃO À QUANTIDADE DE UMIDADE EXISTENTE NAS CELAS

Tipo de localização Quantidade	Quadrante 1		Quadrante 3		Quadrante 5		Isolamento	
	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%
Aprox 5/5 da área	–	–	–	–	–	–	2	66,7
Aprox 4/5 da área	–	–	–	–	–	–	–	–
Aprox 3/5 da área	–	–	–	–	–	–	–	–
Aprox 2/5 da área	3	42,8	2	33,3	1	33,3	–	–
Aprox 1/5 da área	2	28,6	1	16,7	2	66,7	1	33,3
Ausência	2	28,6	3	50,0	–	–	–	–

Na Tabela 4.8 é possível verificar que 28,6% das celas do Quadrante 1 e 50% das celas do Quadrante 3 apresentam ausência de umidade, nas celas que apresentam umidade nesses quadrantes, essa representa de 1 a 2/5 da área da cela. No Quadrante 5, onde somente os colchões apresentam umidade, essa representa de 1 a 2/5 da área. Duas celas do Isolamento, que representam 66,7% das celas, apresentam 5/5 da área de umidade.

É possível notar que quatorze celas, das dezenove observadas, apresentam umidade, em diferentes graus.

A Tabela 4.10 mostra a distribuição da quantidade e da percentagem de celas por quadrante com relação ao tipo de causa da umidade existente nas celas.

TABELA 4.10
DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE E DA PERCENTAGEM DE CELAS POR QUADRANTE COM
RELAÇÃO AO TIPO DE CAUSA DA UMIDADE EXISTENTE NAS CELAS

Tipo de localização Tipo de causa da umidade	Quadrante 1		Quadrante 3		Quadrante 5		Isolamento	
	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%
Infiltração na construção	1	20	1	33,3	–	–	2	66,7
Chuva	–	–	–	–	–	–	–	–
Falta de insolação	2	40	2	66,7	1	33,3	3	100
Não identificada	2	40	1	33,3	2	66,7	–	–

Podem ser observadas, na Tabela 4.10, que quatro celas, das quatorze que apresentam umidade, têm como tipo de causa da umidade a infiltração na construção, que oito apresentam a causa de falta de insolação e cinco celas não tiveram a causa total ou parcialmente identificada.

A Tabela 4.11 mostra a distribuição da quantidade e da percentagem de celas por quadrante com relação à quantidade de insolação existente nas celas.

TABELA 4.11
DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE E DA PERCENTAGEM DE CELAS POR QUADRANTE COM
RELAÇÃO À QUANTIDADE DE INSOLAÇÃO EXISTENTE NAS CELAS

Tipo de localização Quantidade	Quadrante 1		Quadrante 3		Quadrante 5		Isolamento	
	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%
Aprox 5/5 da área	–	–	–	–	–	–	–	–
Aprox 4/5 da área	–	–	–	–	–	–	–	–
Aprox 3/5 da área	2	28,6	–	–	–	–	–	–
Aprox 2/5 da área	–	–	–	–	–	–	–	–
Aprox 1/5 da área	–	–	4	66,7	3	100	–	–
Ausência	5	71,4	2	33,3	–	–	3	100

É possível verificar que dez das dezenove celas observadas apresentam ausência de insolação, sete celas apresentam 1/5 da área de insolação e duas celas apresentam 3/5 da área de insolação. No Quadrante 1, 71,4% das celas apresentam ausência de insolação, no Quadrante 3 são 33,3% e no Isolamento são 100% das celas. No Quadrante 5 todas as celas apresentam 1/5 de insolação. No Quadrante 1, a posição de duas celas em relação ao sol favorece maior incidência do sol no interior das celas.

c) As condições estruturais das celas privilegiam os aspectos de manutenção do confinamento e da punição em detrimento dos aspectos de manutenção da vida

Quanto às questões estruturais da construção dos Quadrantes 1, 3 e 5 e referente às celas de isolamento é possível observar que apenas as celas do Quadrante 5 possuíam iluminação natural e no Isolamento foi observada total ausência de iluminação. A quantidade de iluminação

nos Quadrantes é cerca de 3/5 da área, sendo maior no Quadrante 5, onde há iluminação natural. A ventilação é através de “respiro”, em média 1/5 da área das celas é ventilada, sendo que o Quadrante 5 apresenta um índice maior, cerca de 3/5 da área e no Isolamento uma das celas apresentou ausência de ventilação.

Todos os quadrantes apresentaram umidade nos colchões, sendo que o Quadrante 5 apresentou a menor quantidade de umidade. Das dezenove celas observadas, quatorze apresentou umidade, sendo que em quatro celas a causa era por infiltração, em oito, por falta de insolação e em cinco não foi identificada a causa total ou parcial. A situação mais acentuada de infiltração encontra-se em duas celas do Isolamento, cerca de 5/5 da área da cela apresenta umidade. Das dezenove celas observadas, dez não apresentam insolação. Quanto à insolação, a menor quantidade é no Isolamento, seguida do Quadrante 1, Quadrante 3 e Quadrante 5.

Examinando esses dados é possível supor que todos os quadrantes apresentam deficiências no projeto quanto à iluminação, ventilação, umidade e insolação. Mas, há distinções entre os quadrantes. No Quadrante 5, como os “respiros” não foram cobertos por chapa de aço há maior passagem do ar e do sol do que nos demais, o que parece favorecer a iluminação, a ventilação e a eliminação da umidade e diminuir o aquecimento do ambiente, pois quanto mais houver luz natural, menor é a necessidade de acender as lâmpadas. Já os Quadrantes 1 e 3 que tiveram seus “respiros” cobertos por chapas de aço, apresentam condições inferiores nos aspectos de iluminação, ventilação e umidade, se comparados com o Quadrante 5. Dessa forma, é possível deduzir que cobrir os “respiros” com chapa de aço (“chapeamento”) dificulta as condições de vida na prisão. Examinando os motivos que determinaram o chapeamento dos “respiros” é possível descobrir outras relações. O primeiro aspecto a ser considerado é que o chapeamento dos “respiros” se deu posteriormente à construção dos prédios, tendo acontecido em 2002, por uma solicitação da guarda da Polícia Militar que faz a segurança externa. O motivo alegado seria dificultar as fugas em caso do preso tentar serrar a grade e evitar que os presos visualizassem os movimentos dos policiais. Como no Quadrante 5 o “respiro” tem limite com o pátio, não é possível visualizar os policiais e a fuga fica impedida pela grade do teto do pátio, o que, no entender dos policiais, seria o suficiente para conter a observação e a fuga dos presos, sendo desnecessário, assim, chapear os “respiros”. Assumindo que o chapeamento dos “respiros” modifica negativamente as condições de vida na prisão e que os motivos para que os Quadrantes 1 e 3 tivessem os “respiros” chapeados foram para reforçar as condições de confinamento, é

possível concluir que, para a organização, é mais importante as condições de confinamento do que as condições de vida dos presos. Goffman (1992) identificou, em muitas das instituições totais, o uso de argumentos relacionados à responsabilidade que a organização tem sobre a vida do interno no caso de manicômios e de argumentos relacionados à segurança dos funcionários e da sociedade no caso de prisões, como forma de racionalizar medidas tomadas para controlar, humilhar, obrigar e ferir àqueles que são submetidos a essas instituições. Seriam, para esse autor, ações que visam “mortificar o eu” dos presos e internos, sendo oficialmente racionalizadas com outros fundamentos. A partir disso, é possível supor que o chapeamento dos “respiros” se constitui numa ação de “mortificação do eu” dos presos, justificados com argumentos relacionados à segurança.

O Quadrante 5, além dos aspectos mencionados, apresenta outro fator que parece contribuir para melhores condições de vida do que os demais quadrantes: a construção é mais nova que as demais, o que faz que a manutenção predial seja menos necessária.

As celas do Isolamento destacam-se pelas condições precárias: falta de iluminação, umidade em toda a área de duas celas (em uma das celas a umidade verte da parede cujo concreto parece não ter secado), ausência de ventilação em uma das celas e ausência de insolação nas celas. Embora haja bocais para lâmpadas, há ausência de lâmpadas. Existe intencionalidade nisso? Por que essas celas apresentam distinção de condições estruturais da média das demais celas dos outros quadrantes? Uma possibilidade é as condições estruturais das celas de Isolamento serem intencionalmente mais precárias que as demais, por sua finalidade de punir os presos por algum ato supostamente cometido. Se for isso, é possível supor que a punição na prisão, como técnica para provocar comportamentos desejáveis, seja mais extensa do que a restrição dos direitos determinados pela lei, que são o direito de ir e vir e de comunicação. Ela está abrangendo a restrição dos direitos básicos, de condições dignas de vida. Quais os efeitos dessa punição restritiva dos direitos básicos de condições dignas de vida? Skinner (2000), em um estudo sobre o comportamento humano, verificou que a punição severa tem um efeito imediato na redução da tendência para agir de uma certa maneira, porém, a longo prazo, a punição realmente não elimina o comportamento de um repertório e seus efeitos temporários são conseguidos em detrimento da eficiência e felicidade das pessoas.

Uma segunda possibilidade para explicar a distinção entre as condições estruturais das celas de isolamento e a média das demais celas dos outros quadrantes, seria a falta de recursos

financeiros. Essa hipótese parece sem fundamento na medida que há recursos para manter um padrão de condições estruturais em 99% das celas do Presídio, sendo as celas de isolamento as únicas na situação precária descrita acima. Outros dados que refutam essa possibilidade são as descobertas da pesquisa de Oliveira (2003), que estudou o sistema prisional catarinense. Essa autora encontrou celas de isolamento em condições muito semelhantes às aquelas encontradas nesse Presídio. Celas de isolamento em situação de precariedade de higiene, manutenção, iluminação, entre outros aspectos, parecem fazer parte de um método de punição, que pretende não apenas o isolamento do indivíduo dos demais, mas atingir a sua integridade física e psicológica.

4.4 Caracterização das condições de conservação da estrutura de aprisionamento das celas do ambiente Interno do Presídio (limpeza, conservação da pintura, da estrutura, elétrica e hidráulica)

As Tabelas 4.12 a 4.25 apresentam as condições de conservação da estrutura de aprisionamento das celas do ambiente Interno do Presídio, em relação aos aspectos de limpeza, conservação da pintura, da estrutura elétrica e hidráulica.

A Tabela 4.12 mostra a distribuição da quantidade e da percentagem de celas por quadrante com relação à quantidade de limpeza existente nas celas observadas.

TABELA 4.12

**DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE E DA PERCENTAGEM DE CELAS POR QUADRANTE COM
RELAÇÃO À QUANTIDADE DE LIMPEZA EXISTENTE NAS CELAS**

Tipo de localização Quantidade	Quadrante 1		Quadrante 3		Quadrante 5		Isolamento	
	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%
Aprox 5/5 da área	5	71,4	4	66,7	–	–	1	33,3
Aprox 4/5 da área	2	28,6	2	33,3	3	100	–	–
Aprox 3/5 da área	–	–	–	–	–	–	–	–
Aprox 2/5 da área	–	–	–	–	–	–	2	66,7
Aprox 1/5 da área	–	–	–	–	–	–	–	–
Ausência	–	–	–	–	–	–	–	–

Nas celas dos Quadrantes 1, 3 e 5 foi observada que a quantidade de limpeza estava entre 4/5 a 5/5 da área e, em uma das celas do Isolamento, foi encontrada 5/5 da área limpa. Nas duas celas do Isolamento que estão no Quadrante 3, foi observado que 2/5 da área estavam limpos. Nessas celas estavam restos de alimentos, havia ausência de material de higiene e de lixeiras e vazamentos que dificultavam a limpeza do local.

A Tabela 4.13 apresenta a distribuição da quantidade e da percentagem de celas por quadrante com relação à quantidade de pichação existente na pintura das celas observadas.

TABELA 4.13

**DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE E DA PERCENTAGEM DE CELAS POR QUADRANTE COM
RELAÇÃO À QUANTIDADE DE PICHÇÃO EXISTENTE NA PINTURA DAS CELAS**

Tipo de localização Quantidade	Quadrante 1		Quadrante 3		Quadrante 5		Isolamento	
	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%
Aprox 5/5 da área	–	–	–	–	–	–	–	–
Aprox 4/5 da área	–	–	–	–	–	–	1	33,3
Aprox 3/5 da área	–	–	–	–	–	–	1	33,3
Aprox 2/5 da área	–	–	–	–	–	–	–	–
Aprox 1/5 da área	1	14,3	1	16,7	2	66,7	1	33,3
Ausência	6	85,7	5	83,3	1	33,3	–	–

Na Tabela 4.13, é possível perceber que, das dezenove celas observadas, doze não apresentam pichação, cinco apresentam pichação na pintura em 1/5 da área da cela e que as duas celas do Isolamento que estão no Quadrante 3 apresentam pichação na pintura em 3/5 e 4/5 da área.

Na Tabela 4.14 aparece a distribuição da quantidade e da percentagem de celas por quadrante com relação à quantidade de homogeneidade existente na pintura das celas observadas.

TABELA 4.14
DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE E DA PERCENTAGEM DE CELAS POR QUADRANTE COM
RELAÇÃO À QUANTIDADE DE HOMOGENEIDADE EXISTENTE NA PINTURA DAS CELAS

Tipo de localização	Quadrante 1		Quadrante 3		Quadrante 5		Isolamento	
	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%
Quantidade								
Aprox 5/5 da área	–	–	1	16,7	–	–	–	–
Aprox 4/5 da área	2	28,6	–	–	–	–	–	–
Aprox 3/5 da área	3	42,8	4	66,7	3	100	–	–
Aprox 2/5 da área	1	14,3	–	–	–	–	–	–
Aprox 1/5 da área	1	14,3	1	16,7	–	–	–	–
Ausência	–	–	–	–	–	–	3	100

Pode ser observado na Tabela 4.14 que dez, das dezenove celas observadas, apresentam uma homogeneidade da pintura em 3/5 da área das celas. As celas do Isolamento não apresentam homogeneidade na pintura das celas e a cela I1 não apresenta pintura.

A Tabela 4.15 apresenta a distribuição das quantidades e da percentagem de celas por quadrante com relação à quantidade de descascamento da pintura existente nas paredes das celas.

TABELA 4.15

**DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE E DA PERCENTAGEM DE CELAS POR QUADRANTE COM
 RELAÇÃO À QUANTIDADE DE DESCASCAMENTO DA PINTURA EXISTENTE NAS PAREDES DAS
 CELAS**

Tipo de localização Quantidade	Quadrante 1		Quadrante 3		Quadrante 5		Isolamento	
	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%
Aprox 5/5 da área	–	–	–	–	–	–	2	66,7
Aprox 4/5 da área	–	–	–	–	–	–	–	–
Aprox 3/5 da área	1	14,3	2	33,3	–	–	–	–
Aprox 2/5 da área	3	42,8	3	50	3	100	–	–
Aprox 1/5 da área	2	28,5	–	–	–	–	–	–
Ausência	1	14,3	1	16,7	–	–	–	–

É possível verificar, no Quadrante 1, diferentes estados de descascamento existente nas paredes das celas, ocorrendo variações entre 3/5 da área a ausência de descascamento. No Quadrante 3, o índice de descascamento fica entre 3/5 e 2/5 da área na maioria das celas. No Quadrante 5, 100% das celas possui um descascamento de 2/5 da área. Nos Quadrantes 1, 3 e 5, a maioria das celas possui um índice de descascamento de 2/5 da área da cela. No Isolamento, duas celas apresentam descascamento integral das paredes e a cela II apresenta ausência de pintura.

A Tabela 4.16 mostra a distribuição da quantidade e da percentagem de celas por quadrante com relação à quantidade de simetria da construção existente na estrutura das celas, conforme a observação visual realizada.

TABELA 4.16

DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE E DA PERCENTAGEM DE CELAS POR QUADRANTE COM RELAÇÃO À QUANTIDADE DE SIMETRIA DA CONSTRUÇÃO EXISTENTE NA ESTRUTURA DAS CELAS

Tipo de localização Quantidade	Quadrante 1		Quadrante 3		Quadrante 5		Isolamento	
	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%
Aprox 5/5 da área	7	100	6	100	3	100	3	100
Aprox 4/5 da área	–	–	–	–	–	–	–	–
Aprox 3/5 da área	–	–	–	–	–	–	–	–
Aprox 2/5 da área	–	–	–	–	–	–	–	–
Aprox 1/5 da área	–	–	–	–	–	–	–	–
Ausência	–	–	–	–	–	–	–	–

Todas as celas, de acordo com o que mostra a Tabela 16, apresentam em 5/5 da área das celas uma estrutura simétrica.

Na Tabela 4.17 é mostrada a distribuição da quantidade e da percentagem de celas por quadrante com relação à quantidade de irregularidade nos tijolos existente na estrutura das celas, como trincamentos, rachaduras e quebras.

TABELA 4.17

DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE E DA PERCENTAGEM DE CELAS POR QUADRANTE COM RELAÇÃO À QUANTIDADE DE IRREGULARIDADE NOS TIJOLOS (TRINCAMENTO, RACHADURA, QUEBRA) EXISTENTE NA ESTRUTURA DAS CELAS

Tipo de localização Quantidade	Quadrante 1		Quadrante 3		Quadrante 5		Isolamento	
	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%
Aprox 5/5 da área	–	–	–	–	–	–	–	–
Aprox 4/5 da área	–	–	–	–	–	–	–	–
Aprox 3/5 da área	–	–	–	–	–	–	–	–
Aprox 2/5 da área	–	–	–	–	–	–	–	–
Aprox 1/5 da área	1	14,3	–	–	–	–	–	–
Ausência	6	85,7	6	100	3	100	3	100

Foi observada uma cela com 1/5 de irregularidade nos tijolos no Quadrante 1, a construção mais antiga do Presídio. Essa cela estava com alguns tijolos parcialmente quebrados. As demais celas não apresentaram irregularidades nos tijolos.

A Tabela 4.18 apresenta a distribuição da quantidade e da percentagem de celas por quadrante com relação à quantidade de irregularidade da massa corrida existente na estrutura das celas. Para isso, foi observada a aparência da massa corrida em cada cela.

TABELA 4.18
DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE E DA PERCENTAGEM DE CELAS POR QUADRANTE COM
RELAÇÃO À QUANTIDADE DE IRREGULARIDADE DA MASSA CORRIDA EXISTENTE NA
ESTRUTURA DAS CELAS

Tipo de localização Quantidade	Quadrante 1		Quadrante 3		Quadrante 5		Isolamento	
	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas*	%
Aprox 5/5 da área	–	–	–	–	–	–	–	–
Aprox 4/5 da área	–	–	1	16,7	–	–	–	–
Aprox 3/5 da área	–	–	–	–	1	33,3	–	–
Aprox 2/5 da área	–	–	–	–	1	33,3	–	–
Aprox 1/5 da área	4	57,1	–	–	–	–	2	66,7
Ausência	3	42,9	5	83,3	1	33,3	–	–

É possível verificar, na Tabela 18, que, no Quadrante 1, 57,1% das celas apresentam 1/5 da área com irregularidades na massa corrida e 42,39% não apresentam irregularidades. No Quadrante 3, 16,7% das celas apresentam 4/5 da área com irregularidades na massa corrida e 83,3% não apresentam irregularidades. No Quadrante 5, 33,3% apresentam 3/5 da área de irregularidade, 33,3% apresentam 2/5 da área de irregularidade e 33,3% não apresentam irregularidade. No Isolamento, 66,7% das celas apresentam 1/5 da área com irregularidades na massa corrida e a cela II apresentou ausência de massa corrida.

A Tabela 4.19 mostra a distribuição da quantidade e da percentagem de celas por quadrante com relação à quantidade de acondicionamento seguro da fiação elétrica existente.

TABELA 4.19
DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE E DA PERCENTAGEM DE CELAS POR QUADRANTE COM
RELAÇÃO À QUANTIDADE DE ACONDICIONAMENTO SEGURO DA FIAÇÃO ELÉTRICA
EXISTENTE NAS CELAS

Tipo de localização Quantidade	Quadrante 1		Quadrante 3		Quadrante 5		Isolamento	
	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%
Aprox 5/5 da área	4	57,1	1	16,7	1	33,3	–	–
Aprox 4/5 da área	1	14,3	1	16,7	1	33,3	–	–
Aprox 3/5 da área	2	28,6	2	33,3	1	33,3	1	33,3
Aprox 2/5 da área	–	–	1	16,7	–	–	2	66,7
Aprox 1/5 da área	–	–	1	16,7	–	–	–	–
Ausência	–	–	–	–	–	–	–	–

Na Tabela 4.19, é observada uma variação das condições de condicionamento existente da fiação elétrica em todos os quadrantes. O Quadrante 1 apresenta 57,1% das celas com uma condição segura em 5/5 da área, as demais celas apresentam entre 4 e 3/5 da área. O Quadrante 3 apresenta uma variação de condicionamento seguro entre 5/5 a 1/5 da área. O Quadrante 5 apresenta uma variação entre 5/5 a 3/5 da área. As celas do Isolamento estão entre 3/5 e 2/5 da área com condicionamento seguro.

A Tabela 4.20 apresenta a distribuição da quantidade e da percentagem de celas por quadrante com relação à quantidade de lâmpadas existente, em condições de uso.

TABELA 4.20

DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE E DA PERCENTAGEM DE CELAS POR QUADRANTE COM RELAÇÃO À QUANTIDADE DE LAMPADAS EXISTENTE NAS CELAS EM CONDIÇÕES DE USO

Tipo de localização Quantidade	Quadrante 1		Quadrante 3		Quadrante 5		Isolamento	
	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%
Aprox 5/5 da área	7	100	3	50,0	3	100	1	33,3
Aprox 4/5 da área	–	–	–	–	–	–	–	–
Aprox 3/5 da área	–	–	1	16,7	–	–	–	–
Aprox 2/5 da área	–	–	2	33,3	–	–	–	–
Aprox 1/5 da área	–	–	–	–	–	–	–	–
Ausência	–	–	–	–	–	–	2	66,7

É possível perceber que das dezenove celas observadas, quatorze possuem 100% das lâmpadas em condição de uso. As celas com deficiência de lâmpadas estão no Quadrante 3 e no Isolamento.

A Tabela 4.21 mostra a distribuição da quantidade e da percentagem de celas por quadrante com relação à quantidade de queda de energia elétrica que ocorre conforme a declaração dos presos de cada cela observada.

TABELA 4.21

DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE E DA PERCENTAGEM DE CELAS POR QUADRANTE COM RELAÇÃO À QUANTIDADE DE QUEDA DE ENERGIA ELÉTRICA QUE OCORREM NAS CELAS

Tipo de localização Quantidade	Quadrante 1		Quadrante 3		Quadrante 5		Isolamento	
	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%
Aprox 1x/mês	–	–	2	33,3	–	–	–	–
Aprox 4x/mês	5	71,4	4	66,7	3	100	3	100
Aprox 3x/sem	2	28,6	–	–	–	–	–	–
Aprox 1x/dia	–	–	–	–	–	–	–	–
Mais 1x/dia	–	–	–	–	–	–	–	–
Ausência	–	–	–	–	–	–	–	–

A maioria das celas, quinze das dezenove celas observadas, apresenta falta de água aproximadamente quatro vezes por mês ou uma vez por semana. O Quadrante 1 apresentou a

falta de água em duas celas de aproximadamente três vezes por semana. O Quadrante 3 apresentou a falta de água em duas celas de aproximadamente uma vez por mês.

Na Tabela 4.22 é apresentada a distribuição da quantidade e da percentagem de celas por quadrante com relação à quantidade de presença de divisão ou distribuição irregular de energia elétrica existente nas celas, como “gato” ou extensão.

TABELA 4.22
DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE E DA PERCENTAGEM DE CELAS POR QUADRANTE COM
RELAÇÃO À QUANTIDADE DE PRESENÇA DE DIVISÃO / DISTRIBUIÇÃO IRREGULAR DE
ENERGIA ELÉTRICA (“GATO”, EXTENSÃO, “T”) EXISTENTE NAS CELAS

Tipo de localização \ Quantidade	Quadrante 1		Quadrante 3		Quadrante 5		Isolamento	
	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%
100% das tomadas	–	–	2	33,3	–	–	–	–
Aprox 75% das tomadas	–	–	–	–	–	–	–	–
Aprox 50% das tomadas	5	71,4	–	–	–	–	–	–
Aprox 25% das tomadas	–	–	–	–	–	–	–	–
Ausência	2	28,6	4	66,7	3	100	3	100

É possível observar em 71,4% das celas do Quadrante 1 e em 33,3% das celas do Quadrante 3 a irregularidade na distribuição da energia elétrica. No Quadrante 5 e no Isolamento não foram observadas irregularidades.

A Tabela 4.23 apresenta a distribuição da quantidade e da percentagem de celas por quadrante com relação à quantidade de vazamento hidráulico existente nas celas observadas.

TABELA 4.23

**DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE E DA PERCENTAGEM DE CELAS POR QUADRANTE COM
RELAÇÃO À QUANTIDADE DE VAZAMENTO HIDRAULICO EXISTENTE NAS CELAS**

Tipo de localização Quantidade	Quadrante 1		Quadrante 3		Quadrante 5		Isolamento	
	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%
Aprox 5/5 da área	–	–	–	–	–	–	1	33,3
Aprox 4/5 da área	–	–	1	16,7	–	–	–	–
Aprox 3/5 da área	–	–	–	–	–	–	–	–
Aprox 2/5 da área	1	14,3	–	–	–	–	–	–
Aprox 1/5 da área	4	57,1	2	33,3	1	33,3	–	–
Ausência	2	28,6	3	50,0	2	66,7	2	66,7

É possível observar que o Quadrante 1 apresentou o maior número de celas com vazamentos somando 71,4%, que o Quadrante 3 apresentou 50% das celas com vazamento, o Quadrante 5 e o Isolamento apresentaram 33,3% das celas com vazamento, sendo que os vazamentos do Quadrante 3 e do Isolamento atingem de 4 a 5/5 da área, enquanto que as demais celas com vazamento estão entre 2 e 1/5 da área atingida. Das dezenove celas observadas, dez apresentaram vazamento em algum grau.

A Tabela 4.24 mostra a distribuição da quantidade e da percentagem de celas por quadrante com relação à quantidade de falta de água existente, conforme a declaração dos presos de cada cela.

TABELA 4.24

**DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE E DA PERCENTAGEM DE CELAS POR QUADRANTE COM
RELAÇÃO À QUANTIDADE DE FALTA DE ÁGUA EXISTENTE NAS CELAS**

Tipo de localização Quantidade	Quadrante 1		Quadrante 3		Quadrante 5		Isolamento	
	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%
Aprox 1x/mês	–	–	1	16,7	–	–	–	–
Aprox 4x/mês	1	14,3	2	33,3	1	33,3	3	100
Aprox 3x/sem	5	71,4	1	16,7	–	–	–	–
Aprox 1x/dia	1	14,3	1	16,7	–	–	–	–
Mais 1x/dia	–	–	–	–	–	–	–	–
Ausência	–	–	1	16,7	2	66,7	–	–

A maioria das celas observadas apresenta a ocorrência de falta de água, atingindo todos os quadrantes. O quadrante mais atingido é o 1 e o menos atingido é o 5.

Na Tabela 4.25 é mostrada a distribuição da quantidade e da percentagem de celas por quadrante com relação à quantidade de acondicionamento seguro do encanamento hidráulico existente.

TABELA 4.25
DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE E DA PERCENTAGEM DE CELAS POR QUADRANTE COM
RELAÇÃO À QUANTIDADE DE ACONDICIONAMENTO SEGURO DO ENCANAMENTO
HIDRAULICO EXISTENTE NAS CELAS

Tipo de localização Quantidade	Quadrante 1		Quadrante 3		Quadrante 5		Isolamento	
	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%
Aprox 5/5 da área	5	71,4	2	33,3	3	100	1	33,3
Aprox 4/5 da área	1	14,3	1	16,7	–	–	–	–
Aprox 3/5 da área	–	–	2	33,3	–	–	1	33,3
Aprox 2/5 da área	1	14,3	1	16,7	–	–	1	33,3
Aprox 1/5 da área	–	–	–	–	–	–	–	–
Ausência	–	–	–	–	–	–	–	–

No Quadrante 1, é possível verificar que 71,4% das celas apresenta em 5/5 da área das celas acondicionamento seguro do encanamento hidráulico; no Quadrante 3, são 33,3%; no Quadrante 5 são 100% e no Isolamento são 33,3%. O Quadrantes 1 e 3 e o Isolamento apresentam celas com acondicionamento seguro entre 4 a 2/5 da área das celas.

d) A conservação das instalações é insuficiente para as necessidades das pessoas que vivem no Presídio, contudo a conservação das celas dos Quadrantes 1, 3 e 5 é melhor do das celas de Isolamento

Considerando os dados observados referente à limpeza do ambiente, pichação e homogeneidade e descascamento da pintura, aspectos mostrados nas Tabelas 4.12 a 4.15, foi possível averiguar uma diferença entre a média de celas dos Quadrantes 1, 3 e 5 e as celas do Isolamento. As celas dos Quadrantes 1, 3 e 5 apresentaram alto grau de limpeza e

homogeneidade da pintura e baixo grau de pichação e descascamento da pintura e as celas de Isolamento apresentaram baixo grau de limpeza e homogeneidade da pintura e alto grau de pichação e descascamento da pintura. O que isso revela? Examinando melhor esses dados, é possível afirmar que a limpeza do ambiente e a pichação estão relacionadas ao comportamento dos presos, na medida que eles tem responsabilidade pela conservação das instalações em que vivem no Presídio. Nesse caso, o melhor cuidado com as celas dos Quadrantes 1, 3 e 5 parece ter a ver com a função dessas celas que são instalações de moradia. Enquanto que, as celas de Isolamento têm como função o castigo e, nesse caso, há menor cuidado dos presos com o espaço. Porém, em certa medida, a limpeza do ambiente, a pichação e a homogeneidade e o descascamento da pintura também estão relacionadas ao comportamento das autoridades prisionais, pois cabe a elas realizar a pintura e proporcionar condições para a execução da limpeza, como fornecer materiais e fazer a retirada do lixo. Examinando esse aspecto, é possível concluir que também as autoridades prisionais fornecem melhores condições de conservação para as celas de moradia do que para as celas de isolamento, o que também foi identificado no exame das condições estruturais de aprisionamento (ver sublínea c) no subcapítulo 4.3).

Com relação à simetria da estrutura das celas foi observado que todas as celas tem simetria em 5/5 da área e uma cela apresentou 1/5 da área de irregularidade dos tijolos, as demais não apresentam irregularidade nos tijolos. Esses dois aspectos parecem estar bem cuidados pelas autoridades prisionais. A partir disso, é possível considerar que a conservação de um modo geral com a aparência (pintura e massa corrida) é uma preocupação menor do que com a estrutura predial (simetria da construção e irregularidade dos tijolos). Essa relação pode ter a ver com a garantia de aprisionamento, já que a conservação da estrutura predial evita facilidades de fuga.

Quanto à conservação elétrica, foi possível observar a presença de distribuição irregular de energia, de acondicionamento inseguro e de quedas de energia, sendo que o Quadrante 5 dentre os demais apresenta a melhor de conservação. Foi observado que a causa da distribuição irregular de energia se devia à insuficiência de tomadas para as necessidades da cela (ventilador, aparelho televisor e aquecedor de água). No que se refere ao acondicionamento inseguro, um aspecto relevante para identificar a causa disso, se relaciona à revista feita pelos policiais e agentes prisionais às celas, que, por vezes, retiram as instalações elétricas do lugar para averiguar a existência de drogas ou outros objetos cortantes, mas não acontece a manutenção dessas instalações posteriormente à revista. Outra situação que parece ter relação com a presença do

acondicionamento inseguro da fiação elétrica tem a ver com as operações de fuga que exigem a criação de extensões para os túneis, o que também altera a fiação. Considerando essas diferentes situações encontradas com relação ao condicionamento inseguro da fiação elétrica, é possível supor que os fatores causais do condicionamento inseguro não estão sendo eliminados e que a manutenção da fiação elétrica é insuficiente, o que pode oferecer riscos para as vidas dos presos e funcionários.

No que se refere à conservação hidráulica, foram identificados vazamento em celas de todos os quadrantes e no Isolamento, das dezenove celas observadas, 10 apresentavam vazamento. Com relação ao condicionamento hidráulico, com exceção do quadrante 5, os demais apresentaram condições de insegurança. Referente a falta de água, na maioria das celas observadas há falta de água numa frequência semanal, porém no Quadrante 1 a situação predominante é a falta de água três vezes por semana. Então, de uma forma geral, a conservação hidráulica parece ser deficiente para as necessidades das pessoas que vivem no estabelecimento, inclusive, a falta de água averiguada pode revelar problemas no planejamento e capacidade de abastecimento.

A situação de precariedade na conservação hidráulica, elétrica e na pintura afeta de que forma a vida na prisão? Como os presos percebem isso? É possível supor que pessoas submetidas a tais condições podem percebê-las como um descuido, portanto sentirem-se pouco merecedoras de cuidados, pessoas de pouco valor. Considerando que a prisão representa socialmente uma instituição de repressão e punição, as condições de manutenção podem ser entendidas como uma parte desse sistema punitivo. Rolim (2000), em uma publicação que propõe um novo conceito de administração penal, faz uma análise metafórica entre os presídios e o labirinto da mitologia grega em que o monstro Minotauro foi escondido. Para esse autor, o Estado cumpre a função do Minotauro, que devora anualmente suas vítimas como forma de reparar o assassinato do filho do rei Minos de Creta. “Na administração das prisões, o Estado incorpora a demanda punitiva e vingativa produzida socialmente voltando-se, concretamente, para os internos e condenados com uma estrutura alicerçada na violência, amparada pelo medo e reprodutora de desconfiança.”(Rolim, 2000, p. 17) Esse autor descreve como pode ser essa estrutura punitiva e vingativa: privação e submissão absoluta, ambientes úmidos, mal cuidados e fedorentos, exposição dos indivíduos aos grupos organizados do crime, procedimentos invasivos contra a intimidade dos presos e das visitas, entre outros aspectos. Nesse caso, uma possibilidade é que a

estrutura física do Presídio também faça parte da proposta punitiva e vingativa que o Estado operacionaliza em nome da sociedade. Haveria, portanto, uma intencionalidade nessa situação de precariedade das instalações, que pode ser incentivada pela administração do estabelecimento, mas, sobretudo, é demandada pela sociedade ao demonstrar o que o Estado deve fazer com os criminosos e como deve priorizar a aplicação dos seus recursos.

Um outro aspecto a ser examinado refere-se à possibilidade de escalonamento de privilégios que as condições precárias de conservação do Presídio permitem. Esse escalonamento acontece da seguinte forma: as condições precárias da conservação dos prédios no ambiente Interno compõem, juntamente com outros fatores como o intenso sistema de vigilância e alto índice de concentração de pessoas, uma situação mais desfavorável à vida se comparada ao ambiente Entre-Muros e Aberto, onde, progressivamente, melhoram as condições de conservação predial, diminui o sistema de vigilância e o índice de pessoas por área. Goffman (1961) identificou essas condições progressivas como fazendo parte do sistema de privilégios da instituição total, que motivam o interno ou preso a se adaptar. O preso passa a conhecer esse sistema e busca comportar-se de forma a conquistar essas melhorias, passando a cooperar com o funcionamento da instituição como um todo. Goffman (1961) demonstrou que o sistema de privilégios dá o principal esquema dentro do qual ocorre a reorganização do eu do indivíduo encarcerado e se transforma numa forma de controle da organização sobre os presos.

De certa forma, parece interessante esse sistema de privilégios na medida que os presos são estimulados a conquistar coisas boas, porém é fundamental questionar que tipos de comportamento os presos precisam ter para tal e de que ponto o sistema de privilégios deve partir, ou seja, deve-se usar condições básicas de vida (higiene, alimentação, ventilação, entre outros) como forma de recompensa? Esses não seriam o mínimo para a vida digna, para o sentimento de humanidade entre as pessoas? Sobre isso, Rolim (2000, p. 12) identificou que também há intencionalidade por parte do Estado: “A desumanização dos internos e condenados, todavia, cumpre uma importante função dentro das instituições totais. Ela oferece aos agressores a “senha” que lhes permite transitar da estranheza e da incompreensão à violência.” Parece que a transformação de pessoas em coisas, por meio da destruição dos bens dos presos nas revistas, da troca de seus nomes por números, da imposição de uma rotina alheia a sua, da subjugação de sua inteligência e caráter, da sujeição de espaços impróprios à vida, possibilita que os agentes da prisão cumpram o papel vingativo. Como profissional que atua nas prisões, em que medida o

psicólogo também tem atuado nesse papel vingativo? Como a Psicologia pode contribuir na mudança do contexto vingativo das organizações prisionais?

4.5 Caracterização das condições de comunicação do ambiente interno do Presídio

As Tabelas 4.26 a 4.28 apresentam a caracterizam das condições de comunicação do ambiente interno do Presídio entre os presos, dos presos com os policiais e dos presos com os agentes prisionais, considerando os graus de acesso para a realização da comunicação.

A Tabela 4.26 mostra a distribuição da quantidade e da percentagem de celas por quadrante com relação aos graus de acesso para a comunicação existente nas celas entre os presos.

TABELA 4.26
DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE E DA PERCENTAGEM DE CELAS POR QUADRANTE COM
RELAÇÃO AOS GRAUS DE ACESSO PARA COMUNICAÇÃO EXISTENTE NAS CELAS
ENTRE OS PRESOS

Tipo de localização para Graus de acesso comunicação	Quadrante 1		Quadrante 3		Quadrante 5		Isolamento	
	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%
Acesso sem obstáculos	7	100	6	100	5	100	–	–
Acesso através de portas gradeadas	–	–	–	–	–	–	–	–
Acesso através de portas chapeadas	–	–	–	–	–	–	3	100
Separação por parede de concreto	–	–	–	–	–	–	–	–
Acesso através de portas gradeadas ou chapeadas e separação por parede de concreto	–	–	–	–	–	–	–	–
Ausência	–	–	–	–	–	–	–	–

Com relação aos graus de acesso para comunicação entre os presos, é possível observar que nos Quadrantes 1, 3 e 5 não há obstáculos. Nas celas do Isolamento o acesso se dá através de portas chapeadas.

A Tabela 4.27 apresenta a distribuição da quantidade e da percentagem de celas por quadrante com relação aos graus de acesso para comunicação existente nas celas dos presos com policiais.

TABELA 4.27

**DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE E DA PERCENTAGEM DE CELAS POR QUADRANTE COM
RELAÇÃO AOS GRAUS DE ACESSO PARA COMUNICAÇÃO EXISTENTE NAS CELAS DOS PRESOS
COM POLICIAIS**

Tipo de localização para Graus de acesso comunicação	Quadrante 1		Quadrante 3		Quadrante 5		Isolamento	
	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%
Acesso sem obstáculos	–	–	–	–	–	–	–	–
Acesso através de portas gradeadas	3	42,9	2	33,3	–	–	–	–
Acesso através de portas chapeadas	–	–	3	50,0	3	100	–	–
Separação por parede de concreto	–	–	–	–	–	–	–	–
Acesso através de portas gradeadas ou chapeadas e separação por parede de concreto	4	57,1	1	16,7	–	–	3	100
Ausência	–	–	–	–	–	–	–	–

Na Tabela 4.27, é possível observar que o acesso para comunicação dos presos com policiais no Quadrante 1, para 42,9% das celas são através de portas gradeadas e para 57,1% das celas são através de portas gradeadas ou chapeadas e separação por parede de concreto; no Quadrante 3, 33,3% são através de portas gradeadas, 50% são através de portas chapeadas e 16,7% são através de portas gradeadas ou chapeadas e separação por parede de concreto; no Quadrante 5, 100% são através de portas chapeadas e no Isolamento 100% são através de portas gradeadas ou chapeadas e separação por parede de concreto.

A Tabela 4.28 mostra a distribuição da quantidade e da percentagem de celas por quadrante com relação aos graus de acesso para comunicação existente nas celas dos presos com agentes prisionais.

TABELA 4.28

**DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE E DA PERCENTAGEM DE CELAS POR QUADRANTE COM
RELAÇÃO ÀS GRAUS DE ACESSO PARA COMUNICAÇÃO EXISTENTE NAS CELAS DOS PRESOS
COM AGENTES PRISIONAIS**

Tipo de localização para Graus de acesso comunicação	Quadrante 1		Quadrante 3		Quadrante 5		Isolamento	
	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%
Acesso sem obstáculos	–	–	–	–	–	–	–	–
Acesso através de portas gradeadas	–	–	–	–	–	–	–	–
Acesso através de portas chapeadas	–	–	3	50	–	–	1	33,3
Separação por parede de concreto	–	–	–	–	–	–	–	–
Acesso através de portas gradeadas ou chapeadas e separação por parede de concreto	7	100	3	50	3	100	2	66,7
Ausência	–	–	–	–	–	–	–	–

O acesso para quinze, das dezenove celas observadas, é através de portas gradeadas ou chapeadas e separação por parede de concreto. O Quadrante 3 e o Isolamento possuem algumas celas em uma condição de acesso diferente, através de portas chapeadas.

e) O acesso à comunicação entre os presos, deles com os agentes prisionais e com os policiais militares está relacionado com os aspectos de controle e pouco “cuidado” da instituição para com os presos

A comunicação entre os presos do mesmo quadrante é livre, com exceção das celas de isolamento. O acesso direto para comunicação entre os presos pode ser considerado favorável, já que proporciona a interação entre eles e a formação de laços afetivos. Por outro lado, esse tipo de acesso pode também expor os presos a situações ameaçadoras, pois ficam suscetíveis à abordagem de outros presos com quem possuam desentendimentos, podem ser obrigados por grupos organizados a se responsabilizarem pelo o que não fizeram ou a submeterem-se à violência sexual, física e psicológica, a participarem de planos de fuga ou de vingança contra outros presos. Quanto à comunicação dos presos com os agentes prisionais, é possível observar que o acesso é dificultado se comparado com o acesso aos policiais militares. Considerando que

os agentes prisionais são os principais interlocutores dos presos, responsáveis por atender as emergências de saúde que ocorrem cotidianamente, o tipo de acesso parece prejudicar um bom atendimento. Nesses casos de exposição dos presos a situações ameaçadoras e de dificuldade de acesso para comunicação com os agentes prisionais, pode ser identificadas mais situações de “descuido” do Estado para com as pessoas que estão presas sob sua responsabilidade, associadas às medidas que visam vingar a sociedade por meio da prisão (ver sublínea d) no subcapítulo 4.4).

4.6 Caracterização da adequação das celas a sua finalidade no ambiente interno do Presídio

As Tabelas 4.29 a 4.32 apresentam a adequação das celas e sua finalidade no ambiente do Presídio, considerando a relação entre o número de encarcerados e a área disponível das celas nos quadrantes e os utensílios e objetos existente no interno da cela.

A Tabela 4.29 mostra a distribuição das áreas das celas, quantidade de encarcerado e proporção de encarcerados por área das celas do Quadrante 1.

TABELA 4.29
DISTRIBUIÇÃO DAS ÁREAS DAS CELAS, QUANTIDADE DE ENCARCERADOS E PROPORÇÃO DE ENCARCERADOS POR ÁREA DAS CELAS DO QUADRANTE 1

Celas	Área (m²)	Encarcerados alojados	m²/ encarcerado
C21	4,80	6	0,80
C23	3,84	6	0,64
C26	3,36	6	0,56
C29	3,36	6	0,56
C31	3,36	5	0,68
C34	3,84	6	0,64
C37	3,84	6	0,64
Total	26,40	41	0,64

No Quadrante 1, o total de área das celas observadas é de 26,40 m², sendo que a média fica em 0,64 m² por encarcerado. As celas variam entre 3,84 m² e 4,80 m². O número de pessoas na maioria dos casos é 6. A menor proporção de área por encarcerado é de 0,56 m², a maior é 0,80 m².

Na Tabela 4.30 é mostrada a distribuição das áreas das celas, quantidade de encarcerados e proporção de encarcerados por área das celas do Quadrante 3.

TABELA 4.30
DISTRIBUIÇÃO DAS ÁREAS DAS CELAS, QUANTIDADE DE ENCARCERADOS E PROPORÇÃO DE ENCARCERADOS POR ÁREA DAS CELAS DO QUADRANTE 3

Celas	Área (m²)	Encarcerados alojados	m²/ encarcerado
C3	3,52	5	0,70
C7	6,60	12	0,55
C11	3,08	5	0,62
C13	3,08	5	0,62
C16	3,84	4	1,11
C18	3,84	5	0,77
Total	23,96	36	0,66

No Quadrante 3 o total de área das celas observadas é de 23,96 m² e a média de área por encarcerado é de 0,66 cm. As celas variam entre 3,08 m² e 6,60 m² e o número de encarcerados por cela varia entre 4 e 12 pessoas. A menor proporção de área por encarcerado é de 0,55 cm, a maior é 1,11 m².

A Tabela 4.31 apresenta a distribuição das áreas das celas, quantidade de encarcerados e proporção de encarcerados por área das celas do Quadrante 5.

TABELA 4.31
DISTRIBUIÇÃO DAS ÁREAS DAS CELAS, QUANTIDADE DE ENCARCERADOS E PROPORÇÃO DE ENCARCERADOS POR ÁREA DAS CELAS DO QUADRANTE 5

Celas	Área (m²)	Encarcerados alojados	m²/ encarcerado
C2	4,20	9	0,47
C4	4,20	9	0,47
C6	9,60	16	0,60
Total	18,00	34	0,52

No Quadrante 5 o total de área das celas observadas é de 18 m² e a média de área por encarcerado é de 0,52 cm. As celas variam entre 4,20 m² e 9,60 m² e o número de encarcerados

por cela varia entre 9 e 16 pessoas. A menor proporção de área por encarcerado é de 0,47 m, a maior é 0,60 m.

A Tabela 4.32 oferece dados sobre a distribuição das áreas das celas, quantidade de encarcerados e proporção de encarcerados por área das celas do Isolamento.

TABELA 4.32
DISTRIBUIÇÃO DAS ÁREAS DAS CELAS, QUANTIDADE DE ENCARCERADOS E PROPORÇÃO DE ENCARCERADOS POR ÁREA DAS CELAS DO ISOLAMENTO

Celas	Área (m ²)	Encarcerados alojados	m ² / encarcerado
I1	4,48	5	0,89
12	4,48	2	2,24
13	3,84	4	0,96
Total	12,80	11	1,16

No Isolamento o total de área das celas observadas é de 12,8 m² e a média de área por encarcerado é de 1,16 m². As celas variam entre 3,84 m² e 4,48 m² e o número de encarcerados por cela varia entre 2 e 5 pessoas. A menor proporção de área por encarcerado é de 0,89 m, a maior é 2,24 m².

A Tabela 4.33 mostra a distribuição da quantidade e da percentagem de celas por quadrante em relação aos recursos existente nas celas.

TABELA 4.33
DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE E DA PERCENTAGEM DE CELAS POR QUADRANTE EM RELAÇÃO AOS RECURSOS EXISTENTE NAS CELAS

Tipo de localização Recursos	Quadrante 1		Quadrante 3		Quadrante 5		Isolamento	
	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%	Qtde celas	%
Cama	7	100	6	100	3	100	3	100
Banheiro	7	100	6	100	3	100	3	100
Ventilador	7	100	6	100	3	100	–	–
Mesa	–	–	–	–	–	–	–	–
Cadeira	–	–	–	–	–	–	–	–
Prateleira	3	42,8	–	–	2	66,7	–	–
TV	6	85,7	6	100	3	100	–	–
“Rabo quente”	5	71,4	1	16,7	3	100	–	–
Rádio	–	–	2	33,3	–	–	–	–

Nos Quadrantes 1, 3 e 5, é possível verificar que todas as celas apresentaram ventilador. A presença de aparelho televisor (TV) ocorreu em quinze das dezesseis celas observadas. No Quadrante 3 havia um “rabo quente” (aquecedor de água por indução) por galeria, ou seja, três unidades de “rabo quente” para todo o Quadrante 3. Nas celas de isolamento há ausência de roupas, colchões e objetos de uso pessoal. Todas as celas possuem o chão cimentado. Algumas celas apresentaram recortes de revistas coladas na parede. Os pertences pessoais dos presos, na maioria dos casos, eram as roupas, um ou dois pares de calçado, bíblia e fotos.

f) A adequação das celas do ambiente interno do Presídio a sua finalidade está comprometida pela falta de espaço e insuficiência de recursos, sobretudo nas celas de Isolamento

Nos Quadrantes 1, 2 e 3 a média de área disponível na cela por encarcerado é de, respectivamente, 0,64, 0,66 e 0,52 m². Nas celas de Isolamento, foi encontrado uma média de 1,16m² disponível por encarcerado. As celas de Isolamento não possuem uma população fixa, podem permanecer vazias ou abrigar o número de presos que a administração determinar. Foram encontrados registros de medidas disciplinares de isolamento que resultaram em 15 presos na mesma cela de 4,48m². Esses dados revelam a precariedade a qual os presos são submetidos quanto ao espaço em que vivem.

Quanto aos recursos existentes nas celas foram encontrados cama, banheiro e ventilador em todas as celas, TV em quase todas celas e “rabo quente” em maior quantidade no Quadrante 1 e 5, no Quadrante 3 havia uma unidade por galeria. Também foram observados rádio e prateleira em algumas celas. Examinando esses dados, é possível verificar a existência de poucos utensílios no interior das celas. De que forma isso é percebido pelos presos? Considerando que na observação das instalações não foram encontradas salas de trabalho, aula ou refeitório, e, que as celas possuem poucos utensílios, é possível supor que a vida dos presos transcorre de uma forma precária, com poucas condições para o acontecimento das refeições, de atividades recreativas, educativas ou de trabalho. A existência de poucos objetos pessoais parece ser outro fator agravante da precariedade das condições de vida na prisão, na medida que os presos podem se

identificar com poucos e, às vezes, nenhum elemento existente naquele local. Goffman (1961) descreve essa desapropriação de objetos pessoais como mais uma forma de agressão à auto-imagem do preso, pois no mundo externo, o indivíduo pode manter objetos que se ligam aos seus sentimentos, as suas experiências, as pessoas conhecidas, enfim, ao repertório de lembranças e comportamentos desenvolvidos no decorrer da vida que tem significado. No entanto, na prisão essa possibilidade se inviabiliza pela desapropriação de seus bens, pela estranheza do lugar e pela exposição demasiada de sua vida e rotina. Nesse sentido, o preso pode manter um sentimento de descontrole e desinteresse pela realidade, pela dificuldade de significação e controle das condições ambientais em que se encontra.

Identificando a situação de precariedade na qual vivem os presos com relação ao espaço, utensílios e objetos pessoais os psicólogos têm importantes subsídios para planejar suas ações com os presos e com a organização. Parece, no entanto, que principalmente com relação ao funcionamento da organização, os psicólogos tem atuado pouco no sentido de construção de contingências ambientais mais favoráveis para a aprendizagem de comportamentos úteis à sociedade e de promoção da saúde mental.

4.7 Caracterização dos pátios dos Quadrantes 1, 3 e 5 do ambiente Interno do Presídio

As condições estruturais, de conservação, de comunicação e de adequação à finalidade do pátio são mostradas nas tabelas 4.34 a 4.41. Na tabela 4.34 é possível observar o tipo de construção por prédio do ambiente interno em relação aos tipos de materiais.

TABELA 4.34
DISTRIBUIÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS DE CONSTRUÇÃO POR PRÉDIOS DO AMBIENTE
INTERNO EM RELAÇÃO AOS TIPOS DE MATERIAIS

Localização Tipo de material de construção	Quadrante 1 (Q1)	Quadrante 3 (Q2)	Quadrante 5 (Q5)
Concreto armado	x	x	x
Alvenaria	x		x

O Quadrante 3 é considerado mais seguro por ser um prédio todo construído em concreto armado. Os demais prédios também possuem tijolos na sua construção. O tipo de entrada e saída dos pátios dos três prédios do ambiente Interno é gradeada.

Com relação aos aspectos das condições estruturais dos pátios do ambiente interno, é possível verificar que a iluminação é do tipo natural e atinge toda a área, sendo que o tipo de teto dos três pátios é gradeado, o que possibilita que a ventilação e a insolação ocorram em toda a área.

A Tabela 4.35 se refere à ocorrência, quantidade e causa da umidade nos pátios por quadrante interno.

TABELA 4.35
DISTRIBUIÇÃO DA OCORRÊNCIA, QUANTIDADE E CAUSA DA UMIDADE EXISTENTE NOS
PÁTIOS POR QUADRANTE DO AMBIENTE INTERNO

Ocorrência					
Paredes úmidas		Paredes mofadas		Piso úmido	
Q3		Q1			
Quantidade					
Aprox 5/5 da área	Aprox 4/5 da área	Aprox 3/5 da área	Aprox 2/5 da área	Aprox 1/5 da área	Ausência
			Q3	Q1	Q5
Causa					
Infiltração na construção	Chuva		Falta de insolação		Não identificada
Q3	Q1, Q3				

Os pátios dos Quadrantes 1 e 3 apresentam umidade na construção, sendo que o Quadrante 3 possui infiltração. A limpeza dos três pátios abrange 4/5 da área.

As Tabelas 4.36 a 4.39 apresentam as condições de conservação dos pátios do ambiente interno. Na Tabela 4.36 é possível observar as condições de conservação da pintura.

TABELA 4.36
DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE, HOMOGENIDADE E DESCASCAMENTO DA PINTURA
EXISTENTE NOS PATIOS POR QUADRANTE DO AMBIENTE INTERNO

Pichação					
Aprox 5/5 da área	Aprox 4/5 da área	Aprox 3/5 da área	Aprox 2/5 da área	Aprox 1/5 da área	Ausência
					Q1, Q3, Q5
Homogeneidade da pintura					
Aprox 5/5 da área	Aprox 4/5 da área	Aprox 3/5 da área	Aprox 2/5 da área	Aprox 1/5 da área	Ausência
		Q1, Q3, Q5			
Descascamento da pintura					
Aprox 5/5 da área	Aprox 4/5 da área	Aprox 3/5 da área	Aprox 2/5 da área	Aprox 1/5 da área	Ausência
		Q3, Q5	Q1		

Os três pátios apresentam ausência de pichação, com aproximadamente 3/5 de área de homogeneidade na pintura. Com relação ao descascamento da pintura, dois pátios têm cerca de 3/5 da área descascada e um, 2/5 da área.

A Tabela 4.37 apresenta as condições de conservação da estrutura no que se refere aos aspectos de simetria da construção, irregularidade nos tijolos e irregularidade na massa corrida existente nos pátios por quadrante do ambiente interno.

TABELA 4.37
DISTRIBUIÇÃO DA SIMETRIA DA CONSTRUÇÃO, IRREGULARIDADE NOS TIJOLOS E
IRREGULARIDADE DA MASSA CORRIDA EXISTENTE NOS PATIOS POR QUADRANTE DO
AMBIENTE INTERNO

Simetria da construção					
Aprox 5/5 da área	Aprox 4/5 da área	Aprox 3/5 da área	Aprox 2/5 da área	Aprox 1/5 da área	Ausência
Q1, Q3, Q5					
Irregularidade nos tijolos (tricamento, rachadura, quebra)					
Aprox 5/5 da área	Aprox 4/5 da área	Aprox 3/5 da área	Aprox 2/5 da área	Aprox 1/5 da área	Ausência
				Q3	Q1, Q5
Irregularidade da massa corrida					
Aprox 5/5 da área	Aprox 4/5 da área	Aprox 3/5 da área	Aprox 2/5 da área	Aprox 1/5 da área	Ausência
			Q5	Q1, Q3	

Os pátios dos três quadrantes apresentam simetria em toda a área, o pátio Quadrante 3 apresenta aproximadamente 1/5 da área com irregularidade nos tijolos e a massa corrida possui irregularidade entre 2/5 a 1/5 da área dos pátios.

Na Tabela 4.38 são mostradas as condições de conservação elétrica dos aspectos de acondicionamento seguro da fiação, estado de uso das lâmpadas, quedas de energia e presença de distribuição irregular de energia nos pátios por quadrante do ambiente interno.

TABELA 4.38

DISTRIBUIÇÃO DO ACONDICIONAMENTO SEGURO DA FIAÇÃO, LÂMPADAS EM CONDIÇÕES DE USO, QUEDAS DE ENERGIA E PRESENÇA DE DISTRIBUIÇÃO IRREGULAR DE ENERGIA EXISTENTE NOS PÁTIOS POR QUADRANTE DO AMBIENTE INTERNO

Acondicionamento seguro da fiação					
Aprox 5/5 da área	Aprox 4/5 da área	Aprox 3/5 da área	Aprox 2/5 da área	Aprox 1/5 da área	Ausência
Q3, Q5	Q1				
Lâmpadas em condições de uso					
Aprox 5/5 da área	Aprox 4/5 da área	Aprox 3/5 da área	Aprox 2/5 da área	Aprox 1/5 da área	Ausência
Q3		Q1			Q5
Quedas de energia					
Aprox 1x/mês	Aprox 4x/mês	Aprox 3x/sem	Aprox 1x/dia	Mais 1x/dia	Ausência
	Q1, Q3				Q5
Presença de divisão/distribuição irregular de energia (“gato”, extensão, “T”)					
100% das tomadas	Aprox 75% das t	Aprox 50% das t	Aprox 25% das t	Ausência	
				Q1, Q3, Q5	

O acondicionamento da fiação se apresenta seguro em 5/5 da área de pátio do Quadrante 3 e 5, no Quadrante 1, em 4/5 da área. Com relação às lâmpadas, o pátio do Quadrante 3 apresenta em toda a área lâmpadas em condições de uso, o Quadrante 1, em aproximadamente 3/5 da área e o pátio do Quadrante 5 não apresenta lâmpadas. As quedas de energia nos pátios ocorrem aproximadamente quatro vezes por mês. Há ausência de distribuição irregular de energia nos pátios dos três quadrantes.

As condições de conservação hidráulica dos pátios dos Quadrantes 1, 2 e 3, são mostradas na Tabela 4.39, no que se refere à presença de vazamento, falta de água e acondicionamento seguro do encanamento.

TABELA 4.39

DISTRIBUIÇÃO DE VAZAMENTO, FALTA DE ÁGUA E ACONDICIONAMENTO SEGURO DO ENCANAMENTO EXISTENTE NOS PÁTIOS POR QUADRANTE DO AMBIENTE INTERNO

Vazamento					
Aprox 5/5 da área	Aprox 4/5 da área	Aprox 3/5 da área	Aprox 2/5 da área	Aprox 1/5 da área	Ausência
		Q5		Q3	Q1
Falta de água					
Aprox 1x/mês	Aprox 4x/mês	Aprox 3x/sem	Aprox 1x/dia	Mais 1x/dia	Ausência
	Q3	Q1, Q5			
Acondicionamento seguro do encanamento					
Aprox 5/5 da área	Aprox 4/5 da área	Aprox 3/5 da área	Aprox 2/5 da área	Aprox 1/5 da área	Ausência
Q1	Q3	Q5			

O pátio do Quadrante 1 apresenta ausência de vazamento, o Quadrante 3 apresenta vazamento em aproximadamente 1/5 da área e o Quadrante 5, em aproximadamente 3/5 da área. Em todos os pátios há presença de falta de água, sendo que no Quadrante 1 e 5 ocorrem falta de água aproximadamente três vezes por semana, no Quadrante 3, aproximadamente quatro vezes por semana.

A Tabela 4.40 mostra as condições de comunicação com relação aos graus de acesso para comunicação existente entre os presos, dos presos com os policiais e dos presos com os agentes prisionais, nos pátios dos quadrantes internos.

TABELA 4.40

DISTRIBUIÇÃO DA OCORRÊNCIA DE PATIOS POR QUADRANTE COM RELAÇÃO AOS GRAUS DE ACESSO PARA COMUNICAÇÃO EXISTENTE ENTRE OS PRESOS, DOS PRESOS COM OS POLICIAIS E DOS PRESOS COM OS AGENTES PRISIONAIS

Graus de acesso para comunicação	Entre os presos	Dos presos com policiais	Dos presos com agentes prisionais
Acesso sem obstáculos	Q1, Q3, Q5		
Acesso através de portas gradeadas		Q1, Q3, Q5	
Acesso através de portas chapeadas			Q3, Q5
Separação por parede de concreto			
Acesso através de portas gradeadas ou chapeadas e separação por parede de concreto			Q1

Na Tabela 4.40 é possível observar que, entre os presos, o acesso para comunicação acontece sem obstáculos nos pátios dos três quadrantes, dos presos com os policiais, o acesso para comunicação ocorre através de portas gradeadas e, dos presos com os agentes prisionais, o acesso ocorre através de portas chapeadas nos Quadrantes 3 e 5 e através de portas gradeadas ou chapeadas e com separação por parede de concreto no Quadrante 1.

É possível observar na Tabela 4.41 a distribuição das áreas dos pátios, quantidade de encarcerados e proporção de encarcerados por área dos pátios dos quadrantes do ambiente interno.

TABELA 4.41
DISTRIBUIÇÃO DAS ÁREAS DOS PÁTIOS, QUANTIDADE DE ENCARCERADOS E PROPORÇÃO DE ENCARCERADOS POR ÁREA NOS PÁTIOS DOS QUADRANTES DO AMBIENTE INTERNO

Pátio	Área (m²)	Encarcerados alojados	m² / encarcerado
Q1	103	69	1,49
Q3	42	112 *	0,37
Q5	39	64	0,61

* No Quadrante 3, estão 130 pessoas encarceradas, porém 18 não tem acesso ao pátio pois estão nas celas de triagem.

O Quadrante 3 apresenta a menor área de pátio disponível por número de encarcerados, 0,37 m² por encarcerado. O número de encarcerados que tem acesso ao pátio no Quadrante 3, representa aproximadamente o dobro dos demais quadrantes. A área do pátio do Quadrante 1 é de 103m², apresenta 69 encarcerados alojados, representando uma área de 1,49m² por encarcerado. A quantidade de área disponível de pátio no Quadrante 1 representa mais que o dobro das demais áreas de pátios dos Quadrantes 3 e 5. O Quadrante 5 apresenta 39m² de área de pátio, aloja 64 encarcerados, representando uma área de 0,61 m² por encarcerado. A área disponível de pátio do Quadrante 5 e o número de encarcerados são os menores se comparados aos demais Quadrantes 1 e 3.

Com relação à adequação do pátio a sua finalidade é possível observar que os solos dos pátios dos prédios do ambiente interno são cimentados e toda a área é livre, apresentando ausência de espaços para quadra esportiva, bancos ou área verde.

g) Os pátios do ambiente interno contribuem para o sentimento de desamparo provocado nos presos, devido ao espaço pequeno, rotina sem significado e pouco diversificada

Os pátios dos quadrantes apresentam estrutura e conservação em estado semelhante às celas, sendo que os aspectos que determinam as condições de aprisionamento como a simetria da construção e a conservação da massa corrida estão em estado ótimo de conservação e os aspectos que afetam a saúde e bem-estar dos ocupantes da prisão apresentam manutenção e estrutura insuficiente. Com relação a esse último aspecto, o pátio do Quadrante 1 apresenta maior comprometimento na instalação elétrica e os pátios dos Quadrantes 3 e 5, na instalação hidráulica. Como os pátios possuem teto gradeado, a iluminação, insolação e ventilação atingem 5/5 da área, esse é um fator favorável para as condições de vida dos encarcerados.

A construção do Quadrante 3 é de concreto armado, o Quadrante 1 e 5, possui concreto armado e alvenaria. Com relação à área de pátio disponível para os presos, no Quadrante 1 há 1,49m² por encarcerado, no Quadrante 3 há 0,37 m² por encarcerado e no Quadrante 5 há 0,61 m² por encarcerado. Nesse caso, existe uma diferença significativa entre os Quadrantes, o que não ocorre na área média das celas que apresenta pequenas variações. Examinando esses dados, é possível supor que o Quadrante 3 possui um pátio menor para facilitar as condições de observação e controle, uma vez que esse Quadrante foi projetado para abrigar os presos considerados de “alta periculosidade”. Mas, em que medida, essa condição interfere na vida na prisão? As instalações as quais o preso tem acesso são a cela e o pátio, sendo as duas áreas pequenas para o acontecimento da vida cotidiana com privacidade e para abarcar possibilidades de diversidade de atividades. Moffat (1991), em uma publicação que analisa a psicoterapia na perspectiva de classe social, demonstra como a redução das possibilidades de atividades dos presos com relação ao que ele fazia em liberdade, as diferenças ambientais da prisão e da sua moradia e falta de objetos pessoais significativos, levam as pessoas presas a sofrerem, a se desestimularem em manter projetos pessoais e a responder da forma como a instituição espera – no caso da prisão, como pessoas antipáticas e agressivas. A quantidade de área disponível para os presos parece compor, com outros fatores, esse sistema de condições que prejudica a qualidade de vida dos presos, em especial, no Quadrante 3.

O sentimento de descontrole e dependência ao qual os presos são submetidos na prisão pode ser compreendido como o estado de desamparo caracterizado por Seligman (1977, p.12): “o

estado psicológico que sucede frequentemente como resultado de eventos incontroláveis”. Esse estado pode deteriorar o repertório comportamental adaptativo do sujeito, dificultando cada vez mais a aprendizagem de comportamentos úteis à sociedade. Seligman (1977) descreve como o desamparo prejudica a capacidade de aprender, para esse autor uma das principais conseqüências da experiência com eventos incontroláveis é de caráter motivacional: “eventos incontroláveis prejudicam a motivação para dar início a respostas voluntárias que controlam outros eventos. Uma segunda conseqüência fundamental é de caráter cognitivo: tendo passado por uma experiência de incontrolabilidade, o homem ou animal tem dificuldade em aprender que sua resposta foi sucedida, mesmo quando o êxito foi real.” (Seligman, 1977, p. 36) Assim sendo, parece que a Psicologia já produziu conhecimento suficiente para comprovar a falta de efetividade com relação ao tipo de tratamento que os presos recebem e as instalações as quais são submetidos.

CARACTERÍSTICAS DO PERFIL DO ENCARCERADO

Como são as pessoas encarceradas nas prisões? Os responsáveis pela administração das prisões consideram o perfil do preso no planejamento das condições ambientais e das atividades realizadas com os presos? Conhecer as características quanto ao sexo, idade, escolaridade, tipo de crime, entre outros aspectos pode revelar quem as prisões estão encarcerando e contribuir para revisão de seus procedimentos no sentido possibilitar a aprendizagem de comportamentos úteis à vida em sociedade. Outra relação possível de ser estabelecida a partir da identificação dessas características dos presos é a forma como a sociedade lida com a criminalidade, que tipo de crime pune e como pune.

O perfil do encarcerado no país, obtido por meio das estatísticas do Departamento Penitenciário Nacional (2002), revela que a maioria das pessoas aprisionadas é jovem, de baixa renda, de pouca escolaridade e com situação profissional indefinida, podendo ser deduzido que o aprisionamento é mais comum para a população com menos oportunidades de participação na renda e no trabalho. A prisão como organização social parece cumprir uma função na estigmatização de determinados grupos sociais. Nesse sentido, analisando os dados do Presídio será possível averiguar em que medida há correspondência com os dados nacionais e que relações são possíveis estabelecer com a sociedade local, conforme os grupos de encarcerados encontrados.

Na Figura 5.1 é apresentada a distribuição do percentual por sexo da população encarcerada no Presídio.

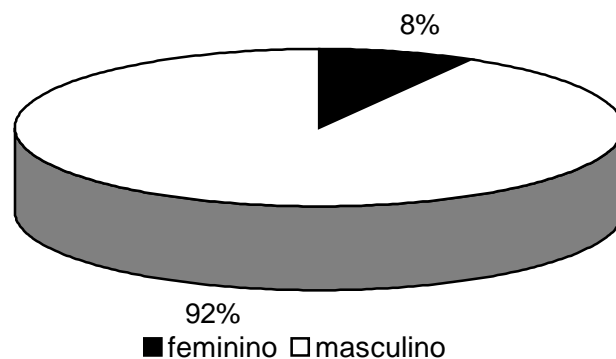


Figura 5.1. Distribuição dos percentuais, por sexo, da população encarcerada no Presídio

É possível observar na Figura 5.1. que 92% da população encarcerada é masculina e 8%, feminina. A Figura 5.2 mostra a distribuição por idade da população masculina encarcerada no Presídio.

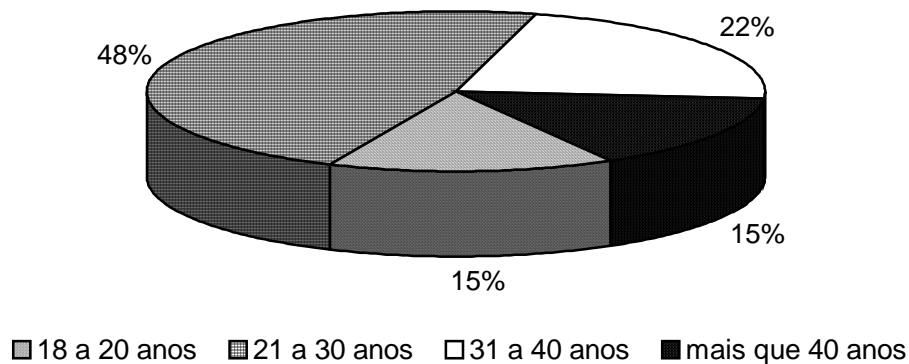


Figura 5.2. Distribuição dos percentuais, por idade, da população masculina encarcerada no Presídio

Examinando a Figura 5.2. é possível verificar que 15% da população masculina tem idade de 18 a 20 anos, 48% tem idade de 21 a 30 anos, 22% tem idade de 31 a 40 anos e 15% tem mais que 40 anos de idade. A maior concentração de homens encarcerados se encontra na faixa etária de 21 a 30 anos.

Na Figura 5.3 é apresentada a distribuição por cor da população masculina encarcerada, em percentual.

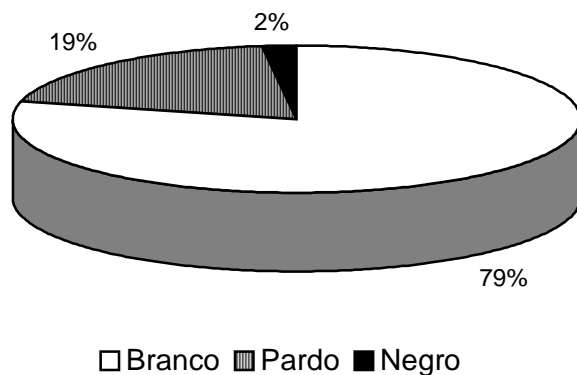


Figura 5.3. Distribuição dos percentuais, por cor, da população masculina encarcerada no Presídio

A população masculina do Presídio é 79% branca, 19% parda e 2% negra. Quanto à escolaridade dos homens encarcerados no Presídio, na Figura 5.4. é apresentada a distribuição em percentual por grau de escolaridade.

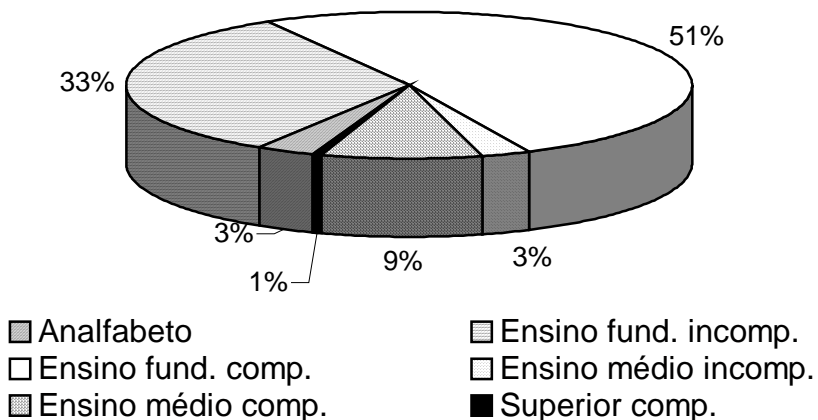


Figura 5.4. Distribuição dos percentuais, por grau de escolaridade, da população masculina encarcerada no Presídio

Na Figura 5.4. é possível verificar o grau de escolaridade dos homens encarcerados no Presídio em percentual. Dentre os presos, 3% não é alfabetizado, 33% tem ensino fundamental incompleto, 51% apresenta ensino fundamental completo, 3% tem o ensino médio incompleto, 9% tem o ensino médio completo e 1% apresentou ensino superior completo. Os homens não alfabetizados e com ensino fundamental incompleto somam 36% da população masculina encarcerada. Da população masculina 13% avançaram os estudos além do ensino fundamental.

A distribuição do percentual por delito da população masculina encarcerada no Presídio pode ser observada na Figura 5.5.

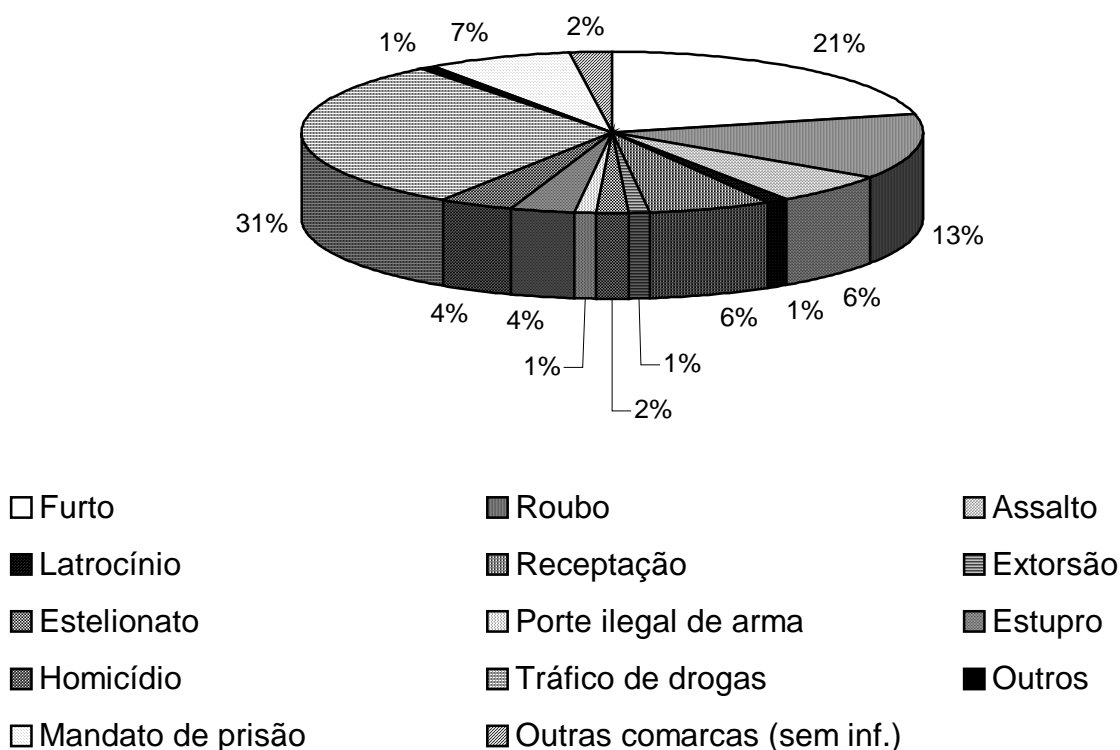


Figura 5.5. Distribuição dos percentuais, por delito, da população masculina encarcerada no Presídio

A Figura 5.5. apresenta a distribuição por delito, sendo que os delitos com maior índice são furto, roubo e assalto com 40% dos casos e tráfico de drogas com 31%. Da população masculina, 7% está presa por mandato de prisão sem registro do delito cometido e 2% são presos

de outras comarcas que também não apresentam informações sobre a origem da prisão. A Figura 5.6. mostra os delitos da população masculina agrupados por tipo.

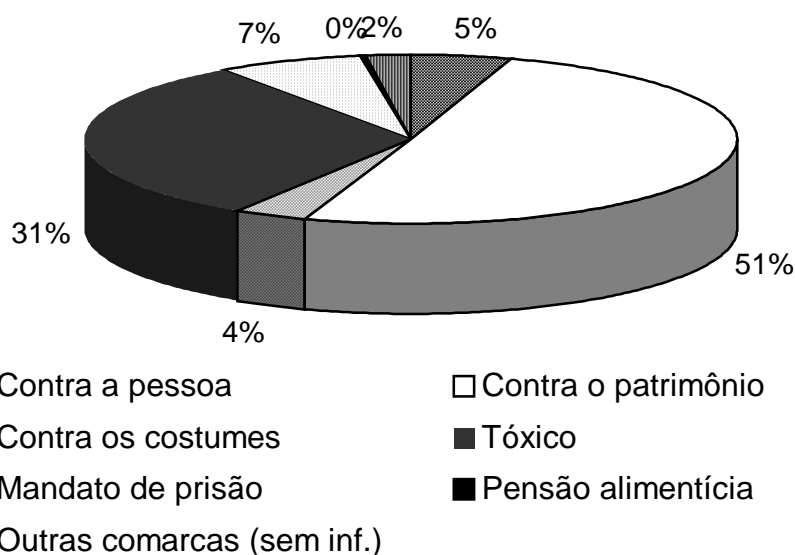


Figura 5.6. Distribuição dos percentuais, por tipo de delito, da população masculina encarcerada no Presídio

Na Figura 5.6. é possível observar que 51% dos delitos cometidos pela população masculina encarcerada no Presídio são crimes contra o patrimônio, cuja classificação compreende os delitos de furto, roubo, assalto, receptação, extorsão, estelionato e porte ilegal de arma; 31% dos delitos cometidos se referem a crimes relacionados ao tóxico, que são tráfico e uso de drogas; 7 % da população masculina encarcerada não apresenta registro do delito, estando presa por mandato de prisão; 5% se referem a crimes contra a pessoa, que compreende os delitos de latrocínio, seqüestro e homicídio; 4% são crimes contra os costumes, que compreende os delitos de atentado violento ao pudor e estupro; 2% da população masculina não apresenta registro do delito, sendo presos de outras comarcas e há presença de um caso de encarceramento pelo delito de falta de pagamento da pensão alimentícia, o que representa 0,21% dos casos.

A distribuição do percentual por situação jurídica da população masculina encarcerada no Presídio será apresentada na Figura 5.6.

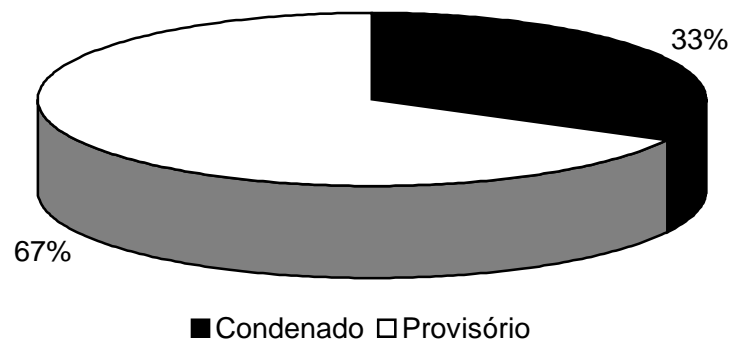


Figura 5.7. Distribuição dos percentuais, por situação jurídica, da população masculina encarcerada no Presídio

Dos 471 presos encarcerados no Presídio, 67% são presos provisórios, ou seja, aguardam julgamento da Justiça, e 33% são presos condenados por um ou mais processos.

A Figura 5.8. apresenta a distribuição do percentual por regime de condenação da população masculina condenada e encarcerada no Presídio.

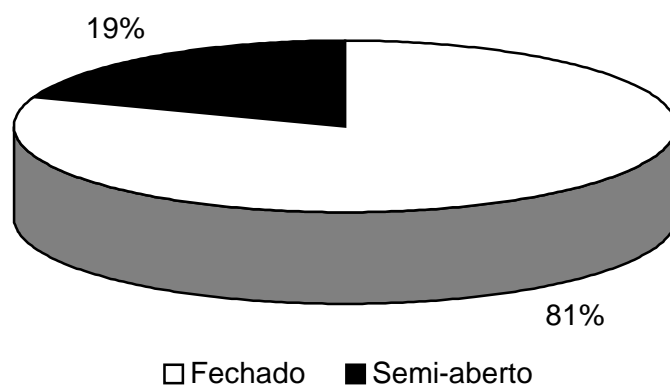


Figura 5.8. Distribuição dos percentuais, por regime de condenação, da população masculina condenada e encarcerada no Presídio

Daqueles 33% dos presos encarcerados do Presídio que são condenados por um ou mais processos, identificados na Figura 5.7., 81% deles foram condenados no regime fechado e 19% foram condenados no regime semi-aberto, conforme mostra a Figura 5.8. Esse percentual representa que, da população masculina do Presídio, 26,7% foi condenada no regime fechado e 6,3% foi condenada no regime semi-aberto.

a) O presídio encarcera jovens, com pouca escolaridade e que praticaram crimes relacionados ao patrimônio e às drogas, porém não considera no seu planejamento e nos seus procedimentos o repertório de comportamentos que sustenta esse perfil

A maioria da população do Presídio é masculina, 92% das pessoas encarceradas são homens e 8% são mulheres. Essa percentagem se assemelha aos índices nacionais, conforme o Censo Penitenciário do Ministério da Justiça de dezembro de 2002, a população média de pessoas encarceradas é de 96% de homens e 4% de mulheres. É possível constatar um índice maior de mulheres nesse Presídio, o que pode ter a ver com o alto índice de delitos relacionados às drogas, pois cerca de 70% das mulheres que foram presas estavam com os parceiros ou familiares envolvidos no negócio do tráfico de drogas. Parece ser uma forma de garantir a renda da família, isso pode indicar as dificuldades de participação no mercado de trabalho e na obtenção de renda. Que fatores influenciam na predominância masculina dentro a população encarcerada? Examinar melhor esse aspecto pode promover descobertas importantes sobre como se desenvolve a criminalidade, que fatores educacionais e sociais facilitam ou dificultam o envolvimento com o crime e quais as construções sociais sobre a função do homem e da mulher que promovem ou afastam as pessoas da delinqüência. Esse parece ser um importante aspecto para o qual a Psicologia pode contribuir na compreensão. Porém, com relação a essa questão de gênero, o que já se conhece é que as prisões de homens e mulheres são diferentes. Algumas variáveis parecem colaborar para isso, a educação das mulheres, a maternidade, o nível de agressividade que elas oferecem e o nível de agressividade a qual são submetidas. Nas prisões masculinas é possível observar maior degradação do ambiente físico, maior pressão psicológica, tensão e agressividade entre os presos e com os funcionários, procedimentos de revista e segurança mais rígidos e invasivos, menores possibilidades de atividades laborais, entre outros

fatores que, se comparados com as prisões femininas, parecem tornar a prisão masculina um ambiente mais opressor e violento, com formas diferentes de comportamento e controle do ambiente.

Referente à cor das pessoas encarceradas no Presídio foi constatada que a maioria das pessoas é de cor branca, 79% da população presa, que 19% são parda e 2% são negra, apresentando a ausência da cor amarela dentre os encarcerados. Nesse caso, existe uma diferença quanto à distribuição de cor na população encarcerado no país. O Censo Penitenciário (2002)⁶ revela que 49% da população encarcerada são de cor branca, 37% são de cor parda, 13% são de cor negra, e 1% de cor amarela. Considerando que a colonização da região é européia, isso pode explicar a diferença significativa com os índices nacionais.

Com relação à faixa etária da população masculina encarcerada a maioria está entre 18 a 30 anos, somando 63%, os presos entre 31 a 40 anos correspondem a 22% e os presos com mais de 40 anos equivalem a 15%. Essa distribuição percentual apresenta representativa semelhança com os índices nacionais. Conforme o Censo Penitenciário (2002), a população encarcerada no Brasil se distribui da seguinte forma: 62% estão entre 18 a 30 anos, 24% entre 31 a 40 anos, e 14% com mais de 40 anos. Considerando as duas primeiras faixas etárias da população encarcerada no Presídio, somam-se 85% dos presos. É possível inferir que a maioria das pessoas nessas faixas etárias está enfrentando o desafio de ingressar ou se manter no mercado de trabalho e na etapa de constituição de família. Existe relação entre essas circunstâncias da vida e o envolvimento desses homens com o crime?

Examinando a escolaridade da população masculina encarcerada no Presídio é possível considera-la um grupo de baixa escolaridade, uma vez que 87% dos presos estão entre o analfabetismo e o ensino fundamental completo. Aqueles que possuem o ensino fundamental completo correspondem a 51% dessa população. Entre os 13% da população masculina que avançou na escolaridade, 3% possui o ensino médio incompleto, 9%, o ensino médio completo e 1%, o ensino superior incompleto. A escolaridade é um dos requisitos para o ingresso no mercado de trabalho, o que possibilita condições de sustentabilidade e construção de uma

⁶ Os índices nacionais incluem homens e mulheres, o que provocar uma distorção de quatro pontos percentuais nas comparações realizadas com os índices encontrados no Presídio, pois os dados do Presídio são referentes à população masculina.

identidade social de idoneidade. Para o ingresso no mercado de trabalho do início do século XXI, a exigência mínima para funções pouco complexas é o ensino fundamental completo, os 36% da população encarcerada que, não são alfabetizadas ou possuem o ensino fundamental incompleto, não atingiriam o patamar mínimo para colocar-se profissionalmente. Os 51% da população encarcerada que, possui o primeiro grau completo, em tese, teriam possibilidades de ingresso, em cargos menos complexos de baixa remuneração. É possível supor que esse grupo de 87% dos encarcerados pode apresentar dificuldades para manter uma vida com perspectivas positivas na medida que possui poucos recursos educacionais e encontra obstáculos para se manter no mercado de trabalho.

Outro aspecto relevante a ser examinado, diz respeito ao cruzamento entre a idade média dos encarcerados e a escolaridade. Dado que os presos são na maioria jovens de 18 a 30 e de baixa escolaridade, é possível deduzir que esse grupo enfrenta sérias dificuldades de obter sua independência financeira e a definição da sua opção profissional, o que dificulta a formação e a manutenção da família, questões pertinentes a essa fase da vida.

Correlacionando os dados quanto à escolaridade obtidos da população encarcerada no Presídio com a média da população encarcerada no país, é possível notar semelhança. Nacionalmente, conforme o Censo Penitenciário (2002) são 87% dos encarcerados com até o ensino fundamental, o mesmo percentual encontrado no Presídio, porém há uma diferença, aqueles que completaram o ensino fundamental no país são 15%, enquanto que no Presídio são 51%. Aqueles que ultrapassaram o ensino fundamental, tanto no país, quanto no Presídio, são 13% da população encarcerada, mas foi também encontrada diferença quanto àqueles que concluíram o ensino médio. No país, 6% dos encarcerados concluíram o ensino médio, no Presídio foram 9% da população. O percentual referente àqueles que cursaram ensino superior é igual, sendo 1% da população. Parece que os encarcerados dessa região do país foram mais persistentes na conclusão dos estudos. Quais fatores podem ter influído na conclusão do ensino fundamental e médio?

Examinando os tipos de crimes cometidos pela população masculina encarcerada no Presídio, foi possível observar que 51% são classificados como sendo crimes contra o patrimônio, 31% são crimes relacionados a drogas, 5% são crimes contra a pessoa e 13% são outros casos. Nesse aspecto foi verificada uma significativa diferença quanto aos índices nacionais. O Censo Penitenciário (2002) revela que no Brasil a média de crimes contra o

patrimônio é de 38%, crimes relacionados às drogas correspondem a 14% dos casos, crimes contra a pessoa correspondem a 27% e os restantes 21% se referem a outros casos. Avaliando cada tipo, é possível verificar que no Presídio o índice de crimes contra o patrimônio é 15% maior que o índice nacional e que o índice de crimes relacionado às drogas é 55% maior que o índice nacional e que o índice de crimes contra a pessoa é 81% menor no Presídio se contrastado com o índice nacional. Essa análise pode levar a suposição que os presos do Presídio pesquisado são menos violentos que a média nacional.

Relacionando a faixa etária dos presos, escolaridade e tipo de crime, verifica-se que 85% da população encarcerado no Presídio têm entre 18 e 40 anos, 87% dos presos possuem baixa escolaridade e 82% dos crimes são contra o patrimônio ou relacionado às drogas. Examinando esses dados é possível supor que como essa população enfrenta dificuldades no ingresso do mercado de trabalho pela baixa escolaridade, estando em fase de buscar a independência financeira e prover recursos para a família, pode encontrar na criminalidade uma forma de subsistência, visto que 51% dos crimes estão diretamente ligados ao patrimônio e 31% às drogas, que também se constitui em uma maneira de captar dinheiro.

Esses dados parecem importantes para o planejamento do tipo de ambiente e de procedimento que devem ter a prisão, tanto para os administradores, técnicos, agentes prisionais e policiais militares. Na medida que estão identificadas algumas das características dos presos é possível identificar quais são os repertórios comportamentais desenvolvidos no decorrer da vida desses presos. A prisão tem considerado isso para desenvolver novos repertórios? Parece que conhecer o repertório de comportamentos dos presos, promover a intervenção de maneira individualizada e planejar a prisão de forma a facilitar a aprendizagem de comportamentos úteis à sociedade não têm sido contemplado nas ações dos responsáveis pela prisão. Embora a Psicologia tenha desenvolvido conhecimento sobre a aprendizagem de comportamentos, na formação e atuação dos psicólogos esse tema parece não ser bem trabalhado, muito menos faz parte do conhecimento dos gestores da prisão.

Outro dado que confirma essa suposição é a forma de encarceramento. No Presídio, dos presos condenados que são 33% da população aprisionada, 19% estão encarcerados no regime semi-aberto e 81%, no regime fechado. No país, da população com restrição de liberdade, 18% estão encarcerados no regime semi-aberto e 82% no regime fechado. Caso houvesse uma intervenção com base nas características dos presos e no seu repertório comportamental, em vista

do índice de presos com crimes relacionados ao patrimônio e drogas nesse presídio ser significativamente maior que os índices nacionais, a forma de encarceramento poderia diferir com relação aos índices de encarceramento no Brasil. No entanto, o percentual de presos em regime fechado apresenta quase igualdade de índices entre que foi encontrado nesse Presídio e no país. Poderia ser questionado, ainda, se no país há necessidade de encarcerar 82% da população condenada em regime fechado, se com a utilização de procedimentos que levassem a aprendizagem de comportamentos em meio semi-aberto e aberto não se obteria resultados mais efetivos? A Lei de Execuções Penais prevê a aplicação de penas alternativas, porém parece que os mecanismos que estão sendo disponibilizados para a operacionalização dessas penas são insuficientes e, também, são poucos os juízes adeptos a essa possibilidade.

No Presídio, os presos que estão aguardando julgamento, que correspondem a 67% da população encarcerada, estão no mesmo local que os presos condenados. Esse dado também reforça a falta de preocupação da organização com o tipo de tratamento dado aos presos e com a aprendizagem de comportamentos, uma vez que esse grupo pode ser inocentado no decorrer do processo, ou seja, não ter um repertório de comportamentos ligado ao crime, e, no entanto, irá conviver com o mesmo tipo de procedimento aplicado aos presos condenados.

VIDA E APRENDIZAGEM DOS ENCARCERADOS

A vida na prisão é composta por um conjunto de fatores, que integram o sistema oficial da organização, as leis e procedimentos internos que regulam o comportamento, e o sistema não oficial, que, de fato, conduz a vida dos encarcerados e suas relações entre si. O sistema não oficial tem a ver com um conjunto de normas não escritas, mas que são definidoras de como os presos devem tratar-se, como devem agir com os funcionários, o que devem falar para a família e para o juiz, que valores são prezados no cotidiano, entre outros fatores.

Esses dois sistemas desencadeiam processos internos que constroem o dia-a-dia da prisão: a delimitação do ambiente do encarceramento, a alocação dos presos, o tipo de atividade, roupa, diálogo e solicitações permitidas, o tipo de contato com as visitas e com o mundo exterior, o tipo de comportamento que é recompensado e o que é punido, o tipo de punição permitida, entre outros processos. Nesse sentido, um importante aspecto a ser examinado diz respeito à percepção dos presos sobre a Justiça, a prisão, o Presídio, os presos e os funcionários no decorrer do tempo de aprisionamento, dado que essa percepção é decorrente, principalmente, dos processos internos da prisão, possibilitando, assim, ampliar a compreensão sobre como e quais contingências da prisão determinam a aprendizagem e o comportamento dos presos. Esses aspectos são examinados a partir dos relatos dos presos entrevistados, considerando os três grupos delimitados: até um ano de prisão, entre um e três anos de prisão e mais que três anos de prisão.

6.1 Caracterização dos encarcerados entrevistados

Nas Tabelas 6.1 a 6.6 são apresentadas as características de identificação dos presos, sendo elas ambiente de aprisionamento, delito, situação jurídica, incidência criminal, faixa etária, escolaridade, diversidade de ocupação profissional e tipo de ocupação profissional. A Tabela 6.1 apresenta a distribuição da ocorrência dos encarcerados por tempo de aprisionamento pelos tipos de situação de encarceramento e características.

TABELA 6.1
DISTRIBUIÇÃO DA OCORRÊNCIA DOS ENCARCERADOS POR TEMPO DE
APRISIONAMENTO PELOS TIPOS DE SITUAÇÃO DE ENCARCERAMENTO E CARACTERÍSTICAS
DOS ENCARCERADOS ENTREVISTADOS

Tempo de aprisionamento				
Tipos de situação do encarcerado		Menos que 1 ano	Entre 1 a 3 anos	Mais que 3 anos
Ambiente de aprisionamento	Interno	5	4	2
	Entre-muros	-	1	1
	Externo	-	-	2
Delito	Art. 155 e 157	3	2	-
	Art. 12	1	1	2
	Art. 121	1	-	1
	Art.213	-	-	1
	Misto	-	2	1
Situação jurídica	Provisório	1	-	-
	Condenado	4	3	4
	Provisório e Condenado	-	2	1
Incidência criminal	Primário	5	3	2
	Reincidente	-	2	3
Faixa etária	21 a 30 anos	4	3	1
	31 a 40 anos	1	1	1
	41 a 50 anos		1	3
Escolaridade	1º grau incompleto	1	3	2
	1º grau completo	1	1	2
	2º grau incompleto	3	-	-
	2º grau completo	-	1	1
Diversidade de ocupação profissional	1 ocupação	1	-	1
	2 a 3 ocupações	2	3	3
	4 a 5 ocupações	-	2	-
	6 a 7 ocupações	2	-	1
Tipo de ocupação profissional	Empregado formal	1	2	3
	Empregado informal	3	3	2
	Empregador	-	-	-
	Mais de um tipo	1	-	-

Na Tabela 6.1 é possível observar que, dos presos, 73,4% estão no ambiente Interno, 13,3%, no ambiente Entre-muros e 13,3%, no ambiente Externo. Com relação ao tempo de encarceramento e a alocação dos presos, é possível verificar que daqueles que estão com mais de três anos de encarceramento, 80% estão no ambiente Entre-muros ou externo e, daqueles que estão com menos de um ano de encarceramento, 100% estão no ambiente Interno.

Observando a Tabela 6.1 verifica-se que as características dos presos com menos de um ano de prisão são: 100% estão sendo acusados por um tipo de delito; 20% são provisórios e 80% são condenados; 100% estão presos pela primeira vez; 80% têm idade entre 21 a 30 anos e 10% têm idade entre 31 a 40 anos; 20% possuem ensino fundamental incompleto, 20%, ensino fundamental completo e 60%, ensino médio incompleto e 100% exerceram alguma atividade profissional lícita.

Quanto às características dos presos com um a três anos de prisão, verifica-se que: 60% estão sendo acusados por um tipo de delito e 40%, por mais de um tipo de delito; 60% foram condenados e 40% foram condenados em algum processo e estão sendo julgados em outro; 60% estão presos pela primeira vez e 40% são reincidentes; 60% têm idade de 21 a 30 anos, 20%, de 31 a 40 anos e 20% de 41 a 50 anos; 60% possuem ensino fundamental incompleto, 20% possuem ensino fundamental completo e 20% possuem ensino médio completo e 100% exerceram alguma atividade profissional lícita.

Quanto às características dos presos com mais de três anos de prisão, observa-se que: 80% estão sendo acusados por um tipo de delito, 20% por mais de um tipo de delito; 80% foram condenados e 20% foram condenados em algum processo e estão sendo julgados em outro; 20% têm idade de 21 a 30 anos, 20%, de 31 a 40 anos e 60%, de 41 a 50 anos; 40% possuem ensino fundamental incompleto, 40% possuem ensino fundamental completo e 20% possuem ensino médio completo e 100% exerceram alguma atividade profissional lícita.

Com relação à reincidência, é possível observar que os presos reincidentes, entre um a três anos de prisão, reincidiram no mesmo delito. Dos presos reincidentes, com mais que três anos de prisão, dois deles reincidiram em crimes diferentes da primeira prisão e um reincidiu no mesmo delito.

Na Tabela 6.2 são apresentados os dados, em detalhe, da distribuição da quantidade de encarcerados por ambiente de aprisionamento por tempo de encarceramento.

TABELA 6.2

**DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE DE ENCARCERADOS POR AMBIENTE DE APRISIONAMENTO
POR TEMPO DE ENCARCERAMENTO**

Ambiente de aprisionamento	Interno									Entre muros			Externo		
	Quadrante 1			Quadrante 3			Quadrante 5								
Tempo de encarceramento (*)	- 1	1 a 3	+ 3	- 1	1 a 3	+ 3	- 1	1 a 3	+ 3	- 1	1 a 3	+ 3	- 1	1 a 3	+ 3
Quantidade de encarcerados	2	2		3	1	2		1			1	1			2
Total	4			6			1			2			2		

(*)

- 1 = menos que 1 ano de prisão 1 a 3 = entre 1 a 3 anos de prisão + 3 = mais que 3 anos de prisão

Na Tabela 6.2 é possível observar a distribuição por ambiente de aprisionamento, sendo que no ambiente Interno no Quadrante 1 foram entrevistados quatro presos, havendo presos com menos de um ano de prisão e entre um e três anos de prisão; no Quadrante 3 foram entrevistados seis presos havendo presos dos três grupos e no Quadrante 5 foi entrevistado um preso de um a três anos de prisão. Em seguida, na Tabela 6.3, é apresentada a distribuição da quantidade de encarcerados por delito cometido por tempo de encarceramento.

TABELA 6.3

**DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE DE ENCARCERADOS POR DELITO POR TEMPO DE
ENCARCERAMENTO**

Delito Tempo/Qde	Art. 157 e 155 (assalto, latrocínio e furto)			Art. 12 (tráfico e associação)			Art. 121 (homicídio)			Art. 213 (estupro)			Mais de um artigo		
	Tempo de encarceramento (*)	- 1	1 a 3	+ 3	- 1	1 a 3	+ 3	- 1	1 a 3	+ 3	- 1	1 a 3	+ 3	- 1	1 a 3
Quantidade de encarcerados	3	2		1	1	2	1		1			1		2	1
Total	5			4			2			1			3		

É verificado na Tabela 6.3 que dos presos que cometeram um tipo de delito, 60% têm relação com crimes ligados ao patrimônio ou às drogas. Dos presos com mais de três anos de prisão 80% estão acusados de um tipo de delito, desses 20% infringiram a lei com crimes relacionado às drogas, 10% cometeram homicídio e 10% cometeram estupro. Os presos que estão sendo acusados de mais de um tipo de delito tem mais de um ano de prisão. A Tabela 6.4 mostra

a distribuição da quantidade de encarcerados por situação processual e incidência criminal por tempo de encarceramento.

TABELA 6.4
DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE DE ENCARCERADOS POR SITUAÇÃO PROCESSUAL E
INCIDÊNCIA CRIMINAL POR TEMPO DE ENCARCERAMENTO

Situação Tempo/Qde	Condenados			Provisórios			Condenado e provisório			Primário			Reincidente		
	- 1	1 a 3	+ 3	- 1	1 a 3	+ 3	+ 3	1 a 3	+ 3	- 1	1 a 3	+ 3	- 1	1 a 3	+ 3
Tempo de encarceramento (*)															
Quantidade de encarcerados	4	3	4	1				2	1	5	3	2		2	3
Total	11			1			3			10			5		

A Tabela 6.4 apresenta duas categorias de variáveis: a situação processual e a incidência criminal. Com relação à situação processual, dos quinze presos, 73,3% são condenados, 6,7% são provisórios e 20% são condenados em um ou mais processos e também aguardam julgamento em um ou mais processos. Com relação à incidência criminal, os presos primários são 66,7% dos entrevistados, apresentando maior índice entre os presos que estão há menos de um ano aprisionados. No caso dos presos reincidentes, é possível verificar ocorrência entre os presos com um a três anos de prisão e com mais que três anos de prisão. A Tabela 6.5 mostra a distribuição da quantidade de encarcerados por faixa etária por tempo de encarceramento.

TABELA 6.5
DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE DE ENCARCERADOS POR FAIXA ETÁRIA POR TEMPO DE
ENCARCERAMENTO

Faixa etária Tempo/Qde	21 a 30 anos			31 a 40 anos			41 a 50 anos		
	- 1	1 a 3	+ 3	- 1	1 a 3	+ 3	+ 1	1 a 3	+ 3
Tempo de encarceramento (*)									
Quantidade de encarcerados	4	3	1	1	1	1		1	3
Total	8			3			4		

É verificável na Tabela 6.5 que 53,3% dos presos têm de 21 a 30 anos, 20% têm de 31 a 40 anos e 26,7% possuem entre 41 a 50 anos. Entre os presos de 21 a 30 anos, a maioria possui menos de um ano ou entre um a três anos de prisão, entre os presos de 31 a 40 anos há um preso

em cada grupo entrevistado e entre os presos de 41 a 50 anos, a maioria está presa há mais de três anos. A Tabela 6.6 apresenta a distribuição da quantidade de encarcerados por escolaridade por tempo de encarceramento.

TABELA 6.6
DISTRIBUIÇÃO DA QUANTIDADE DE ENCARCERADOS POR ESCOLARIDADE POR TEMPO DE ENCARCERAMENTO

Escolaridade Tempo/Qde	1º grau incompleto			1º grau completo			2º grau incompleto			2º grau completo		
	- 1	1 a 3	+ 3	- 1	1 a 3	+ 3	+ 3	1 a 3	+ 3	- 1	1 a 3	+ 3
Tempo de encarceramento (*)												
Quantidade de encarcerados	1	3	2	1	1	2	3				1	2
Total	5			4			3			3		

Na Tabela 6.6 é possível observar que 33,3% dos encarcerados possuem 1º grau incompleto, 26,7% possuem 1º grau completo, 20% possuem 2º grau incompleto e 20% possuem 2º grau completo.

a) As aprendizagens realizadas na prisão tem sido úteis para a permanência dos presos no encarceramento

A maioria dos presos entrevistados está alojada no ambiente Interno: 73,4% estão no ambiente Interno, 13,3%, no ambiente Entre-muros e 13,3%, no ambiente Externo. É possível verificar a ocorrência de progressão de condições, entre os presos entrevistados, sob o aspecto da alocação dos presos no ambiente da prisão, já que dos presos que estão com mais de três anos de encarceramento, 80% estão no ambiente Entre-muros ou externo e, dos presos que estão com menos de um ano de encarceramento, 100% estão no ambiente Interno. Goffman (1967) identificou que a progressão de condições nas prisões pode fazer parte de um sistema de adaptação que organiza alguns privilégios, esse autor demonstra que “os processos de mortificação e o sistema de privilégios representam as condições a que o interno terá de adaptar-se de algum modo” (Goffman, 1967, p.137), para tanto o preso usará diversas formas, podendo variar conforme as suas fases na prisão. Há quatro tipos de formas de adaptação para Goffman

(1967): “recolhimento da situação” em que o preso retira sua atenção de tudo, exceto dos acontecimentos ao seu redor, porém, percebendo-os de forma diferente das demais pessoas; “rebelde”, em que o preso desafia intencionalmente a organização, recusando-se a cooperar com a administração; “colonização”, quando o preso considera que a amostragem do mundo externo que a organização proporciona é tudo que existe, passando a encontrar satisfações em ficar na instituição; “conversão”, nesse caso o preso passa a adotar totalmente a opinião da administração da organização sobre ele, tenta agir como um preso perfeito. Porém, Goffman (1967) verificou que essas formas são aplicadas temporariamente pelos presos, na maior parte do tempo do encarceramento predomina entre os presos a tentativa da preservação de seu mundo interno, por meio da lealdade com o grupo interno, alguma aceitação da organização e da opinião da administração da organização sobre ele e uso dos benefícios oferecidos pela prisão como forma de melhorar suas condições. Nesse sentido, a busca por parte dos presos em estar no ambiente Externo e da administração do Presídio oferecer uma progressão de ambientes de aprisionamento, pode integrar o sistema de privilégios que auxilia no processo de adaptação dos presos. Enquanto os encarcerados se ocupam de progredir nos ambientes de aprisionamento, comportam-se conforme o esperado pela organização e, internamente, mantém algum objetivo que lhe faça sentido, o que é importante para sua reorganização psíquica a partir do encarceramento. No entanto, também enquanto os presos se ocupam em conquistar os privilégios oferecidos pela organização, ocorrem aprendizagens, pois eles precisam desenvolver novos comportamentos para obter os privilégios. Quais aprendizagens estão sendo realizadas pelos presos? Seriam aprendizagens úteis para a vida em sociedade?

Com relação à escolaridade, dos presos com menos de um ano de prisão, 20% possuem ensino fundamental incompleto, 20%, ensino fundamental completo e 60%, ensino médio incompleto; dos presos que estão entre um ano a três encarcerados, 60% possuem ensino fundamental incompleto, 20% possuem ensino fundamental completo e 20% possuem ensino médio completo e daqueles com mais de três anos de prisão, 40% possuem ensino fundamental incompleto, 40% possuem ensino fundamental completo e 20% possuem ensino médio completo. Pode-se verificar que o primeiro grupo apresenta melhor escolaridade que o segundo e terceiro, mesmo que duas pessoas do terceiro grupo tenham feito o 1º grau no Presídio. É possível verificar que a escolaridade daqueles que estão mais tempo presos é mais baixa que dos demais, principalmente quando eles ingressaram no Presídio. É possível estabelecer uma relação entre

escolaridade do preso e tempo de prisão? Um outro aspecto a ser examinado tem a ver com a capacidade da organização prisional em oferecer educação formal, visto que as características de educação daqueles que estão a menos de um ano presos são melhores que nos demais, isso pode sugerir que a prisão possui poucas condições de oferecer elevação da escolaridade.

Com relação à idade dos presos, verifica-se que mais de 50% são jovens, em fase de iniciar a formação familiar, a carreira profissional e obter a independência financeira. Com relação à idade, 53,3% têm de 21 a 30 anos, 20% têm de 31 a 40 anos e 26,7% possuem entre 41 a 50 anos. A maioria entre os presos de 21 a 30 anos, possui menos de um ano ou entre um a três anos de prisão, entre os presos de 31 a 40 anos há um encarcerado em cada grupo entrevistado e entre os presos de 41 a 50 anos, a maioria está presa há mais de três anos. Nesse sentido, observa-se que aqueles que estão há menos tempo encarcerados são mais jovens que os presos que estão aprisionados há mais tempo. É possível estabelecer uma relação entre a idade e o tempo de prisão? Os presos com maior faixa etária cometem crimes com maior pena?

Relacionando o aspecto da faixa etária com a incidência criminal, é possível descobrir outras ligações. Dado que 100% dos presos com menos de um ano de prisão são primários, daqueles que estão com um a três anos de prisão 60% são primários e daqueles que estão presos há mais de três anos 40% são primários, é verificável um aumento na reincidência a partir do tempo de aprisionamento. Então, dos presos que estão encarcerados há mais de três anos, 60% já esteve aprisionado. Nesse sentido, é sabido que para presos que são reincidentes as penas tendem a serem mais extensas. Mas, um outro aspecto que pode ser examinado é a relação entre a reincidência e o encarceramento. Considerando que o índice de reincidência aumentou nos presos proporcionalmente ao tempo de prisão, parece que quanto mais tempo o indivíduo permanece na prisão, maiores são as possibilidades de ele regressar ao aprisionamento. O que os presos estão, afinal, aprendendo? É possível supor que a prisão não apresenta métodos efetivos para a mudança do comportamento considerado criminoso, pelo contrário, está reforçando-o.

Outro aspecto relevante no exame da reincidência se refere ao tipo de delito e escolaridade. Visto que os presos com menos de um ano de prisão estão encarcerados pela primeira vez, que os presos com um a três anos de prisão reincidentes, que são 40%, foram acusados do mesmo delito e apresentam escolaridade mais baixa do que os presos com menos de um ano de prisão e que os presos com mais de três anos de aprisionamento reincidentes, que são 60%, 40% foram acusados delitos diferentes dos processos anteriores e possuem escolaridade

mais baixa que os outros dois grupos, parece haver uma relação entre essas três variáveis. É possível supor que quanto menor é a escolaridade, maior é a probabilidade de reincidência; que quanto maior o tempo de prisão, maior a probabilidade de reincidência e que quanto maior o tempo de prisão, maior a diversidade de delitos na reincidência criminal. Parece que as aprendizagens que uma parte dos presos está realizando se referem à permanência deles como aprisionados. Para eles a prisão não tem apresentado utilidade quanto à aprendizagem de comportamentos úteis para vida em sociedade.

Examinando os aspectos que caracterizam os presos é possível observar as modificações no decorrer do tempo de encarceramento, que parecem sugerir que as aprendizagens realizadas na prisão favorecem a permanência dos presos na criminalidade e no encarceramento. Diante disso, é possível questionar como está acontecendo a gestão prisional? Que tipos de procedimentos estão sendo adotados? Quais os conhecimentos produzidos pela Ciência tem sido considerados no planejamento das prisões? Como os psicólogos têm atuado nessas organizações? Parece que os conhecimentos produzidos pela Psicologia não fazem parte do planejamento e da gestão das prisões e que os psicólogos atuantes nas prisões trabalham em atividades que não modificam as aprendizagens dos presos para promoção de comportamentos úteis à sociedade, seja pelo tipo de função que esse profissional entende que tem o seu trabalho ou pelos limites organizacionais impostos.

6.2 Percepção dos presos sobre a prisão e a justiça

Para conhecer os comportamentos aprendidos pelos presos, é importante identificar a percepção dos presos sobre a prisão e a Justiça antes e depois do encarceramento e as modificações ocorridas no decorrer do tempo de aprisionamento. Nas Tabelas 6.7 a 6.9 são apresentadas as percepções sobre a prisão, antes e depois do encarceramento e nas Tabelas 6.10 a 6.12, são apresentadas as percepções sobre a Justiça, antes e depois do encarceramento.

A Tabela 6.7 apresenta a distribuição da ocorrência de respostas dos encarcerados por tempo de aprisionamento pelos tipos de respostas sobre o que achavam da prisão antes de serem presos.

TABELA 6.7
DISTRIBUIÇÃO DA OCORRÊNCIA DE RESPOSTAS DOS ENCARCERADOS POR TEMPO DE
APRISIONAMENTO PELOS TIPOS DE RESPOSTAS SOBRE O QUE ACHAVAM DA PRISÃO ANTES
DE SEREM PRESOS

Tipos de resposta		Tempo de aprisionamento		
		Menos que 1 ano	Entre 1 a 3 anos	Mais que 3 anos
Citação neutra 5	Que era como é	1	-	-
	Não tinha idéia como era	1	2	1
	TOTAL	2	2	1
Citação positiva da prisão 2	Que não era tão ruim quanto as pessoas achavam	1	-	-
	Que a prisão era boa	1	-	-
	TOTAL	2	-	-
Citação negativa da prisão 9	Que era como passa na TV: presos fortes, tatuados e mau-encarados	-	1	-
	Que era um pesadelo, ruim, horrível	2	-	2
	Que a prisão não educa ninguém	-	-	2
	Que a sociedade acha que a cadeia é um lugar para bicho, que deve ter tratamento ruim	1	-	1
	TOTAL	3	1	5
Citação que a prisão seria melhor 5	Que os presos não tinham tanto contato uns com os outros	-	1	-
	Que havia separação dos presos por crime	-	1	-
	Que tinha trabalho	-	1	-
	Que as pessoas presas pudessem se recuperar	-	-	1
	Que não era esse inferno	-	1	-
	TOTAL	-	4	1
Citação que a prisão seria pior 5	Que havia mais violência	1	-	1
	Que era mais difícil o convívio entre os presos	-	-	3
	TOTAL	1	-	4

Na Tabela 6.7 é possível observar que das citações dos presos ocorrem cinco citações com conotação neutra sobre o que eles achavam da prisão antes de serem presos, duas citações com conotação positiva, nove citações com conotação negativa, cinco citações com conotação de que esperavam que a prisão fosse melhor e cinco citações com conotação de que esperavam que a prisão fosse pior. As citações neutras são de presos dos três grupos; as citações positivas são de presos com menos de um ano de prisão; as citações negativas são em maior número de presos

com mais de três anos de prisão e de presos com menos de um ano de prisão; as citações com conotação de que a prisão seria melhor do que de fato é, são, em maior número, de presos de um a três anos de prisão, ocorrendo ausência de citações no grupo com menos de um ano de prisão; as citações com conotação de que a prisão seria pior do que de fato é, são em maior número de presos com mais de três anos de prisão, tendo ocorrido ausência de citações no grupo de presos entre um a três anos de prisão.

Na Tabela 6.8 é apresentada a distribuição da ocorrência de respostas dos encarcerados por tempo de aprisionamento pelos tipos de respostas sobre para que achavam que servia a prisão e de onde vinham as informações que tinham sobre a prisão antes de serem presos.

TABELA 6.8

DISTRIBUIÇÃO DA OCORRÊNCIA DE RESPOSTAS DOS ENCARCERADOS POR TEMPO DE APRISIONAMENTO PELOS TIPOS DE RESPOSTAS SOBRE PARA QUE ACHAVAM QUE SERVIA A PRISÃO E DE ONDE VINHAM AS INFORMAÇÕES SOBRE A PRISÃO ANTES DE SEREM PRESOS

Tipos de resposta	Tempo de aprisionamento	Menos que 1 ano	Entre 1 a 3 anos	Mais que 3 anos
Que a prisão servia para tirar o criminoso da sociedade		1	1	-
Que servia para dar uma lição quando alguém faz algo errado		1	-	-
Que servia para deixar as pessoas piores do que entraram		1	-	-
Que era para reeducar		-	2	-
De conhecidos que eram egressos da prisão		1	1	1
Da TV: filmes e reportagens		1	1	2
De visita no presídio a familiares ou amigos		2	-	-

Observando a Tabela 6.8 é possível verificar quatro tipos de citações sobre para que os encarcerados achavam que servia a prisão, antes de ser preso: duas citações afirmando que a prisão servia para tirar o criminoso da sociedade, uma citação afirmando que a prisão servia para dar uma lição quando alguém faz algo errado, uma citação afirmando que a prisão servia para deixar as pessoas piores do que entraram e duas citações afirmando que a prisão servia para reeducar. Sobre esse aspecto ocorreu ausência de citações no grupo de presos com mais de três anos. Com relação à proveniência das informações sobre a prisão antes dos presos serem encarcerados, é possível observar três tipos de citações: três citações mencionando que as informações vinham de pessoas conhecidas que eram egressas da prisão, quatro citações

mencionando que as informações vinham da televisão e duas citações mencionando que já haviam visitado familiares ou amigos no Presídio antes de serem presos.

A Tabela 6.9 mostra a distribuição da ocorrência de respostas dos encarcerados por tempo de aprisionamento pelos tipos de respostas sobre o que acham da prisão após serem presos.

TABELA 6.9
DISTRIBUIÇÃO DA OCORRÊNCIA DE RESPOSTAS DOS ENCARCERADOS POR TEMPO DE
APRISIONAMENTO PELOS TIPOS DE RESPOSTAS SOBRE O QUE ACHAM DA PRISÃO APÓS
SEREM PRESOS

Tipos de resposta		Tempo de aprisionamento	Menos que 1 ano	Entre 1 a 3 anos	Mais que 3 anos
A prisão é	Depende da prisão, pode ser melhor ou pior		1	-	-
	A prisão é uma outra sociedade		-	1	-
	A prisão é um lugar que não presta, tem péssimas condições de vida para o ser humano, é um depósito de gente desocupada		-	3	1
	A prisão não é tão pesada, principalmente quanto ao relacionamento entre os presos		1	-	1
	A prisão é limpa e tem higiene		-	-	1
A prisão faz	A prisão serve para fabricar criminoso, aprimorar o artigo, aprender a malandragem		2	-	1
	A prisão poderia recuperar o preso se oferecesse trabalho, escola e cursos		1	1	2
	Não funciona como deveria, não ensina os presos		1	-	1
	É muito ruim ficar aqui, perder a liberdade, depender de tudo e de todos		1	-	-
	A prisão faz a gente ver as coisas de forma diferente		1	-	-
	A prisão gera revolta		1	1	-
	Ninguém merece ficar na cadeia		-	2	-
	A prisão não é para mim		-	1	-
Na prisão	A prisão guarda gente que não faz coisas relevantes, é uma forma de controlar os pobres		-	-	1
	Na prisão, quem faz o convívio é o preso		-	-	1
	Há muita humilhação, injustiça e desrespeito por parte da prisão para com os presos		1	2	-
	Há muito respeito entre os presos		1	-	2
	É possível aprender coisas boas e ruins, depende da cabeça de cada um		-	-	1

Na Tabela 6.9 é possível observar três tipos de respostas sobre o que os presos acham da prisão após serem encarcerados, o primeiro tipo se relaciona com o que a prisão é, o segundo, com o que a prisão faz e o terceiro, com o que acontece na prisão. No primeiro tipo de resposta

ocorrem nove menções, no segundo, dezessete e no terceiro, oito. Os presos com menos de um ano de prisão apresentam duas ocorrências de menções no primeiro tipo de respostas, sete, no segundo e duas, no terceiro. Os presos entre um a três anos de prisão apresentam quatro ocorrências de menções no primeiro tipo, cinco, no segundo e duas, no terceiro. Os presos com mais de três anos de prisão apresentam três ocorrências de menções no primeiro tipo, quatro, no segundo e quatro no terceiro. A respeito do que a prisão é, a expressão mais mencionada entre cinco tipos citações é que a prisão é um lugar que não presta, tem péssimas condições de vida para o ser humano, é um depósito de gente desocupada. Sobre o que a prisão faz, observam-se nove tipos de citações, havendo uma quantidade de distribuição entre uma a quatro ocorrências em cada. Com relação ao que acontece na prisão, foram apresentadas quatro tipos de citações, ocorrendo oito menções no total.

A Tabela 6.10 apresenta a distribuição das respostas dos encarcerados com menos de um ano de prisão sobre o que achavam da Justiça antes e depois de serem presos.

TABELA 6.10

DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS DOS ENCARCERADOS COM MENOS DE UM ANO DE PRISÃO SOBRE O QUE ACHAM DA JUSTIÇA, ANTES E DEPOIS DE SEREM PRESOS

Antes de ser preso	Depois de ser preso
O que conhecia e o que achava da justiça	O que acha da justiça
Achava que a justiça era feita pela lei mesmo, que o duvidoso não existia, que a lei era justa, que a punição era conforme o que a pessoa fez, nem a mais nem a menos. Que os juizes e policiais faziam pelo certo, pelos fatos que aconteciam no dia a dia. Na minha cidade era assim, era justa, eu via.	Acho que a justiça não é nada, é tudo errado. Eles deviam fazer muitas coisas antes de condenar a pessoa, mais investigação, buscar provas, fazer exame de balística.
Imaginava que a justiça criminal era boa, que cumpria seu papel de absolver ou condenar. Nunca tive contato com esse assunto, só tinha contato com alguns juizes e advogados que usavam os meus serviços de transporte. Para a sociedade em geral a justiça é boa, as pessoas não conhecem os erros dos juizes, advogados...	Agora eu vejo que eles erram muito, condenam no eu "acho". A justiça deveria ser mais correta.
Achava que a justiça era ruim, que existiam coisas erradas.	Acho que eles só sabem acusar, hoje não tenho nem palavras. A justiça destruiu minha juventude e a da minha família, ela não tem interesse em saber as conseqüências para o condenado das suas decisões, o dinheiro fala mais alto no funcionamento da justiça.
Eu pensava que a justiça seria para defender a vida, para ajudar quem precisa, pelo menos aprendi isso no colégio.	Acho que por qualquer coisa a pessoa é condenada, parece que é lucro! A justiça não quer saber se tem culpa ou não, não investiga. Tem gente que vem para cá por causa de roubar uma panela. Para a justiça não temos o direito de achar nada, temos que obedecer.
Sempre pensei que quem tem dinheiro ou é famoso, influencia a justiça, como no caso do cantor Belo. Já sabia disso por causa da prisão dos meus pais.	A justiça age assim: para cobrir a falta de um, condena outro, para poder dar alguma resposta para a mídia e para a sociedade. O juiz não analisa bem, se é primário, se tem família, se trabalha... tem muita corrupção.

Na Tabela 6.10 é possível verificar que, dos presos com menos de um ano de prisão, três achavam, antes do encarceramento, que a Justiça era correta e cumpria as leis e dois presos achavam que a Justiça era incorreta e suas decisões eram influenciadas por outros fatores além das leis. Depois da prisão, todos os presos têm uma percepção negativa da Justiça, associando-a com decisões e procedimentos equivocados, insuficientes, antiéticos e influenciados por fatores econômicos e sociais. Na Tabela 6.11 é apresentada a distribuição das respostas dos encarcerados entre um a três anos de prisão sobre o que achavam da Justiça antes e depois de serem presos.

TABELA 6.11

**DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS DOS ENCARCERADOS ENTRE UM A TRÊS ANOS DE PRISÃO
SOBRE O QUE ACHAM DA JUSTIÇA, ANTES E DEPOIS DE SEREM PRESOS**

Antes de ser preso	Depois de ser preso
O que conhecia e o que achava da justiça	O que acha da justiça
Achava que a justiça era sempre justa.	No meu caso, a condenação foi justa, o que não foi justo foi o tempo que fiquei no regime fechado (16 meses), pois a minha condenação era no semi-aberto. Em alguns casos a decisão sobre o processo não é justa.
Achava que a justiça servia para condenar quem fazia algo errado, que quem fazia tinha que pagar. Mas a sociedade julga antecipadamente, não é porque você é acusado você é ladrão. Às vezes, só porque mora perto já é acusado de ladrão.	Agora tenho um olhar diferente sobre a justiça, acho que ela é cega, para a juíza vale mais a palavra de um policial corrupto do que de alguém desempregado. Também acho que no Brasil a justiça é muito lenta. Penso que poderia ser diferente, que eles deveriam analisar a fundo o processo, mas como tem muito processo, eles querem se ver livre de tanto trabalho, aí vão decidindo sem provas. O advogado que o Estado paga não trabalha, não aparece na audiência, não conversa com o preso. Tudo fica perdido para o preso. Outra coisa é que a polícia coloca quem tem raiva na cadeia, quem não pode se defender.
Pensava que a justiça estivesse preparada para julgar. Que a justiça é útil para a sociedade, pois se não houvesse a lei como seria o mundo?	Penso que a justiça é muito falha, não segue o código penal. Tem aquele ditado que diz que a justiça falha, mas não tarda. Pois é, ela falha sempre na minha cidade. Se eu fosse juiz tinha vergonha de condenar esse pessoal que tá aí, gente pobre, que não tem jeito de viver. A justiça é corrupta, os poderes são corruptos.
Que a justiça era certa. Nunca precisei da justiça.	Agora acho que a justiça é uma podridão. Na justiça a injustiça é comum, condena presos inocentes... na delegacia os policiais matratam, espancam, o acusado para que ele confesse. A justiça serve para soltar quem deveria condenar e condenar o inocente, é tudo ao contrário.
Que tem justiça para certas coisas, mas alguns políticos e governantes roubam e não acontece nada. Acho que a justiça tá aí para garantir a segurança e a proteção da sociedade, para desarmar o povo e para ter justiça.	Hoje não acredito mais na justiça, ela condena pelos antecedentes, às vezes condena inocentes, condena os viciados com uma bucha e quem não tem advogado pago fica esquecido. Mas, tem um ou outro juiz que trabalha bem.

Verifica-se na Tabela 6.11 que, dos presos entre um a três anos de prisão, quatro achavam, antes do encarceramento, que a Justiça era correta e cumpria as leis e um preso achava que a Justiça era incorreta e suas decisões eram influenciadas por outros fatores além das leis. Depois da prisão, quatro dos presos têm uma percepção negativa da Justiça, associando-a com decisões e procedimentos equivocados, antiéticos, influenciados por fatores econômicos e sociais e por critérios pessoais para acusar e julgar. Um preso apresenta uma percepção positiva da Justiça a partir da avaliação do seu caso. Em seguida, a Tabela 6.12 mostra a distribuição das respostas dos encarcerados com mais de três anos de prisão sobre o que achavam da Justiça antes e depois de serem presos.

TABELA 6.12

**DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS DOS ENCARCERADOS COM MAIS DE TRÊS ANOS DE PRISÃO
SOBRE O QUE ACHAM DA JUSTIÇA, ANTES E DEPOIS DE SEREM PRESOS**

Antes de ser preso	Depois de ser preso
O que conhecia e o que achava da justiça	O que acha da justiça
Que a justiça favorecia quem tem dinheiro. Quem tem dinheiro não fica preso.	Não existe justiça, é a lei do mais forte.
Que era justa sempre.	Nesse tempo que estou preso já vi muita injustiça por parte da justiça, tem pessoas que tem que pagar a cadeia sem dever. Além de ser muito demorada.
Já imaginava que era falha porque trabalhava com o Fórum, via como era moroso. A sociedade sabe que a justiça é corrupta, mas não se mexe, não fiscaliza, é cúmplice.	Acho que é falha, não concordo com a forma de cálculo da remissão desse juiz. Esse cálculo desmotiva o preso a trabalhar. Acho que existe justiça só para o pobre, rico não vem para a cadeia.
Que não tem justiça, ela é comprada, é feita.	Só funciona para quem pode comprar.
Tinha conhecimentos de ouvir falar, mas não lembro direito o que pensava.	A justiça é injusta. Não consigo entender porque só é aplicada a lei para alguns.

Na Tabela 6.12 é possível verificar que, dos presos com mais de três anos de prisão, um achava, antes do encarceramento, que a Justiça era correta e cumpria as leis, três presos achavam que a Justiça era incorreta e suas decisões eram influenciadas por outros fatores além das leis e um preso não lembra o que pensava. Depois da prisão, todos os presos têm uma percepção negativa da Justiça, associando-a com decisões e procedimentos demorados e influenciados por fatores econômicos e sociais, mas que pode funcionar como deveria para algumas pessoas com recursos financeiros.

b) A percepção dos presos sobre a prisão e a Justiça são negativas, agravando-se depois do encarceramento, com exceção de aspectos relacionados aos presos

A maioria das citações dos presos revela que eles tinham uma impressão negativa da prisão antes de serem presos. Dos que expressam impressão positiva, a maioria tem mais de três anos de prisão e dos que expressam impressão negativa, a maioria está com um a três anos de prisão. As duas citações com conotação positiva sobre o que os presos achavam da prisão antes do encarceramento ocorrem exclusivamente no grupo com menos de um ano de prisão. Considerando o número de citações com conotação positiva em relação às citações com conotação neutra ou negativa, é possível supor que os indivíduos livres, predominantemente, desconhecem como é a prisão ou percebe a prisão de forma negativa. E, dado o grupo em que

ocorrem as citações com conotação positiva, parece que as pessoas com menos de um ano de encarceramento possuem percepções positivas aprendidas sobre a prisão e, na medida que transcorre o tempo do aprisionamento, essas percepções se modificam. Dessa maneira, parece que o aprisionamento reduz as possibilidades de percepção positiva sobre ele.

Com relação à utilidade da prisão, dos quatro tipos de citações sobre para que os encarcerados achavam que servia a prisão, antes de serem presos, três delas apresentam conotação punitiva ou vingativa e uma educativa e positiva. É possível supor que as percepções dos presos sobre a função da prisão são produzidas pelas suas experiências e conhecimentos antes da prisão, advindas do ambiente social em que conviviam, que, considerando os dados apresentados no subcapítulo 6.1, parece ser um ambiente de baixa renda, visto a pouca escolaridade e o tipo de atividade profissional já exercida. Nesse caso, é possível relacionar que a população de baixa renda percebe a prisão como uma instituição vingativa e punitiva. Wancquant (2001), mostra como o poder Judiciário e o sistema prisional agem em favor da manutenção de um sistema econômico desigual, justificando apenas em nível de responsabilidade individual a criminalidade. Esse processo foi identificado por esse autor como o governo da miséria por meio da criminalização da pobreza. Nesse sentido, os presos podem ter uma percepção negativa da prisão em decorrência da classe social que se encontram que é historicamente criminalizada e encarcerada para garantir uma ordem social e econômica.

Os presos com mais de três anos de prisão não apresentam resposta sobre para que eles achavam que servia a prisão antes do encarceramento. Uma possibilidade para essa ausência de resposta pode ser o tempo de encarceramento, pois na medida que eles convivem com a prisão adaptam-se a ela e negam, modificam ou distanciam-se dos comportamentos antes da prisão. Essa pode ser mais uma evidência da ocorrência dos processos de aprendizagem no encarceramento.

A respeito das respostas à pergunta sobre o que os presos acham da prisão após o encarceramento, ocorrem três tipos de respostas. Nesse aspecto, os presos apresentam a seguinte ocorrência de menções para cada tipo de resposta: nove menções sobre o que é a prisão, dezessete sobre o que a prisão faz e oito sobre o que acontece na prisão. Assim, observa-se um dos tipos de resposta com, aproximadamente, mais de 100% de menções do que os outros dois tipos. Parece que os presos revelam maior interesse sobre o que a prisão faz, do que sobre o que ela é ou sobre o que acontece nela. Se os presos apresentam maior interesse sobre o que a prisão

faz, é possível supor que a prisão possibilita modificações para os encarcerados, porém, conforme o tipo de conotação das citações, essas modificações são negativas, pois das dezessete menções sobre o que a prisão faz, dezesseis são referente a citações com conotação negativa e uma menção foi referente a uma citação com conotação neutra. Referente ao tipo de resposta sobre o que é a prisão, ocorrem nove menções, sendo duas menções a citações com conotação neutra, quatro menções a uma citação com conotação negativa e punitiva, e três menções referente duas citações com conotação positiva, ressaltando os aspectos favoráveis encontrados que são o relacionamento entre os presos e a limpeza. Com relação ao tipo de resposta que se refere ao que acontece na prisão, ocorrem duas menções a citações com conotação neutra, três menções a uma citação positiva, relacionadas ao respeito que os presos têm entre si, e três menções a uma citação negativa. Nesses dois tipos de resposta, sobre o que a prisão é e o que acontece na prisão, a distribuição da ocorrência de menções conforme a conotação da resposta apresenta quantidades semelhantes. Nesses casos, as conotações positivas estão associadas ao relacionamento entre os presos e a limpeza do ambiente. Então, considerando a ocorrência de menções dos três tipos de resposta, parece que a percepção dos presos, que antes do aprisionamento era negativa, continua sendo negativa após o encarceramento, tornando-se positiva apenas sobre aspectos que dizem respeito aos próprios presos.

Com relação às respostas dos presos por grupo à pergunta sobre o que acham da prisão após o encarceramento, os presos com menos de um ano de prisão apresentam maior quantidade de menções sobre o que a prisão faz, somando 63% das menções; os presos com um a três anos de encarceramento, apresentam 45,4% das menções referente ao que a prisão faz e 36,4% das menções sobre o que é a prisão e os presos com mais de três anos de encarceramento, apresentam 27,3% das menções referente ao que a prisão é, 36,4%, ao que a prisão faz e 36,4%, referente ao que acontece na prisão. Dessa maneira, parece que os presos com menos de um ano de prisão estão mais envolvidos com as percepções sobre o que a prisão faz; os presos com um a três anos de prisão, além desse aspecto também envolvem-se com a percepção do que a prisão é e os presos com mais de três anos de prisão, se envolvem com a percepção dos três aspectos. É possível supor que, na medida que transcorre o tempo do encarceramento, os presos passam a apresentar uma compreensão sobre o que é e como funciona a prisão. Wheeler (1986) identificou que os presos passam por processos adaptativos na prisão que modificam o seu comportamento ao logo do tempo, de modo que o envolvimento inicial dos presos com relação ao que a prisão

faz pode ter relação com as dificuldades iniciais de adaptação, quando os presos estão mais suscetíveis aos efeitos da prisão. Num segundo momento, os presos parecem estar mais adaptados, aumentando sua compreensão sobre o que é a prisão e num terceiro momento, após as experiências do convívio no encarceramento, os presos também passam a entender e se envolver em como a prisão funciona.

Com relação à percepção dos presos sobre a Justiça, antes do encarceramento, oito dos quinze presos, achavam que a Justiça era correta e cumpria as leis; seis presos achavam que a Justiça era incorreta e suas decisões eram influenciadas por outros fatores além das leis e um preso não lembrava o que pensava. A maioria dos presos com menos de um ano de prisão e entre um a três anos, achava que a Justiça era correta e a maioria dos presos com mais de três anos de prisão, achava que a Justiça era incorreta. Parece que os presos que acreditavam que a Justiça é incorreta antes do encarceramento estão presos há mais tempo do que aqueles que acreditavam que a Justiça é correta. Sobre a percepção dos presos da Justiça, após o encarceramento, é possível observar que quatorze dos quinze presos, respondem que acham a Justiça incorreta, associando-a a decisões e procedimentos equivocados, insuficientes, demorados, antiéticos e influenciados por fatores econômicos e sociais. Um preso responde que no seu caso a Justiça está correta. Parece que as aprendizagens que os presos fazem sobre a Justiça, após o encarceramento, produzem ou reforçam opiniões negativas sobre o funcionamento da Justiça.

Examinando as percepções sobre a prisão e a Justiça é possível verificar percepções predominantemente negativas antes, ficando piores depois do aprisionamento. Quais são as decorrências dessas percepções para o preso e para a sociedade? Parece que a prisão e a Justiça não têm provocado modificações positivas na vida dos presos e da sociedade, como elas se propõem oficialmente.

6.3 Percepção dos presos sobre o Presídio e sobre os presos

A percepção dos presos sobre o Presídio e sobre os presos é apresentada nas Tabelas 6.13 a 6.18. Na Tabela 6.13 é apresentada a distribuição das respostas dos encarcerados, com menos de um ano de prisão, sobre o que acham do Presídio.

TABELA 6.13

**DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS DOS ENCARCERADOS COM MENOS DE UM ANO DE PRISÃO
SOBRE O QUE ACHAM DO PRESIDIO**

Quando chegou no Presídio o que você gostou e não gostou quanto à forma que foi tratado? *	O que você gosta e não gosta do tratamento que recebe no Presídio?	O que você gosta e não gosta das instalações do Presídio?
Fui bem tratado, o agente até comprou o refrigerante que eu tinha porque não entra para a cadeia e lançou a metade para eu tomar. Mas, fiquei muito tempo na gaiola, esperando entrar para o cubículo.	Tem uma falta de consideração com as pessoas de outro Estado. Parece que tem uma conspiração grande, somos esquecidos.	O pátio e a cela são muito pequenos, não tem como sobreviver. O chuveiro está queimado, tem buracos na parede e o chão está quebrado.
A recepção dos presos foi excelente, deram apoio, alimento, roupa. Eles são muito organizados. Já o tratamento dos agentes não foi bom, faltaram com respeito.		As instalações são ruins, o pátio e a cela comunitários são pequenos.
Fui humilhado, me deixaram das 19 às 23h na carceragem. Tiraram minha roupa e me revistaram, fui colocado na triagem, lá os presos me receberam bem, com muita humildade, me serviram café.	Tratamento aqui não existe, tem muito sofrimento. Eles não prestam atenção quem é a pessoa, se trabalhava, se tem família.	As instalações são terríveis, muito precárias, tem um monte de fossa aberta, lixo em volta da cadeia facilitando a criação de formiga, barata e rato. O pátio é pequeno, o ar viciado, o cubículo 20 é muito quente, não tem entrada de ar.
Fui bem tratado, me deram comida, remédio e algodão para limpar a ferida. Eu estava machucado porque a polícia me bateu, me pegaram em casa.	Pelo menos, em comparação do que falam que é na Penita é bom. Lá para cima falam que é bem pior.	Tem lugares que está tudo detonado, não tem manutenção. Eu gosto mesmo de estar lá na rua.
Não tenho nada para falar sobre isso, o preso está aqui para pagar a cadeia e ir embora. Se o preso respeitar, eles (funcionários) respeitam.		Quase todo o dia dá problema na parte elétrica, a torneira do tanque está quebrada, somente 2 de 6 funcionam, a pintura está feia, a iluminação dos corredores é ruim.

* Nas perguntas as palavras “gosta e não gosta” foram empregadas com o sentido do que a pessoa avalia como “bom e ruim”, quando necessário foi dada essa explicação.

Na Tabela 6.13 é possível observar que três presos consideram que foram bem tratados pelos funcionários quando do ingresso no Presídio, dois relatam que não foram bem tratados e houve uma menção à boa recepção dos presos. Sobre o que os presos gostam ou não gostam no tratamento que recebem, ocorrem duas menções sobre o desrespeito dos funcionários para com os presos e uma menção de que o tratamento em comparação a outros estabelecimentos penais é melhor. Com relação às instalações, todos os presos consideram ruins, mencionando problemas de espaço, elétricos, hidráulicos, de esgoto, entre outros. Na Tabela 6.14 é apresentada a distribuição das respostas dos encarcerados entre um a três anos de prisão sobre o que acham do Presídio.

TABELA 6.14

**DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS DOS ENCARCERADOS ENTRE UM A TRÊS ANOS DE PRISÃO
SOBRE O QUE ACHAM DO PRESIDÍO**

Quando chegou no Presídio o que você gostou e não gostou quanto à forma que foi tratado?	O que você gosta e não gosta do tratamento que recebe no Presídio?	O que você gosta e não gosta das instalações do Presídio?
Fui bem tratado, me colocaram direto na cela.	O sistema de saúde é fraco, não tem atendimento.	Está muito pequeno, tem muitos presos para pouco espaço.
Eu tinha sido agredido pelos PMs na delegacia das 10:00 às 10:00h, quiseram tirar informações. Quando cheguei na triagem fui agredido por um preso que tinha rixa, me levaram para o seguro. Não é porque estou no seguro que vou ser menos homem.	Os agentes fazem o possível, são muitos presos. Se tivesse mais pessoal para trabalhar, seria melhor. Eles também não podem afrouxar, se não o preso fica folgado. A gente tem que botar na cabeça que fizemos errado e temos que pagar. É isso que a sociedade quer, que a gente fique preso.	Quem sou eu para dizer alguma coisa? Está super-lotado, tem pouco espaço, precisa aumentar. Os presos das cidades vizinhas deveriam ficar presos lá. O problema fica todo aqui.
Como o meu comportamento fora era correto, não devia para ninguém, entrei de cabeça erguida. Nunca fui agredido por um policial. Os funcionários me trataram bem e os presos da triagem me informaram como funcionava tudo.	Os funcionários fazem o trabalho deles, são educados.	As instalações precisam de uma reforma, o chuveiro e a tomada funcionam precariamente. A galeria C é um sofrimento, o suspiro deveria ser melhor. Os Xs deveriam ser maiores, tem muita gente. Não tem um espaço adequado para os doentes, eles ficam junto com o pessoal da cadeia.
Tiraram minhas coisas, não explicaram como funcionava, tiraram o cadarço do tênis e o cigarro na carceragem e colocaram medo em mim.	A única coisa boa é a participação das psicólogas, o trabalho delas.	Tudo é mau feito, boi não funciona, chuveiro estraga sempre, pátio tem problema de desnível na tampa do esgoto, o que impede de jogarmos futebol.
Fui tratado como um bandido, fui jogado direto no castigo.	Tem funcionários humanos, mas tem outros que tratam mau, não ouvem o preso, são grossos.	Não é bom. Falta água, é pequeno, falta uma proteção no local que as visitas esperam para entrar, elas ficam expostas ao sol e chuva. Deveriam ceder as geladeiras para guardarmos a comida e reservar água.

Na Tabela 6.14 é possível observar que dois presos consideram que foram bem tratados pelos funcionários quando do ingresso no Presídio, três relatam que não foram bem tratados, sendo que um deles inclusive foi mau tratado pelos presos. Sobre o que os presos gostam ou não gostam no tratamento que recebem, ocorre uma menção sobre mau atendimento na área de saúde; uma menção sobre o bom trabalho das psicólogas; quatro menções sobre o trabalho dos funcionários, duas afirmando que eles fazem o que podem, uma afirmando que há bons e maus funcionários e outra afirmando que há falta de funcionários. Com relação às instalações, todos os presos consideram ruins, mencionando problemas de espaço, elétricos, hidráulicos, de esgoto, falta de estrutura para visita, necessidades de consertos, entre outros.

Na Tabela 6.15 é apresentada a distribuição das respostas dos encarcerados, com mais de três anos de prisão, sobre o que acham do Presídio.

TABELA 6.15

DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS DOS ENCARCERADOS COM MAIS DE TRÊS ANOS DE PRISÃO
SOBRE O QUE ACHAM DO PRESIDÍO

Quando chegou no Presídio o que você gostou e não gostou quanto à forma que foi tratado?	O que você gosta e não gosta do tratamento que recebe no Presídio?	O que você gosta e não gosta das instalações do Presídio?
Fui recebido normalmente, cadastrado e depois passei para o convívio. Já conhecia muitos presos, estou na malandragem há muito tempo, tanto que mesmo sendo esse artigo ruim todos sabiam que não fazia o mínimo sentido essa acusação, por isso pude entrar para o convívio. Estuprar 3 gurias, 4 vezes, com 40 anos, sendo deficiente, num carro... é para rir.	Como preso, sempre fiquei no meu lugar. Estou sendo bem tratado.	É muito pequeno, tem problemas de higiene porque tem muita gente e é abafado, causa problemas de saúde daí. Também o sistema de fossa e elétrico não foi bem planejado.
Fui tratado como gente.	As coisas boas são que a área médica hoje melhorou, fiz cursos profissionalizantes, a professora que dá aula e as psicólogas que ajudam bastante. O ruim é que da forma que eles fazem não reeduca, a administração tem um sistema ruim, coloca no X só com comida e água. Se é para reeducar tem que ensinar.	As instalações não permitem que o preso possa mostrar o que ele é capaz, só fica no espaço fechado todo tempo, não dá para trabalhar.
Vim para cá sem algema, aqui colocaram o marca-passo e as algemas porque era tarde. Na carceragem me receberam bem. O que foi chato é que eles ficaram com medo de mim pela quantidade de drogas que caí.	No estágio que a gente está (os presos com mais tempo de cadeia e bom comportamento) deveriam ser melhor considerados, poderiam fornecer melhores condições de vida. Já pagamos muita cadeia, já mostramos que não queremos incomodar. Se eles tem confiança para deixar a gente trabalhar, o que custa colocar uma geladeira para as nossas coisas não estragarem?	As instalações são ruins, não conservam o prédio e é pequeno.
Fui bem recebido, fiz o cadastro e entrei.	Eu faço a minha parte e eles fazem a dele.	As instalações são pequenas, tem muitos presos, são 3 jeguas para 6 ou 5 presos. O Presídio está mal conservado, a higiene é ruim porque eles não fornecem materiais de limpeza em quantidade suficiente, dá muita zica.
Dei entrada na Penitenciária, lá fez a ficha, peguei os pertences, materiais de higiene, colchão e travesseiro e recebi orientações.	No Presídio um lado positivo é a alimentação e o comportamento dos presos, todos se ajudam.	O espaço do Presídio é muito pequeno, precisava também ter espaço para trabalhar.

Na Tabela 6.15 é possível observar os cinco presos consideram que foram bem tratados pelos funcionários quando do ingresso no Presídio. Sobre o que os presos gostam ou não gostam no tratamento que recebem, ocorrem menções positivas com relação à área médica, às psicólogas, a alimentação, ao comportamento dos presos, aos cursos e a professora; menções negativas sobre os procedimentos da carceragem e falta de reconhecimento do bom comportamento e menções neutras relacionadas a cada um fazer a sua parte, a ser como tem que

ser. Com relação às instalações, todos os presos consideram ruins, mencionando problemas de espaço, elétricos, hidráulicos, de esgoto, de limpeza, entre outros.

Na Tabela 6.16 é apresentada a distribuição das respostas dos encarcerados, com menos de um ano de prisão, sobre o que acham do Presídio e dos presos.

TABELA 6.16
DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS DOS ENCARCERADOS COM MENOS DE UM ANO DE PRISÃO
SOBRE O QUE ACHAM DO PRESIDIO E DOS PRESOS

O que você gosta e não gosta dos presos?	Na sua opinião, quais são os problemas do Presídio?	O que você acha que está errado no Presídio?	Desses erros, quais são os mais graves?	O que você acha que é bom no Presídio?	Quais dessas coisas boas são as melhores?
Existe uma grande união a favor da paz e da humildade. Não tem esse negócio de se aproveitar dos humildes. O ruim é a conspiração com quem é de fora da cidade.	O ambiente pequeno para o número de presos. Falta de um espaço para o semi-aberto.	A revista com o GRT. Deveria ter oportunidade de trabalho e mais contato com a família.		Atendimento psicológico.	
É bom a união e a ajuda mútua entre os presos. O ruim é viver 24 planejando a vida quando sair, os planos de assalto e relatos de crimes a toda a hora.	Falta de água constante. A bolsa deveria ser liberada durante a semana, se eles estão aqui para revistar, por que não liberar? E, os presos do semi-aberto no fechado.	A polícia e os agentes abusam do poder. Tem muita humilhação.	O abuso de poder.	Relacionamenot entre os presos.	Relacionamen- to entre os presos.
Os presos são uma família. Um ajuda o outro.	Deveriam colocar um regalia no corredor da Nova, para fazer o contato e também a limpeza. Outro problema é que perdem as nossas coisas bolsas e outros pertences. E, a superlotação.	Aceitar muito preso de fora. A cadeia fica muito cheia.			
Entre os presos há amizade, humildade, respeito e ensinamento de coisas diferentes. Mas, também tem muita neurose, um quer ser mais que o outro, querem crescer em cima do mais humilde, quem tem mais cadeia quer se folgar.	Tem muito preso. Falta remédio. A perda da liberdade. Não penso muito, vou vivendo o momento até passar, não fico colocando defeito até eu cair na realidade novamente.				
É preciso se habituar ao local, ninguém pensa igual a ninguém. Cada um fica no seu lugar e aprende a se entender.	A superlotação.	As bolsas não são mais entregues diariamente, só quando a família vem, porque os regalias roubavam lá na frente.	A superlotação.	Nada.	

É possível verificar na Tabela 6.16 com relação ao que os presos gostam ou não gostam nos outros presos que há uma percepção que no relacionamento entre os presos convivem dois aspectos. O primeiro diz respeito à humildade, amizade, união, ajuda mútua e troca de ensinamento, o segundo, à disputa pelo espaço e poder e às conversas repetitivas. Há uma menção afirmando que as pessoas precisam se habituar ao local e aprender a se entender. Sobre os problemas do Presídio, na opinião dos presos, são citados fatores relacionados à superlotação, aos procedimentos da prisão, falta de remédio, de água e de espaço e a perda da liberdade. Com relação ao que os presos acham que está errado no Presídio são citados: a revista (procedimento de inspeção rotineiro) realizada pelo GRT (Grupo de Resposta Tática da Polícia Militar), pouca oportunidade de trabalho, pouco contato com a família, abuso de poder, humilhação dos presos, aceitar presos na organização que são de outras cidades, superlotação e a proibição da entrega diária das bolsas (utensílios e alimentos trazidos pelas famílias). Desses erros, os que os presos, que responderam essa pergunta, consideraram mais graves foram o abuso de poder e a superlotação.

Com relação ao que os presos respondem como sendo bom no Presídio, ocorrem três respostas: o atendimento psicológico, o relacionamento entre os presos e nada é bom no Presídio.

Na Tabela 6.17 é apresentada a distribuição das respostas dos encarcerados, entre um a três anos de prisão, sobre o que acham do Presídio e dos presos.

TABELA 6.17

**DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS DOS ENCARCERADOS ENTRE UM A TRÊS ANOS DE PRISÃO
SOBRE O QUE ACHAM DO PRESÍDIO E DOS PRESOS**

O que você gosta e não gosta dos presos?	Na sua opinião, quais são os problemas do Presídio?	O que você acha que está errado no Presídio?	Desses erros, quais são os mais graves?	O que você acha que é bom no Presídio?	Quais dessas coisas boas são as melhores?
Os presos são legais, tem união. O que é ruim são as brigas por coisas banais como conjugal, pão, serviço...e os robôs que se metem quando alguém deve.	Falta estrutura para os presos que estão no semi-aberto. E, deveria ter comida à noite para os presos que trabalham.	Esses problemas.		Não vejo.	
Cada preso tem o seu dia a dia. Se você plantar coisas ruins, colhe coisas ruins. Tem que saber se comportar.	Os presos de outras comarcas vêm para cá, ficam longe da família e superlotam o Presídio. Deveria ter um setor no Presídio ou um advogado que atendesse e explicasse o que está acontecendo. Os advogados do Estado deveriam trabalhar da mesma forma como para quem paga, senão ficam dois pesos e duas medidas. Outra coisa, são os doentes mentais, se as pessoas tem problemas mentais deveriam ser encaminhadas para um lugar especializado, ir para um manicômio, quem tem problema mental fica para trás aqui no Presídio. E, não deveria ser como é aqui, só quem é parente pode visitar, tem outras pessoas importantes que podem ajudar, mas não podem vir.	Os advogados do Estado que não atendem os presos como deveriam.		O trabalho das psicólogas.	
Os presos são unidos, se ajudam, é possível aprender muito uns com os outros. Ganhar experiência de vida.	Tem preso com muito tempo de cadeia junto com quem vai ficar pouco tempo, esses caras passam a assumir o comando da cadeia em cima dos outros. Eles não tem nada a perder, enfiam um espeto no cara de 6 meses e não acontece nada, eles já tem 100 anos de condena. A cadeia está virada em 12 e 157, a administração não faz triagem para ver quem poderia ser aproveitado.	A infraestrutura é precária. Falta atividades culturais, educativas, cursos profissionalizantes...		Nada.	
Tem presos que levam as coisas pelo certo. Mas, tem presos que são injustos como a Justiça. Tem muito robô também, vão tudo atrás de boatos infundados.	O atendimento médico é ruim, não levam todos para o médico e quem vai geralmente é mau atendido. A falta da água. Não dão material de limpeza para limpar a cadeia, isso ajuda a provocar doenças. A cadeia velha está bem destruída, precisa de reforma.	Os presos são às vezes injustos, vão pelos boatos e pela mídia. Batem em outros presos.		Não considero nada bom.	
Tem pessoas boas aqui, querem mudar de vida.	Deviam arrumar uma proteção para as visitas na entrada do Presídio. Ter mais respeito com os direitos dos presos. Os carcereiros deveriam tratar melhor todo mundo. Precisa dar mais assistência ao preso. A superpopulação. E o problema da falta de água.	Tem gente que não é dessa comarca e está aqui. E, tem pessoas que estão no direito de sair e estão presas.	Ficar na cadeia mais tempo do que deve.	Os irmãos que vem para converter os presos e as psicólogas.	

É possível verificar na Tabela 6.17 com relação ao que os presos gostam ou não gostam nos outros presos que há menções positivas e negativas, sendo que as positivas têm a ver com união, ajuda, aprendizagem e bondade e as menções negativas tem a ver com brigas, as pessoas que agem conforme a opinião dos outros (robôs) e presos que são injustos.

Sobre os problemas do Presídio, na opinião dos presos, são citados problemas relacionados à estrutura física e humana do Presídio, tais como: espaço insuficiente para abrigar presos do regime semi-aberto, falta de atendimento jurídico, falta de proteção no local onde os visitantes aguardam para entrar no Presídio, falta de água, falta de comida à noite para os presos que trabalham e atendimento médico deficiente; problemas relacionados aos procedimentos adotados no Presídio, tais como: doentes mentais presos no Presídio, limitação da visita só para os parentes, os presos ficam todos juntos, falta de respeito com o direito dos presos e tratamento ruim dos agentes prisionais; um problema relacionado com o sistema Judiciário: trabalho deficiente dos advogados nomeados pelo Estado para sua defesa e problemas relacionados com o sistema Judiciário e o sistema prisional, que são: receber os presos de outras comarcas e superlotação do Presídio.

Com relação ao que os presos acham que está errado no Presídio são citados: estrutura insuficiente para presos semi-aberto, atendimento deficiente dos advogados nomeados pelo Estado, infra-estrutura precária, falta de atividades culturais, educativas e profissionalizantes, injustiça por parte de alguns presos, pessoas de outras comarcas que estão aprisionadas no Presídio e presos com direito de sair da prisão, mas estão encarcerados.

Com relação ao que os presos respondem como sendo bom no Presídio, três presos respondem que não consideram nada bom, dois, se referem ao atendimento psicológico e um, às Igrejas que vão ao Presídio.

Na Tabela 6.18 é apresentada a distribuição das respostas dos encarcerados com mais de três anos de prisão sobre o que acham do Presídio e dos presos.

TABELA 6.18

**DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS DOS ENCARCERADOS COM MAIS DE TRÊS ANOS DE PRISÃO
SOBRE O QUE ACHAM DO PRESÍDIO E DOS PRESOS**

O que você gosta e não gosta dos presos?	Na sua opinião, quais são os problemas do Presídio?	O que você acha que está errado no Presídio?	Desses erros, quais são os mais graves?	O que você acha que é bom no Presídio?	Quais dessas coisas boas são as melhores?
Tem preso que esquece da cadeia dele e fica preocupado com a tua cadeia. Tem que ficar se cuidando para o outro preso não te prejudicar, fazer uma muvuca.	A falta de abrigo na entrada do Presídio para a visita esperar. Ela já é a classe mais prejudicada, tem que correr atrás das coisas lá fora e chega aqui ainda é humilhada. Também, a falta de estrutura hidráulica. E, a falta do telefone público.			Nada.	
Tem pessoas boas e pessoa que não valem nada. O que acho ruim são os probleminhas de convívio do dia a dia. E, o risco que corremos aqui dentro, por exemplo em 2000, na rebelião, morreram 4 pessoas na mão dos presos. Isso me abalou bastante.	O sistema prisional é falho. Não deveria ser ficar fechado, sem fazer nada, deveria ter trabalho.	A falta de trabalho.	A falta de trabalho.	Nada.	
Acho que deveria ter mais união no Entre-muros para melhorar a convivência. Foi ruim ter regredido (já estava no externo), ter que voltar para o sistema antigo, os presos pensam diferente em cada regime.	O fato de não ter mais o sistema de progressão, do fechado para o entre-muros e do entre-muros para o externo, conforme a qualificação e o comportamento de cada um. A minha cabeça não conjumina mais com esse pessoal que vem do fechado e fica aqui no entre-muros. Outro problema é a visita ficar esperando no tempo lá na entrada do Presídio. Não tem um local protegido e eles demoram muito para iniciar.			Nada, só a visita, as psicólogas e a professora.	
Cada um tem seu problema, mas todos se respeitam. É tudo pela ordem.	Primeiro, deveria ter mais assistência ao preso. Segundo, falta organização entre os funcionários. Terceiro, deveria ter uma pessoa mais competente na administração, mais responsável, que se envolvesse, se interessasse em ver o que está acontecendo no Presídio. O preso só quer respeito e os direitos, aí não tem rebelião, não tem briga, não tem nada. Mas, se os funcionários conspiram, dá tudo errado, ou certo, depende o ponto de vista.	Isso.	Ter um incompetente na administração.	Nada.	
Os presos têm um ótimo comportamento, um ajuda o outro, são civilizados.	São muitos problemas. O sistema não se preocupa com o preso e com o processo. É o preso que avisa quando termina a pena. A sociedade não dá apoio para o preso e para as coisas melhorarem na prisão. Todos os presídios não são legais. Os funcionários fazem o que é possível, não tem mais assistência do governo para eles fazerem mais.	Esses problemas.		A união dos presos.	A união dos presos.

Na Tabela 6.18, é possível observar, com relação ao que os presos gostam ou não gostam nos outros presos, menções positivas e negativas, sendo que as positivas têm a ver com bondade, respeito e ajuda e as menções negativas têm a ver com as confusões que os outros presos fazem, problemas cotidianos de convívio e pouca união no ambiente Entre-muros.

Sobre os problemas do Presídio, na opinião dos presos, foram citados problemas relacionados à estrutura física e humana do Presídio, tais como: falta de proteção no local onde os visitantes aguardam para entrar no Presídio, problemas na estrutura hidráulica, falta de telefone público e assistência insuficiente; problemas relacionados aos procedimentos adotados no Presídio, tais como: não existir um sistema de progressão no Presídio que reconheça a qualificação e o comportamento do preso, os visitantes precisam esperar muito tempo para entrar, falta organização dos funcionários, administração incompetente e funcionários que criam intrigas com os presos e problemas relacionados ao governo e à sociedade: o sistema prisional não se interessa pelo preso e o andamento do seu processo, o governo não tem interesse em melhorar a prisão, a sociedade não apóia os presos e egressos. Com relação à percepção dos presos sobre o que está errado no Presídio, é possível observar que os dados coincidem com a percepção sobre os problemas existentes, tendo sido acrescentado o fator falta de trabalho por um dos presos.

Quanto as repostas com relação ao que os presos acham bom no Presídio, ocorrem três ocorrências de resposta que não há nada de bom, uma com relação a professora, uma com relação as psicólogas e uma com relação a união dos presos.

c) O ingresso dos presos no Presídio e os problemas do Presídio são percebidos de forma diferente por presos com menos e mais tempo de prisão

Com relação à forma com que os presos foram tratados no Presídio quando ingressaram, dentre os presos, consideram que sofreram maus tratos pelos funcionários: três dos presos com menos de um ano de prisão, dois dos presos entre um a três anos de prisão e nenhum dos presos com mais de três anos de prisão; que foram bem tratados: dois dos presos com menos de um ano de prisão, três dos presos entre um a três anos de prisão e os cinco presos com mais de três anos. Sobre a recepção recebida pelos presos dos outros presos, houve uma menção a bons tratos e uma menção a maus tratos. Esses dados podem revelar uma mudança no tratamento por parte dos

funcionários no decorrer dos anos. Uma outra possibilidade tem a ver com a forma que os presos percebem o tratamento e o tempo de prisão, pode-se supor que quando os presos ingressam haja uma percepção mais aguçada dos maus tratos, em decorrência da recente lembrança da diferença de tratamento recebido no mundo externo e que, com o tempo, os presos aprendem essa forma de tratamento. Se for assim, essa pode ser uma das aprendizagens realizadas pelos presos, que tem a ver com relacionamentos sem afetividade, autoritários e grosseiros, em certa medida. Gêiser (1976) já descreveu situação semelhante por meio de experiências sobre modificação de comportamento na prisão e demonstra que a punição infligida pelos guardas gera comportamento anti-social e reação violenta por parte dos prisioneiros. O que a sociedade ganha com essa aprendizagem? Como a sociedade irá perceber esse tipo de comportamento do egresso da prisão?

Outro aspecto a ser examinado tem a ver com o tratamento que o preso recebe e o tipo de crime ou notoriedade que esse crime teve na sociedade. Considerando a relação entre as respostas para a pergunta sobre como o preso foi tratado ao chegar no Presídio e o delito cometido, quando o preso ingressa parece haver um comportamento diferente por parte dos agentes prisionais caso esse preso esteja relacionado com algum crime de repercussão na mídia. Nesse caso, o acusado parece ser mais desprezado ou recebe um tratamento mais rigoroso. É possível supor que o agente prisional ou a administração do Presídio buscam evitar que os julguem pela concessão de algum privilégio e por não executar suficientemente sua função punitiva e vingativa. Por outro lado, quando o preso está sendo acusado de um crime sem repercussão na sociedade, os agentes prisionais, na recepção desse no Presídio, agem conforme seus critérios pessoais. Isso parece manifestar uma ligação com a função da prisão, que assumiu a atribuição de vingar e punir depois do período de vingança pública, a partir século XVIII, conforme descrito por Oliveira (2003), e substituiu os suplícios em praça pública que respondiam os interesses de vingança da população. Nesse sentido, os interesses de vingança da população são expressos, estimulados e controlados pela mídia.

A respeito do que os presos gostam ou não gostam no tratamento que recebem no Presídio, entre os presos com menos de um ano de prisão ocorrem menções sobre o desrespeito dos funcionários para com os presos e uma comparação entre o tratamento recebido no Presídio e nos outros estabelecimentos penais, sendo que o do Presídio é melhor, na opinião do preso; entre os presos que tem de um a três anos de prisão, ocorrem menções sobre o mau atendimento na área de saúde, o bom trabalho das psicólogas, que os funcionários fazem o que podem, que há

bons e maus funcionários e que há falta de funcionários; entre os presos com mais de três anos de prisão ocorrem menções positivas com relação à área médica, às psicólogas, a alimentação, ao comportamento dos presos, aos cursos e à professora, menções negativas sobre os procedimentos da carceragem e falta de reconhecimento do bom comportamento e menções neutras relacionadas a cada um fazer a sua parte, a ser como tem que ser. Com relação às instalações, todos os presos consideram as instalações ruins, apontando problemas de problemas de espaço, elétricos, hidráulicos, de esgoto, de limpeza, de manutenção, de estrutura para receber as visitas, entre outros. A percepção dos presos com relação às instalações confirma as descobertas encontradas no capítulo 4, com relação à precariedade da estrutura física.

A maioria dos presos, dos três grupos, sobre o que gostam ou não nos presos, revelam diferenciar dois aspectos, o primeiro que diz respeito ao respeito, humildade, amizade, união, ajuda mútua e troca de ensinamento que existe entre os presos e o segundo, à disputa pelo espaço e poder, brigas e presos que agem conforme a opinião de outros. Com relação ao primeiro aspecto, parece que os presos valorizam demasiadamente nas relações que estabelecem entre si o comportamento humilde, que tem a ver com divisão dos bens, coleguismo, ética, respeito às normas de convivência coletiva e à situação de cada um, igualdade, controle emocional, entre outros. Na medida que o preso aprende a comportar-se dessa forma com os outros presos para conviver na prisão, seria necessário um exame mais aprofundado para identificar que outras relações estão implicadas nessa aprendizagem e como esse comportamento ocorre na vida em liberdade. Porém, os comportamentos humildes parecem ser promovidos por contingências aversivas da organização que mobilizam um conjunto de valores e normas entre os presos que possibilitam alguma defesa e bem-estar.

Com relação a quais são os problemas existentes no Presídio, na opinião dos presos, os presos com menos de um ano de prisão mencionam problemas relacionados à infra-estrutura e aos procedimentos do Presídio; os presos, entre um a três anos de prisão, mencionam problemas relacionados à infra-estrutura, aos procedimentos do Presídio, ao sistema Judiciário e o sistema prisional; e os presos com mais de três anos de prisão, mencionam problemas relacionados à infra-estrutura, aos procedimentos do Presídio e ao governo e a sociedade. É possível verificar, nesse caso, que os presos com mais tempo de prisão percebem a influencia de fatores externos à organização, como o sistema Judiciário, o sistema prisional, o governo e a sociedade. Essa possibilidade parece revelar um aumento do nível de compreensão sobre a prisão e suas relações,

que pode ter a ver com as aprendizagens possibilitadas pelo “processo de adaptação” (Goffman, 1967). Essa compreensão parece importante no sentido de identificar quais fatores se relacionam ao processo de encarceramento, evitando que os presos considerem apenas aspectos individuais, o que é comum no entendimento da sociedade sobre a criminalidade (Holland, 1983). De que forma os psicólogos que atuam nas prisões tem contribuído para essa compreensão?

Os presos, nas respostas sobre o que está errado no Presídio, acrescentam aos problemas relacionados à infra-estrutura, procedimentos internos, sistema Judiciário, Governo e sociedade os seguintes fatores como resposta ao que está errado no Presídio: a revista ser realizada pelo GRT, ter pouca oportunidade de trabalho, estudo e profissionalização, sofrer humilhação, haver abuso de poder e os presos ficarem encarcerados além do tempo determinado em lei. Esses dados revelam críticas dos presos com relação à violência e humilhação promovida pela organização, à falta de oportunidades de trabalho, estudo e profissionalização e ao não cumprimento da lei.

Sobre o que está bom no Presídio, são apresentadas sete respostas considerando que nada é bom no presídio, quatro, se referindo ao trabalho das psicólogas, uma, se referindo ao trabalho da professora, uma, se referindo aos religiosos e uma se referindo ao relacionamento entre os presos. Entre os presos, quase 50% não destacam fatores considerados positivos na prisão, os fatores positivos mencionados tem a ver com atividades das psicólogas, professora e religiosos e ao relacionamento entre os presos. Nesse caso, parece que o trabalho dos profissionais da Psicologia tem sido percebido positivamente por uma parte dos presos.

6.4 Percepção dos presos sobre as pessoas que trabalham no Presídio

Nas Tabelas 6.19 a 6.27 é apresentado o que os presos acham dos funcionários diretos, técnicas e funcionários indiretos que trabalham no Presídio. Na Tabela 6.19 é apresentada a distribuição das respostas dos encarcerados, com menos de um ano de prisão, sobre o que acham dos funcionários diretos.

TABELA 6.19

**DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS DOS ENCARCERADOS COM MENOS DE UM ANO DE PRISÃO
SOBRE O QUE ACHAM DOS FUNCIONÁRIOS DIRETOS**

O que você gosta e não gosta dos agentes prisionais?	O que você gosta e não gosta do administrador?	O que você gosta e não gosta dos chefes de segurança?
Tem agentes que ajudam. Tem uns que fazem de conta que nem é com eles, fazem coisas que ofendem os presos, provocam a malandragem para provocar tumulto, reações negativas. Debocham, fazem coisas desnecessárias, gritam, criam problema onde não existe, fecham a porta do X no calcanhar da gente.	Não dá para saber. Não aparece, não vai na cadeia. Nem se apresenta, deveria fazer o dever dele, se preocupar com que acontece, saber como estão as coisas. Só vi ele uma vez.	O B eu não conheço. O J é do tipo que fala, mas nem sempre cumpre.
Fazem o trabalho deles, não se metem em nada, não conspiram. Tem exceção, mas a maioria não conspira. Eu não tenho problemas com agentes ou PMs, eu não dou motivo. Acho que eles poderiam ser mais flexíveis, dar mais atenção para os presos.	Não dá para saber, não comparece. Um dia ele falou que não iria ter mais geral (revista) com a GRT sem ele estar presente. Mas isso não aconteceu. Ele precisa ter mais contato com o preso.	O B conspira contra o preso. Sempre inventando história para prejudicar o preso. O J é humano, não conspira, dá atenção para o preso, não abusa do poder.
Tem plantão que é bom, outro é ruim. Tem agente que trabalha bem e faz o seu serviço. Tem agente que está só para prejudicar, fica conspirando.	Pouca palavra para ele. Nunca falei com ele. Vi só duas vezes na cadeia. É uma falta de consideração com o preso, devia visitar sempre, saber como está, devia batalhar um serviço para nós não incomodarmos ele.	Não sei quem é chefe de segurança, é uma confusão. O J era humilde, agora subiu para cabeça, já começou a ficar esquisito, não fala direito com o preso, ameaça... O B é um carrasco, só dá crédito para quem ele quer, não sabe falar, não sabe tratar como gente, é uma figura do tempo da ditadura. Devia voltar para lá.
Tem uns que são legais, dão ouvidos para os presos, param, conversam. Eles tem que fazer o serviço e às vezes é muito corrido para eles.	Nunca mais deu as caras, conversei uma vez na sala dele depois de um castigo (cela isolamento). Não é digno. Saiu com um duque (estuprador) no mercado comprar cimento, isso não era! Dá preferência para um preso que fez isso aí e não para quem tem direito.	O J é sangue bom, nada contra, nunca se alterou comigo, nunca esfolou, fala na boa.
Tem uns que são mais cabreiro, o sistema desses é mais duro, ficam na deles. Outros dão mais atenção.	Deveria conversar mais com os presos, visitar mais.	O J é melhorzinho, dá mais atenção, mas não apresenta a solução. O B quase não vem, mas quando vem traz a solução.

Na Tabela 6.19 é possível verificar que todos os presos identificam dois tipos de agentes prisionais, os bons e os ruins. Os bons agentes prisionais, conforme a percepção dos presos, foram descritos como aqueles que fazem trabalho para o qual foram contratados, não abusam do poder, conversam com os presos e se interessam em resolver os problemas do cotidiano. Os maus agentes prisionais conforme a percepção dos presos, são descritos como inflexíveis, não dão atenção para os presos, abusam do poder, desrespeitam e provocam os presos para que ocorram desentendimentos e, conseqüentemente, os presos sejam prejudicados por isso.

Com relação ao que os presos gostam ou não gostam do administrador, os cinco presos afirmam que ele é ausente com relação aos acontecimentos no Presídio, que deveria ter mais

contato com o preso. Houve uma menção afirmando que o administrador deveria buscar oportunidades de trabalho para os presos e duas menções relacionando o administrador a situações que provocaram desconfiança nos presos.

Sobre a percepção dos presos com relação ao que gostam ou não gostam do chefe de segurança, os presos fizeram uma distinção entre dois chefes de segurança, o “B” e o “J”. É possível observar que o “B” foi associado duas vezes à crueldade, uma vez a eficiência e uma pessoa não o conhecia e o “J” foi associado três vezes a dar atenção e bom tratamento para o preso, duas vezes a ineficiência e uma vez a mudança de comportamento para atitudes desatenciosas e grosseiras.

Na Tabela 6.20 é apresentada a distribuição das respostas dos encarcerados entre um a três anos de prisão sobre o que acham dos funcionários diretos.

TABELA 6.20
DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS DOS ENCARCERADOS ENTRE UM A TRÊS ANOS DE PRISÃO
SOBRE O QUE ACHAM DOS FUNCIONÁRIOS DIRETOS

O que você gosta e não gosta dos agentes prisionais?	O que você gosta e não gosta do administrador?	O que você gosta e não gosta dos chefes de segurança?
Os agentes fazem o serviço deles, são pagos para manter o preso na cadeia. Pela minha história na cadeia, eles não gostam de mim.	O administrador me deu uma chance depois de tanto tempo. Mas, ele deixa a polícia vir aí, fazer o que quer, deixa o B administrar por ele.	O B é um covarde, bate nos presos. O J é legal, é na dele, atende às vezes o que pedimos.
Fazem o serviço na medida do possível, falta agentes para tanto trabalho.	Acho que o administrador está fazendo o serviço dele também, ele é sozinho, tem que correr de um lado para o outro.	Deveria dar uma atenção melhor. Em dois meses apareceu só uma vez quando houve uma briga, e veio para dar uma correção em todo mundo. Só aparece lá para punir, não aparece para elogiar. Muitos são coitados, não tem visita, se é a primeira vez que a família vem e assiste a uma cena dessa, depois não vem mais.
O trabalho deles fazem direito, são educados. Acho que tem um nível bom de agentes, são capacitados.	Eu gostava mais do outro, o A. Eles precisam entender que o preso sempre quer fugir, sempre vai haver fuga, tem que saber lidar com isso. Esse diretor agora é uma pessoa arredia, arisca. Não está nem aí, não dá moleza para ninguém. Não tem a ambição da juventude, é um militar aposentado, de qualquer jeito está bom. Não quer se incomodar.	O J é uma comédia, promete e não faz, mente. O B só entra arrepiando, é linha dura.
Os agentes são difíceis. São arrogantes e ignorantes. Não fazem o que a gente pede, faz um mês que pedi uma internet (relatório do processo) e não veio ainda.	Não tem o que eu goste no administrador. É mentiroso, faz tudo ao contrário do que prometeu. Disse que a GRT não ia mais zoar conosco, mas ela vive aqui dentro, prometeu um bebedouro, até hoje nada. Ele não é confiável. Se ele demonstrasse mais confiança, os presos dariam mais crédito para ele.	Nada de bom ou de ruim. Não fizeram nada para mim.
Alguns são educados, fazem o serviço deles. E, uns poucos, são estúpidos.	Não tenho nada a falar. Deveria vir falar com os presos, ver como estão as coisas, ver as pessoas doentes.	O B é polícia, não gosta de ladrão, não deveria espancar os presos, só fazer o serviço dele.

Na Tabela 6.20 é possível observar que um dos presos identifica os dois tipos de agentes prisionais, caracterizados pelos presos com menos de um ano de prisão, dois presos acham que eles fazem o serviço delas de manter o preso encarcerado, um preso acha que os agentes são arrogantes e ignorantes e um preso acha que eles são educados e capacitados.

Com relação ao que os presos gostam ou não gostam do administrador, um preso afirma que ele deveria ter mais contato com o preso, dois presos mencionam situações, com relação ao administrador, que provocam desconfiança nos presos, um preso fez menção à incompreensão e desinteresse do administrador em ver o Presídio melhor e um preso acha que o administrador está fazendo o que pode. Assim, é possível verificar quatro respostas com conotação negativa e uma resposta com conotação neutra.

Sobre a percepção dos presos com relação ao que gostam ou não gostam do chefe de segurança, dois presos fazem uma distinção entre dois chefes de segurança, o “B” e o “J”, nesses dois casos o “B” foi associado à violência e o “J” foi associado à atenção e descrédito. Três presos se referem a um dos chefes de segurança: um preso fez menção ao “B” como espancador, um não se referiu especificamente a quem, associando-o à punição e um preso não considera nada bom ou ruim no chefe de segurança.

Na Tabela 6.21 é apresentada a distribuição das respostas dos encarcerados, com mais de três anos prisão, sobre o que acham dos funcionários diretos.

TABELA 6.21

**DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS DOS ENCARCERADOS COM MAIS DE TRÊS ANOS DE PRISÃO
SOBRE O QUE ACHAM DOS FUNCIONÁRIOS DIRETOS**

O que você gosta e não gosta dos agentes prisionais?	O que você gosta e não gosta do administrador?	O que você gosta e não gosta dos chefes de segurança?
Tem agente que nos trata como pessoa. Tem aquele que acha que porque é preso é bicho, são folgados conosco. Tem um deles que quer mandar em tudo, quer que o serviço fique bem feito, mas não dá material. Não valoriza o serviço, é desmotivante.	O administrador está aí só ocupando espaço, não resolve nada. Ele não é humano. É um zero a esquerda. Fica aí para cuidar do curió.	O B quando é procurado dá um posicionamento sobre o assunto, um parecer negativo ou positivo. O J ficava pagando que ia me recolher, agora não posso me queixar, ele mudou.
Tem pessoas que reconhecem a gente. Tem outros que não reconhecem como seres humanos, tratam o preso como um animal. Os agentes não tem humanidade.	Comparando com os outros administradores, os outros foram melhores. Hoje o sistema que ele implantou está muito fechado, só chave para o preso, como vai reeducar assim?	O B pode confiar, resolve as coisas. O J não resolve nada, faz muvuca entre os funcionários.
Tem agentes que não respeitam os presos, ele não se dão ao respeito. Tratam como bicho.	Não manda nada, baixou o espírito do J1 no homem, é ruim e louco.	Com B e o J não tem diálogo, não ouvem, não gostam do preso, não querem saber das condições do preso. O chefe de segurança tem que ser respeitado, o preso tem que gostar dele, agora não é o nosso caso.
A maioria deles é pelo certo, respeitam o preso. Alguns gostam de afrontar o preso porque se acham superior, para arrumar castigo para o cara ou para a cadeia. Tem dois agentes que são muito arrogantes, não sabem conversar, aí eles inflamam a cadeia.	O diretor é fraquíssimo, não dá atenção para os presos. Veio duas vezes em um ano. Não é bom diretor, deveria estar mais junto para saber das coisas, vai pela mente dos outros.	O J age pela razão, isso é bom. Mas, ele embasa muito. O B incorporou o Hitler, quando ele avermelha a bochecha tem que sair de perto. O negócio dele é dar soco nos outros, não tem capacidade para ser chefe de segurança, é muito ignorante.
Todos são diferentes. Tem alguns que são queijo duro, mas são poucos, 2 ou 3 são rudes.	Esse diretor deveria procurar trabalho para o preso, deveria dar mais assistência, acompanhar mais o preso, ter contato, cobrar do setor penal que os processos andem.	Fazem o que tem que ser feito, numa cadeia não pode deixar as coisas muito frouxas.

Na Tabela 6.21 é possível verificar que todos os presos identificam dois tipos de agentes prisionais, os bons e os ruins, como os presos dos outros grupos. Com relação ao que os presos gostam ou não gostam do administrador, dois presos afirmam que ele deveria ter mais contato com o preso e acompanhar mais de perto os problemas, dois presos mencionam que o administrador não resolve nada e não tem poder e um preso afirmou que é pior que os outros administradores e que implantou um sistema muito rígido. Assim, é possível observar cinco respostas com conotação negativa.

Sobre a percepção dos presos com relação ao que gostam ou não gostam do chefe de segurança, os presos fazem uma distinção entre dois chefes de segurança, o “B” e o “J”. É possível observar que o “B” foi associado uma vez à crueldade e ignorância e duas vezes a eficiência e o “J” foi associado uma vez a bom tratamento para o preso, uma vez a ineficiência e

uma vez à mudança de comportamento para atitudes melhores para o preso. Um dos presos acha que eles fazem o que tem que ser feito.

Na Tabela 6.22 é apresentada a distribuição das respostas dos encarcerados, com menos de um ano de prisão, sobre o que acham das técnicas.

TABELA 6.22
DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS DOS ENCARCERADOS COM MENOS DE UM ANO DE PRISÃO
SOBRE O QUE ACHAM DAS TÉCNICAS

O que você gosta e não gosta da professora?	O que você gosta e não gosta das psicólogas?	O que você gosta e não gosta da dentista?
Excelente, tem um tratamento ótimo com os presos, a professora conversa com atenção.	Gosto dos atendimentos, me ajudam a viver. Gostaria que me autorizassem a ligar toda a semana para fora.	A dentista me atendeu muito bem.
A professora é empenhada, dá formação para nós, para as pessoas que querem aprender. Ela precisaria ter um local específico para dar aulas.	Elas ajudam bastante, fazem o contato com as pessoas de fora quando precisamos. São as únicas mulheres que podemos conversar, já que na visita é proibida a conversa com o sexo feminino. Elas são nosso contato com a sociedade, é o que mais se aproxima. Deveriam ficar mais tempo no Presídio.	Não tive contato.
A professora é ótima, incentiva os presos, traz esperança para a cadeia.	Se não existissem as psicólogas, acho que eles nos matavam. Elas dão um voto de confiança para os presos.	Não gostei do atendimento, ficou incompleto. Ela só colocou uma massa no dente que estava aberto. No dia que o juiz estava aqui eu reclamei.
A professora dá um banho. Sem palavras. É excelente.	Acho massa, nota 10, elas chegam lá e conversam com todos.	Não conheço.
Para mim é bom ter aulas, a professora faz um grande trabalho. Poucas se dispõem a vir dar aula aqui. O ruim é que falta espaço, falta livro, caderno, quadro, cadeira...	Acho bom o atendimento psicológico, na cadeia não tem com quem conversar, temos muitos problemas, as psicólogas ajudam. Sempre que precisamos de alguma coisa, recorremos a elas. Elas também ajudam a repassar os casos para o advogado da cadeia.	Não tive contato.

É possível verificar na Tabela 6.22 as percepções dos presos com menos de um ano de prisão sobre a professora, as psicólogas e a dentista que trabalham no Presídio. Com relação à professora, os cinco presos acham que a professora é atenciosa, empenhada e que ela realiza um ótimo trabalho e dois presos mencionam a necessidade de melhores condições de trabalho para a professora. A respeito das psicólogas, os cinco presos fazem menções positivas, estando duas relacionadas ao atendimento psicológico, duas ao contato que elas proporcionam entre os presos e a sociedade, três à possibilidade de conversar e um a proteção e confiança que elas representam. Sobre a percepção dos presos com relação à dentista, três presos não têm contato, um preso gosta do atendimento e um preso não gosta do atendimento.

Na Tabela 6.23 é apresentada a distribuição das respostas dos encarcerados, entre um a três anos de prisão, sobre o que acham das técnicas.

TABELA 6.23
DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS DOS ENCARCERADOS ENTRE UM A TRÊS ANOS DE PRISÃO
SOBRE O QUE ACHAM DAS TÉCNICAS

O que você gosta e não gosta da professora?	O que você gosta e não gosta das psicólogas?	O que você gosta e não gosta da dentista?
A professora é 10. Sem palavras.	As psicólogas estão sempre atentas a tudo. Cuidam dos direitos dos presos.	Não tive contato.
Conversei apenas uma vez com a professora porque não tem aula no Seguro. Acho que a aula ajuda para não ficarmos pensando coisas ruins.	É um serviço bom que acontece na medida do possível.	Não conheço.
É uma pessoa abnegada, merece respeito. Tem proximidade com o preso. Deveria ter mais recursos para trabalhar, merecia um aumento de salário.	Os presos ficam contentes de conversar com as psicólogas. Devem prosseguir com esse trabalho. Nem todo mundo é bandido e, às vezes, até ladrão é melhor que as pessoas lá de fora, são mais decentes e solidários que muita gente.	Não conheço a dentista. Tenho muita dor, mas até hoje não fui atendido.
Gosto porque vejo que o trabalho dela ajuda os presos, é uma conversa diferente. Ela orienta, apóia na rua quando preciso, dando recados para a família e trazendo remédio.	É bom ter a oportunidade de conversar com uma pessoa diferente, muda a rotina, fica mais fácil de lidar com as coisas depois. O ruim é que demora muito para chamar, pois tem muita gente.	Não tive contato.
Ela é uma boa pessoa, faz um bom trabalho com os presos, ensina com persistência.	É um bom trabalho para o preso, pois podemos desabafar e sair da rotina. Elas conversam com os presos.	Não tive contato.

É possível verificar na Tabela 6.23 as percepções dos presos entre um a três anos de prisão sobre a professora, as psicólogas e a dentista que trabalham no Presídio. Com relação à professora, quatro presos acham que a professora é atenciosa, empenhada, persistente e que ela realiza um ótimo trabalho, um preso menciona a necessidade de melhores condições de trabalho para a professora e um preso acha a aula um bom trabalho para os presos, apesar de ele não ter contato. Foi mencionado também o apoio que a professora oferece para as necessidades que envolvem o contato externo. A respeito das psicólogas, os cinco presos fazem menções positivas, estando duas relacionadas à possibilidade de conversar e desabafar os problemas, uma à proteção dos direitos, duas aos limites da capacidade de atendimento. Sobre a percepção dos presos com relação à dentista, os cinco presos não têm contato.

Na Tabela 6.24 é apresentada a distribuição das respostas dos encarcerados, com mais de três anos de prisão, sobre o que acham das técnicas.

TABELA 6.24

**DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS DOS ENCARCERADOS COM MAIS DE TRÊS ANOS DE PRISÃO
SOBRE O QUE ACHAM DAS TÉCNICAS**

O que você gosta e não gosta da professora?	O que você gosta e não gosta das psicólogas?	O que você gosta e não gosta da dentista?
Foi uma oportunidade muito boa poder estudar aqui. Ela foi persistente por me convidar, me deu atenção.	É bom porque incentiva as empresas, os trabalhos dentro do Presídio. As atividades que elas desenvolvem faz a gente aprender a trabalhar em conjunto. Ocupação é muito importante nesse lugar, se não só se pensa em coisa errada.	Fui bem atendido, mas num dos serviços não levei sorte.
Uma pessoa fora de série, é 100%, agüenta inclusive as perseguições da administração.	Pessoas decentes, fora de série.	Não teve contato.
Excelente, dá o tempo dela para os presos, não é fácil.	É muito importante, cria possibilidades de evolução para o preso, principalmente através do trabalho. Olham por nós. É só as psicólogas que trabalham no social. O ruim é que o administrador não deixa elas trabalharem.	Nunca fui no dentista.
A professora é legal, traz oportunidade. Aqui poderia ter vários cursos, nós poderíamos fazer vários cursos.	É um bom trabalho, elas dão atenção. Deveria ter mais freqüência no atendimento.	Não tive contato.
A professora trabalha bem com os presos. Deveria ter uma mesinha para ela dar aula.	É bom conversar com a psicóloga, alivia a cabeça.	Não tive contato, não sei.

É possível verificar na Tabela 6.24 as percepções dos presos com mais de três anos de prisão sobre a professora, as psicólogas e a dentista que trabalham no Presídio. Com relação à professora, os cinco presos acham que a professora é atenciosa, empenhada, persistente e que ela realiza um ótimo trabalho, um preso menciona a necessidade de melhores condições de trabalho para a professora e um preso menciona que ela suporta as perseguições da administração. A respeito das psicólogas, os cinco presos fazem menções positivas, estando uma relacionada à possibilidade de conversar e desabafar os problemas, uma aos limites da capacidade de atendimento, duas às possibilidades que o trabalho das psicólogas trazem para a aprendizagem e ocupação, uma às impossibilidades criadas pelo administrador ao trabalho das psicólogas e uma à boa índole das psicólogas. Sobre a percepção dos presos com relação à dentista, quatro presos não têm contato e um afirma que foi bem atendido.

Na Tabela 6.25 é apresentada a distribuição das respostas dos encarcerados, com menos de um ano de prisão, sobre o que acham dos funcionários indiretos.

TABELA 6.25

**DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS DOS ENCARCERADOS COM MENOS DE UM ANO DE PRISÃO
SOBRE O QUE ACHAM DOS FUNCIONÁRIOS INDIRETOS**

O que você gosta e não gosta do enfermeiro?	O que você gosta e não gosta dos policiais militares?	O que você gosta e não gosta dos vigilantes?
O enfermeiro conspirou comigo. Não me levou no hospital quando precisei. O problema também é que falta remédio na cadeia, aí ele não pode trabalhar. As vezes tem coisas simples que ele não pode resolver por falta de remédio, como pressão baixa, alta, dor de garganta e de dente.	Os PMs são na deles. Não tenho nada contra.	Os vigilantes são sangue bom, dão comida para gente, são na deles.
O enfermeiro está fazendo o que pode, não tem muita estrutura para a área da saúde, não tem remédio.	Eles não se metem na nossa vida. Fica tudo certo.	Os vigilantes não nos comprometem em nada. Não atrapalham e ajudam quando podem.
Só vi o enfermeiro, não tive contato. Acho uma boa ter um profissional aqui. Ele precisa dar mais atenção para a Cadeia Nova.	Fazem o trabalho deles.	Respeitam o preso. Não tenho reclamação, não interferem na nossa rotina.
Não tive contato.	Não temos relacionamento com PM. Ta tudo certo, eles não se folgam, fazem o serviço deles, estão sendo pagos para cuidar para gente não fugir, para serem rígidos.	O que eu gosto é que eles não embasam.
O bom é que ele vai de vez em quando e leva remédio. O ruim é que ele tem medo, fica na segunda conosco.	Fazem o serviço deles.	É normal, abrem e fecham as portas sem atrapalhar em nada.

É possível verificar na Tabela 6.25, o que acham os presos sobre o enfermeiro, os policiais militares e os vigilantes. Sobre o que os presos gostam ou não gostam do enfermeiro, observa-se três menções sobre a falta de remédios, duas menções sobre a falta de contato, uma que o enfermeiro tem medo e uma que ele dificultou, sem motivo justo, a ida de um preso no hospital. Com relação aos policiais militares, os cinco presos afirmam que eles fazem a função deles, que está tudo bem dessa forma. Sobre os vigilantes, os cinco presos consideram que eles fazem o trabalho deles sem dificultar o encaminhamento das necessidades dos presos e, quando podem, ajudam.

Na Tabela 6.26 é apresentada a distribuição das respostas dos encarcerados entre um a três anos de prisão sobre o que acham dos funcionários indiretos.

TABELA 6.26

**DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS DOS ENCARCERADOS ENTRE UM A TRÊS ANOS DE PRISÃO
SOBRE O QUE ACHAM DOS FUNCIONÁRIOS INDIRETOS**

O que você gosta e não gosta do enfermeiro?	O que você gosta e não gosta dos policiais militares?	O que você gosta e não gosta dos vigilantes?
É bom ter um enfermeiro. Ele é legal. Atende quando pode.	Antes era muito difícil eles ficavam me provocando. Agora mudaram um pouco, estão na deles.	São bons trabalhadores. São humildes.
Acho que falta pessoal suficiente para atender. Deveriam dar mais atenção. À noite não há atendimento.	Estão fazendo a parte deles, tem que cuidar para gente não fugir. Nas revistas eles se passam, principalmente o pessoal da GRT.	Fazem a parte deles, são educados, isso é bom.
É recente esse serviço no Presídio, é bom que agora tem. Mas, ele sozinho tem muita dificuldade, falta remédio. O que mais precisamos é para a gripe, estômago e para zica (micose da cadeia).	Não tem o que gostar ou deixar de gostar. É normal, eles cumprem ordem, nunca vi eles armando nada diferente contra nós.	São educados, são mais capazes para nos entender porque não foram criados no regime militar.
Trata bem os presos. O ruim que deveria ter mais contato conosco. Tem negligência no atendimento médico do hospital.	O que não gosto é que eles são prevaletidos, com a arma fazem o que querem, falam o que querem, agridem os outros.	Acho que eles não incomodam. Não tive muito contato com eles.
Não tive contato.	Eles se excedem muito, batem, bagunçam. Polícia é tudo errado. Desrespeitam a visita e os preso.	Normal, se comportam bem.

É possível verificar na Tabela 6.26, o que acham os presos sobre o enfermeiro, os policiais militares e os vigilantes. Sobre o que os presos gostam ou não gostam do enfermeiro, observa-se uma menção sobre a falta de remédios, duas sobre a falta de contato, uma sobre bom tratamento, duas sobre ser um profissional que é novo no Presídio e três sobre as limitações da capacidade de atendimento. Com relação aos policiais militares, pode-se observar três menções sobre os excessos que a Polícia comete, no sentido de abuso de poder e violência, uma menção afirmando que eles cumprem ordens e fazem o trabalho deles e uma menção sobre mudança de comportamento da Polícia para uma atitude menos provocativa. Sobre os vigilantes, os cinco presos consideram que eles fazem o trabalho deles, são educados e humildes e há uma menção de um preso que considera que os vigilantes têm mais capacidade de entender os presos porque não tem formação militar.

Na Tabela 6.27 é apresentada a distribuição das respostas dos encarcerados com mais de três anos de prisão sobre o que acham dos funcionários indiretos.

TABELA 6.27

**DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS DOS ENCARCERADOS COM MAIS DE TRÊS ANOS DE PRISÃO
SOBRE O QUE ACHAM DOS FUNCIONÁRIOS INDIRETOS**

O que você gosta e não gosta do enfermeiro?	O que você gosta e não gosta dos policiais militares?	O que você gosta e não gosta dos vigilantes?
Ele é atencioso, trata os presos como gente.	Eles nos tratam bem, com educação, não são charope. É só cuidar para não chamar a atenção deles. Não tenho nada contra.	Sempre que precisei, atenderam bem.
É atencioso.	Não posso reclamar de ninguém, nunca me incomodaram.	São gente boa, ficam na deles.
O bom é que agora temos um profissional, uma pessoa que conhece os remédios. O ruim é que falta remédio.	Os PMs recebem e cumprem ordens, ficam na deles hoje em dia, antigamente era pior.	São pessoas legais, educadas.
É uma pessoa nota 10, desenvolve um ótimo trabalho.	Não posso reclamar dos PMs. Mas, tem alguns folgados, mas não dá para querer que tudo esteja correto.	São educados, na deles, tratam bem as visitas, são bem simpáticos.
Depois que ele veio melhorou a saúde dos presos.	Acho que estão fazendo o trabalho deles, se não faltar com o respeito, eles respeitam o preso. O problema é a GRT, eles são desumanos, não tem respeito nenhum, são um brutamontes com cérebro de formiga, entram para quebrar e zoar com os presos.	Não tenho contato.

É possível verificar na Tabela 6.26, o que os presos acham sobre o enfermeiro, os policiais militares e os vigilantes. Sobre o que os presos gostam ou não gostam do enfermeiro, os cinco presos fazem menções positivas sobre ele, há uma menção sobre falta de remédio e uma sobre quanto é bom ter esse profissional agora no Presídio. Com relação aos policiais militares, os cinco presos consideram que tem uma relação favorável com eles, embora não haja proximidade. Ocorrem outras três menções com relação aos policiais militares: um preso menciona que com o GRT é diferente, associando-o à violência, um preso considera que os policiais militares eram piores no passado e um preso menciona que há alguns policiais militares que são “folgados”. Quanto aos vigilantes, observa-se respostas com conotação positiva, associadas a comportamentos de respeito e um preso afirma não ter contato com os vigilantes.

d) Os presos valorizam o tratamento profissional e voltado à aprendizagem por parte das pessoas que trabalham no Presídio

Nas Tabelas 6.19 a 6.21 é possível observar que os presos identificam dois tipos de agentes prisionais, os considerados bons e ruins. Aqueles que são considerados bons revelam comportamentos profissionais e os considerados ruins revelam julgamentos e comportamentos baseados em análises pessoais que parecem resultar em desinteresse, maldade, violência, descumprimento da lei, estupidez, arrogância e desânimo. Essas relações entre guardas e presos foram estudadas e demonstradas por Sykes (1967), que aponta que o exercício da autoridade em uma organização como a prisão, para os guardas ou agentes prisionais, exige capacidades específicas. Quais critérios estão sendo observados para a contratação desses profissionais? Os responsáveis pela prisão estão monitorando e desenvolvendo as capacidades necessárias para o exercício profissional? De que forma a Psicologia tem contribuído para isso? Parece que, com relação à Psicologia, poucos são os conhecimentos apresentados para formação desses profissionais e, menos ainda, por eles aplicados no exercício profissional. Os programas de formação dos agentes prisionais parecem focar nas discriminações sobre os diferentes tipos de personalidade e das psicopatologias, ficando à margem o conhecimento referente à aprendizagem, comportamento, contingências, entre outros, que podem ser considerados imprescindíveis para o trabalho dos agentes prisionais.

Com relação ao administrador, a maioria dos presos o considera omissivo, incompetente, desinteressado e rígido. O administrador ou gestor prisional exerce função relevante na prisão, nesse sentido é possível apresentar as mesmas considerações feitas para os agentes prisionais. Porém, esse caso parece ter um agravante que é a estratégia utilizada para nomear os administradores no Estado, que usa critérios políticos e pessoais em detrimento de critérios técnicos. Assim, além da formação deficitária, identificada no caso dos agentes prisionais, os administradores não necessariamente apresentam aptidão, conhecimento, profissionalismo e motivação para o cargo e para o trabalho em organizações prisionais. Isso pode ter relação com as menções dos presos.

Sobre a chefia de segurança, a maioria dos presos identifica dois responsáveis, sendo um associado à violência, crueldade, ignorância e ineficiência e o outro a atenção, bondade e eficiência. Verifica-se características opostas identificadas pelos presos entre os dois chefes de

segurança. Nesse sentido, é possível questionar que tipo de procedimentos que o estabelecimento está adotando com relação à segurança? Examinando melhor as características dos dois responsáveis, parece que prevalecem os procedimentos determinados pelo primeiro, pois a esse foi associada a característica da eficiência, que indica quem tem, de fato, o poder de decidir. Porém, como são mantidos dois chefes de segurança, também é possível supor a presença de conflito na gestão da segurança, a considerar a diferença de comportamento dos dois responsáveis e, conseqüentemente, que os presos ficam confusos com essa situação.

A respeito do que os presos gostam e não gostam da professora, é predominante a associação com dedicação, atenção, abnegação, persistência e qualidade no trabalho. Parece que os presos reconhecem positivamente o tipo de tratamento dispensado pela professora e os resultados do seu trabalho. Esse pode ser um indicativo de como os presos almejam serem tratados e que o tipo de atividade valorizada pelos encarcerados. Nesse sentido, parece que os presos têm interesse em estudar, aprender e em estabelecer relações amistosas. A sociedade e os responsáveis da prisão podem considerar isso como um indicativo de como planejar as prisões e superar estigmas construídos com relação aos presos.

As psicólogas, conforme as respostas dos presos, são associadas à possibilidade de conversar e desabafar os problemas, à proteção dos direitos, ao contato com o mundo externo à prisão e a possibilidade de aprendizagem e ocupação. Considerando as menções feitas pelos presos, parece que o trabalho das psicólogas está sendo reconhecido positivamente pelos presos e que ele abrange vários aspectos na prisão, envolvendo atendimento psicológico, contato entre a sociedade e o preso, educação, capacitação, trabalho e garantia dos direitos previstos na lei. Nesse sentido, parece que o trabalho da Psicologia tem significado administração de contingências na prisão que possam favorecer a aprendizagem de comportamentos e promoção da saúde mental dos presos.

Com relação à dentista, a maioria dos presos revela que não têm contato com esse serviço e com a profissional. Parece que há uma insuficiência nesse atendimento. A respeito do enfermeiro, os presos mencionam que consideram bom ter um enfermeiro, que não há remédios disponíveis na quantidade necessária. Ocorrem citações sobre o bom e mau atendimento e que o enfermeiro tem medo de entrar na prisão. Esse serviço parece ser reconhecido positivamente pelos presos, mas aparenta estar precarizado pelas pouca estrutura oferecida.

A respeito dos policiais militares e vigilantes, é possível observar nas respostas dos presos, que há uma concordância sobre o papel que eles devem exercer e que, se eles fizerem exclusivamente isso, estará bom para os presos. No caso, foi verificado que os policiais militares e vigilantes cumprem as suas funções de vigilância e controle sem abusar do poder, com exceção dos policiais da GRT que são um grupo externo à guarda que fica no Presídio.

**CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA PARA A MUDANÇA DAS CONTINGÊNCIAS
DAS PRISÕES VOLTADAS PARA APRENDIZAGEM DE COMPORTAMENTOS
PARA A CIDADANIA**

As contingências das prisões estão relacionadas às contingências sociais, pois a prisão não é uma organização voltada para si, mas sim para a sociedade. No entanto, as contingências sociais e das prisões podem ser modificadas e a Psicologia pode contribuir para isso. Examinando o fenômeno da criminalidade e o encarceramento é possível conhecer o conjunto de tipos de variáveis e fenômenos que constituem o sistema de possibilidades de determinação do comportamento do encarcerado. Esses tipos de variáveis e fenômenos que constituem o sistema de possibilidades de determinação são vividos, de forma particular, como situações antecedentes e conseqüentes à ação de cada sujeito. Na medida que são conhecidas as condições que determinam o comportamento, o comportamento pode ser modificado por meio da alteração dessas condições. Portanto, os psicólogos ao atuarem no planejamento das condições do ambiente físico, dos procedimentos e da capacitação dos profissionais que atuam nas prisões, na identificação repertório de comportamentos dos presos, no desenvolvimento de relações para a aprendizagem de comportamentos voltados para a cidadania e no desenvolvimento de relações favoráveis entre os presos e a sociedade, atuam na modificação das contingências que compõem o comportamento dos encarcerados.

Examinando os dados foi possível identificar algumas das principais contingências constituintes da prisão e suas relações com o comportamento dos encarcerados, destacando-se os aspectos a seguir.

a) As condições do ambiente físico são desfavoráveis para a aprendizagem de comportamentos úteis à vida na sociedade livre

“As instalações não permitem que o preso possa mostrar o que ele é capaz.”

(preso entrevistado)

Observando os dados foi possível averiguar que a distância entre o Presídio e a cidade dificulta a responsabilização e envolvimento da sociedade em relação à prisão, a distribuição da área, ambientes e construções existente e a alocação dos presos no Presídio revela condições desfavoráveis para o tratamento penal e a estrutura e conservação das instalações é insuficiente para as necessidades das pessoas que vivem no Presídio, tendo sido também observado o planejamento deficiente das instalações e a priorização de aspectos relacionados a detenção em detrimento dos aspectos de manutenção da vida e da promoção de aprendizagens úteis para vida na sociedade livre. Parece importante, na modificação das contingências da prisão, rever esses aspectos.

b) A prisão encarcera predominantemente uma população específica, mas desconsidera essas características no seu planejamento e nos procedimentos adotados

“Na cadeia tem vários tipos, cada um que entra a gente vai percebendo: é laranja, bandido, neurótico, cagueta, ladrão...”

(preso entrevistado)

O Presídio encarcera predominantemente jovens, com pouca escolaridade, com poucas oportunidades de trabalho e renda e que praticaram crimes relacionados ao patrimônio e às drogas, porém não considera no seu planejamento e nos seus procedimentos o repertório de comportamentos que sustenta esse perfil e, menos ainda, como modificá-lo. As características dos presos e o repertório comportamental trazido parecem ser aspectos importantes na reeducação dos encarcerados para a aprendizagem de novos comportamentos. Nesse sentido,

parece que os objetivos da prisão estão distantes, de fato, da “ressocialização” dos presos e da construção comportamentos cidadãos. Nas relações estabelecidas na prisão, parecem prevalecer os objetivos da detenção, da punição e, em muitos aspectos, da vingança da sociedade. Alguns aspectos que reforçam essa possibilidade foram demonstrados, como as condições das celas de isolamento, que parece ser um dos resquícios do modelo das primeiras prisões do século XVII, cujos estabelecimentos eram geralmente subterrâneos e insalubres, onde as pessoas eram esquecidas, submetidas à fome, tortura, trabalho forçado e a um espaço muito pequeno. É preciso considerar as características e o repertório dos presos no planejamento da prisão para que ela possa promover condições de aprendizagem de comportamentos cidadãos. A Psicologia pode contribuir para isso identificando as características e o histórico de experiências do sujeito, as aprendizagens, a rede de relações parentais e institucionais, entre outros aspectos que permitem planejar as condições apropriadas para a construção de aprendizagens importantes para vida na sociedade livre.

c) A prisão e a Justiça contribuem para que o preso se mantenha encarcerado

“Tratamento não existe, tem sofrimento.”

(preso entrevistado)

A prisão e a Justiça têm produzido aprendizagens úteis para a permanência dos presos no encarceramento. Sidmann (2001) demonstrou que o uso do confinamento como oportunidade de educação alcançou tão pouco sucesso que os profissionais responsáveis pelo cumprimento da lei vêm esta noção com ceticismo total. Isso parece contribuir para uso de coerção dentro das prisões, o que não promove aprendizagem de novos comportamentos.

Um outro aspecto a ser examinado refere-se ao sistema de privilégios criado dentro da prisão. Parece que o tipo de comportamento que os presos são estimulados a demonstrar para conquistar os privilégios que a prisão oferece, refere-se mais a submissão total, delação, agressão e repetição do que ao desenvolvimento de habilidades para autonomia, para capacidade de tomada de decisão, para o relacionamento justo entre as pessoas, entre outros aspectos que seriam desejáveis para a vida em sociedade. Nesse sentido os presos aprendem ou mantêm comportamentos desfavoráveis para a vida em sociedade, conseqüentemente, ficam mais

propícios ao aprisionamento. É preciso considerar, ainda, que os recursos internos que os presos dispõem são desmobilizados na prisão, devido aos processos de subjulgação, estranhamento da rotina, sujeição a espaços e condições impróprias de vida, exposição demasiada da intimidade, despersonalização e outros que o preso passa a viver, processo que Goffman (1967) identificou como “mortificação do eu”, agravando, assim, as condições de enfrentamento dos egressos da prisão aos desafios da vida em liberdade. Seligman (1977) descreve processo semelhante quando o indivíduo passa por situações de descontrole e dependência, confirmando que isso pode deteriorar o repertório comportamental adaptativo do sujeito, dificultando cada vez mais a aprendizagem de comportamentos úteis à sociedade.

Esses aspectos podem ser abordados pelos psicólogos nas prisões, por meio de um planejamento preciso do ingresso, estadia e saída do indivíduo da prisão, considerando a adequação do espaço e procedimentos às necessidades de desenvolvimento individuais, visando a criação de contingências para a aprendizagem e para construção ou manutenção do repertório comportamental adaptativo dos presos.

d) O Presídio impede a aprendizagem de comportamentos desejáveis para vida na sociedade livre

“Se é para reeducar, tem que ensinar.”

(preso entrevistado)

Na medida que o Presídio apresenta as condições ambientais descritas e examinadas e emprega prioritariamente a coerção e a punição, ele impede a aprendizagem de comportamentos desejáveis para vida na sociedade livre. Skinner (2000), verificou que a punição severa tem um efeito imediato na redução da tendência para agir de uma certa maneira, porém, a longo prazo, a punição realmente não elimina o comportamento de um repertório e seus efeitos temporários são conseguidos em detrimento da eficiência e felicidade das pessoas. Esses parecem ser decorrências danosas para os presos e para a sociedade, dessa forma, é preciso rever a instituição prisão. Holland (1983, p.70) revela que “nossas contingências são amplamente programadas em nossas instituições sociais e são esses sistemas de contingências que determinam o nosso comportamento. Se os membros de uma sociedade estão infelizes, se são pobres, se estão

privados, então as contingências envolvidas nas instituições, no sistema econômico e no governo é que devem mudar. É preciso mudar as contingências para mudar o comportamento.” Para que as organizações prisionais modifiquem as suas contingências, a instituição prisão precisa, de fato, ter como finalidade à reeducação e a integração dos presos à sociedade.

A revisão das contingências da prisão precisa considerar um aspecto que até então tem sido pouco valorizado: o contato do preso com o mundo exterior à prisão. Marcondes (2001, p. 150) demonstra que “seria um profundo contra-senso pretender a reinserção social do condenado, prepará-lo para o retorno ao convívio social livre como um homem honesto, mas vedar-lhe durante o cumprimento da pena de prisão, o contato com o mundo exterior. Esse contato deve ser promovido em consonância com a concepção moderna desenclausuramento da prisão. O princípio de que a execução penal não deve representar a exclusão do condenado da sociedade impõe que sejam empreendidos esforços para possibilitar o contato do condenado com o mundo exterior. A população penitenciária de um país segue fazendo parte da comunidade nacional. A prisão deve ser organizada de tal sorte que preserve as características mais próximas possíveis do meio externo, para reduzir os efeitos do cárcere.”

e) A Psicologia pode contribuir para a mudança das contingências da prisão

“Com licença, tem condições de dar uma atenção pro ladrão?”

(preso entrevistado)

São conhecidos diversos aspectos que representam possibilidades de contribuição da Psicologia na mudança das contingências da prisão, Gonçalves (1999) sistematizou alguns deles: participação do planejamento do tratamento penal, promovendo uma abordagem individualizada, voltada à resolução dos conflitos e treino de competências individuais; promoção da adaptação como um processo, ao longo do qual intervém vários fatores, e não como um estado; a intervenção no “stress” em meio prisional e o planejamento da configuração da arquitetura das prisões como forma de planejar as contingências do comportamento dos presos. No entanto, muitas organizações têm restringido a contribuição da Psicologia ao exame das características pessoais dos presos e o seu enquadramento em categorias como a periculosidade. Essas informações parecem ser sub-utilizadas ou utilizadas indevidamente, na medida que não

contribuem para o planejamento da vida na prisão e depois dela, mas apenas como recurso para decisão judicial ou manutenção de estereótipos.

A atuação dos psicólogos na prisão também precisa ser revista, para que não fique a serviço da função vingativa, mas sim a serviço da aprendizagem para a cidadania. Existem algumas experiências no Brasil que mostram a possibilidade de uma atuação dos psicólogos voltada à construção de sujeitos cidadãos, uma delas é o Programa de Atenção Integral ao Paciente Judiciário Portador de Sofrimento Mental (PAI-PJ), na cidade de Belo Horizonte. O PAI-PJ é um projeto do Tribunal de Justiça de Minas Gerais apoiado pelo Centro Universitário Newton Paiva, em especial pelo setor de Psicologia, que desenvolve desde o ano de 2000 a proposta de responsabilizar o sujeito que é condenado pela Justiça a uma medida de segurança por suas ações e exercitar, em liberdade, a aprendizagem dos comportamentos necessários para a vida em sociedade. O indivíduo condenado é apoiado por uma equipe interdisciplinar que o assessora na construção de seu projeto de vida. Essa proposta parte do reconhecimento das características e do repertório de cada sujeito e da identificação das possibilidades de desenvolvimento de habilidades e comportamentos em prol da construção de um projeto pessoal de vida, usando como estratégia a articulação de uma rede social de apoio, composta por instituições e pessoas, e o acompanhamento individual e intenso da aplicação do programa de tratamento.

Outra experiência que se diferencia dos modelos violentos, vingativos e destrutivos de prisão acontece desde 2000 no Estado de São Paulo, são os Centros de Ressocialização (CRs). Os CRs apresentam um novo formato arquitetônico para as prisões, cujo espaço favorece o desenvolvimento de vários projetos e com condições adequadas para a vida humana, possuindo áreas específicas para atividades de trabalho, educação, religião, saúde e recepção de visitantes, sendo que os dormitórios são alojamentos coletivos, com armários individuais, sem a presença de grades. Outro aspecto relevante dessa experiência refere-se ao modelo de gestão, o governo compartilha com entidades da sociedade civil a administração da organização prisional, de forma que haja uma participação efetiva no cotidiano do estabelecimento de representantes da sociedade, gerindo e fiscalizando a execução da política prisional. Nos CRs ocorre uma preocupação em valorizar o indivíduo enquanto ser humano e de aumentar a sua auto-estima por meio do direito à expressão e a participação nas decisões cotidianos que envolvam o que é comum na convivência da população encarcerada. Para tanto, há um sistema de representação

por celas e por galeria por parte dos encarcerados, que forma a Comissão Interna de Trabalho, cuja responsabilidade é de cuidar do bom andamento da rotina, de supervisionar as atividades dos grupos de trabalho, receber e orientar os novos reeducandos, lotar os presos nos alojamentos e postos de trabalho considerados adequados, acompanhar visitantes nas dependências da organização, entre outras tarefas. A fim de que possa executar suas atividades, são concedidas à Comissão Interna de Trabalho as chaves que abrem e fecham as portas dos corredores e alojamentos.

Nos Centros de Ressocialização, instalados em 20 cidades do Estado de São Paulo até setembro de 2004, existem equipes multidisciplinares, constituída necessariamente de profissionais da área de Psicologia, cuja atuação contempla uma proposta individualizada e abrangente. Os Centro de Ressocialização são originários da experiência da APAC, Associação de Proteção e Assistência aos Condenados, que em 1972 na cidade de São José dos Campos, iniciou suas atividades com objetivo de apoiar e evangelizar os presos. No decorrer da década de 70, 80 e 90 a APAC desenvolveu um método próprio de atuação nas unidades prisionais com índice de reincidência aproximadamente de 5%, que provocou grande repercussão no Brasil e no exterior, tendo sido levado para outras unidades na América Latina e na América do Norte.

O PAI-PJ e os CRs são exemplos de que é viável a modificação do sistema prisional, mudando-se as contingências da prisão, onde a Psicologia contribui na construção de alternativas mais efetivas para a integração social dos encarcerados, utilizando seus conhecimentos e suas práticas em propostas com princípios mais justos, integrados e úteis para a vida em sociedade.

f) Avançando na produção do conhecimento sobre a prisão e seus processos e sobre a criminalidade

“As leis, a pena dos artigos, fazem a malandragem se comportar, crime com mais ou menos pena mudam o pensamento da malandragem. As coisas vão mudando, a malandragem evolui.”

(preso entrevistado)

O conhecimento da prisão, sob o aspecto das condições de aprisionamento e de aprendizagem de presos, contribui para a caracterização do conjunto de variáveis que compõem a situação de encarceramento, dando visibilidade ao complexo fenômeno do aprisionamento e ao

fenômeno psicológico, na medida que revelam condições favorecedoras e impeditivas para ocorrência de comportamentos. Esse conhecimento pode ser útil como base para modificar o sistema prisional, pois a transformação da prisão enquanto medida punitiva e vingativa passa pela modificação do sistema de condições ambientais nela existentes.

Para o exame e generalização dos resultados da pesquisa, é importante considerar as seguintes limitações: vários são os aspectos que formam as contingências do ambiente prisional, embora eles tenham sido indicados, mas nem todos foram profundamente examinados o que pode ter restrito as conclusões sobre as aprendizagens realizadas pelos presos; além da observação indireta por meio de entrevista, poderia ter sido realizada a observação direta para a coleta dos dados relativos à rotina, relacionamento e comunicação dos presos, o que poderia fornecer maior quantidade de informações a serem examinadas.

As possibilidades de novas investigações são vastas, sendo necessário continuar estudando para avançar na produção de conhecimento sobre a prisão e seus processos e sobre a criminalidade. Um estudo importante a ser realizado, no âmbito da experimentação e intervenção, seria avaliar as decorrências de outros sistemas de condições ambientais, que contemplem aspectos como: estruturas físicas adequadas à vida humana, atividades cotidianas semelhantes à vida em sociedade livre, participação dos presos na definição dos procedimentos organizacionais, cumprimento da pena em liberdade, definição de programas individuais de tratamento com progressão a partir do cumprimento de etapas, entre outras possibilidades. Outro aspecto a ser desvelado, tem a ver com conhecer as características e repertórios desejáveis dos profissionais que atuam na prisão, isso poderia facilitar a proposição de programas de seleção, formação e acompanhamento adequados aos objetivos legais de integração social dos encarcerados e de aprendizagem para a cidadania.

Com relação à forma com que a sociedade se relaciona com o crime e com a prisão, seria importante estudar o processo de formação, ocorrência e reforço do crime e do “criminoso”, as relações existentes entre a criminalidade e o aprisionamento, as diferenças e decorrências de modelos prisionais que são abertos à participação da sociedade civil organizada e àqueles que não apresentam essa possibilidade, entre outros aspectos.

Outra questão a ser aprofundada se refere à participação da Psicologia na construção do sistema de contingências da prisão, especificamente identificando as diferenças entre atuações que servem a propósitos exclusivos de classificação e exclusão e atuações que contribuem na

aprendizagem de novos comportamentos importantes para vida em sociedade. Assim como é relevante investigar as condições e práticas existentes no Brasil dos profissionais da Psicologia, e ainda, os conhecimentos e repertórios desejados para os psicólogos que atuam no sistema prisional.

Esses aspectos ainda não são suficientemente conhecidos, sendo importante estudá-los para que o sistema prisional e a Justiça possam ser modificados a fim de estabelecer relações mais justas e equitativas, com melhores resultados para toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, J.E. **Pensando a prisão**. Revista do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária, vol 1, nº 9, pg 91 a 112. Brasília: 1997.
- BAJER, P. **Processo penal e cidadania**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- BECCARIA, C. **Dos Delitos e das Penas**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- BRASIL. **Lei n° 7.210**, de 11 jul. 84. Institui a Lei de Execução Penal. Brasília: Diário Oficial da União, 1984.
- CERVINI, R. **Los procesos de decriminalización**.
- CLEMMER, D. **Prisionizacion: in the sociology of punishment and correction**. New York, 1970.
- ETZIONI, A. **Organizações Complexas**. São Paulo: Atlas, 1º edição, 1967.
- BOTOMÉ, S.P. **Sobre a noção de comportamento**. Em: FELTES, H P M e ZILLES, U (org). Filosofia: diálogo de horizontes. Caxias do Sul: EDUCS, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BOTOME, S.P. **Determinismo em Psicologia: controvérsia de fato ou confusão semântica?** São Paulo: Programa de Pós-graduação em Psicologia Experimental da Universidade de São Paulo, 1975 (não publicado).
- FLEURY, M.T.L. **Estórias, mitos, heróis: cultura organizacional e relações de trabalho**. Revista de Administração de Empresas, v. 27, n. 4, 1987.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FILHO, F A e PERNAMBUCO M. **No front inimigo**. Revista Istoé. São Paulo: Três, 2002.
- GEISER, R L. **Modificação do comportamento e sociedade controlada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 4º edição, 1961.
- GOFFMAN, E. **Característica de instituições totais**. Em: Etzioni, A. Organizações Complexas. São Paulo: Atlas, 1 edição, 1967.
- GIGENA, O M P de. **Relações sociais e prisionização: o caso da Penitenciária de Florianópolis**. Dissertação de mestrado em antropologia. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1989.

- GONÇALVES, R. A. **Tratamento penitenciário: mitos e realidades, ilusões e desilusões.** Temas penitenciários, Série II, nº 1. Lisboa: Estabelecimento Prisional do Porto, 1998.
- GONÇALVES, R. A. **Psicopatia e processos adaptativos à prisão.** Braga: Universidade de Minho, 1999, 1ª edição.
- GUIRADO, M. **Psicologia institucional.** São Paulo: EPU, 1987.
- HAUSER, E. E. **A pena e o sistema penal: algumas considerações sobre sua legitimidade.** Ijuí: UNIJUÍ, 1997.
- HOLLAND, J. **Comportamentalismo – parte do problema ou parte da solução.** Revista Psicologia. São Paulo:1983.
- LEWIN, K. **Dinâmica de la personalidad.** Selección de artículos. Madrid: Editora Morata, 1969.
- MARCONDES, P. **A individualização executória da pena privativa de liberdade no direito brasileiro.** Dissertação de mestrado em direito. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2001.
- MCKEE, J. M. **Uso de la administración de contingencia para afectar al apredizaje en transgresores adultos institucionalizados.** Em: ULRICH, R., STACHNIK, T e MABRY, J. Control de la conducta humana – modificación de conducta aplicada al campo de la educación. Volume 3. México: Editorial Trilhas, 1978.
- MOFFATT, A. **Psicoterapia do oprimido – ideologia e técnica da psiquiatria popular.** São Paulo: 1991, 7ª edição.
- NASCIMENTO, D. M. **Um estudo sobre o significado atribuído ao trabalho por detentos do Presídio Masculino de Florianópolis.** Dissertação de mestrado em psicologia. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.
- OLIVEIRA, O. M. **Prisão: um paradoxo social.** Dissertação de mestrado em direito. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1983.
- OLIVEIRA, O. M. **Prisão: um paradoxo social.** Florianópolis: Editora UFSC, 3ª edição, 2003.
- PESSOTTI, I. **O século dos manicômios.** São Paulo: Editora 34, 1996.
- PICKLER, H. H. **O gerenciamento de crise no sistema penitenciário: gestão em rebeliões.** Monografia de pós-graduação *latu-sensu* em modalidades de tratamento penal e gestão prisional. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2003.

- REBELATTO, J.R. & BOTOME, S.P. **Fisioterapia no Brasil: fundamentos para uma ação preventiva e perspectivas profissionais.** São Paulo: Manole, 2º edição, 1999.
- ROLIM, M. **O labirinto, o minotauro e o fio de Ariadne: garantias e regras mínimas para a vida prisional.** Brasília: Câmara dos Deputados, 1999.
- SÁ, G R de. **A prisão dos excluídos: origens e reflexões sobre a pena privativa de liberdade.** Rio de Janeiro: EDUF-JF, 1996.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 9º edição, 2002.
- SARUBBI, A e REZENDE, A C. **Sistema prisional na Europa. Modelo para o Brasil?** Campinas: Peritas Editora e Distribuidora, 1997.
- SAWAIA, B (org). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social.** Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- SCHVARSTEIN, L. **Psicología social de las organizaciones: nuevos aportes.** Buenos Aires: Paidós, 3º edição, 1997.
- SELIGMAN, M. E. P. **Desamparo: sobre depressão, desenvolvimento e morte.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977.
- SIDMAN, M. **Coerção e suas implicações.** Campinas: Editora Livro Pleno, 2001.
- SKINNER, B. F. **Ciência e Comportamento Humano.** São Paulo: Martins Fontes, 10º edição, 2000 (1º edição em 1979).
- SYKES, G. **The society of captives.** Princeton: Princeton University Press, 1958.
- SYKES, G. **A corrupção da autoridade e a reabilitação.** Em: Etzioni, A. Organizações Complexas. São Paulo: Atlas, 1º edição, 1967.
- STONER, J e FREEMAN, R. **Administração.** Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora, 1999.
- VIEIRA, H. **Intervenções em meio prisional – abordagem exploratória.** Temas penitenciários, Série II, nº 1. Lisboa: Estabelecimento Prisional do Porto, 1998.
- XIBERRAS, M. **Les théories de l'exclusion.** Paris: Meridiens Klincksieck, 1993.
- WANCQUANT, L. **As prisões da miséria.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- WHEELER. **Socializacion in correctional communities.** Nova York: Asr, 1961.
- ZAMBLE, E. e PORPORINO, F. **Coping behavior and adaptation in prison inmates.** Nova York: Springer-Verlag, 1988.

Revista da Associação Brasileira de Orçamento Público. **Biblioteca.** Internet: <<http://www.tce.sc.gov.br/biblioteca/glossario/e.htm>>, Brasília, 1975, acessado em 10/mai/2003.

Ministério da Justiça. **Sistema Penitenciário.** Internet: <<http://www.mj.gov.br>>, Brasília, acessado em 01/jun/2002 e 10/mar/2003.

ANEXOS

ANEXO 1

Imagem aérea do Presídio



ANEXO 2

Roteiro Observação Direta

Presídio

1. Localização na cidade

1.1 Posição

central bairro área rural distrito industrial fora do perímetro urbano

1.2 Tipo de área ao entorno

área verde residências campo aberto indústrias mar / lago

Ambiente Interno

1. Quantidade de construção / quadrantes

1 prédio 2 prédios 3 prédios 4 prédios 5 prédios ____ prédios

1 quadrante 2 quadrantes 3 quadrantes 4 quadrantes 5 quadrantes

Quais: Cadeia I – Quadrante 1 e 2, Cadeia II – Quadrante 3, Cadeia III – Quadrante 4 e 5

2. Quantidade de andar

térreo 1 andar 2 andares 3 andares 4 andares 5 andares ____ andares

Quadrante 1

1. Função da construção

- alojamento presos
- a) Quanto ao sexo
 masculino feminino
- b) Quanto à situação jurídica
 provisório condenado
- c) Quanto ao regime dos condenados
 regime fechado regime semi-aberto regime aberto
- d) Quanto a incidência criminal da população
 preferencialmente primários preferencialmente reincidentes
- e) Quanto ao comportamento
 regalia segurados de “segurança máxima” “massa”
- espaço de trabalho espaço educação espaço de saúde
 espaços administrativos espaços da carceragem alojamento funcionários
 espaços vigilância espaços de serviços internos

2. Material da construção predial

- Concreto armado alvenaria madeira

3. Área

_____ m² _____ pessoas _____ m² / pessoa

4. Forma da construção

- quadrada retângulo circular _____

5. Sistema de vigilância

- eletrônica
 câmeras sensores fio com carga elétrica
 animais
 armada

6. Ocorrência de espaços no interior das construções

- cela pátio quadra esportiva biblioteca sala de aula
 galpão trabalho consultórios saúde enfermaria farmácia
 quarto visita íntima sala visita igreja barbearia
 triagem cozinha refeitório jardim horta
 “solitária/castigo”

7. Situação do pátio (Q1)

7.1 Tipo da entrada/saída

gradeada chapeada porta madeira

7.2 Iluminação

7.2.1 Tipo energia elétrica natural

7.2.2 Quantidade aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.3 Ventilação

7.3.1 Tipo “respiro” janela teto gradeado

7.3.2 Quantidade aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.4 Umidade

7.4.1 Ocorrência paredes úmidas paredes mofadas piso úmido

7.4.2 Quantidade aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.4.3 Causa infiltração na construção chuva falta de insolação
 não identificada

7.5 Limpeza

7.5.1 Quantidade aprox. 5/5 da área limpa aprox. 4/5 da área limpa
 aprox. 3/5 da área limpa aprox. 2/5 da área limpa
 aprox. 1/5 da área limpa ausência de área limpa

7.6 Insolação

7.6.1 Quantidade aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.7 Conservação

7.7.1 Qualidade da conservação da pintura

7.7.1.1 “Pichação” aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.7.1.2 Homogeneidade da pintura

aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.7.1.3 Descasamento da pintura

aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.7.2 Qualidade da conservação da estrutura

7.7.2.1 Simetria da construção

aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.7.2.2 Irregularidade nos tijolos (trincamento, rachadura, quebra)

aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área

- () aprox. 2/5 da área () aprox. 1/5 da área () ausência
- 7.7.2.3 Irregularidade na massa corrida
 () aprox.5/5 da área () aprox. 4/5 da área () aprox. 3/5 da área
 () aprox. 2/5 da área () aprox. 1/5 da área () ausência
- 7.7.3 Qualidade da conservação elétrica
- 7.7.3.1 Acondicionamento seguro da fiação
 () aprox.5/5 da área () aprox. 4/5 da área () aprox. 3/5 da área
 () aprox. 2/5 da área () aprox. 1/5 da área () ausência
- 7.7.3.2 Lâmpadas em condições de uso
 () aprox.5/5 da área () aprox. 4/5 da área () aprox. 3/5 da área
 () aprox. 2/5 da área () aprox. 1/5 da área () ausência
- 7.7.3.3 Quedas de energia
 () aprox. 1 vez/mês () aprox. 4 vezes/mês () aprox. 3 vezes/sem.
 () aprox. 1vez/dia () mais 1vez/dia () ausência
- 7.7.3.4 Presença de divisão/distribuição irregular de energia (“T”, extensão)
 () 100% das tomadas () aprox. 75% das tom() aprox. 50% das tom
 () aprox. 25% das tom() ausência
- 7.7.4 Qualidade da conservação hidráulica
- 7.7.4.1 Vazamento
 () aprox.5/5 da área () aprox. 4/5 da área () aprox. 3/5 da área
 () aprox. 2/5 da área () aprox. 1/5 da área () ausência
- 7.7.4.2 Falta de água
 () aprox. 1 vez/mês () aprox. 4 vezes/mês () aprox. 3 vezes/sem.
 () aprox. 1vez/dia () mais 1vez/dia () ausência
- 7.7.4.3 Acondicionamento seguro do encanamento
 () aprox.5/5 da área () aprox. 4/5 da área () aprox. 3/5 da área
 () aprox. 2/5 da área () aprox. 1/5 da área () ausência

7.8 graus de acesso para comunicação

- 7.8.1 Entre os presos
 () acesso sem obstáculos () acesso através de portas gradeadas
 () acesso através portas chapeadas () separação por parede de concreto
 () acesso através de portas gradeada ou chapeadas e separação por parede de concreto
- 7.8.2 Dos presos com policiais
 () acesso sem obstáculos () acesso através de portas gradeadas
 () acesso através portas chapeadas () separação por parede de concreto
 () acesso através de portas gradeada ou chapeadas e separação por parede de concreto
- 7.8.3 Dos presos com agentes prisionais
 () acesso sem obstáculos () acesso através de portas gradeadas
 () acesso através portas chapeadas () separação por parede de concreto
 () acesso através de portas gradeada ou chapeadas e separação por parede de concreto

7.9 Quantidade de área

_____ m² _____ pessoas do quadrante _____ m² / pessoa

7.10 Adequação da área à finalidade

- 7.10.1 Ocorrência () espaço livre para caminhada () árvore
 () banco
- 7.10.2 Tipo de solo () cimento () gramado () areia/terra () brita

8. Situação da cela “x” (Q1)

8.1 Tipo da entrada/saída

gradeada chapeada porta madeira

8.2 Iluminação

8.2.1 Tipo energia elétrica natural

8.2.2 Quantidade aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

8.3 Ventilação

8.3.1 Tipo “respiro” janela teto gradeado

8.3.2 Quantidade aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

8.4 Umidade

8.4.1 Ocorrência paredes úmidas paredes mofadas piso úmido
 colchões umedecidos roupas umedecidas
 papéis umedecidos

8.4.2 Quantidade aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

8.4.3 Causa infiltração na construção chuva falta de insolação
 não identificada

8.5 Limpeza

8.5.1 Quantidade aprox. 5/5 da área limpa aprox. 4/5 da área limpa
 aprox. 3/5 da área limpa aprox. 2/5 da área limpa
 aprox. 1/5 da área limpa ausência de área limpa

8.6 Insolação

8.6.1 Quantidade aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

8.7 Conservação

8.7.1 Qualidade da conservação da pintura

8.7.1.1 “Pichação” aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

8.7.1.2 Homogeneidade da pintura

aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

8.7.1.3 Descasamento da pintura

aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

8.7.2 Qualidade da conservação da estrutura

8.7.2.1 Simetria da construção

aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

8.7.2.2 Irregularidade nos tijolos (trincamento, rachadura, quebra)

aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

8.7.2.3 Irregularidade na massa corrida

aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

8.7.3 Qualidade da conservação elétrica

- 8.7.3.1 Acondicionamento seguro da fiação
 aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
- 8.7.3.2 Lâmpadas em condições de uso
 aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
- 8.7.3.3 Quedas de energia
 aprox. 1 vez/mês aprox. 4 vezes/mês aprox. 3 vezes/sem.
 aprox. 1 vez/dia mais 1 vez/dia ausência
- 8.7.3.4 Presença de divisão/distribuição irregular de energia (“T”, extensão)
 100% das tomadas aprox. 75% das tom(aprox. 50% das tom
 aprox. 25% das tom(ausência
- 8.7.4 Qualidade da conservação hidráulica
- 8.7.4.1 Vazamento
 aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
- 8.7.4.2 Falta de água
 aprox. 1 vez/mês aprox. 4 vezes/mês aprox. 3 vezes/sem.
 aprox. 1 vez/dia mais 1 vez/dia ausência
- 8.7.4.3 Acondicionamento seguro do encanamento
 aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

8.8 Facilidade de acesso para comunicação

8.8.1 Entre os presos

- acesso sem obstáculos acesso através de portas gradeadas
 acesso através portas chapeadas acesso através de parede de concreto
 acesso através de portas gradeada ou chapeadas e separação por parede de concreto

8.8.2 Dos presos com policiais

- acesso sem obstáculos acesso através de portas gradeadas
 acesso através portas chapeadas acesso através de parede de concreto
 acesso através de portas gradeada ou chapeadas e separação por parede de concreto

8.8.3 Dos presos com agentes prisionais

- acesso sem obstáculos acesso através de portas gradeadas
 acesso através portas chapeadas acesso através de parede de concreto
 acesso através de portas gradeada ou chapeadas e separação por parede de concreto

8.9 Quantidade de área

_____ m² _____ pessoas do quadrante _____ m² / pessoa

8.10 Adequação da área à finalidade

- 8.10.1 Ocorrência cama banheiro mesa cadeira
8.10.2 Tipo de solo cimento gramado areia/terra brita

8.11 Recursos permitidos

- TV ventilador rabo quente fogareiro geladeira
 vídeo _____

8.12 Recursos observados

- TV ventilador rabo quente fogareiro geladeira
 vídeo _____

Quadrante 3

1. Função da construção

- alojamento presos
- a) Quanto ao sexo
 masculino feminino
- b) Quanto à situação jurídica
 provisório condenado
- c) Quanto ao regime dos condenados
 regime fechado regime semi-aberto regime aberto
- d) Quanto a incidência criminal da população
 preferencialmente primários preferencialmente reincidentes
- e) Quanto ao comportamento
 regalia segurados de “segurança máxima” “massa”
- espaço de trabalho espaço educação espaço de saúde
 espaços administrativos espaços da carceragem alojamento funcionários
 espaços vigilância espaços de serviços internos

2. Material da construção predial

- Concreto armado alvenaria madeira

3. Área

_____ m² _____ pessoas _____ m² / pessoa

4. Forma da construção

- quadrada retângulo circular _____

5. Sistema de vigilância

- eletrônica
 câmeras sensores fio com carga elétrica
- animais
 armada

6. Ocorrência de espaços no interior das construções

- cela pátio quadra esportiva biblioteca sala de aula
 galpão trabalho consultórios saúde enfermaria farmácia
 quarto visita íntima sala visita igreja barbearia
 triagem cozinha refeitório jardim horta
 “solitária/castigo”

7. Situação do pátio (Q3)

7.1 Tipo da entrada/saída

gradeada chapeada porta madeira

7.2 Iluminação

7.2.1 Tipo energia elétrica natural

7.2.2 Quantidade aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.3 Ventilação

7.3.1 Tipo “respiro” janela teto gradeado

7.3.2 Quantidade aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.4 Umidade

7.4.1 Ocorrência paredes úmidas paredes mofadas piso úmido

7.4.2 Quantidade aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.4.3 Causa infiltração na construção chuva falta de insolação
 não identificada

7.5 Limpeza

7.5.1 Quantidade aprox. 5/5 da área limpa aprox. 4/5 da área limpa

aprox. 3/5 da área limpa aprox. 2/5 da área limpa

aprox. 1/5 da área limpa ausência de área limpa

7.6 Insolação

7.6.1 Quantidade aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área

aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.7 Conservação

7.7.1 Qualidade da conservação da pintura

7.7.1.1 “Pichação” aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área

aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.7.1.2 Homogeneidade da pintura

aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área

aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.7.1.3 Descasamento da pintura

aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área

aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.7.2 Qualidade da conservação da estrutura

7.7.2.1 Simetria da construção

aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área

aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.7.2.2 Irregularidade nos tijolos (trincamento, rachadura, quebra)

aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área

aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.7.2.3 Irregularidade na massa corrida

- aprox.5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.7.3 Qualidade da conservação elétrica

7.7.3.1 Acondicionamento seguro da fiação

- aprox.5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.7.3.2 Lâmpadas em condições de uso

- aprox.5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.7.3.3 Quedas de energia

- aprox. 1 vez/mês aprox. 4 vezes/mês aprox. 3 vezes/sem.
 aprox. 1vez/dia mais 1vez/dia ausência

7.7.3.4 Presença de divisão/distribuição irregular de energia (“T”, extensão)

- 100% das tomadas aprox. 75% das tom(aprox. 50% das tom
 aprox. 25% das tom(ausência

7.7.4 Qualidade da conservação hidráulica

7.7.4.1 Vazamento

- aprox.5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.7.4.2 Falta de água

- aprox. 1 vez/mês aprox. 4 vezes/mês aprox. 3 vezes/sem.
 aprox. 1vez/dia mais 1vez/dia ausência

7.7.4.3 Acondicionamento seguro do encanamento

- aprox.5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.8 graus de acesso para comunicação

7.8.1 Entre os presos

- acesso sem obstáculos acesso através de portas gradeadas
 acesso através portas chapeadas separação por parede de concreto
 acesso através de portas gradeada ou chapeadas e separação por parede de concreto

7.8.2 Dos presos com policiais

- acesso sem obstáculos acesso através de portas gradeadas
 acesso através portas chapeadas separação por parede de concreto
 acesso através de portas gradeada ou chapeadas e separação por parede de concreto

7.8.3 Dos presos com agentes prisionais

- acesso sem obstáculos acesso através de portas gradeadas
 acesso através portas chapeadas separação por parede de concreto
 acesso através de portas gradeada ou chapeadas e separação por parede de concreto

7.9 Quantidade de área

_____ m² _____ pessoas do quadrante _____ m² / pessoa

7.10 Adequação da área à finalidade

- 7.10.1 Ocorrência espaço livre para caminhada árvore

banco

- 7.10.2 Tipo de solo cimento gramado areia/terra brita

8. Situação da cela “x” (Q3)

- 8.1 Tipo da entrada/saída
 gradeada chapeada porta madeira
- 8.2 Iluminação
 8.2.1 Tipo energia elétrica natural
 8.2.2 Quantidade aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
- 8.3 Ventilação
 8.3.1 Tipo “respiro” janela teto gradeado
 8.3.2 Quantidade aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
- 8.4 Umidade
 8.4.1 Ocorrência paredes úmidas paredes mofadas piso úmido
 colchões umedecidos roupas umedecidas
 papéis umedecidos
 8.4.2 Quantidade aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
 8.4.3 Causa infiltração na construção chuva falta de insolação
 não identificada
- 8.5 Limpeza
 8.5.1 Quantidade aprox. 5/5 da área limpa aprox. 4/5 da área limpa
 aprox. 3/5 da área limpa aprox. 2/5 da área limpa
 aprox. 1/5 da área limpa ausência de área limpa
- 8.6 Insolação
 8.6.1 Quantidade aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
- 8.7 Conservação
 8.7.1 Qualidade da conservação da pintura
 8.7.1.1 “Pichação” aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
 8.7.1.2 Homogeneidade da pintura
 aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
 8.7.1.3 Descasamento da pintura
 aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
 8.7.2 Qualidade da conservação da estrutura
 8.7.2.1 Simetria da construção
 aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
 8.7.2.2 Irregularidade nos tijolos (trincamento, rachadura, quebra)
 aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
 8.7.2.3 Irregularidade na massa corrida
 aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
 8.7.3 Qualidade da conservação elétrica
 8.7.3.1 Acondicionamento seguro da fiação

- aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
- 8.7.3.2 Lâmpadas em condições de uso
- aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
- 8.7.3.3 Quedas de energia
- aprox. 1 vez/mês aprox. 4 vezes/mês aprox. 3 vezes/sem.
 aprox. 1 vez/dia mais 1 vez/dia ausência
- 8.7.3.4 Presença de divisão/distribuição irregular de energia (“T”, extensão)
- 100% das tomadas aprox. 75% das tom(aprox. 50% das tom
 aprox. 25% das tom(ausência
- 8.7.4 Qualidade da conservação hidráulica
- 8.7.4.1 Vazamento
- aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
- 8.7.4.2 Falta de água
- aprox. 1 vez/mês aprox. 4 vezes/mês aprox. 3 vezes/sem.
 aprox. 1 vez/dia mais 1 vez/dia ausência
- 8.7.4.3 Acondicionamento seguro do encanamento
- aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
- 8.8 Facilidade de acesso para comunicação
- 8.8.1 Entre os presos
- acesso sem obstáculos acesso através de portas gradeadas
 acesso através portas chapeadas acesso através de parede de concreto
 acesso através de portas gradeada ou chapeadas e separação por parede de concreto
- 8.8.2 Dos presos com policiais
- acesso sem obstáculos acesso através de portas gradeadas
 acesso através portas chapeadas acesso através de parede de concreto
 acesso através de portas gradeada ou chapeadas e separação por parede de concreto
- 8.8.3 Dos presos com agentes prisionais
- acesso sem obstáculos acesso através de portas gradeadas
 acesso através portas chapeadas acesso através de parede de concreto
 acesso através de portas gradeada ou chapeadas e separação por parede de concreto
- 8.9 Quantidade de área
- _____ m² _____ pessoas do quadrante _____ m² / pessoa
- 8.10 Adequação da área à finalidade
- 8.10.1 Ocorrência cama banheiro mesa cadeira
- 8.10.2 Tipo de solo cimento gramado areia/terra brita
- 8.11 Recursos permitidos
- TV ventilador rabo quente fogareiro geladeira
 vídeo _____
- 8.12 Recursos observados
- TV ventilador rabo quente fogareiro geladeira
 vídeo _____

Quadrante 5

1. Função da construção

- alojamento presos
- a) Quanto ao sexo
 masculino feminino
- b) Quanto à situação jurídica
 provisório condenado
- c) Quanto ao regime dos condenados
 regime fechado regime semi-aberto regime aberto
- d) Quanto a incidência criminal da população
 preferencialmente primários preferencialmente reincidentes
- e) Quanto ao comportamento
 regalia segurados de “segurança máxima” “massa”
- espaço de trabalho espaço educação espaço de saúde
 espaços administrativos espaços da carceragem alojamento funcionários
 espaços vigilância espaços de serviços internos

2. Material da construção predial

- Concreto armado alvenaria madeira

3. Área

_____ m² _____ pessoas _____ m² / pessoa

4. Forma da construção

- quadrada retângulo circular _____

5. Sistema de vigilância

- eletrônica
 câmeras sensores fio com carga elétrica
- animais
 armada

6. Ocorrência de espaços no interior das construções

- cela pátio quadra esportiva biblioteca sala de aula
 galpão trabalho consultórios saúde enfermaria farmácia
 quarto visita íntima sala visita igreja barbearia
 triagem cozinha refeitório jardim horta
 “solitária/castigo”

7. Situação do pátio (Q5)

7.1 Tipo da entrada/saída

gradeada chapeada porta madeira

7.2 Iluminação

7.2.1 Tipo energia elétrica natural

7.2.2 Quantidade aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.3 Ventilação

7.3.1 Tipo “respiro” janela teto gradeado

7.3.2 Quantidade aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.4 Umidade

7.4.1 Ocorrência paredes úmidas paredes mofadas piso úmido

7.4.2 Quantidade aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.4.3 Causa infiltração na construção chuva falta de insolação
 não identificada

7.5 Limpeza

7.5.1 Quantidade aprox. 5/5 da área limpa aprox. 4/5 da área limpa
 aprox. 3/5 da área limpa aprox. 2/5 da área limpa
 aprox. 1/5 da área limpa ausência de área limpa

7.6 Insolação

7.6.1 Quantidade aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.7 Conservação

7.7.1 Qualidade da conservação da pintura

7.7.1.1 “Pichação” aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.7.1.2 Homogeneidade da pintura

aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.7.1.3 Descasamento da pintura

aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.7.2 Qualidade da conservação da estrutura

7.7.2.1 Simetria da construção

aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.7.2.2 Irregularidade nos tijolos (trincamento, rachadura, quebra)

aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.7.2.3 Irregularidade na massa corrida

- aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.7.3 Qualidade da conservação elétrica

7.7.3.1 Acondicionamento seguro da fiação

- aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.7.3.2 Lâmpadas em condições de uso

- aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.7.3.3 Quedas de energia

- aprox. 1 vez/mês aprox. 4 vezes/mês aprox. 3 vezes/sem.
 aprox. 1 vez/dia mais 1 vez/dia ausência

7.7.3.4 Presença de divisão/distribuição irregular de energia (“T”, extensão)

- 100% das tomadas aprox. 75% das tom(aprox. 50% das tom
 aprox. 25% das tom(ausência

7.7.4 Qualidade da conservação hidráulica

7.7.4.1 Vazamento

- aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.7.4.2 Falta de água

- aprox. 1 vez/mês aprox. 4 vezes/mês aprox. 3 vezes/sem.
 aprox. 1 vez/dia mais 1 vez/dia ausência

7.7.4.3 Acondicionamento seguro do encanamento

- aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

7.8 graus de acesso para comunicação

7.8.1 Entre os presos

- acesso sem obstáculos acesso através de portas gradeadas
 acesso através portas chapeadas separação por parede de concreto
 acesso através de portas gradeada ou chapeadas e separação por parede de concreto

7.8.2 Dos presos com policiais

- acesso sem obstáculos acesso através de portas gradeadas
 acesso através portas chapeadas separação por parede de concreto
 acesso através de portas gradeada ou chapeadas e separação por parede de concreto

7.8.3 Dos presos com agentes prisionais

- acesso sem obstáculos acesso através de portas gradeadas
 acesso através portas chapeadas separação por parede de concreto
 acesso através de portas gradeada ou chapeadas e separação por parede de concreto

7.9 Quantidade de área

_____ m² _____ pessoas do quadrante _____ m² / pessoa

7.10 Adequação da área à finalidade

- 7.10.1 Ocorrência espaço livre para caminhada árvore

banco

- 7.10.2 Tipo de solo cimento gramado areia/terra brita

8. Situação da cela “x” (Q5)

- 8.1 Tipo da entrada/saída
 gradeada chapeada porta madeira
- 8.2 Iluminação
 8.2.1 Tipo energia elétrica natural
 8.2.2 Quantidade aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
- 8.3 Ventilação
 8.3.1 Tipo “respiro” janela teto gradeado
 8.3.2 Quantidade aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
- 8.4 Umidade
 8.4.1 Ocorrência paredes úmidas paredes mofadas piso úmido
 colchões umedecidos roupas umedecidas
 papéis umedecidos
 8.4.2 Quantidade aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
 8.4.3 Causa infiltração na construção chuva falta de insolação
 não identificada
- 8.5 Limpeza
 8.5.1 Quantidade aprox. 5/5 da área limpa aprox. 4/5 da área limpa
 aprox. 3/5 da área limpa aprox. 2/5 da área limpa
 aprox. 1/5 da área limpa ausência de área limpa
- 8.6 Insolação
 8.6.1 Quantidade aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
- 8.7 Conservação
 8.7.1 Qualidade da conservação da pintura
 8.7.1.1 “Pichação” aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
 8.7.1.2 Homogeneidade da pintura
 aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
 8.7.1.3 Descasamento da pintura
 aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
 8.7.2 Qualidade da conservação da estrutura
 8.7.2.1 Simetria da construção
 aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
 8.7.2.2 Irregularidade nos tijolos (trincamento, rachadura, quebra)
 aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
 8.7.2.3 Irregularidade na massa corrida
 aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
 8.7.3 Qualidade da conservação elétrica
 8.7.3.1 Acondicionamento seguro da fiação

- aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
- 8.7.3.2 Lâmpadas em condições de uso
- aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
- 8.7.3.3 Quedas de energia
- aprox. 1 vez/mês aprox. 4 vezes/mês aprox. 3 vezes/sem.
 aprox. 1 vez/dia mais 1 vez/dia ausência
- 8.7.3.4 Presença de divisão/distribuição irregular de energia (“T”, extensão)
- 100% das tomadas aprox. 75% das tom(aprox. 50% das tom
 aprox. 25% das tom(ausência
- 8.7.4 Qualidade da conservação hidráulica
- 8.7.4.1 Vazamento
- aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
- 8.7.4.2 Falta de água
- aprox. 1 vez/mês aprox. 4 vezes/mês aprox. 3 vezes/sem.
 aprox. 1 vez/dia mais 1 vez/dia ausência
- 8.7.4.3 Acondicionamento seguro do encanamento
- aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
- 8.8 Facilidade de acesso para comunicação
- 8.8.1 Entre os presos
- acesso sem obstáculos acesso através de portas gradeadas
 acesso através portas chapeadas acesso através de parede de concreto
 acesso através de portas gradeada ou chapeadas e separação por parede de concreto
- 8.8.2 Dos presos com policiais
- acesso sem obstáculos acesso através de portas gradeadas
 acesso através portas chapeadas acesso através de parede de concreto
 acesso através de portas gradeada ou chapeadas e separação por parede de concreto
- 8.8.3 Dos presos com agentes prisionais
- acesso sem obstáculos acesso através de portas gradeadas
 acesso através portas chapeadas acesso através de parede de concreto
 acesso através de portas gradeada ou chapeadas e separação por parede de concreto
- 8.9 Quantidade de área
- _____ m² _____ pessoas do quadrante _____ m² / pessoa
- 8.10 Adequação da área à finalidade
- 8.10.1 Ocorrência cama banheiro mesa cadeira
- 8.10.2 Tipo de solo cimento gramado areia/terra brita
- 8.11 Recursos permitidos
- TV ventilador rabo quente fogareiro geladeira
 vídeo _____
- 8.12 Recursos observados
- TV ventilador rabo quente fogareiro geladeira
 vídeo _____

Ambiente Entre-muros

1. Quantidade de construção / quadrantes

- 1 prédio 2 prédios 3 prédios 4 prédios 5 prédios ____ prédios
 1 quadrante 2 quadrantes 3 quadrantes 4 quadrantes 5 quadrantes

Quais: Anexo Cadeia 2, Anexo Cadeia 1, Galpão, Carceragem

2. Quantidade de andar

- térreo 1 andar 2 andares 3 andares 4 andares 5 andares ____ andares

2. Função da construção

- alojamento presos
- a) Quanto ao sexo
 masculino feminino
 - b) Quanto à situação jurídica
 provisório condenado
 - c) Quanto ao regime dos condenados
 regime fechado regime semi-aberto regime aberto
 - d) Quanto a incidência criminal da população
 preferencialmente primários preferencialmente reincidentes
 - e) Quanto ao comportamento
 regalia segurados de “segurança máxima” “massa”
- espaço de trabalho espaço educação espaço de saúde
 espaços administrativos espaços da carceragem alojamento funcionários
 espaços vigilância espaços de serviços internos

2. Material da construção predial

- Concreto armado alvenaria madeira

3. Área

_____ m² _____ pessoas _____ m² / pessoa

4. Forma da construção

- quadrada (carceragem e galpão) retângulo (anexo cadeia 1 e anexo cadeia 2)
 circular _____

5. Sistema de vigilância

- eletrônica
 câmeras sensores fio com carga elétrica
 animais
 armada

6. Ocorrência de espaços no interior das construções

- cela pátio quadra esportiva biblioteca sala de aula
 galpão trabalho consultórios saúde enfermaria farmácia
 quarto visita íntima sala visita igreja barbearia
 triagem cozinha refeitório jardim horta
 “solitária/castigo”

Ambiente Externo

1. Quantidade de construção / quadrantes

- 1 prédio 2 prédios 3 prédios 4 prédios 5 prédios 9 prédios
 1 quadrante 2 quadrantes 3 quadrantes 4 quadrantes 5 quadrantes

Quais: oficina, prédio de serviços internos e alojamento para funcionários, garagem, caixa de água, prédio de serviços de saúde, administração, recepção, prédio de serviço interno e alojamentos para presos, igreja

2. Quantidade de andar

- térreo 1 andar 2 andares 3 andares 4 andares 5 andares ____ andares

3. Função da construção

- alojamento presos
- a) Quanto ao sexo
 masculino feminino
 - b) Quanto à situação jurídica
 provisório condenado
 - c) Quanto ao regime dos condenados
 regime fechado regime semi-aberto regime aberto
 - d) Quanto a incidência criminal da população
 preferencialmente primários preferencialmente reincidentes
 - e) Quanto ao comportamento
 regalia segurados de “segurança máxima” “massa”
- espaço de trabalho espaço educação espaço de saúde
 espaços administrativos espaços da carceragem alojamento funcionários
 espaços vigilância espaços de serviços internos

2. Material da construção predial

- Concreto armado alvenaria madeira

3. Área

_____ m² _____ pessoas _____ m² / pessoa

4. Forma da construção

- quadrada (10 - oficina, 17 - prédio serviços internos e alojamento para presos)
 retângulo (todas as demais)
 circular (13 - caixa de água) _____

5. Sistema de vigilância

- eletrônica
 câmeras sensores fio com carga elétrica
 animais
 armada ausente

6. Ocorrência de espaços no interior das construções

- cela pátio quadra esportiva biblioteca sala de aula
 galpão trabalho consultórios saúde enfermaria farmácia
 quarto visita íntima sala visita igreja barbearia
 triagem cozinha refeitório jardim horta
 “solitária/castigo”

Isolamentos

1. Situação do isolamento “x” (Q3 e Q5)

1.1 Tipo da entrada/saída

gradeada chapeada porta madeira

1.2 Iluminação

1.2.1 Tipo energia elétrica natural
1.2.2 Quantidade aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

1.3 Ventilação

1.3.1 Tipo “respiro” janela teto gradeado
1.3.2 Quantidade aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

1.4 Umidade

1.4.1 Ocorrência paredes úmidas paredes mofadas piso úmido
 colchões umedecidos roupas umedecidas
 papéis umedecidos
1.4.2 Quantidade aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência
1.4.3 Causa infiltração na construção chuva falta de insolação
 não identificada

1.5 Limpeza

1.5.1 Quantidade aprox. 5/5 da área limpa aprox. 4/5 da área limpa
 aprox. 3/5 da área limpa aprox. 2/5 da área limpa
 aprox. 1/5 da área limpa ausência de área limpa

1.6 Insolação

1.6.1 Quantidade aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

1.7 Conservação

1.7.1 Qualidade da conservação da pintura

1.7.1.1 “Pichação” aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

1.7.1.2 Homogeneidade da pintura

aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

1.7.1.3 Descasamento da pintura

aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

1.7.2 Qualidade da conservação da estrutura

1.7.2.1 Simetria da construção

aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

1.7.2.2 Irregularidade nos tijolos (trincamento, rachadura, quebra)

aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

1.7.2.3 Irregularidade na massa corrida

aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

1.7.3 Qualidade da conservação elétrica

1.7.3.1 Acondicionamento seguro da fiação

- aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

1.7.3.2 Lâmpadas em condições de uso

- aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

1.7.3.3 Quedas de energia

- aprox. 1 vez/mês aprox. 4 vezes/mês aprox. 3 vezes/sem.
 aprox. 1 vez/dia mais 1 vez/dia ausência

1.7.3.4 Presença de divisão/distribuição irregular de energia (“T”, extensão)

- 100% das tomadas aprox. 75% das tom(aprox. 50% das tom
 aprox. 25% das tom(ausência

1.7.4 Qualidade da conservação hidráulica

1.7.4.1 Vazamento

- aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

1.7.4.2 Falta de água

- aprox. 1 vez/mês aprox. 4 vezes/mês aprox. 3 vezes/sem.
 aprox. 1 vez/dia mais 1 vez/dia ausência

1.7.4.3 Acondicionamento seguro do encanamento

- aprox. 5/5 da área aprox. 4/5 da área aprox. 3/5 da área
 aprox. 2/5 da área aprox. 1/5 da área ausência

1.8 Facilidade de acesso para comunicação

1.8.1 Entre os presos

- acesso sem obstáculos acesso através de portas gradeadas
 acesso através portas chapeadas acesso através de parede de concreto
 acesso através de portas gradeada ou chapeadas e separação por parede de concreto

1.8.2 Dos presos com policiais

- acesso sem obstáculos acesso através de portas gradeadas
 acesso através portas chapeadas acesso através de parede de concreto
 acesso através de portas gradeada ou chapeadas e separação por parede de concreto

1.8.3 Dos presos com agentes prisionais

- acesso sem obstáculos acesso através de portas gradeadas
 acesso através portas chapeadas acesso através de parede de concreto
 acesso através de portas gradeada ou chapeadas e separação por parede de concreto

1.9 Quantidade de área

_____ m² _____ pessoas do quadrante _____ m² / pessoa

1.10 Adequação da área à finalidade

- 1.10.1 Ocorrência cama banheiro mesa cadeira
1.10.2 Tipo de solo cimento gramado areia/terra brita

1.11 Recursos permitidos

- TV ventilador rabo quente fogareiro geladeira
 vídeo _____

1.12 Recursos observados

- TV ventilador rabo quente fogareiro geladeira
 vídeo _____

ANEXO 3

Roteiro Observação Indireta

Dados Gerais

1. Sexo

_____ Masculino _____ Feminino

2. Idade (masculino)

_____ 18 a 20 anos _____ 21 a 30 anos _____ 31 a 40 anos _____ 41 a 50 anos
_____ mais que 50 anos

3. Escolaridade (masculino)

_____ não alfabetizado _____ 1 grau incompleto e completo _____ 2 grau incompleto e completo
_____ 3 grau incompleto e completo _____ pós graduado

4. Naturalidade (masculino)

_____ da cidade _____ de outras cidades do estado _____ de estados vizinhos
_____ de outros estados do território nacional _____ estrangeiro

Situação Processual - Masculino

1. Situação jurídica

_____ condenado _____ provisório (aguardando julgamento)

2. Incidência criminal

_____ primários _____ reincidente

3. Delito

_____ art. 121 _____ art.129 _____ art. 155 _____ art. 157 _____ art. 158 _____ art. 159
_____ art. 171 _____ art. 180 _____ art. 213 _____ art. 214 _____ art. 12 _____ art. 16
_____ _____ _____

Situação de Encarceramento - Masculino

1. Quantidade de pessoas

_____ até 1 ano _____ 1 ano e 1 dia até 3 anos _____ mais que 3 anos

2. Incidência Criminal com até 1 ano de encarceramento

_____ primários _____ reincidente

ANEXO 4

Roteiro de Entrevista

Identificação

1. Qual a **cadeia** em que você está?

2. Qual foi a **data em** que você foi **preso**? (*quando você caiu?*)

3. Quantas **vezes** você já foi preso?

4. Você está sendo acusado de que **delito**? (*qual é o teu artigo?*)

5. O seu(s) **processo(s)** já foi(foram) **juogado(s)**? (*tua condena já veio?*)

6. Qual a sua **data de nascimento**? (*qual tua idade?*)

7. Você **estudou**? Até que série?

8. Que atividades **profissionais** já realizou? (*No que você já trabalhou?*)

Definição

1a. Antes de você ser preso, de que forma você **achava que era a prisão**?

1b. Antes de você ser preso, quais **informações** você tinha **sobre prisão**?

1c. Antes de você ser preso, para que você **achava que servia a prisão**?

1d. Antes de você ser preso, na sua opinião, **qual era a utilidade da prisão para sociedade**?

1e. Sobre a **justiça**, que são as leis, os processos, os juízes, os advogados... **o que você achava** sobre isso **antes** de ser preso?

1f. Antes de você ser preso, quais **informações** você tinha **sobre a justiça**?

1g. Antes de você ser preso, para que você **achava que servia a justiça**?

1h. Antes de você ser preso, na sua opinião, qual era a utilidade da justiça para sociedade?

2a. E agora, depois que você foi preso, o que você acha da prisão?

2b. E agora, depois que você foi preso, para que você acha que serve a prisão?

2c. E agora, depois que você foi preso, o que você acha da justiça?

2d. E agora, depois que você foi preso, para que você acha que serve a justiça?

Percepção sobre a organização

1a. Quando você chegou no Presídio, quais coisas que você gostou (*acha bom*) na forma como foi tratado?

1b. Quando você chegou no Presídio, quais coisas que você não gostou (*acha ruim*) na forma como foi tratado?

1c. E agora, quais coisas você gosta (*acha bom*) no tratamento que você recebe no Presídio?

1d. E agora, quais coisas você não gosta (*acha ruim*) no tratamento que você recebe no Presídio?

2a. O que você gosta (*acha bom*) das instalações do Presídio?

2b. O que você não gosta (*acha ruim*) das instalações do Presídio?

3a. O que você gosta (*acha bom*) dos agentes prisionais?

3b. O que você não gosta (*acha ruim*) dos agentes prisionais?

4a. O que você gosta (*acha bom*) do administrador?

4b. O que você não gosta (*acha ruim*) do administrador?

5a. O que você gosta (*acha bom*) dos chefes de segurança?

5b. O que você não gosta (*acha ruim*) dos chefes de segurança?

6a. O que você **gosta** (*acha bom*) **da professora?**

6b. O que você **não gosta** (*acha ruim*) **da professora?**

7a. O que você **gosta** (*acha bom*) **das psicólogas?**

7b. O que você **não gosta** (*acha ruim*) **das psicólogas?**

8a. O que você **gosta** (*acha bom*) **da dentista?**

8b. O que você **não gosta** (*acha ruim*) **da dentista?**

9a. O que você **gosta** (*acha bom*) **do enfermeiro?**

9b. O que você **não gosta** (*acha ruim*) **do enfermeiro?**

10a. O que você **gosta** (*acha bom*) **dos policiais militares da guarda do Presídio?**

10b. O que você **não gosta** (*acha ruim*) **dos policiais militares da guarda do Presídio?**

11a. O que você **gosta** (*acha bom*) **dos vigilantes do Presídio?**

11b. O que você **não gosta** (*acha ruim*) **dos vigilantes do Presídio?**

12a. O que você **gosta** (*acha bom*) **dos outros presos?**

12b. O que você **não gosta** (*acha ruim*) **dos outros presos?**

13a. Na sua opinião, **quais são os problemas do Presídio?**

13b. O que você acha que está **errado no Presídio?**

13c. **Desses erros, quais são os mais graves?**

13d. O que você acha que **é bom no Presídio?**

13e. Quais dessas coisas boas do Presídio são as melhores?

14a. Quais são os problemas que você tem por estar preso?

14b. Desses problemas, quais te incomodam mais?

14c. O que você aprendeu após ser preso?

14d. No que você ficou diferente após ser preso?

14e. O que você acha que melhorou em você após a sua prisão?

14f. O que você acha que piorou em você após a sua prisão?

14e. O que você faz diferente do que fazia antes de ser preso?

Ocupar-se

1a. Quais são suas atividades durante as manhãs?

1b. Quais são suas atividades durante as tardes?

1c. Quais são suas atividades durante as noites?

1d. E, quais são as atividades dos outros presos durante as manhãs?

1e. E, quais são as atividades dos outros presos durante as tarde?

1f. E, quais são as atividades dos outros presos durante as noites?

2a. Você trabalha no Presídio?

2b. Qual trabalho realiza no Presídio?

2c. Que dias você trabalha? Sempre ou de vez em quando?

3a. Você se exercita no Presídio?

3b. Qual exercício você faz no Presídio?

3c. Que dias você se exercita? Sempre ou de vez em quando?

4a. O que você faz para se **distrair** no Presídio?

4b. Que horários do dia você faz isso? **Sempre ou de vez** em quando?

5a. Você **estuda** no Presídio?

5b. O que você **estuda**?

5c. Que **dias** você estuda? **Sempre ou de vez** em quando?

6a. Você **lê** no Presídio?

6b. O que você **lê** no Presídio (revista, romance, ficção, poesia)?

6c. Que **dias** você lê? **Sempre ou de vez** em quando?

6d. **Onde** você consegue o material que você lê?

Comportar-se rotineiramente

1a. O que **você** gosta da comida do Presídio?

1b. O que **você** não gosta da comida do Presídio?

1c. O que **você** gosta da quantidade **da comida**?

1d. O que **você** não gosta da quantidade **da comida**?

1e. O que **você** acha do **café da manhã**?

1f. O que **você** acha do **almoço**?

1g. O que **você** acha do **jantar**?

2a. Você **recebe** alimentação de fora (*bolsa*) ?

2b. Que dias **você** **recebe** alimentação de fora (*bolsa*)? **Sempre ou de vez** em quando?

2c. O que **você** **recebe** na *bolsa*?

2d. No que te serve a **alimentação de fora**?

2e. Com quem **você** **divide** a **alimentação de fora** (*bolsa*)?

2f. O que você **acha sobre dividir** a *bolsa*?

3a. Você **toma banho de sol**? (*Você fica no pátio?*)

3b. **Em que dias** você toma banho de sol (*fica no pátio*)? Que **horário do dia**? **Sempre ou de vez** em quando?

3c. O que você **gosta em** tomar banho de sol (*fica no pátio*)?

3d. O que você **não gosta em** tomar banho de sol (*fica no pátio*)?

3e. O que você **gosta de fazer durante** o banho de sol (*fica no pátio*)?

3f. O que você **não gosta de fazer durante** o banho de sol (*fica no pátio*)?

3g. **Quais são os motivos** que podem ocorrer para você **não ir no banho de sol**(*fica no pátio*)?

4a. Você **recebe visita de familiares**?

4b. **Que dias** você recebe visita? **Sempre ou de vez** em quando?

4c. Que **horário do dia** *a sua visita* vem?

4d. **Quem** vem te visitar?

4e. O que você **gosta** (*é bom*) **no dia da visita**?

4f. O que você **gosta** (*é bom*) **em receber** *a sua visita*?

4g. O que você **não gosta** (*é ruim*) **no dia da visita**?

4h. O que você **não gosta** (*é ruim*) **em receber** *a sua visita*?

4i. Em que **local** você recebe *a sua visita*?

5a. Você **tem conjugal**?

5b. **Que dias** você tem conjugal? **Sempre ou de vez** em quando?

5c. Que **horário do dia** você recebe a sua visita da conjugal?

5d. O que você **gosta** (*é bom*) **em ter** *conjugal*?

5e. O que você **não gosta** (*é ruim*) **em ter** *conjugal*?

6a. Você já **saiu do Presídio para alguma coisa** durante o período que está preso?

6b. Quantas **vezes** você saiu do Presídio?

6c. Por que **motivo** você saiu do Presídio em cada caso?

7a. Em que **horários do dia** você **fica na cela** (X) ?

7b. Que atividades você **faz na cela**?

7c. Quantas **pessoas estão na mesma cela** (X) ?

7d. Na **cela** (X) as pessoas **fumam**?

7e. Na **cela** (X) as pessoas usam **droga**?

7f. Quais são as **regras (leis) da sua cela** (X) ?

7g. O que você **considera bom na convivência na sua cela** (X)?

7h. O que você **considera ruim na convivência na sua cela** (X)?

7i. Quais são as **regras (leis) da cadeia** onde você está?

7j. O que você **considera bom na convivência na cadeia**?

7l. O que você **considera ruim na convivência na cadeia**?

8a. Em **quais situações** você passa por revista?

8b. **Quem faz a revista**?

8c. O que você acha **correto em uma revista**?

8d. O que você acha **errado em uma revista**?

8e. O que você achou **correto nas revistas que passou**?

8f. O que você achou **errado nas revistas que passou**?

9a. **Quais castigos** você já **sofreu no Presídio**?

9b. Quantas **vezes** você foi castigo **no Presídio** (cada um)?

9c. **Por quanto tempo** você foi castigado **no Presídio** (cada um)?

10a. Você já foi *pagar castigo* fora?

10b. Onde você foi *pagar castigo* fora?

10c. Quanto **tempo ficou** *pagando castigo* fora (cada vez)?

10d. Quais **castigos** você sofreu quando esteve fora?

11a. Quais **castigos** que você sofreu que você considerou **justo**?

11b. Quais **castigos** que você sofreu que você considerou **injusto**?

11c. Em **que situações** você já viu **outros presos** serem castigados?

11d. **Quantas vezes** você viu **outros presos** serem castigados?

11e. Para você, **quais** são os tipos de **castigos** que **mais te incomodam**?

Comunicar-se

1a. O que você faz quando precisa **falar com outro preso**?

1b. O que **outro preso** faz quando precisa **falar com você**?

1c. O que você conversa **com outros presos**?

1d. O que **os outros presos** conversam **com você**?

1e. O que você evita conversar **com os outros presos**?

1f. Quais **palavras** novas você **aprendeu** na *cadeia*?

1g. O que **significa** cada uma das **palavras** novas que você aprendeu?

2a. O que você faz quando precisa **falar com os agentes prisionais**?

2b. O que **os agentes prisionais** fazem quando precisam **falar com você**?

2c. O que você conversa **com os agentes prisionais**?

2d. O que **os agentes prisionais** conversam **com você**?

2e. O que você evita conversar **com os agentes prisionais**?

3a. O que você faz quando precisa **falar com os policiais militares?**

3b. O que os policiais militares fazem quando precisam **falar com você?**

3c. O que você conversa com os policiais militares?

3d. O que os policiais militares conversam com você?

3e. O que você evita conversar com os policiais militares?

4a. O que você faz quando precisa **falar os técnicos (psicóloga, dentista, professora...)?**

4b. O que os técnicos (psicóloga, dentista, professora...) fazem quando precisam **falar com você?**

4c. O que você conversa com os técnicos (psicóloga, dentista, professora...)?

4d. O que os técnicos (psicóloga, dentista, professora...) conversam com você?

4e. O que você evita conversar com os técnicos (psicóloga, dentista, professora...)?

5a. O que você faz quando precisa **falar a família?**

5b. O que a família faz quando precisa **falar com você?**

5c. O que você conversa com a família?

5d. O que a família conversa com você?

5e. O que você evita conversar com a família?

ANEXO 5
Dados da entrevista

1. Percepção dos presos entrevistados sobre as decorrências da prisão para eles

SOBRE OS PROBLEMAS POR ESTAR PRESO – ENCARCERADOS COM MENOS DE 1 ANO DE PRISÃO

Quais são os problemas que você tem por estar preso?	Desses problemas, quais te incomodam mais?
Estar perdendo esse momento da minha vida com a família, não estar acompanhando o crescimento da minha filha. A coisa que eu mais queria ser era pai, eu estava me esforçando um monte. Não foi justo acontecer isso. Por eu ser inocente, não aceito.	Não acompanhar o crescimento da minha filha.
Os problemas são estar no meio de delinquentes, pessoas que não tenho vínculo, a minha vida toda mudou. Perdi dinheiro pagando advogados. A sociedade mudou a visão sobre mim, acho que essa prisão estragou a minha vida.	Ficar longe da família, não poder acompanhar a adolescência dos filhos. E a marca para a vida toda, cada assalto de joalheria eu vou ter que responder, a polícia vai me incomodar.
A adaptação no Presídio é difícil, a minha rotina era completamente diferente, só trabalhava, nunca tinha lidado com o crime. Essa prisão atrapalhou minha vida inteira, agora é que eu estava adquirindo as minhas coisas, depois de trabalhar tanto... veio a minha filha, eu estava amadurecendo. Estava adquirindo experiência de adulto, sou novo ainda, estava me tornando um homem.	O afastamento da minha filha.
Problemas profissionais, com a minha imagem na comunidade (passei na TV), emocional nem tanto.	Com a minha imagem.
A minha esposa veio presa junto, no começo eu esperava que ela iria embora.	A minha esposa ter ficado presa.

SOBRE OS PROBLEMAS POR ESTAR PRESO – ENCARCERADOS ENTRE 1 E 3 ANOS DE PRISÃO

Quais são os problemas que você tem por estar preso?	Desses problemas, quais te incomodam mais?
Atrapalhou a convivência com a minha família. Mudou toda a minha rotina. Eu estava para pegar um bom emprego, o que não foi possível porque vim preso.	O fato de não estar perto da esposa, sinto muito ciúmes.
A distância da família. E agora é mais difícil de conseguir trabalho, o mercado já é muito concorrido, com a ficha suja fico em desvantagem. Pagar pelo o que eu não fiz.	A distância da família.
Como vou encarar as pessoas? Como vai ficar meu emprego? Eu tinha um bom salário. Será que vou recuperar ou não a confiança das pessoas? Deu um atraso na minha vida de planos, saúde... engordei... A minha esposa também passou um vexame na família e na sociedade com isso.	A imagem perante a sociedade. Como eu vou encarar a sociedade novamente? Como as pessoas vão me olhar? E a distância da filha.
Perdi a namorada, afastei-me da minha filha que fica com a minha ex-esposa, fazem 2 anos que não vejo a minha mãe porque ela mora em outra cidade. Acho que não vou conseguir mais serviço.	A perda da namorada, nós íamos noivar no final do ano.
A perda da família. A falta da liberdade. As conseqüências para conseguir serviço depois. Pais que estavam acreditando em mim novamente e agora descreditaram de vez.	A perda da família.

SOBRE OS PROBLEMAS POR ESTAR PRESO – ENCARCERADOS COM MAIS DE 3 ANOS DE PRISÃO

Quais são os problemas que você tem por estar preso?	Desses problemas, quais te incomodam mais?
De um modo geral abala a situação da família, emocionalmente, fisicamente, financeiramente, provoca problemas no casamento, ciúmes... o preso já está pego, se ele fala besteira, a visita começa a desgostar.	A família estar abalada.
Primeiro, ficou constrangedor para mim diante das pessoas que conheço, segundo alguns familiares não me procuraram durante o período que estou preso (fiquei decepcionado) e a prisão gerou desavença na família.	O pior é ser ex-presidiário, as pessoas não vão confiar mais em mim como confiavam antes. Posso ter falta de trabalho por isso.
Frustrou o meu projeto profissional de montar uma imobiliária. A sociedade não vai me receber bem. E, a minha esposa veio presa junto.	A minha imagem.
Três coisas: o afastamento da minha família, eu perdi minha esposa e meu filho; ser rejeitado pela sociedade... agora me olham com outros olhos, isso afeta o psicológico; e chegar num lugar como esse, onde se passa um monte de humilhação, aí dá para se sentir um lixo, mas é preciso ser forte, traçar uma meta e traçar até o final, se não tu vai ta faltando contigo mesmo. Com 5 anos aqui, vivendo com pessoas estranhas, não tem como ser normal, mexe comigo.	É vegetar, não ser mais você. Se sentir um objeto, não mandar mais em si.
Depois que você é preso, a sociedade vira as costas, não dá nem documento para sair daqui, joga o preso na rua e pronto. Muitos voltam para o crime porque não existe apoio.	Ficar ausente da família. Acho que perdi o amor da família. Para mim não compensou, foi só desgraça.

SOBRE O QUE MUDOU POR ESTAR PRESO – ENCARCERADOS COM MENOS DE 1 ANO DE PRISÃO

O que você aprendeu após ser preso?	No que você ficou diferente após ser preso? O que você faz diferente do que fazia antes de ser preso?	O que você acha que melhorou em você após a sua prisão?	O que você acha que piorou em você após a sua prisão?
Não existem amigos, só quando se tem dinheiro. Andar armado ou com amigos armados não vale a pena. Aprendi que a Justiça não é certa como eu pensava. Aprendi que se você não for forte, não pensar nas pequenas e boas coisas da rua, você fica uma pessoa má vista na sociedade.	Sou mais humilde. Valorizo mais a vida. E, andar em grupo, “não era mais”.	Eu tenho muita raiva de estar preso. Mas, dá para dizer que melhorou minha vida porque me dou melhor com a esposa, eu brigava muito, não aceitava que me dissessem que estava errado, hoje eu aceito críticas.	Vi que a falta da minha filha me faz sofrer muito, não quero deixá-la longe de mim.
O crime não compensa, não vale a liberdade.	Não mudei o meu pensamento, nem meu caráter. Tenho a cabeça tranqüila. Antes eu era uma pessoa meio nojenta, muito exigente com a higiene. Hoje sou mais humano.	Nada.	Não mudei, mas o sentimento de falta da família faz sofrer bastante.
Respeitar mais as pessoas, eu não engolia muita coisa. Ser mandado é fogo, ainda mais sem receber nada. Aprendi a ser humilde e tolerante.	Meu modo de falar e pensar mudaram. Antes eu tinha um outro conceito daqui e dos presos. Aqui não tenho mais contato com minha família. Eu era muito família, fazia de tudo por eles.	Respeitar mais as pessoas.	Perdi um pouco do senso de humor, aprendi a ser mais frio. O sentimento é mais duro, não ri nem chora muito.
Ter mais autocontrole. Observar. Gostar de pessoas que nunca vi. Se abrir mais, se aproximar das pessoas. Trançar uma Tereza. Parar e pensar antes de fazer. Dar valor à mãe, vó e família. Dar valor a mim mesmo e às pessoas que gostam de mim. Dar valor à liberdade. Foi uma lição ser preso, posso ir para o lado bom ou para o lado ruim.	Era mais estourado, qualquer coisa partia para cima. Mudou meu modo de pensar, meu modo de falar também (gíria).	Ser mais eu.	Para nós não é fácil. Se fica com broncas pendentes, para seguir outro caminho é difícil.
A dar valor para liberdade. Também conheci mais do crime. Serviu como uma lição.	Estou mais maduro. Tenho outra rotina.	Para mim, não sinto muita diferença. Mas, meu irmão passou a respeitar mais os nossos avós, antes ele brigava em casa, era valente a toda hora, já, aqui, pede licença para tudo.	

SOBRE O QUE MUDOU POR ESTAR PRESO – ENCARCERADOS ENTRE 1 E 3 ANOS DE PRISÃO

O que você aprendeu após ser preso?	No que você ficou diferente após ser preso? O que você faz diferente do que fazia antes de ser preso?	O que você acha que melhorou em você após a sua prisão?	O que você acha que piorou em você após a sua prisão?
Dar valor à liberdade. Ter mais paciência. Conhecer mais as leis. A não querer fazer a família sofrer mais.	Sou mais calmo agora. Tenho mais paciência e respeito mais as pessoas. Agora não posso jogar bola.	A paciência e a calma são boas para mim.	A minha vida financeira.
Aprendi que a gente tem que sobreviver. A dar mais valor as minhas coisas, porque eu perdi tudo. A dar valor à liberdade.	Eu pensava que na vida tudo era festa, não é assim. Se você tem dinheiro, é alguém, se não, não é. Fiquei mais humilde. Eu gostava de jogar futebol, aqui não é a mesma coisa, a gente se machuca no piso.	Tive tempo para refletir sobre os meus atos, tenho que mudar. Vejo que é possível, posso fazer artesanato e sobreviver como sobrevivo aqui.	Fiquei muito triste quando me separei da minha esposa. Agora voltamos, mas isso vai ficar marcado.
Aprendi muito! Sobre o crime, como fazer um 157, 155 e 121. Aprendi o que não devo fazer, que não devo ter uma arma, que o crime não compensa. Aprendi que a prisão não tem valor para a sociedade. Aprendi a valorizar as coisas lá fora, a valorizar a natureza, sinto saudade da família, do cachorro, das pessoas do meu emprego. Aprendi que nem tudo é como a gente quer, há limites. Aprendi a ter mais paciência, respeitar mais os outros. Aprendi a sofrer.	Minha mágoa é muito grande. Hoje raciocino mais, sou mais frio, antes era mais impulsivo. Antes acordava cedo, lia jornal, fazia café, fumava o cigarro de maconha e ia trabalhar. Isso me fazia feliz.	Ter mais paciência. Não confiar demais nos outros. Respeitar mais as pessoas.	A crença que as coisas vão dar certo, que vale a pena, que quem trabalha é reconhecido. Tinha esperança, achava que por ser uma pessoa que sempre trabalhei poderia ser reconhecido e ajudado. Isso não aconteceu. Não sei como será lá fora, minha vida não foi desestruturada totalmente, vamos ver. Estou ansioso para sair.
Aqui é um colégio, tem maldade e bondade. Aprendi que existe consideração entre os presos, existe ajuda e união, mas tem maldade também.	Meu modo de pensar sobre a Justiça é diferente. Fiquei meio bolado, acho que muito tempo aqui dentro faz com que se perca a noção de como é a rua.	Estou mais consciente sobre as consequências do crime. Penso mais vezes antes de fazer alguma coisa. Levo a vida mais à sério.	Não vejo.
Aprendi que a liberdade não tem preço. A ver a realidade do mundo. A perceber quem realmente gosta de você.	Fiquei mais quieto, muito pensativo. Aqui não tem nada, tudo é difícil. Eu gostava de sair com a minha filha e esposa, gostava de ir no Mirante, agora não posso mais.	Ter conhecido minha atual mulher.	

SOBRE O QUE MUDOU POR ESTAR PRESO – ENCARCERADOS COM MAIS DE 3 ANOS DE PRISÃO

O que você aprendeu após ser preso?	No que você ficou diferente após ser preso? O que você faz diferente do que fazia antes de ser preso?	O que você acha que melhorou em você após a sua prisão?	O que você acha que piorou em você após a sua prisão?
Dar mais valor à família. Analisar melhor quem são as amizades, que interesses que as pessoas têm ao se aproximar. Dar mais valor àquilo que tenho.	Fiquei mais cauteloso e um pouco rigoroso. Gostava de almoçar aos domingos fora. Era bom.		
Dar mais valor às pessoas, principalmente à família. Dar valor à liberdade. Aprendi coisas sobre o trabalho, pois tive oportunidades de trabalhar durante esse tempo.	Engordei 20 kg. Estou mais maduro, penso mais antes de agir. Não jogo mais futebol, não posso mais assar carne.	Estar mais maduro.	Perder 5 anos da minha vida. Sensação do tempo perdido.
A valorizar mais a família. A saber que pode se viver com pouco dinheiro. A ver quem é quem, que é amigo ou não.	A minha cabeça mudou, eu era calmo, agora sou mais nervoso. Agora não posso mais fazer o churrasco e beber a cerveja do final de semana. Isso faz muita falta.	Os meus valores. Mais família, menos dinheiro. Ser é mais importante que ter. Hoje ajudo mais os outros.	O fato de eu estar mais nervoso.
Dar mais valor às pequenas coisas como um abraço, a comida, um afeto... Do crime, aprendi tudo: humildade, companheirismo, afeto de camarada para camarada, saber compartilhar, aprendi a olhar para o próximo. Aí a sociedade se engana (acha que na criminalidade só tem coisa ruim), aprendi a dar e receber respeito.	Fiquei mais paciente, mais respeitoso. Era muito ansioso, consegui controlar as emoções. Penso antes de fazer as coisas, penso que a minha decisão pode me prejudicar (nos últimos dois anos percebi isso). Eu sinto falta de andar com o meu menino de bicicleta, ir no sítio, me reunir com a família. Isso era diferente.	Larguei a cocaína, abri o olho da química.	Eu me cobro muito pelos erros do passado, fico noites sem dormir, dá um veneno dentro de mim, é muita neura. Não ocupo a mente com outra coisa, só com que eu fiz ou vou fazer.
Foi uma lição, o crime não valeu a pena. Me arrependo, mas não me arrependo ao mesmo tempo. Sobre esse último crime, não sei o que saiu na minha cabeça para eu ir roubar, esse não meu artigo.	Eu chorava, eu tinha sentimentos. Fiquei muito revoltado, muito angustiado, fiquei esquecido. Sou mais frio.	Hoje dou mais valor a vida.	Ser mais frio.

2. Percepção dos presos entrevistados sobre a ocupação e rotina no Presídio

SOBRE A OCUPAÇÃO POR PERÍODO – ENCARCERADOS COM MENOS DE 1 ANO DE PRISÃO

Atividade manhã - Suas	Atividade tarde - Suas	Atividade noite - Suas
Atividade manhã - Outros	Atividade tarde - Outros	Atividade noite - Outros
Acordo, faço física, almoço e escrevo carta.	Jogo futebol, desenho.	Fico na minha paz, descanso, penso.
Tem vários tipos, em geral, dormem até tarde, fazem uma física, lêem de manhã.	Jogam baralho.	Assistem TV, jogam baralho, contam histórias do passado.
Das 6 às 9 leio um livro, levanto, vou ao pátio, tomo banho, almoço	Jogo baralho.	Vejo TV
Jogam baralho, alguns fazem exercício.	Alguns fazem leitura, outros jogam futebol	Vêem TV e conversam.
Acordo, tomo banho, caminho, converso	Converso, às vezes jogo baralho, às vezes jogo bola	Leio a Bíblia, vejo TV, oro
Cada um faz o que quer.		
Acordo, tomo banho, escovo dente, tomo café, fumo um cigarro, tomo chimarrão, ando, vou no pátio, converso	Jogo bola, faço artesanato.	Vejo TV, durmo.
Tem uns que dormem bastante, tem gente que lava roupa todo dia. Depende de cada um.		
Pago o pão, faço física, converso, faço artesanato.	Deito, vejo o “N” (TV – programa policial), jogo bola, artesanato.	Jogo baralho e dominó.
Cada um faz um tipo de coisa, dormem, jogam, ouvem rádio, conversam.		

SOBRE A OCUPAÇÃO POR PERÍODO – ENCARCERADOS ENTRE 1 E 3 ANOS DE PRISÃO

Atividade manhã - Suas	Atividade tarde - Suas	Atividade noite - Suas
Atividade manhã - Outros	Atividade tarde - Outros	Atividade noite - Outros
Levanto cedo, agora estou trabalhando na BR. Os presos que trabalham tem a mesma rotina, os outros eu não sei.	Trabalho.	Faço física e leio.
Acordo às 8h, tomo banho, tomo café, faço artesanato. Depende de cada um.	Faço artesanato, jogo futebol.	Assisto TV e descanso.
Acordo, respeito os caras que estão dormindo, tomo café, limpo o “X”, converso no pátio, às vezes faço uma ginástica. Cada um segue uma rotina.	Meio dia vejo jornal até o programa do “N”, vou para aula e depois para o culto.	Jogo duas partidas de dominó, “vou às águas”, leio, vejo jornal e novela na TV, leio de novo, vejo o Jô e depois durmo.
Depois de acordar, levanto e arrumo as coisas, se for dia de colocar no sol vai tudo pro sol, limpo o X, tomo café, ando no pátio, faço exercício e artesanato. Quase a mesma coisa, alguns puxam mais de canto, outros são mais alarmantes.	Jogo baralho, oro com os irmãos, jogo bola.	Jogo baralho, vejo TV e durmo.
Acordo às 10h, tem dia que não almoço. Varia.	Leio, escrevo, penso na vida, vejo TV.	Vejo TV, jogo xadrez.

SOBRE A OCUPAÇÃO POR PERÍODO – ENCARCERADOS COM MAIS DE 3 ANOS DE PRISÃO

Atividade manhã - Suas	Atividade tarde - Suas	Atividade noite - Suas
Atividade manhã - Outros	Atividade tarde - Outros	Atividade noite - Outros
Acordo, lavo o rosto, tomo café, fumo, ouço rádio e vou trabalhar. Depende o tipo de trabalho de cada um.	Fico trabalhando na oficina.	Fumo e vejo TV.
Saio às 7h para trabalhar na Penita, almoço às 12h. Depende de cada um, do tipo de trabalho.	13h retorno para o trabalho, 17:30h retorno para o Presídio.	Tomo banho e vejo TV
Acordo, tomo café, tomo uma ducha, trabalho, almoço. Para quem trabalha dentro do Presídio a rotina é igual a minha, para quem trabalha fora é um pouco diferente.	No início da tarde descanso, depois volto para o trabalho.	Converso, ando no pátio, vejo TV.
Acordo cedo, pulo corda, faço física, tomo uma ducha, almoço. É diferente, depende de cada um, alguns escutam som, outros lêem, outros escrevem...	Vejo jornal, descanso, jogo baralho, jogo futebol, faço artesanato.	Jogo baralho, converso, vejo TV, durmo cedo.
Tomo banho, cafés, vou ao pátio, converso sobre a programação da TV que passou na noite anterior. Todos fazem quase a mesma coisa, alguns também trabalham com artesanato.	Jogo baralho, fico com os irmãos, converso.	Jogo baralho, vejo o jornal na TV, converso.

SOBRE ATIVIDADES OCUPACIONAIS – ENCARCERADOS COM MENOS DE 1 ANO DE PRISÃO

Você <u>trabalha</u> no Presídio? Qual trabalho realiza? Que dias você trabalha? Sempre ou de vez em quando?	Você se <u>exercita</u> no Presídio? Qual exercício faz? Que dias você se exercita? Sempre ou de vez em quando?	O que você faz para se <u>distrair</u> no Presídio? Que horários do dia? Sempre ou de vez em quando?	Você <u>estuda</u> no Presídio? O que você estuda? Que dias você estuda? Sempre ou de vez em quando?	Você <u>lê</u> no Presídio? O que você lê? Que dias você lê? Sempre ou de vez em quando? Onde você consegue o material?
Não.	Sim. Peso. Todo dia.	Desenho. De vez em quando.	Não.	Sim. Auto-ajuda. 1 vez por mês. Biblioteca.
Não.	Sim. Caminhada. Todo dia.	Escrevo carta, TV. Carta à tarde, TV à noite. Sempre.	Não.	Sim. Espírita, religioso em geral, descobertas científicas. Todos os dias pela manhã. Biblioteca.
Não.	Sim. Futebol. Todos os dias, agora estou dando um tempo para se recuperar do castigo de São Pedro.	Leio um livro, bato um papo. Quase todo dia.	Não.	Sim. Bíblia, assuntos sobre família e amor. Todos os dias. Biblioteca.
Sim. Artesanato. 1 vez por semana.	Sim. Futebol, peso, capoeira. Sábado e domingo.	Penso no mundo lá fora. De vez em quando.	Sim. 1º grau. Segunda, terça, quarta e sexta.	Sim, no início. Psicologia, informática, ciências, português. Às vezes. De outro preso.
Sim. Regalia. Todo dia.	Sim. Peso, futebol. Quase todo dia.	Deito na jega e escuto um rádio para trazer as lembranças. Só de vez em quando.	Sim. 1º grau. Segunda, terça, quarta e sexta.	Sim. Bíblia. De vez em quando. É minha.

SOBRE ATIVIDADES OCUPACIONAIS – ENCARCERADOS ENTRE 1 E 3 ANOS DE PRISÃO

Você <u>trabalha</u> no Presídio? Qual trabalho realiza? Que dias você trabalha? Sempre ou de vez em quando?	Você se <u>exercita</u> no Presídio? Qual exercício faz? Que dias você se exercita? Sempre ou de vez em quando?	O que você faz para se <u>distrair</u> no Presídio? Que horários do dia? Sempre ou de vez em quando?	Você <u>estuda</u> no Presídio? O que você estuda? Que dias você estuda? Sempre ou de vez em quando?	Você <u>lê</u> no Presídio? O que você lê? Que dias você lê? Sempre ou de vez em quando? Onde você consegue o material?
Sim. Limpeza de rodovia. Segunda a quinta.	Sim. Peso e alongamento. Todo dia.	Caminho no pátio, olho para cima, penso. De vez em quando.	Não.	Sim. Psicologia, auto-ajuda, evangelismo. De vez em quando. Biblioteca.
Sim. Artesanato. Segunda a quinta.	Sim. Futebol e peso. Todos os dias, menos quando chove ou nos dias de visita (sexta, sábado e domingo)	Leio, desenho. Tarde e noite. De vez em quando.	Não.	Sim. Revista. De vez em quando. Biblioteca.
Sim. Artesanato. Depende quando vem material. De vez em quando.	Sim. Peso, ginástica, futebol “não era”. 2 vezes por semana.	Ouvir música, assistir noticiário ou ler.	Sim. 1º grau. Segunda a quinta.	Sim. Auto-ajuda, Bíblia, livro de português, literatura. Todo o dia. Biblioteca.
Fazia artesanato até semana passada. Segunda a quinta.	Sim. Andar, alongamento, peso, abdominal, apoio. Todos os dias.	Leio e canto. Varia. De vez em quando.	Não.	Sim. Romance e aventura. Antes todo o dia, agora só quando dá vontade. Biblioteca.
Não.	Sim. Apoio, barra, corda. 1 vez por semana. O pátio é muito pequeno, não tem p/ onde ir, dá um desânimo.	Escreve carta. Tarde. Dia sim, dia não.	Não.	Sim. Romance e aventura. 1 vez por semana. Biblioteca.

SOBRE ATIVIDADES OCUPACIONAIS – ENCARCERADOS COM MAIS DE 3 ANOS DE PRISÃO

Você <u>trabalha</u> no Presídio? Qual trabalho realiza? Que dias você trabalha? Sempre ou de vez em quando?	Você se <u>exercita</u> no Presídio? Qual exercício faz? Que dias você se exercita? Sempre ou de vez em quando?	O que você faz para se <u>distrair</u> no Presídio? Que horários do dia? Sempre ou de vez em quando?	Você <u>estuda</u> no Presídio? O que você estuda? Que dias você estuda? Sempre ou de vez em quando?	Você <u>lê</u> no Presídio? O que você lê? Que dias você lê? Sempre ou de vez em quando? Onde você consegue o material?
Sim. Na oficina de cadeira de rodas. Segunda a sexta.	Não.	Converso, conto piada, TV. Em vários horários. Todo o dia.	Já estudou, fez o 1º grau.	Sim. Bíblia e, quanto tem, jornal. Raramente. A Bíblia é minha, o jornal é a visita que traz.
Sim. Agora estou na construção civil. Segunda a sexta.	Não.	Ouçõ música. Noite. Todo o dia.	Não. Mas, já fiz cursos no passado. Fabricação cadeira de rodas, informática, armazenamento de materiais.	Difícilmente. Bíblia. 1 vez por semana. É minha.
Sim. Já fui regalia, trabalhei na verdureira, na administração, no PA, na cantina, agora estou na montagem de parafusos. Segunda a sexta.	Não.	TV, artesanato, baralho. Noite. Quase todo dia.	Fiz curso de computação e administração de materiais.	Não.
Não agora, antes fazia montagem de grampo e artesanato.	Sim. Corda, peso, alongamento. Segunda a quinta.	Não tem nada. Só quando a GRT vem com tudo, aí tem adrenalina.	Agora não.	Não.
Não.	Não.	Baralho e TV. Tarde e noite.	Não.	Sim. Romance. Dia sim, dia não. Biblioteca.

SOBRE A COMIDA – ENCARCERADOS COM MENOS DE 1 ANO DE PRISÃO

O que gosta da <u>comida do Presídio</u>? O que não gosta? O que vc acha da quantidade de comida?	O que vc acha do <u>café da manhã</u>? O que vc acha do <u>almoço</u>? O que vc acha do <u>jantar</u>?	Vc recebe <u>alimentação de fora (bolsa)</u>? Que dias? Sempre ou de vez em quando? O que você recebe? No que te serve? Com quem você divide? O que vc acha de dividir?
Gosto do macarrão. Falta é mais tempero, tem pouca variedade e a janta é péssima. Às vezes falta carne e macarrão.	Nunca tomei o chá, deviam troca o chá por café. Às vezes é bom. É resto do almoço.	Não. Deveriam liberar a bolsa durante a semana novamente, agora só entra com a visita e eu não tenho visita regular.
Não gosto de nada. Na maioria dos dias a quantidade dá para todos.	Ruim, sempre a mesma coisa, só um pão sem mistura nenhuma, não gosto do chá. Ta melhor, o tempero melhorou, ta vindo fechado com a tampa e o cardápio diversificou. Ruim, juntam os restos do almoço, fica horrível.	Raramente. Miojo, bolacha, leite em pó, Nescau, café e açúcar. Dá um sabor diferente, serve para comer algo que se gosta. Divido com o pessoal do X e com quem pedir. É ótimo compartilhar, ajudar quem precisa.
Não gosto da comida. A higiene é ruim, sabor é ruim, precisa diversificar mais o cardápio. Às vezes falta, às vezes sobra.	Só como o pão, falta margarina. Almoço dá para comer. Jantar é terrível, gosto ruim, muito gorduroso.	Sim. Todas as sextas. Miojo, bolacha, uma comida caseira. Substitui o panelão. Divido com o pessoal do X. Legal, todos recebem alguma coisa.
Gosto da massa. Pouca diversidade. A quantidade dá para levar.	Só pego o pão, o café vem de casa. Almoço é bom, mas enjoiei. Não como, não gosto.	Sim. Todas as quintas. Pão, café, frutas, cigarro. Serve para não enjoar. Divido no X, fica tudo amarrado na grade, fica liberado. Tem gente que coloca no seguro, não é meu caso. Acho legal, todo mundo é igual.
Agora está melhor a comida, gosto do frango assado. Não gosto da maionese. A quantidade dá para sustentar.	Só como o pão, falta o que beber. Almoço é bom. Deus me livre! O que era bom era o arroz com carne, mas geralmente é sopão, aí não dá.	Sim. De vez em quando nas quintas. Café, açúcar, bolacha, pão. Serve para dar um gosto diferente e comer o que se gosta. Divido no X, não vai para o seguro, fica na grade. É o certo, é a união.

SOBRE A COMIDA – ENCARCERADOS ENTRE 1 E 3 ANOS DE PRISÃO

O que gosta da comida do Presídio? O que não gosta? O que vc acha da quantidade de comida?	O que vc acha do café da manhã? O que vc acha do almoço? O que vc acha do jantar?	Vc recebe alimentação de fora (bolsa)? Que dias? Sempre ou de vez em quando? O que você recebe? No que te serve? Com quem você divide? O que vc acha de dividir?
Gosto da galinha assada. Acho normal a comida, só não a janta. Geralmente dá para todos.	Não tomo o chá, só o café. Até que é legal. Uma lavagem.	Sim. Todos os domingos. Salgadinho, comida caseira, material de higiene, bolo, creme para cabelo. Dá melhores condições de vida. Nem sempre divido. Acho que é legal dividir quando o irmãozinho não tem.
O frango assado. Falta de variedade. Ta legal.	Deveria ser café no lugar de chá, o chá faz mal, a pessoa fica mal do estômago. Em geral é bom. Sempre a mesma coisa.	Não.
Não gosto. Já foi encontrado bombril e barata, é arriscado comer, falta higiene, apesar que já melhorou um pouco. A comida sobra, o pessoal não come.	Como o pão só. No almoço como miojo, não como o panelão. Também não janto do panelão.	Sim. Todos os sábados. Farinha, açúcar, pão, miojo, sopa, comida pronta. Substitui a alimentação. Com o pessoal do X. Acho bom repartir, ta na Bíblia; Muita gente lá fora só queria somar (157) ou subtrair (155), alguns multiplicar (12), agora tem que dividir!
Acho a comida péssima. A quantidade é boa, raramente falta.	Deveria ter mais pães no café, quase ninguém toma chá. A carne é sem gosto, arroz cru ou paçoca, às vezes é melhor, mas é difícil. Tem muita pimenta na salada. Não janto há tempo, a comida é requentada.	Sim. Toda quinta. Bolo, café, refrigerante, bolacha, comida pronta. Serve para comer coisas diferentes, nutritivas e com mais gosto. No X. Acho certo, tem gente que não tem visita, não é justo só ficar olhando.
Não gosto. A salsinha é verde e mucha, o sabor é ruim, precisa ter boa vontade, o coração do cozinheiro tem que ser bom. Quantidade é suficiente.	Não tomo chá. Tem os ingredientes, falta melhorar o preparo. Parece uma lavagem.	Sim. Sexta, às vezes. Fruta, bolacha, almoço. Vinha mais coisas, mas minha esposa está desempregada agora. No X. Todos dividem, acho um gesto de ajuda.

SOBRE A COMIDA – ENCARCERADOS COM MAIS DE 3 ANOS DE PRISÃO

O que gosta da comida do Presídio? O que não gosta? O que vc acha da quantidade de comida?	O que vc acha do café da manhã? O que vc acha do almoço? O que vc acha do jantar?	Vc recebe alimentação de fora (bolsa)? Que dias? Sempre ou de vez em quando? O que você recebe? No que te serve? Com quem você divide? O que vc acha de dividir?
Eu faço a minha própria comida ou almoço após os funcionários na cozinha deles. É boa no geral. Sempre sobra.	Como o pão e faço o meu café. Bom. Não como do panelão.	Sim. Às vezes no domingo. Cuca, farofa, sardinha, ovo, material de limpeza. Não dividem tudo, só alguma coisa com o pessoal da oficina. O pessoal aqui de fora já tem uma condição melhor, consegue as coisas. Não precisa dividir tudo.
O sabor é razoável. O problema é que todo o dia é a mesma coisa. A quantidade é suficiente, a janta sobra.	Não tem margarina no pão. Cardápio repetitivo. Não gosto da janta.	Não.
Frango assado e o purê de batata são bons. Não gosto do modo de preparar, tem época que eles tão de mal com a vida e a comida fica ruim, também falta higiene. Quantidade ta legal.	Não tomo o chá. Tem dias que é bom. É resto de comida, não dá.	Sim. Todo final de semana. Carne assada, maionese, pudim, torta de bolacha, bolo, refri, batata frita, material de limpeza. Serve com almoço de domingo. Com todos do X. É legal, se todos dividem, todos tem.
A comida é boa. É mal preparada. Dá para todos.	Não como pela manhã. É bom, gosto do frango assado. Nojento, é mistura da sobra.	Sim. Uma vez por mês. Miojo, doce, bolo, cuca, manteiga, bolacha, mortandela, fruta, material de higiene. Substitui uns 3 ou 2 dias. Sim. O que vem para um é de todos.
A galinha. A quantidade é boa.	Deveria ser café, não chá. Tem sabor, mas é sempre a mesma coisa. Duas vezes por semana servem leite, isso é bom.	Sim. De vez em quando nas sextas. Fruta, refrigerante, café, açúcar, material de higiene. Completa a comida do Presídio. Divido no X e com os colegas. Acho justo.

SOBRE BANHO DE SOL E VISITA – ENCARCERADOS COM MENOS DE 1 ANO DE PRISÃO

Vc toma banho de sol? Em que dias? Que horários? Sempre ou de vez em quanto?	O que vc gosta em tomar banho de sol? O que não gosta? O que gosta de fazer? O que não gosta de fazer? Quais motivos podem ocorrer para vc não ir no banho de sol?	Você recebe visita de familiares? Que dias? Sempre ou de vez em quando? Que horário? Quem te visita?	O que vc gosta no dia da visita? O que vc gosta em receber a sua visita? O que vc não gosta no dia? O que vc não gosta em receber sua visita? Em que local vc recebe?
Sim. Todos os dias, em torno de 1 hora.	Ar livre. Às vezes tem provocações, a confusão parece que vem atrás de mim. Andar. Conversar. Quanto tem confusão à vista.	Sim. Sextas, às vezes, a família é de fora. Dia todo. Pai, tia, madrastra, esposa.	Anima as pessoas da cadeia, tira o clima pesado. Ficar sabendo das notícias da família e do processo. Nada. Que eles vão embora. Pátio.
Sim. Todos os dias, manhã e tarde.	Dá sensação de mais liberdade. Muito gente junta, é pequeno o espaço. Jogar baralho, caminhar. Nada. Um bom filme na TV, se eu ficar sozinho no X para ler.	Sim. Sextas, de vez em quando. A família é de longe. Quando vem, ficam pela manhã, à tarde viajam. Mãe, pai, irmãos, esposa.	Não gosto do dia, mas é bom ter contato com pessoas de fora. Notícias da rua, da família. Quando não tem a sua visita é cansativo, é preciso permanecer no pátio, não pode tirar a camisa, o pátio fica cheio, não dá para ficar à vontade. Hora de ir embora. Pátio.
Sim. Todos os dias, mais pela manhã.	Conversar com outras pessoas. Gosto de ir nos outros Xs. - Conversar. Nada. Só quando estou doente.	Sim. Todas as sextas. Dia todo. Sogra e filha ficam todo o dia. Mãe, pai, irmãos vem à tarde.	Ter notícias. Matar a saudade, saber do que está acontecendo lá fora. A visita ir embora, pesa um pouco. A visita ir embora. Pátio.
Sim. Todos os dias, fico mais tempo no pátio do que no X.	Jogar futebol. - Jogar futebol. Jogar baralho, ficar enxergando os irmãozinhos, ficar olhando para as grades. Chuva.	Sim. Todas as quintas. Manhã. Mãe, vô, namorada, tia, irmãos mais novos.	É muito bom para o preso, desbaratina, é uma coisa diferente. É bom conversar, alivia a cadeia, é bom saber notícias da rua, mas o sorriso da minha mãe é o melhor de tudo. Tem presos que exigem muito da visita, pressionam para resolver coisas. Eu ter que ficar. Pátio.
Sim. Manhã e tarde, mais ou menos 2 horas por dia.	Ar fresco. Não posso ficar muito no sol, tenho alergia e é muita gente se esbarrando, o varal fica no meio do pátio, tem as bancas de jogo, fica apertado. - Jogar bola. -	Sim. Quinta, de vez em quando. Tarde. Irmão e vô.	- Eu quero que a visita venha, mas quando vem quero que saia. Tem muito barulho, muito calor, o espaço é muito pequeno, não tem como ficar à vontade. Vê-los nessa confusão. Pátio.

SOBRE BANHO DE SOL E VISITA – ENCARCERADOS ENTRE 1 E 3 ANOS DE PRISÃO

Vc toma banho de sol? Em que dias? Que horários? Sempre ou de vez em quanto?	O que vc gosta em tomar banho de sol? O que não gosta? O que gosta de fazer? O que não gosta de fazer? Quais motivos podem ocorrer para vc não ir no banho de sol?	Você recebe visita de familiares? Que dias? Sempre ou de vez em quando? Que horário? Quem te visita?	O que vc gosta no dia da visita? O que vc gosta em receber a sua visita? O que vc não gosta no dia? O que vc não gosta em receber sua visita? Em que local vc recebe?
Não. Trabalho fora.		Sim. Todo sábado, dia todo. Esposa e mãe de criação.	Encontrar a família. Ficar com minha esposa. - - Galpão.
Sim. Todos os dias com tempo bom.	Fazer artesanato, ar diferente, pegar sol. - Artesanato. - Quando chove. Mas, se tem visita tem que ir do mesmo jeito, pois não dá para ficar no aperto no X com a família dos outros presos (desrespeito). Deviam colocar um lona no dia de chuva.	Sim. Sexta, quinzenal. Dia todo. Esposa, filha, mãe.	Encontrar pessoas amigas. Carinho. Ficar na chuva. - X, corredor ou pátio.
Sim. Todo dia, manhã, mas prefere ficar lendo no X.	Conversar. Jogo de futebol, o pessoal se machuca, a muvuca (movimento do pessoal de fofoca e agito). Conversar, ler. Futebol, muvuca, jogar baralho, lavar roupa. -	Sim. Todos os sábados. Dia todo. Esposa, a irmã veio 1 vez.	É um dia feliz, ver pessoas diferentes. Ver pessoas de fora. Quando as pessoas vão embora. Saber que ela vai embora e eu tenho que ficar. Pátio ou X.
Sim. Todo o dia, manhã e tarde.	Não ficar isolado, poder se exercitar. Quando acontecem as injustiças e passa o trem. Andar, exercício, jogar bola. - Problemas com o processo, para não ser enxergado.	Sim. Quinta, de vez em quando. Ficam 1 período. Cunhada, irmãos, ex-mulher.	- Vem notícia, vem uma esperança, um lanche, um afeto. A hora que o pessoal vai embora. A hora de ir embora. Pátio.
Sim. Todos os dias, algumas horas.	- Nada. Pegar sol, fazer exercício, jogar futebol. - Não tem motivo.	Sim. Sextas, sempre. Todo o dia. Esposa, pai e mãe.	Espero por ele a semana toda. Matar a saudade da família. A hora de ir embora e quando não tem visita. - Pátio.

SOBRE BANHO DE SOL E VISITA – ENCARCERADOS COM MAIS DE 3 ANOS DE PRISÃO

Vc toma banho de sol? Em que dias? Que horários? Sempre ou de vez em quando?	O que vc gosta em tomar banho de sol? O que não gosta? O que gosta de fazer? O que não gosta de fazer? Quais motivos podem ocorrer para vc não ir no banho de sol?	Você recebe visita de familiares? Que dias? Sempre ou de vez em quando? Que horário? Quem te visita?	O que vc gosta no dia da visita? O que vc gosta em receber a sua visita? O que vc não gosta no dia? O que vc não gosta em receber sua visita? Em que local vc recebe?
Não. Trabalho durante o dia.		Sim. Todo domingo. À tarde, às vezes vem para o almoço. Esposa, filhos, duas primas, sete amigos até hoje já vieram, o filho do outro casamento.	- Quando a família vem é bom, a família faz com que vc não faça bobagem, pq se vc não tem a visita, o que você tem a perder? Se tem a visita é porque quer sair de cabeça erguida. Quando a família não vem o horário não passa. - Na oficina.
Não.		Sim. Sempre no domingo. À tarde. Sobrinho, esposa, pai, mãe, filhos.	Só quando tem visita é bom. - Se não tem visita é ruim, parece cachorro sem dono. - Pátio externo.
Sim. Depois do trabalho durante semana e no final de semana.	Conversar e descansar. - Conversar. - Chuva.	Sim. Domingo, quinzenal. Todo o dia. Esposa, pai, irmão, já vieram colegas também.	Receber a família, é o melhor dia quanto tem visita. Saber das novidades, outras conversas. Quando a visita não vem, o tempo não passa, pesa a cadeia. - Galpão.
Sim. Todo os dias. Das 7:30 às 10:30h e das 15:00 às 17:00h	Ar livre. Espaço pequeno. Física, futebol, baralho e sol. - Quando tem muito colchão fora, evito para não pegar zica.	Sim. Sexta, 1 x por mês. Fica geralmente 1 hora, porque a visita trabalha e vem de longe. Mãe e, às vezes, namoradina da rua.	Não gosto. É muito sofrimento, ver aquele monte de gente que tu gosta ir embora, eles não vão conformados. Aqui é ruim, não pode vir parentes e amigos. Ver ir embora. Pátio.
Sim. Todas as manhãs à tarde.	Quanto mais pátio menos angústia, nessa cadeia é bom porque é o dia todo, na penita é só 2 horas. - Gosto de jogar baralho. - Não tem motivo para não ir no pátio.	Sim. Sextas, de vez em quando. Tarde. Esposa e filhos.	Porque é possível participar com os companheiros, é um dia para se distrair. Por estar perto de alguém conhecido. - Ver a família passar humilhação, se deslocar, fazer sacrifício. Pátio

SOBRE CONJUGAL E SAÍDAS DO PRESÍDIO – ENCARCERADOS COM MENOS DE 1 ANO DE PRISÃO

Você tem conjugal? Que dias? Sempre ou de vez em quando? Que horários? O que você gosta? O que você não gosta?	Você já saiu do Presídio para alguma coisa durante o período que está preso? Quantas vezes você saiu do Presídio? Por que motivo?
Sim. Sábado, às vezes. Dia todo. Momento de intimidade. -	Sim. 5 x. 4 x no Fórum, 1 x no 5º DP assinar um BO.
Sim. Sábado, 1 x, a família é de outro Estado. Dia todo. Ficar junto da esposa. -	Sim. 2 x. Fórum.
Sim. Todos os sábados (esposa está presa), todo o dia.	Sim. 6 x. 4 x no Fórum, 1 x no Hospital (apanhei do policial), 1 x para Penitenciária (pagar castigo)
Sim. Sábado, de vez em quando. Vamos dar um tempo, para não atrapalhar a carreira da minha namorada. Dia todo. Alivia a cadeia da gente. -	Sim. 3x. Fórum.
Sim. Domingo, sempre. Dia todo. (esposa está presa)	Sim. 4x. Fórum.

SOBRE CONJUGAL E SAÍDAS DO PRESÍDIO – ENCARCERADOS ENTRE 1 E 3 ANOS DE PRISÃO

Você tem conjugal? Que dias? Sempre ou de vez em quando? Que horários? O que você gosta? O que você não gosta?	Você já saiu do Presídio para alguma coisa durante o período que está preso? Quantas vezes você saiu do Presídio? Por que motivo?
Sim. Domingo, sempre, dia todo.	Sim. 5 x. 3 x Fórum, 2 x Hospital e agora todos os dias para trabalhar na rodovia.
Não.	Sim. 4 x. Fórum.
Sim. Sábado, sempre, dia todo.	Sim. 3 x. Fórum.
Não.	Sim. 4 x. Fórum.
Sim. Sábado ou domingo, semanal. Dia todo.	Sim. 4 x. 3 x Fórum, 1 x dentista.

SOBRE CONJUGAL E SAÍDAS DO PRESÍDIO – ENCARCERADOS COM MAIS DE 3 ANOS DE PRISÃO

Você tem conjugal? Que dias? Sempre ou de vez em quando? Que horários? O que você gosta? O que você não gosta?	Você já saiu do Presídio para alguma coisa durante o período que está preso? Quantas vezes você saiu do Presídio? Por que motivo?
Sim. Domingo, sempre, tarde.	Incontável Fórum, conserto de carro, conserto de viatura, buscar peças, empresas parceiras.
Sim. Domingo ou sábado, sempre, dia todo. Uma companhia.	Muitas vezes. Compra de materiais, médico, dentista, Fórum.
-	
Sim. Sábado, quinzenal, dia todo.	Sim. 1 x médico, 3 x Fórum, quanto ia trabalhar fora era todo o dia ou quando trabalhava na verdureira que precisava buscar as verduras 3x por semana.
Não.	Sim. 3 x médico (problema renal) e no Fórum.
Não.	Sim. 2 x Fórum.

SOBRE A ROTINA NA CELA – ENCARCERADOS COM MENOS DE 1 ANO DE PRISÃO

Em que horários do dia vc fica na cela? Que atividades faz na cela? Quantas pessoas estão na mesma cela?	Na cela as pessoas fumam? Usam droga? Quais as regras da sua cela? O que vc considera bom na convivência na sua cela? O que vc considera ruim?	Quais as regras da cadeia onde vc está? O que vc considera bom na convivência na cadeia? O que vc considera ruim?
23 horas por dia. Desenhar, pensar, exercício, TV, baralho. 6 pessoas.	Sim. Não. Cada dia um faz a faxina; cada um lava o seu prato; sexta, sábado e domingo não esquecer a coruja no boi; cuidar com a cascudagem. Tem dias legais e dias ruins. O pessoal às vezes se folga, deixa roupa suja na jegua, senta no colchão do outro, pega as coisas quando não tem visita.	Fazer tudo pelo certo; ter alternância na seqüência do X na hora de pegar o rango; não deixar o colchão no pátio quando tem panelão; não usar o banheiro quando tem alguém se alimentando; não pode sentar na jegua sem pedir licença; não ficar sem camisa na frente da visita; no dia da visita não se coçar e não dormir na galeria; se agachar quando chegar a visita para conjugal; liga (Tereza) até às 22h; pedir licença para entrar no X; tem dia para lavar roupa, para colocar o colchão no sol, para jogar futebol, para o pátio ficar livre, para limpar a cadeia. União. Conspiração de alguns.
Noite. TV. 6 pessoas.	Sim. Raramente, cadeia ta pobre. Não ir no X quando tem visita de outro preso; não ligar som alto antes da 9h da manhã e desligar após as 22h; liga o X (Tereza) só até às 22h; tudo pelo respeito. Eu não bato boca, eu que organizo o X (sou o mais velho), chamo de canto e converso, se tem confusão peço para o responsável sair do X. Cigarro e som junto com TV e conversa.	Respeitar a visita; na conjugal ficar no pátio e não olhar para a mulher do preso; respeitar os outros. União dos presos. -
Noite. TV, conversar, fazer piada. 5 pessoas.	Um fuma. Não. Respeitar hora do alimento; respeitar os outros. Respeito. -	Cada um por si; respeito; humildade. - Antes a cadeia estava meio nervosa, agora ta em paz.
Noite. TV, dorme, lê. 5 pessoas.	Sim. Sim. Não usar o boi quando come; manter limpeza; respeitar, a maioria vence; não fumar palheiro; disciplina no X; não ficar discutindo; cada dia um faz o serviço; não pegar comida do outro. União, todos se ajudam. Acontecem brigas.	Respeitar mulher de preso; cagoeta e duque não tem vez; nunca entrar no X sem pedir licença; não olhar para a mulher do preso quando ela entrar para conjugal; não trabalhar na construção da penitenciária; não brigar; não querer dominar; respeitar quem está há mais tempo; fazer tudo pelo certo, fugir é direito do preso. - Quando é para ser unido pelo certo, eles não são; tem formação de panelinha, não falam com alguns pelo artigo; tem gente que se prevalece; Ta tudo meio neurótico... mas, vai ficar de boa, não vai ter mais esse negócio de comando e trezinho.
Noite e após o almoço. TV, baralho e dominó. 5 pessoas.	Sim. Não. Manter a limpeza. União. Nada.	Dia de visita não pode ficar sem camisa; dia de conjugal não pode ter muita conversa na frente do X; respeitar os mais velhos; a gente sabe quem é quem na cadeia, se é safado não fica, mas se não fez fuleragem na rua é sempre adiante, é considerado. - Nesse lugar se vc souber viver, vai, se não, se sofre um monte.

SOBRE A ROTINA NA CELA – ENCARCERADOS ENTRE 1 E 3 ANOS DE PRISÃO

Em que horários do dia vc fica na cela? Que atividades faz na cela? Quantas pessoas estão na mesma cela?	Na cela as pessoas fumam? Usam droga? Quais as regras da sua cela? O que vc considera bom na convivência na sua cela? O que vc considera ruim?	Quais as regras da cadeia onde vc está? O que vc considera bom na convivência na cadeia? O que vc considera ruim?
Noite. TV e ler. 11 pessoas.	Não. Não. Não pode fumar dentro do X. O pessoal se defende contra a polícia. Nada.	Manter as coisas em ordem, se respeitar. O pessoal se ajuda. Nada.
Noite. TV e descansar. 7 pessoas.	Sim. Sim. Não sujar; manter a higiene; respeito; saber o que é de cada um. Respeito e higiene. Nada.	Respeitar a visita; não brigar por bobeira; o bom preso é aquele que vê, mas não fala, guarda para ele. Temos um dia a dia tranquilo, tem pessoas que tenho mais afinidade. Tem muita gente e é preciso orientar os novatos.
Almoço e noite. Ler, TV, jogo de baralho, conversar. 6 pessoas.	Sim, 5 pessoas. Sim. Manter o asseio; colocar o colchão no sol; o que aconteceu no X, resolve-se no X; o líder fica co; o líder fica com a responsa de levar as coisas. Dou nota 8 para nossa convivência. Às vezes eu me exalto um pouco, nem sempre eu sou calmo; às vezes o pessoal chega novo e faz coisa errada, eu dou um gritinho, mas não passa disso.	Puxar a cadeia na boa, não se meter em muvuca; não cagoetar; não fazer perguntas; tudo isso para não se atrapalhar. O pessoal ta respeitando agora, se tratando bem, parece uma creche. Às vezes tem gente meio nervosa.
Noite, às vezes à tarde, meio dia. TV, exercício, baralho. 5 pessoas.	Sim. Sim. Respeito e humildade acima de tudo; não usar o boi quando alguém ta se alimentando; licença para tudo que vai fazer; horário de dormir é 10h; respeitar o sono, fazer tudo em silêncio, sono de ladrão não se acorda. Um ajuda o outro. Se a pessoa não for com a tua cara, você acaba te arrumando, ela faz muvuca para você.	Na visita não pode ficar sem camisa; dia da conjugal todo mundo vai para a parede (fica de costa na hora que a visita entra); respeitar o mais velho da cadeia; não pode ficar na frente ou entrar no X quando tem conjugal; não pode conversar com a polícia ou só quando tem alguém junto; avisar quando a polícia ou o agente entra na cadeia; quando o preso derruba (cagoeta) pode ser espancado ou furado; tem que levar a cadeia na boa para não chamar a atenção da polícia. - Injustiça entre os presos.
Manhã, tarde e noite. TV, xadrez, escrevo carta. 5 pessoas.	Uma pessoa. Não. Respeitar o outro, nunca houve discussão. Nada.	Não pode entrar no X sem pedir licença, precisa respeitar as pessoas. Respeito. Desgaste por ser sempre as mesmas pessoas.

SOBRE A ROTINA NA CELA – ENCARCERADOS COM MAIS DE 3 ANOS DE PRISÃO

Em que horários do dia vc fica na cela? Que atividades faz na cela? Quantas pessoas estão na mesma cela?	Na cela as pessoas fumam? Usam droga? Quais as regras da sua cela? O que vc considera bom na convivência na sua cela? O que vc considera ruim?	Quais as regras da cadeia onde vc está? O que vc considera bom na convivência na cadeia? O que vc considera ruim?
Noite. TV e dormir. 4 pessoas.	Não. Não. Quem suja, limpa; não deixar toalha jogada. Todos trabalham, no final do dia estão cansados, cada um fica na sua, vivemos pouco tempo juntos, me sinto bem assim. -	Respeitar a visita, não ficar perto da visita. Quem quer fazer adianto para si, que caminhe com as suas pernas. Existe traição.
Das 20 às 6:30h. TV e dormir. 4 pessoas.	Não. Sim. Higiene, limpeza, respeito ao companheiro. A convivência é boa, o pessoal se respeita. Conviver com 4 homens é difícil, se perde a privacidade.	Não cagoetar, cada um fica no seu canto, como aqui fora são poucos e todos trabalham, não tem (e nem se deve ter) tempo para ficar um se preocupando com o outro.
Noite. TV, roendo comida, conversa. 8 pessoas.	Não. Não. Não fumar, cada um tem o seu dia de limpeza. A convivência é boa, tem respeito. Deveria ter mais união, o pessoal que trabalha foram não quer ajudar a limpar o X.	Toda a sexta se unir para fazer limpeza. - A falta de colaboração do pessoal que trabalha fora.
Das 10:30 às 15h e das 17 às 7:30h. Baralho, TV, conversa. 5 pessoas.	Não. Não. Higiene e respeito é fundamental. Todos se respeitam, sabem até onde podem ir. -	Higiene e respeito. União. Às vezes tem traição.
Mais à noite, evito ficar durante o dia. TV, banho, conversa. 5 pessoas.	Não. Não. Não fazer barulho qdo acordar, não perturbar o sono. Me dou bem com os companheiros. Nada.	Não bater na porta por bobeira, só por problema de saúde; respeitar a carceragem; não chingar. Tem muito respeito. Nada.

SOBRE REVISTA E CASTIGO – ENCARCERADOS COM MENOS DE 1 ANO DE PRISÃO

Em quais situações vc passa por revista? Quem faz? O que vc acha correto nas revistas? O que vc acha errado?	Quais castigos vc já sofreu no Presídio? Quantas vezes foi castigado? Quanto tempo?	Vc já foi pagar castigo fora? Onde? Quanto tempo? Quais castigos sofreu?	Quais castigos que vc sofreu que vc considerou justo? Quais considerou injusto? Em que situações vc já viu outros presos serem castigados? Quantas vezes viu? Para vc, quais castigos mais te incomodam?
Revistas de rotina, quando há suspeita de buraco ou outra coisa errada. GRT, agentes prisionais e PMs. Fazer geral no chão, procurar sem quebrar ou estragar as coisas.	Ficar na tranca e ameaça verbal.	Não.	Ficar na tranca, uma vez. Ameaça verbal. Na revista pela GRT e humilhação da polícia. Muitas vezes. Ir para cela de castigo, é muito abafado.
Quanto tem tentativa de fuga, por desconfiança de celular ou droga, revista de rotina e quando sai para o Fórum. GRT e agentes. Separar o pessoal por X, tirar X por X, revistar com respeito. Bagunçar os pertences, colocar de joelho, bater nos presos, faltar com o respeito, colocar todo mundo junto.	Ficar na tranca.	Não.	- - Ir para o isolamento após tentativa de fuga, restringir visita durante 30 dias pela esposa estar de saia. Várias vezes. Ir para o isolamento, deve ser horrível ficar trancado de vez, é muito calor lá.
Rotina, suspeita ou denúncia. PM, GRT, Agentes. Revistar. Trocar a voltagem do rádio e colocar na tomada, quebrar o rádio, quebrar o cubículo, fazer corredor polonês pro preso apanhar até chegar no X.	Isolamento, tranca e paguei castigo fora. No isolamento (“curral”) fiquei 2 dias. Em SP fiquei 30 dias.	Sim. Penitenciária de SP. 30 dias. Fiquei na cela de castigo, com 4 pessoas, sem visita, só tive contato com o enfermeiro no 28º dia, apanhei no dia que cheguei e no dia que sai (tapa, chute, soco, com um sarrafo)	Nenhum. Todos, para que levar para SP? Deixaram o pessoal na cela de isolamento doente, com vazamento, não atendem quando chama. Muitas. O pior é ficar sem visita.
Rotina, fuga, suspeita. Agentes e GTR. Ver se tem alguma coisa errada, verificar o propósito das coisas. Quebrar, jogar as coisas no boi, colocar comida fora.	Duas x no isolamento. Muitas vezes perdi visita, fiquei na tranca e perdi bolsa. No isolamento, 1 dia por briga, 20 dias por serrar grade.	Não.	Ficar na tranca pela fuga do buraco (43 presos fugiram). Castigo pela serra. Em fuga, briga, abuso dos agentes. Muitas. -
Rotina. GRT, agentes. Revistar as coisas. Quebrar tudo e depois não deixar entrar nada para consertar, misturar comida com roupa, jogar spray de pimenta, bater.	Ficar na tranca, perder visita, perder bolsa. 6 dias na tranca pelo buraco.	Não.	Os dias na tranca pela fuga dos 40. - Fuga, briga. Algumas. Ficar na tranca ou no isolamento.

SOBRE REVISTA E CASTIGO – ENCARCERADOS ENTRE 1 E 3 ANOS DE PRISÃO

Em quais situações vc passa por revista? Quem faz? O que vc acha correto nas revistas? O que vc acha errado?	Quais castigos vc já sofreu no Presídio? Quantas vezes foi castigado? Quanto tempo?	Vc já foi pagar castigo fora? Onde? Quanto tempo? Quais castigos sofreu?	Quais castigos que vc sofreu que vc considerou justo? Quais considerou injusto? Em que situações vc já viu outros presos serem castigados? Quantas vezes viu? Para vc, quais castigos mais te incomodam?
Rotina. Agentes, PMs. Revistar o chão, as roupas, os cubículos. Quebrar os presos e as suas coisas.	Fiquei no isolamento, fui de bonde, fiquei na tranca, perdi visita e bolsa. No isolamento, 2 vezes, uma pela fuga (31 dias) e outra porque bati porta (3 dias). Fiquei de castigo em SP, durante 25 dias.	Sim. SP. 25 dias. Fiquei na toca, me deixaram 3 dias nu, bateram quando cheguei e quando sai.	O Isolamento pela fuga. Os outros todos. Fuga, besteira, suspeita de qualquer coisa. Muitas. Ir de bonde para castigo.
Rotina, tentativa de fuga, briga. Agentes e PMs. Não ligo uma revista para procurar coisa errada, os agentes fazem bem feita, os PMs, quebram tudo. Não é porque descobriram algum buraco é que eles vão destruir o artesanato e o forramento da parede.	Isolamento e tranca. No isolamento fiquei 14 dias.	Não.	- Me colocaram no castigo por ignorância, porque olhei para o agente, ele devia ter brigado em casa para agir dessa forma, ainda jogaram bomba de pimenta lá. Briga, fuga, banalidades. Quando estava no castigo, ouvi uma cena, meia noite veio 3 agentes e 2 PMs para bater nos presos do lado da minha cela, bateram durante 1 hora com um pedaço de pau. Muitas. Ficar sem visita.
Tentativas diversas e rotina. Agentes, PMs, GRT (+ nervosa) Olhar tudo, ver se tem coisa errada. Quebradeira, jogar a comida no chão, quebrar prateleira. A GRT não respeita ninguém.	Fiquei na tranca. Duas vezes, por alguns dias.	Não.	Tranca da fuga dos 40. - Na geral (revista) por bobeira, a GRT deixou 2 x de joelho, uma cara nu no chão que foi para o castigo depois, ficam chingando. Muitas vezes. Ir para o castigo, perder a visita e ficar na tranca pagando castigo que não é justo.
Rotina. Agentes, GRT, PMs da guarda. Revista em si, verificar se tem algo. Destruir o X, o cano do chuveiro, derrubar o shampoo na comida, mijar nos pratos e na comida, jogar no chão os objetos, jogar a comida no boi.	Fiquei na tranca, perdi visita. Várias vezes. Fizemos uma greve de fome uma vez.	Não.	- Todos pagarem pelo que um fez e quando batemos na porta para pedir água e ficamos na tranca por isso. Quando veio a DEAP, 3 presos apanharam para entregar o presidente da cadeia, teve tiro, bomba de gás, spray de pimenta, bateram, chutaram, deram choque elétrico. Muitas vezes. Ir para o castigo só de cueca, passar fome, sem chuveiro, sem toalha, sem colchão, sai cheio de zica.
Rotina, fuga, suspeita de celular ou droga. GRT, PM, agente. Fazer o trabalho deles. Não deviam bagunçar, jogar café na roupa, quebrar as coisas, levam o espelho, o RQ, e outras coisas insignificantes.	Na tranca, apanhei, fiquei sem visita e recebi ameaça. Muitas vezes.	Sim. SP. 25 dias, uma vez. Fiquei na cela de castigo, os agentes ameaçam, são rigorosos, fiquei 3 dias pelado, estava muito frio, me bateram quando cheguei, fiquei 25 dias sem colchão.	- Todos, quem fez assumiu, por que nós temos que pagar também? Quando teve briga, fuga, ou perseguição dos caras mesmo. Muitas. Ficar sem visita.

SOBRE REVISTA E CASTIGO – ENCARCERADOS COM MAIS DE 3 ANOS DE PRISÃO

<p>Em quais situações vc passa por revista? Quem faz? O que vc acha correto nas revistas? O que vc acha errado?</p>	<p>Quais castigos vc já sofreu no Presídio? Quantas vezes foi castigado? Quanto tempo?</p>	<p>Vc já foi pagar castigo fora? Onde? Quanto tempo? Quais castigos sofreu?</p>	<p>Quais castigos que vc sofreu que vc considerou justo? Quais considerou injusto? Em que situações vc já viu outros presos serem castigados? Quantas vezes viu? Para vc, quais castigos mais te incomodam?</p>
<p>Quando estava lá dentro tinha revista de rotina e por fuga. Agentes. Olhar tudo para ver se tem algo errado. Zoar com o preso.</p>	<p>Fui recolhido para o entre-muros 2 x e fiquei 1 dia no castigo, tudo por bebedeira.</p>	<p>Não.</p>	<p>Os 3 castigos que sofri foram justos. - Por motivos corriqueiros, por brigar, carregar droga, espetar... foram enviados de bonde ou para o castigo. Muitas. Ficar sem visita.</p>
<p>Agora sou revistado na ida e vinda do trabalho, mas quando estava lá dentro tinha a geral. Agentes. Olhar piso, os objetos, os buracos. Destruir o que tem no cubículo, misturar a comida com a roupa.</p>	<p>Fiquei um dia no castigo.</p>	<p>Não.</p>	<p>- O dia que fiquei de castigo foi porque outro preso fugiu. Em fuga, rebelião, briga, desobediência. Muitas. Ficar sem bolsa e visita.</p>
<p>Quando os agentes tão passando fome ou tão sem dinheiro fazem revista para roubar as coisas do preso. Também quando tem denúncia ou suspeita. Agentes e esporadicamente GRT. Fazer a geral com respeito. Roubar, humilhar os presos, quebrar, chingar, bater, quando é a PM é pior.</p>	<p>Tranca e perdi visita. Muitas vezes.</p>	<p>Não.</p>	<p>É difícil ter um castigo justo. - Por vingança e perseguição. Na rebelião de 99 os PMs aproveitaram a revista para bater no preso que matou um polícia. Muitas vezes. Apanhar, levar choque, ser humilhado.</p>
<p>Quando é de rotina é mais tranqüila, mas se tem suspeita ou tentativa de fuga, fica nervosa. PM, agentes e às vezes a GRT escolta. Fazer o trabalho deles, sem zoar os pertences ou os presos, falar o necessário. Se vieram procurar ferro ou tatu, fazer isso. Constranger, humilhar, colocar os presos nus, fazer mostrar o anus para a polícia, dar tapa na nuca, chutar a costela, chamar de filho da puta.</p>	<p>Ficar na tranca várias vezes e 10 dias no isolamento por um estilete. O chefe de segurança tem costume de jogar preso contra preso, aí castiga todo mundo.</p>	<p>Não.</p>	<p>- A tranca e o isolamento. Por desavenças entre os presos. Dezenas de vezes. Quando é injusto o castigo, quanto estou errado, me conformo com o castigo, conheço os meus erros. E, ficar no isolamento, é uma masmorra, não pagam alimentação, não dão assistência, não tem ventilação.</p>
<p>Rotina, tentativa de fuga, suspeita de drogas, celular e buraco. GRT, PM, Agente. Revistar. Bagunçar, quebrar prateleira, pagar para o preso, desafiar, humilhar, bater, abusar do poder, deixar o preso no veneno.</p>	<p>Ficar na tranca com os colegas. Algumas vezes.</p>	<p>Sim. F. 30 dias na toca e 60 dias no isolamento, 4 vezes.</p>	<p>Quando pegaram eu usando droga. Quando eu fugi sem prejudicar ninguém, sem pegar funcionário nem fazer alarde, quando apanhei, perdi visita, fiquei sem alimentação e sem condições de fazer a higiene. Rebelião e briga entre os presos. Muitas vezes. Tirar da cela, a gente sente falta do cubículo da gente.</p>

3. Percepção dos presos entrevistados sobre a comunicação no Presídio

SOBRE COMUNICAÇÃO COM OS PRESOS E O VOCABULÁRIO – ENCARCERADOS COM MENOS DE 1 ANO DE PRISÃO

Como vc faz quando precisa falar com outro preso? E o outro preso quando precisa falar com vc? O que vc conversa com os outros presos? E os outros presos com vc? O que vc evita conversar com os outros presos?	Quais as palavras novas que vc aprendeu na cadeia? O que significa?
<p>Peço licença ou faço um sinal. Também. Shows, RipRop (Reg, grafite, dança e esqueite), música, se conhece a cidade, no que trabalhou. Sobre esses assuntos, às vezes alguns querem falar sobre crime. Sobre o que aconteceu no processo.</p>	<p>Coruja – cueca; Cascudagem – sujeira; Moral – fama; Com essa cara – é uma gozação, brincadeira; Boca suja – cinzeiro; Carrapato – prateleira; Fazer uma ponte – fazer um favor, um contato; Fazer uma frente – fazer um favor; Gosta muito – expressão de gozação. A gíria da cadeia é parecida com a gíria da periferia, a convivência da periferia de C é mais rigorosa do que aqui.</p>
<p>Peço licença. Mesma coisa. Falo com quem me identifico, sobre o processo, meu trabalho lá fora, a família. Outras pessoas puxam assunto de crime. Assunto de crime.</p>	<p>Boi – vaso sanitário ou banheiro; Caneca – copo; Moca – café; Areia – açúcar; Jegua – cama; Tereza – corda; Cemitério – cinzeiro; Liga – passar alguma coisa, fazer um contato; Patuá – carta ou bilhete.</p>
<p>Peço licença. Igual. Sobre o que faz ou não, sobre o que fez, o que vai fazer. Também. Sobre a família.</p>	<p>Não dou letra – não falo; Sem palavra – agradecimento; Ta conspirando – está perseguindo, armando contra; Santa Clara clareai – liberdade; Cair a cadeia – diminuir a pena depois que recorre da sentença.</p>
<p>Com licença, tem condições de dar uma atenção pro ladrão? Ou , faz favor. Também falam desse jeito. De tudo, sobre mulher, música, coisas que já aconteceu, pessoas. Sobre o processo e da onde a pessoa é. Falar mau dos outros, fazer muvuca.</p>	<p>Fogo – isqueiro; Marrocos – pão; Vento – ventilador; Contenda – fazer confusão, falar do outro; Jegua – cama; Rita – faca; Tereza – corda ou varal; Robô – pessoa que faz o que os outros dizem; Vão na pilha – são influenciados; Convívio – ambiente da cadeia; Entrar na mente – convencer; Ir às águas – tomar banho; Moca – café; Ta ligado – entendeu; Tem também a língua do R e do I ou falar de trás p/frente.</p>
<p>Peço licença. Também. O que aconteceu, novidades da rua, sobre o processo, quem vai para frente (semi-aberto). Também. Sobre confusões e fofocas ou sobre bronca com outro preso (não cobrar)</p>	<p>Ir para frente – receber progressão para o entre-muros ou para o externo; Ir para brita – receber progressão para o externo; Rodo – tem agente no local; Trem – surra de vários contra um. A maioria das gírias já sabia da rua.</p>

SOBRE COMUNICAÇÃO COM OS PRESOS E O VOCABULÁRIO – ENCARCERADOS ENTRE 1 E 3 ANOS DE PRISÃO

Como vc faz quando precisa falar com outro preso? E o outro preso quando precisa falar com vc? O que vc conversa com os outros presos? E os outros presos com vc? O que vc evita conversar com os outros presos?	Quais as palavras novas que vc aprendeu na cadeia? O que significa?
<p>Chamo pelo nome, normal. Também faz isso. O que aconteceu lá fora, as injustiças, as coisas que acontecem aqui. Isso. Sobre a família.</p>	<p>Sem palavras – fico agradecido ou surpreso; Mirão / campana – espelho; Tereza – corda; Marrocos – pão; Panelão – comida.</p>
<p>Por favor aí! Igual. Sobre futebol, filmes, a cidade, a rua. Também. Sobre minha intimidade, sobre mim e minha esposa.</p>	<p>Humildade – aqui é de verdade; Perseverança – tem que saber se manter para não pirar.</p>
<p>Chamo e peço licença. A mesma coisa. Conto como fui preso, o que se passou lá fora, o que eu fazia. Também. Falar sobre a família, querer saber da intimidade ou sobre drogas.</p>	<p>Jegua – cama; Boi – vaso sanitário; Tereza – corda; Rita – faca; Semente de galinha – ovo; Caiçara – fumo ou palheiro; Canela branca – cigarro; Geral – revista;</p>
<p>Peço licença. Igual. Sobre a condena, a liberdade, família. Também. Sobre as intrigas, fofoca. Não me envolvo em muvuca.</p>	<p>Condena – pena; Pimenta / Mato – verdura; Campana – espelho; Rita – coisa cortante; Tereza – corda; Cambuca – tigela; Tatu – buraco; Guela – buraco da porta;</p>
<p>Faz favor aí? Tem condições de falar agora? Também. Não converso muito, falo sobre a minha vida, o que aconteceu comigo lá fora. Também. Problemas pessoais.</p>	<p>Cara – você; RQ – rabo quente; Tereza – corda;</p>

**SOBRE COMUNICAÇÃO COM OS PRESOS E O VOCABULÁRIO – ENCARCERADOS COM MAIS DE
3 ANOS DE PRISÃO**

Como vc faz quando precisa falar com outro preso? E o outro preso quando precisa falar com vc? O que vc conversa com os outros presos? E os outros presos com vc? O que vc evita conversar com os outros presos?	Quais as palavras novas que vc aprendeu na cadeia? O que significa?
<p>Fala normal, chama a atenção e conversa. Igual. Quando chega na cadeia, a tua mente no começo está voltada para aquilo que fazia de ruim, como ganhava dinheiro, o roubo, as fitas. Conforme vai passando os anos, fui restrito daquilo, ganhei uma oportunidade de trabalho, fui esquecendo aquilo que fazia, estou voltado para o trabalho. Estou contente, sinto algo bom, sinto orgulho. Se eu posso fazer cadeira de rodas aqui, posso fazer lá fora igual. Me desatualizei do mundo do crime, tenho novas amizades, nova família, novos conhecimentos. Sobre trabalho e planos. Não falo da minha vida particular.</p>	<p>A gíria tem diferença de Estado para Estado, eu já conhecia da rua.</p>
<p>Normal, chama e fala. Igual. Os planos de trabalho, dar uma idéia boa. Essas coisas, mas alguns falam de coisa errada. Os erros dos outros.</p>	<p>Tá ligado – entendeu; Aqui fora não se fala muito na gíria, eu não falo quase.</p>
<p>Chamo pelo nome. Igual. O que acontece na cadeia. Igual. Falar sobre a vida do outro.</p>	<p>Brasa – isqueiro; Rita – faca; aqui não se fala “na manha”, é “na moral”; Adianto – melhoria, um favor.</p>
<p>Normal, chama para conversar. Também. Recado para passar à visita, adianto, pedir remédio. As mesmas coisas. Assuntos pessoais.</p>	<p>Já estava adaptado à linguagem. Mas, cada região tem uma gíria, no Estado é muito semelhante, só na capital é um pouco diferente.</p>
<p>Vou direto e falo. Também. Sobre o fórum, família, futebol, direitos do preso. Também Problemas da família, assunto particular.</p>	<p>Mais além – fazer mais tarde. São várias, muitas nem sei dizer, vai mudando, a malandragem evolui.</p>

**SOBRE COMUNICAÇÃO COM AGENTES, POLICIAIS, TÉCNICAS E FAMÍLIA – ENCARCERADOS
COM MENOS DE 1 ANO DE PRISÃO**

O que vc faz quando precisa falar com os AP? E quando os AP precisam falar com você? O que vc conversa com os AP? E os AP com vc? O que vc evita conversar com os AP?	O que vc faz quando precisa falar com os PM? E quando os PM precisam falar com vc? O que vc conversa com os PM? O que os PM conversam com vc? O que vc evita conversar com os PM?	O que vc faz quando precisa falar com as técnicas? E quando as técnicas precisam falar com vc? O que vc conversa as técnicas? O que as técnicas conversam com vc? O que vc evita conversar com as técnicas?	O que vc faz quando precisa falar com a família? E quando a família precisa falar com vc? O que vc conversa com a família? O que a família conversa com vc? O que vc evita conversar com a família?
<p>Falo com educação. Aí seu agente? Berram, alguns param para conversar. Sobre a água que acabou, lâmpada queimada, dentista, remédio, recados. Mesmo assunto. A convivência na cadeia.</p>	<p>Não se fala com PM. É proibido.</p>	<p>Pede para o agente. Também. Sobre as injustiças, o passado, o presente, o futuro, os sentimentos, os remédios. Mesmo assunto. Os segredos pessoais.</p>	<p>Através da psicóloga ou de outra visita. Mesmo jeito. Para correr atrás do processo, o que faz lá fora, sobre a filha. Notícias desagradáveis sobre o que aconteceu lá fora, problemas de briga e morte na periferia onde mora. O que acontece na cadeia.</p>
<p>Quando é primário não pode falar com o agente, só através de outro preso, até conseguir o respeito dos demais. Chamam pelo nome. Pedir alguma coisa na frente, falar com as técnicas. Assunto do preso. Evito falar particularidades dos presos, delatar os BOs de outras pessoas, derrubar buraco.</p>	<p>Não se fala.</p>	<p>Através dos agentes. Também. Depende o caso, se for com o médico é sobre saúde, se for com a professora é sobre estudo, se for com as psicólogas é sobre a vida da gente. Igual. Não se fala algo que comprometa a cadeia ou os presos.</p>	<p>Recado pela visita de outro preso. Pela visita ou por carta. Sobre os filhos, o andamento do processo. Notícias lá de fora e do processo. Falar do que acontece aqui dentro.</p>
<p>Chama “seu funcionário”, bate na porta quando é urgente. Chama pelo nome. Falar com a psicóloga, recado para família, o que precisa para o dia a dia. Igual. Sobre o convívio na cadeia.</p>	<p>Não se conversa.</p>	<p>Pelos agentes. Igual. Problemas, sobre a vida, o processo, pedido para ser regalia. Igual. Não tem.</p>	<p>Por recado pela outra visita. Recado. Esperança de ir embora, de cair a cadeia, sobre o que acontece em casa. Sobre esses assuntos e as novidades da rua. Assunto de dentro da cadeia.</p>
<p>Com licença. Oh, faz favor aí. Liga o fulano de tal. Sobre remédio, se tem bolsa, processo e problemas. A mesma coisa. Sobre as coisas da cadeia, assuntos particulares.</p>	<p>Não se fala, só emergência. Eles berram lá de cima, mas é difícil. Sobre água ou alguém que passa mal.</p>	<p>Dá o nome para o agente. Agente. Sobre a família, a vida, desbaratina a cabeça. Igual. Não sei.</p>	<p>Espera a visita. Por outra visita. Quero saber tudo que acontece lá fora, sobre os parentes, cachorro, vizinho, amigos. Mesma coisa. Assunto que deixa elas tristes e sobre a cadeia.</p>
<p>Seu agente! Gritam o nome. O que a gente precisa, vassoura, lâmpada... ou para resolver problemas. Mesma coisa. Sobre os presos e as coisas da cadeia.</p>	<p>Não se fala com PM. No máximo berrar na grade do pátio por problema de água ou doente.</p>	<p>Manda patuá pelos agentes. Chama pelo agente. Sobre a vida, trabalho, problemas. Mesma coisa. Nada.</p>	<p>Manda recado por outra visita. Mesmo jeito. Notícias da rua, sobre saúde. Palavra de conforto, assunto de igreja. Assunto da cadeia, cada um procura seu caminho, eu procurei esse, então tenho que assumir. A família só precisa saber que estou bem.</p>

**SOBRE COMUNICAÇÃO COM AGENTES, POLICIAIS, TÉCNICAS E FAMÍLIA – ENCARCERADOS
ENTRE 1 E 3 ANOS DE PRISÃO**

<p>O que vc faz quando precisa falar com os AP? E quando os AP precisam falar com você? O que vc conversa com os AP? E os AP com vc? O que vc evita conversar com os AP?</p>	<p>O que vc faz quando precisa falar com os PM? E quando os PM precisam falar com vc? O que vc conversa com os PM? O que os PM conversam com vc? O que vc evita conversar com os PM?</p>	<p>O que vc faz quando precisa falar com as técnicas? E quando as técnicas precisam falar com vc? O que vc conversa as técnicas? O que as técnicas conversam com vc? O que vc evita conversar com as técnicas?</p>	<p>O que vc faz quando precisa falar com a família? E quando a família precisa falar com vc? O que vc conversa com a família? O que a família conversa com vc? O que vc evita conversar com a família?</p>
<p>Chama “seu agente”. Chama pelo nome. Remédio, pedido de portaria. Mandar fazer coisas. Sobre as coisas da cadeia.</p>	<p>Não se fala.</p>	<p>Chama quanto elas passam. Deixam recado com outros presos ou chamam. Sobre os problemas do processo, de saúde, das injustiças. Mesma coisa. Detalhes sobre o crime.</p>	<p>Manda recado por outra visita. Mesma coisa. Sobre a família, as pessoas conhecidas da rua. Mesmo assunto. O que acontece na cadeia.</p>
<p>Fico na segunda, quando o agente vai na cadeia não dá para conversar, tem uns 30 ao redor. Grita o nome. Falar o que é bom para todos. O básico. Sobre a cadeia.</p>	<p>Não conversa.</p>	<p>Através de um agente. Também. Desabafar sobre a vida, sobre o que está acontecendo no processo, questões de saúde. Nada.</p>	<p>Por outra visita ou por carta. Mesma coisa. Como estão as pessoas da rua, o dia a dia e a saúde deles. Igual. O que acontece na cadeia, as discussões daqui.</p>
<p>Chamo com educação. Fala o nome na guela. Só para pedir água, internet, dar recado, não é bom conversar muito, senão ta pego.</p>	<p>Não se fala.</p>	<p>Pelos agentes. Também. Remissão, problemas pessoais e do Presídio, peço para entregar bilhete. Assuntos da cadeia.</p>	<p>Outra visita dá recado. O mesmo. Saber das coisas de fora, do processo. A minha família tem boa cabeça, traz assuntos bons. Para visita a gente esconde os assuntos ruins, as coisas da cadeia.</p>
<p>Chuta a porta. Berram na guela. Falo essencial, peço internet, para falar com a psicóloga ou com o advogado. Só responde. A respeito das coisas da cadeia, sobre amizade.</p>	<p>Não falo.</p>	<p>Pelos agentes. Pede para o agente. O essencial. Sobre como eu estou. Sobre o crime, sobre o que realmente aconteceu, somos todos inocentes aqui.</p>	<p>Manda recado por outra visita. Também. Como está em casa, planos para o futuro, trabalho, sair daqui, sobre o processo. Sobre o que acontece na rua e o dia a dia da família. Sobre o que acontece aqui dentro, para não preocupar a família. A cadeia é o lugar onde o filho chora e a mãe não vê.</p>
<p>Faz favor, tem condições... Chamam. Não converso.</p>	<p>Não converso.</p>	<p>Pelos agentes. Pede para o agente levar. Sobre a vida, a minha situação. Mesma coisa. Nada.</p>	<p>Espero a visita, minha esposa nunca faltou. No dia da visita. Sobre o futuro, a felicidade, sobre mudar de cidade. Problemas da família. Nenhum.</p>

**SOBRE COMUNICAÇÃO COM AGENTES, POLICIAIS, TÉCNICAS E FAMÍLIA – ENCARCERADOS
COM MAIS DE 3 ANOS DE PRISÃO**

<p>O que vc faz quando precisa falar com os AP? E quando os AP precisam falar com você? O que vc conversa com os AP? E os AP com vc? O que vc evita conversar com os AP?</p>	<p>O que vc faz quando precisa falar com os PM? E quando os PM precisam falar com vc? O que vc conversa com os PM? O que os PM conversam com vc? O que vc evita conversar com os PM?</p>	<p>O que vc faz quando precisa falar com as técnicas? E quando as técnicas precisam falar com vc? O que vc conversa as técnicas? O que as técnicas conversam com vc? O que vc evita conversar com as técnicas?</p>	<p>O que vc faz quando precisa falar com a família? E quando a família precisa falar com vc? O que vc conversa com a família? O que a família conversa com vc? O que vc evita conversar com a família?</p>
<p>Falo educadamente. Chama. O básico, o normal. Mesmo assunto. Não falo nada que possa prejudicar a si ou aos outros presos.</p>	<p>Falo educadamente com aqueles que vão na oficina. Igual. O básico, sim senhor, não senhor, o necessário para o serviço. O que possa prejudicar a si ou aos outros presos.</p>	<p>Faz contato direto. Mesma coisa. Geralmente relacionado a problemas pessoais, informações novas e aprendizagem, soluções, são pessoas que podemos contar. Sobre a nossa situação, o trabalho, o estudo... Assuntos pessoais, assuntos de homem.</p>	<p>Pede para telefonar ou manda recado por outra visita. Manda recado ou liga. Saber como estão os filhos, a saúde, coisas novas, se dá para trazer isso ou aquilo, dos parentes de longe. Igual. Não converso os assuntos da cadeia, já tem problemas que chega lá fora, no dia a dia. Não adianta falar daqui, vão ficar preocupados, mas não podem me ajudar.</p>
<p>Falo com educação. Me chamam. Sobre o dia a dia lá fora, esporte, trabalho. Os agentes falam várias coisas. Não comento coisas que venham a prejudicar os companheiros.</p>	<p>Só converso com um cabo. Chama pelo nome. Sobre frente para ir no médico e documento. Quer que faça coisas para ele da oficina. Nada que prejudique ninguém.</p>	<p>Vou até a sala. Mandam me chamar. Sobre trabalho, sobre as coisas que acontecem no Presídio e fora. Igual. Nada.</p>	<p>Faz muito tempo que não falo com a família. - Quando conversamos é sobre as coisas de fora. Não falo sobre a situação da cadeia.</p>
<p>Chamo normalmente, mas nem sempre sou atendido. Fala o nome. Só falo quando preciso de alguma coisa. Ficam brincando e querendo assuntar sobre a cadeia. Tudo, evito conversar.</p>	<p>Não falo.</p>	<p>Chamo no portão. Chama no portão. Peço ajuda para resolver os problemas, sobre o trabalho e os acontecimentos do dia a dia. Igual. Não tem.</p>	<p>Mando recado pela professora. Da mesma forma. Notícias de fora, sobre a situação em casa. Mesmo assunto. Coisas da cadeia, a repressão que sofremos.</p>
<p>Aproveito o momento que eles entram na cadeia. Berram o nome. Só o necessário, médico, visita, psicóloga, envio de memorando para o diretor. O necessário também. Assunto da família e da cadeia.</p>	<p>Liga somente quando tem alguém doente, chutamos a porta até alguém dar as caras.</p>	<p>Pelos agentes. Também. Reclamar, pedir para interferir, necessidade do dia a dia. Mesma coisa. O que não cabe a elas resolver.</p>	<p>Recado por outra visita. Da mesma forma. Passo paz e alegria, converso sobre tudo um pouco. Assuntos da rua, o que acontece com a família. Evito passar problema.</p>
<p>Esperar ou bater na porta. Gritam na guela ou na gaiola. Sobre os direitos, o que preciso, assistência médica ou jurídica. Respondem. O que possa comprometer os presos.</p>	<p>Falamos através dos agentes, com a polícia não se conversa.</p>	<p>Pelo agente ou por bilheteinho. Pelo agente. Peço ajuda e orientação. Dão respostas, falam de assuntos diferentes daqueles que conversamos na cadeia. Nada.</p>	<p>Carta por outra visita. Igual. Peço notícias da família e de fora, falo dos problemas, pergunto sobre a saúde de todos. Quer saber o que está acontecendo na cadeia e sobre mim. Assuntos de mulher.</p>